

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Letras

Cláudia Franco Souza

**CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO, POLÍTICA E CRIAÇÃO LITERÁRIA
NO ESPÓLIO DE FERNANDO PESSOA (1905-1914)**

Belo Horizonte

2011

Cláudia Franco Souza

**CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO, POLÍTICA E CRIAÇÃO LITERÁRIA
NO ESPÓLIO DE FERNANDO PESSOA (1905-1914)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Audemaro Taranto Goulart

Belo Horizonte

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S729c Souza, Cláudia Franco
Ciências do psiquismo humano, política e criação literária no espólio de Fernando Pessoa (1905-1914) / Cláudia Franco Souza. Belo Horizonte, 2011. 190f.: il.

Orientador: Audemaro Taranto Goulart
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Fernando Pessoa, 1888-1935 – Crítica e interpretação. 2. Política. 3. Sociologia. 4. Psiquiatria. 5. Criação (Literária, artística, etc.). 6. Psicanálise. I. Goulart, Audemaro Taranto. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 860.0-1

Cláudia Franco Souza

**Ciências do Psiquismo Humano, Política e Criação Literária no espólio de
Fernando Pessoa (1905-1914)**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação
em Letras da Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do
título de Doutora em Letras – Literaturas de Língua
Portuguesa.

Professor Doutor Audemaro Taranto Goulart (Orientador) – PUC Minas

Professora Doutora Teresa Rita Lopes – Universidade Nova de Lisboa

Professora Doutora Myriam de Araújo Ávila – UFMG

Professora Doutora Ângela Vaz Leão – PUC Minas

Professor Doutor Arthur Parreiras Gomes – PUC Minas

Belo Horizonte, 07 de Dezembro de 2011.

*Ao meu Pai, Alexandre Souza,
presença marcante e um amor incondicional,
o meu maior exemplo de ser humano.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai, Alexandre Souza, pelo exemplo e apoio estrutural e fundamental.

À minha mãe e meus irmãos (Rodrigo, Leandro e Aline), pelo incentivo e carinho.

Ao Nuno, pela paciência, carinho e companheirismo em todos os momentos.

À Amanda, que generosamente dividiu seu tempo com Fernando Pessoa.

À Sandra Habib, pela generosidade e apoio ambos fundamentais.

Ao meu orientador, Professor Doutor Audemaro Taranto Goulart, pelo zelo, sabedoria e paciência com que acompanhou todo o percurso deste trabalho.

À Professora Doutora Lélia Parreira Duarte, pelo carinho e amizade e por ter me conduzido até a Biblioteca Nacional de Portugal.

À Professora Doutora Teresa Rita Lopes, pela leitura atenta, conselhos preciosos na elaboração desta Tese, minha grande inspiração pessoal.

À Professora Doutora Selma Calazans, pelo carinho, importante leitura e comentários psicanalíticos feitos a esse trabalho.

À Professora Doutora Ângela Vaz Leão, pela leitura e incentivo ao trabalho realizado.

Ao Professor Doutor Arthur Parreiras Gomes, por todas as sugestões e pelo apoio tão especial.

Ao Ismar, pela amizade tão valiosa.

À Fundação Calouste Gulbenkian, pela bolsa concedida.

À Biblioteca Nacional de Portugal, pela permissão especial para utilizar os documentos do espólio de Fernando Pessoa.

L. do D.

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A musica embala, as artes ~~visuaes~~ visuaes animam, as artes vivas (como a dança e o representar) entreteem. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer della um somno; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de formulas visiveis e portanto viciaes, outras porque vivem da ~~mesma~~ mesma vida humana.

Não é esse o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma historia do que nunca foi, e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de idéas ou de sentimentos em linguagem que ninguem emprega, poisque ninguem falla em verso.

[Biblioteca Nacional de Lisboa – Espólio de Fernando Pessoa]

RESUMO

Este trabalho tem como escopo o estudo do espólio de Fernando Pessoa atualmente presente na Biblioteca Nacional de Portugal. Através de uma pesquisa minuciosa nos mais de vinte sete mil documentos e na bibliografia secundária sobre os textos e poemas pessoanos, percebi que uma importante parte da sua criação literária não recebeu o mesmo cuidado e atenção do que a fase dos escritos que dizem respeito ao processo heteronímico, supostamente iniciado no ano de 1914. Nesta pesquisa, os documentos relativos ao período chamado de pós-Durban (1905-1914) são evidenciados, revelando uma importante parte da criação literária pessoana relacionada com as ciências do psiquismo humano, com a política, com a sociologia e com a psicanálise. Alguns outros eus pessoanos pertencentes à fase pré-heteronímica que exerceram um papel importante no universo literário desta época, também são estudados através de testemunhos do espólio. O resultado das análises aqui empreendidas constitui-se como uma reconfiguração da criação literária pessoana, realizada através de fontes primárias e respeitando as listas dos projetos deixadas pelo escritor português. A partir desta pesquisa desfaz-se o mito do poeta solitário e distante do seu tempo. Os documentos revelam a existência de um cidadão militante, envolvido com a política, com a sociologia e com as ciências do psiquismo humano.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Política, Sociologia, Psiquiatria, Criação literária, Psicanálise.

ABSTRACT

The scope of this PhD thesis is the study of Fernando Pessoa's Archive, which is presently kept in the National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal). After a detailed research in this Archive, which contains over twenty seven thousand documents, and the reading of Pessoa's prose and poems, I've realized that an important part of his literary creation did not receive the same care and attention that were given to the texts concerning the heteronymical period, initiated in 1914. In this research, the documents concerning the so-called post-Durban period (1905-1914) are taken into consideration, revealing an important part of Pessoa's literary creation, concerned with politics, with sociology and with psychoanalysis and the sciences of human psychism. Some of Pessoa's literary personalities of the pre-heteronymic period, which played an important role in the literary universe of this historical period, are also studied through the testimonies of Pessoa's Archive. The result of my research is the reconfiguration of Pessoa's literary creation, through the study of primary sources and respecting the lists of projects left by the Portuguese thinker. Thus, through this research, one destroys the myth of the solitary poet, distant of his time. The documents reveal the existence of a militant citizen, engaged in politics, in the study of sociology and interested in the human psychism.

Key-words: Fernando Pessoa, Politics, Sociology, Psychiatry, Literary creation, Psychoanalysis.

LISTA DE SIGLAS

Na fixação dos textos será utilizada a mesma chave de símbolos da edição crítica de Fernando Pessoa da Imprensa Nacional Casa da Moeda:

| | |
|---------|---|
| □ | espaço deixado em branco pelo autor |
| * | leitura conjecturada |
| / / | lição dubitada pelo autor. |
| † | palavra ilegível |
| < > | segmento autógrafo riscado |
| < >/ \ | substituição por superposição, na relação <substituído>/substituto\ |
| < >[↑] | substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior |
| [↑] | acréscimo na entrelinha superior |
| [↓] | acréscimo na entrelinha inferior |
| [→] | acréscimo na margem direita |
| [←] | acréscimo na margem esquerda |
| <†> | riscado, autógrafo ilegível |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 POLÍTICA, RELIGIÃO, ARTE E CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO | 14 |
| 2.1 Pessoa – Estudos sobre as ciências do psiquismo humano | 14 |
| 2.2. O projeto “ <i>História de uma Ditadura</i> ” | 17 |
| 2.3. Psiquiatria e arte..... | 35 |
| 2.4 - Psiquiatria, política e religião..... | 46 |
| 2.5. Pessoa e o Estado Novo | 55 |
| 3. A ESPECULARIDADE DE EUS E AS CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO NA CRIAÇÃO LITERÁRIA PESSOANA | 59 |
| 3.1 - Charles Robert Anon e Alexander Search..... | 59 |
| 3.2. Pantaleão | 69 |
| 3.3. Marcos Alves entre a psiquiatria e o “ <i>desasocego</i> ” | 80 |
| 3.4. António Mora: o autor que foi louco | 90 |
| 3.5. Jean Seul de Méluret | 96 |
| 4 FERNANDO PESSOA: PERIÓDICOS, REVISTAS, “ISMOS” E A EMPRESA IBIS | 101 |
| 4.1 – Os primeiros jornais: <i>A Palavra, O Palrador</i> | 101 |
| 4.2 – O Phosphoro e O Iconoclasta | 103 |
| 4.3 – O Progresso e A Civilização..... | 106 |
| 4.4 – Vicente Guedes..... | 107 |
| 4.5 – As revistas: Ibis ou Lusitania, Europa | 111 |
| 4.6 - A Empresa Ibis | 112 |
| 4.7 – Os “Ismos” pessoanos..... | 113 |
| 4.7.1 – O Paulismo | 113 |
| 4.7.2 – O Interseccionismo | 115 |
| 4.7.3 – O Sensacionismo | 118 |
| 4.8 – A revista <i>Orpheu</i> | 120 |
| 5 VESTÍGIOS DA PSICANÁLISE NO ESPÓLIO PESSOANO | 124 |
| 5.1 - Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud | 124 |
| 5.2 - <i>O Marinheiro</i> – psicanálise e heteronímia pessoana..... | 141 |
| 6 CONCLUSÃO..... | 151 |
| REFERÊNCIAS | 153 |
| APÊNDICE | 162 |
| ANEXOS | 165 |

1 INTRODUÇÃO

Essa Tese é o resultado da pesquisa realizada no espólio de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal.

Através do contacto com parte do espólio pessoano na Biblioteca Nacional de Portugal, com a biblioteca particular de Fernando Pessoa e com a bibliografia secundária relativa ao espólio, percebi que os pesquisadores pessoanos davam uma ênfase especial ao período heteronímico (sobretudo a partir de 1914). Embora essa face dos escritos pessoanos seja muito importante, existem outros textos e projetos que dizem respeito à fase anterior ao período já exaustivamente estudado (a partir de 1914) por muitos pesquisadores consagrados que também são relevantes para os estudos pessoanos.

O trabalho aqui apresentado representa a tentativa de iluminar aspectos fundamentais do espólio pessoano, sobretudo no que diz respeito a fase que denomino de período pós-Durban (1905-1914). Iniciado quando Pessoa regressou de Durban (África do Sul) onde esteve desde os sete anos até os dezessete.

Em 1896, Fernando Pessoa deixa Lisboa em companhia de seus familiares: mudam-se para Durban, onde seu padraсто, João Miguel Rosa era cônsul português na então colônia inglesa de Natal. Essa mudança foi de fundamental importância na vida de Fernando Pessoa. O português deixa de ser sua língua principal: a partir desta alteração geográfica Pessoa passa a ler, a escrever e a pensar em inglês. E mesmo após o seu retorno à cidade de Lisboa, onde vai permanecer até a sua morte, a língua inglesa vai marcar várias instâncias de sua vida: como a sua biblioteca particular, os muitos poemas escritos em inglês, a vasta correspondência trocada com editores ingleses, algumas personalidades literárias, criadas pelo Poeta, que escreviam em inglês, como Charles Robert Anon e Alexander Search. Em Durban, Pessoa frequenta, a partir de Abril de 1899, a Durban High School, cujo nível era reconhecido como excelente. Além de inglês e francês, Pessoa também aprendeu latim. Aluno com ótimas notas, no final do seu primeiro ano na Durban High School, recebeu o prêmio de “General Excellence.” Quando regressa definitivamente a Lisboa, em 1905, continua a escrever em inglês a maior parte dos seus textos.

O regresso de Pessoa à sua pátria representou sua imersão na língua portuguesa no seu aspecto mais profundo e complexo. A partir deste momento Pessoa não só vai aprender a pensar e escrever em português, como vai mergulhar em seu tempo, fazendo-se cidadão da sua verdadeira pátria: a língua portuguesa.

A relação de Fernando Pessoa com a língua portuguesa teve como consequência a formação de um cidadão ativo, militante, como se poderá ver em muitos projetos apresentados ao longo desta Tese. Pessoa vai realizar muitas leituras neste período, sobretudo na Biblioteca Nacional de Portugal, a mesma que hoje abriga parte do seu espólio.

Os textos deixados por Fernando Pessoa em sua arca constituem uma importante fonte de conhecimento porque revelam, entre outros aspectos: as numerosas leituras por ele realizadas em diferentes áreas do conhecimento, algumas delas ainda em formação. Em grande parte das publicações pessoais o leitor tem uma imagem de um poeta e prosador tranquilamente inspirado. No entanto, em seu espólio percebe-se, diante de tantos exercícios de escrita, que a criação pessoal é oriunda de muita reflexão, de muitas anotações, de infinitas leituras realizadas, de muita experiência com a linguagem, de um permanente “desassossego” diante da palavra e do conhecimento.

Debrucei-me, principalmente, nesta Tese, sobre as relações literárias na criação pessoal, por um lado com as emergentes ciências do psiquismo humano e, por outro, com a política nas suas vertentes prática e especulativa, no que tange ao período pós-Durban, 1905-1914. Para a melhor compreensão da literatura pessoal, em alguns momentos da escrita, esse limite temporal foi alargado, mas o foco principal desta pesquisa incide sobre esses anos (1905-1914)

A segunda parte deste trabalho focaliza a relação entre Fernando Pessoa e a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise e a política. Quando o poeta português retornou definitivamente de Durban (África do Sul) passava grande parte do seu tempo na Biblioteca Nacional de Portugal imerso em leituras filosóficas e sobre o funcionamento do psiquismo humano (confirmam este fato as muitas anotações presentes no espólio e nos cadernos, sobretudo no de Charles Robert Anon e de Alexander Search – personalidades pessoais que escreviam em inglês).

O interesse de Fernando Pessoa pelo psiquismo humano pode ter-se iniciado no contato que teve, desde criança, com a avó Dionísia, que sofria de demência. Embora esse dado biográfico seja relevante, o que estará aqui em causa será outro aspecto: o do homem de génio, artista, atento ao seu tempo e a todas as suas inovações, que incorpora suas leituras na sua criação literária. A imagem do Poeta solitário, voltado apenas para dentro de si e da multiplicidade dos seus eus, não se sustenta nem perante os muitos testemunhos deixados no espólio, nem diante das diversas publicações políticas realizadas em vida por Fernando Pessoa. O artista que era não deixou de dialogar com os acontecimentos políticos, sociais e culturais de sua época: foi crítico, por exemplo, da ditadura de João Franco (1907-1908) e

esse ponto específico interessa neste trabalho porque muitas das críticas realizadas por Pessoa a João Franco foram construídas a partir dos conhecimentos psiquiátricos adquiridos, sobretudo na Biblioteca Nacional de Portugal, onde Pessoa leu, entre outros, o médico italiano Cesare Lombroso. Foi também um crítico feroz do Estado Novo (1933-1974) como podemos constatar nos documentos por ele deixados, alguns deles publicados por Teresa Rita Lopes em **Pessoa Inédito** (LOPES, 1993. p.362-379). Quando constrói as suas críticas sobre o ditador João Franco, encontra-se imerso em leituras sobre o psiquismo humano: Franco serviu como experimento para a utilização das teorias absorvidas. Anos mais tarde, quando analisa Salazar e o Estado Novo, Pessoa não mais estava em diálogo direto com a psiquiatria e, assim sendo, como a utilidade da lente psiquiátrica era, nesta época, muito reduzida, em poucos textos sobre Salazar encontramos referência às ciências que se ocupam de estudos sobre a psique humana.

Na primeira década do século XX, quando Pessoa inicia suas leituras sobre o psiquismo humano, não eram tão bem definidos quanto hoje os limites territoriais entre a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise. Faz-se necessário ressaltar que, enquanto Pessoa está em busca de desvendar aspectos importantes sobre o funcionamento do psiquismo humano, muitas descobertas estão sendo realizadas simultaneamente neste campo. Esse fato revela quão impressionante foi a relação entre Fernando Pessoa e o conhecimento, enquanto Freud (1856-1939) está tecendo suas teorias e enquanto Kaepelin (1856-1926) está realizando a confirmação dos seus experimentos, Fernando Pessoa está em diálogo com suas obras.

Na terceira faremos uma análise da relação de alguns outros eus (Charles Robert Anon, Alexander Search, Pantaleão, António Mora e Jean Seul de Méluret) com as leituras e projetos associados aos estudos das ciências do psiquismo humano realizados por Pessoa. Abordaremos também o projeto de um romance em especial, “Marcos Alves”, elaborado no período pós-Durban. Esta ficção inacabada, revela vestígios das leituras psiquiátricas feitas na Biblioteca Nacional de Portugal, e também da influência de Antero de Quental na criação literária pessoana.

Na quarta parte, “Fernando Pessoa: periódicos, revistas, “ismos” e a Empresa Ibis” mostraremos os projetos de alguns periódicos, revistas, idealizados no momento em que Pessoa retorna definitivamente a Lisboa, comprovativos do seu compromisso com a política do país. Os primeiros jornais pessoanos também são apresentados, *A Palavra* e o *Palrador*. Embora pertençam ao período anterior ao regresso definitivo, ambos demonstram como desde muito cedo Pessoa já realizava jogos complexos com a linguagem, inventando nomes e assinaturas. Mais tarde, *O Phosphoro* e *O Iconoclasta* revelam como os primeiros e juvenis

projetos de jornais foram importantes para a intensificação da sua militância política, que culminou, em 1909, com a criação da Empresa Ibis, importante instrumento de intervenção política. Além disto, faremos uma breve apresentação de uma importante personalidade literária, Vicente Guedes, que precedeu Bernardo Soares na autoria do projeto do “desasocego”¹, e participou das listas da Empresa Ibis. Neste capítulo trataremos também dos três principais “Ismos” pessoanos: o paulismo, o interseccionismo e o sensacionismo. Todos esses movimentos literários encontram-se entrelaçados com os projetos de algumas revistas do período pós-Durban.

No último capítulo mostraremos como os estudos realizados sobre o psiquismo humano, especialmente sobre a psicanálise, servirão de matéria plástica na criação de poesia, de textos dos outros eus, de projetos pessoanos e de crítica à política do seu tempo. É importante ressaltar que o foco desta pesquisa não é fazer o retrato psicanalítico do autor português, nem fazer um estudo comparativo entre a literatura e a psicanálise, mas evidenciar e reunir aspectos inéditos presentes no espólio de Fernando Pessoa sobre o pensamento de Freud e revelar como o mesmo serviu de matéria plástica para a literatura pessoana. Neste capítulo analisaremos também uma peça de teatro publicada por Pessoa na revista **Orpheu** em 1915, **O Marinheiro**. Essa obra começou a ser escrita em 1913 e como faz parte de um importante projeto pessoano, o do “Theatro estatico”, publicamos aqui uma análise desta peça à luz de alguns conceitos lacanianos já aplicados a uma parte dos escritos pessoanos pela investigadora Leyla Perrone-Moisés.

Torna-se importante ressaltar que nos documentos citados neste trabalho a ortografia original será respeitada.

¹ Fernando Pessoa escreveu “desasocego” de três maneiras diferentes, optando por último por essa forma que será aqui utilizada.

2 POLÍTICA, RELIGIÃO, ARTE E CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO

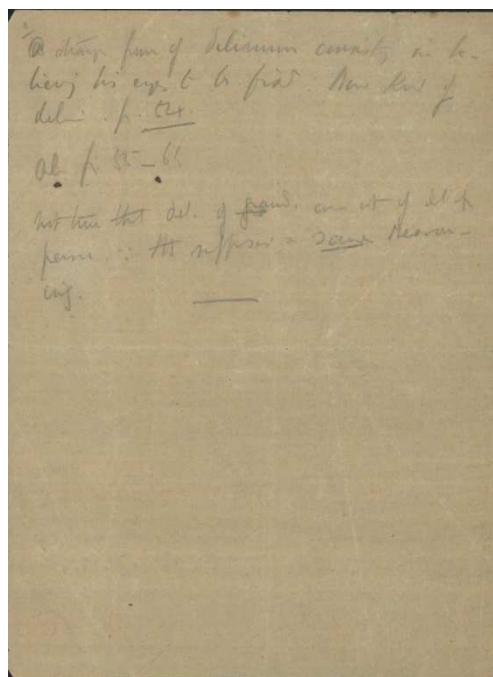
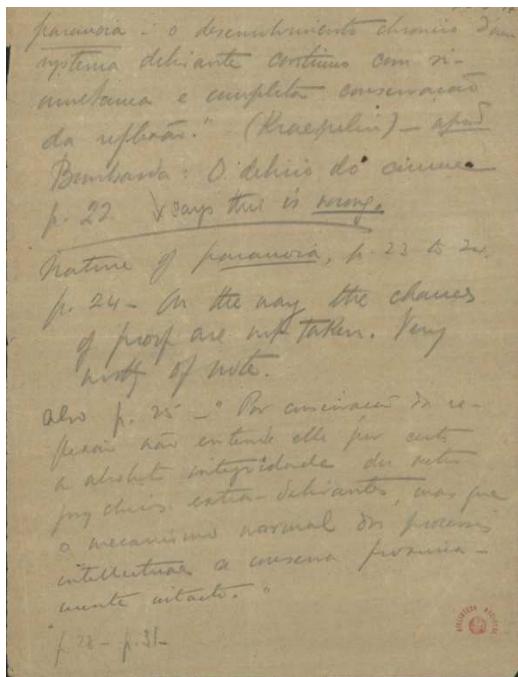
Neste capítulo, evidenciaremos os documentos existentes no espólio sobre política, religião, arte e ciências do psiquismo humano, revelando a utilidade do conhecimento adquirido por Pessoa nestas áreas do saber em sua construção literária.

2.1 Pessoa – Estudos sobre as ciências do psiquismo humano

No que tange às áreas da psiquiatria e psicologia é interessante perceber que Pessoa fez diversas anotações a respeito. No silêncio inquieto dos seus escritos, propôs ensaios - sobre a intuição, sobre a memória, sobre o impulso, por exemplo – e projetos de livros. Constata-se também que Pessoa leu Freud, e foi crítico do seu sistema, como está exposto na quinta parte deste trabalho. Percebe-se além disto, que, embora Pessoa faça algumas referências à “psico-analyse”, ele situa Freud e seus seguidores na psicologia moderna.

Pessoa não foi “somente” um poeta e um prosador (e talvez por isso tenha exercido de maneira exemplar essas duas funções); foi também e principalmente um excelente crítico e um leitor voraz. Sabe-se também o problema da loucura e da sua relação com o gênio o ocupou longamente.

Alguns dos escritos pessoanos sobre o psiquismo humano abordam, por exemplo, as questões da paranóia e da histeria. Analisando alguns testemunhos, percebemos que Fernando Pessoa foi leitor do psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856-1926) cujo método de cuidar dos pacientes diferia em muito do de Freud. Para Kraepelin as doenças psíquicas tinham uma raiz biológica ou genética. Em um fragmento [BNP/E3-15B⁴-47] onde consta uma referência direta a Kraepelin, lemos:



“paranoia – ‘o desenvolvimento chronic d’un systema delirante continuo com simultanea e completa conservação da reflexão.’ (Kraepelin) – apud Bombarda: O delírio do ciúme, p.22 says this is wrong. Nature of paranoia, p.23 to 24. p. 24 – On the way the chances of proof are not taken. Very worthy of note. Also p. 25 – “Por conservação da reflexão não entende elle por certo a absoluta integridade dos actos psychicos extra-delirantes, mas que o mecanismo normal dos processos intellectuaes se conserva proximamente intacto.” p.28-p.31. [47] A strange form of delirium consists in believing his eyes to be fixed. New Kind of delirium. p. 54. also p. 55-61. Not true that del[irium] of grand[ness] comes out of † pensée ∴ [because] that supposes a same reasoning.”

A preocupação de Pessoa com a questão da paranóia foi uma constante, prova disto são os muitos documentos do espólio que abarcam esse tema: tanto nas notas de leitura, (caso do fragmento citado), como na crítica feita ao pensamento freudiano (evidenciada no capítulo três), como em contos e romances (Marcos Alves, por exemplo, sofre de paranóia). Através da análise deste documento percebe-se como a leitura de Kraepelin foi importante para a absorção e utilização do conceito de “paranóia delirante” nos escritos pessoanos. Para além deste aspecto, no documento transcrito aparece o nome de outro psiquiatra, Miguel Bombarda (1851-1910), e a referência ao livro **O Delírio do Ciúme**, de 1896. Bombarda nasceu no Brasil, no Rio de Janeiro, e morou a maior parte da sua vida em Lisboa. Era republicano e anti-clerical (como Pessoa, nos anos que antecedem a proclamação da república em Portugal). O nome de Bombarda aparece também em outro fragmento [BNP/E3-Anexo A], em uma lista

intitulada *Index*, onde está presente o nome do psiquiatra Júlio de Matos, um dos mais importantes psiquiatras portugueses, que publicou, um livro em 1898, um livro intitulado **Paranóia**. Embora não conste nenhum livro de Miguel Bombarda na Biblioteca particular de Fernando Pessoa, através da leitura do testemunho [BNP/ E3-144A²-7], podemos afirmar que Pessoa teve acesso aos escritos de Miguel Bombarda:

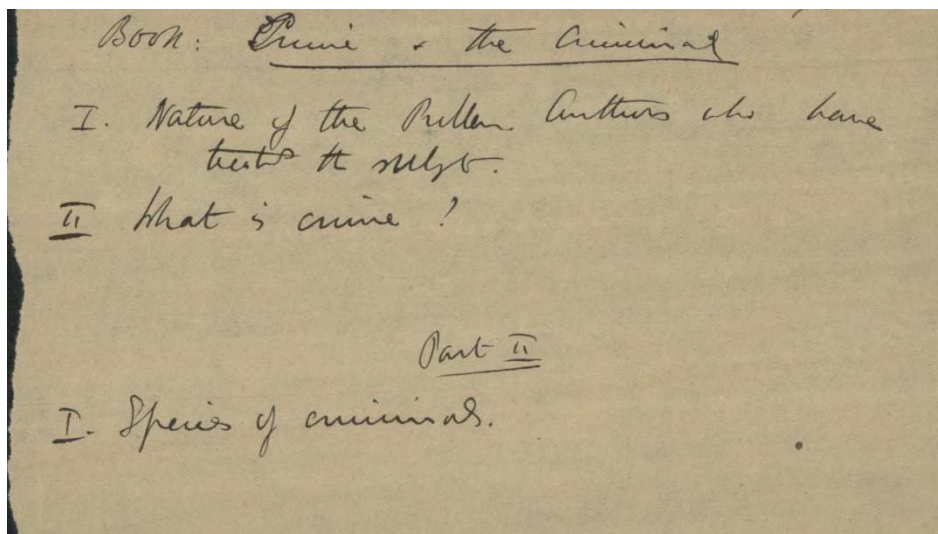
“Julio Dantas: “Pintores e Poetas de Rilhafolhes” – Guimarães, Libanio & C.^{ia}. Lisboa, 1900.
 Ales Hrdlicka – American Journal of Insanity. (Baltimore, Jan. 1899) – quoted in above –
 M. Skhokia. “Le Culte de la petite vérole en Géorgie”.
 Miguel Bombarda: “Un fait d’Anarchisme.” (Bibli[oteca] Na[ciona]l Lisboa.)²”

A referência ao nome de Júlio Dantas é relevante na medida em que existem outros documentos onde constam anotações sobre Dantas, evidenciando uma relação extremamente crítica de Pessoa em relação aos escritos deste médico e político português. Percebe-se, novamente, a estreita relação entre Pessoa e o seu tempo, uma vez que Dantas era seu contemporâneo.

Nos muitos escritos pessoais sobre o funcionamento da psique humana, as três áreas hoje distintas se comunicam: a psiquiatria, a psicanálise e a psicologia. Nesta época, a psicologia e psicanálise estavam se estruturando enquanto ciência, e a psiquiatria estava imersa em novas descobertas, como o mal de Alzheimer, descrito pela primeira vez pelo neurologista Aloisius Alzheimer, em 1906. Aloisius Alzheimer trabalhou com Emil Kraepelin, psiquiatra já citado neste trabalho e lido por Fernando Pessoa. É importante ressaltar também que Pessoa se interessou pela obra do médico italiano Cesare Lombroso³ (1835-1909), fato que se torna relevante na medida em que os documentos demonstram que o pensamento de Lombroso iria se transformar em matéria plástica na criação pessoal. No testemunho [BNP/E3- 15B⁴-28] existe o esboço de um possível livro pessoal sobre “Crime [and] the criminal”:

² Segundo consta na edição crítica de *Génio e Loucura*, os textos de Dantas, Skhokia e Bombarda estão encadernados em um mesmo volume na Biblioteca Nacional de Lisboa. PESSOA, Fernando. *Escritos sobre génio e loucura*. Edição de J.P. Jaramilho. Lisboa: INCM, 2006. p.611.

³ Embora não conste nenhum livro de Cesare Lombroso na Biblioteca de Fernando Pessoa, existem várias notas de leituras que indicam os livros lidos de Lombroso por Pessoa, como o testemunho [BNP/E3- Anexo B] onde aparece uma referência direta ao livro *L’homme criminel*.



“Book: *Crime [and] the criminal*

I – Nature of the Problem. Authors who have treated the subject.

II – What is crime?

Part II

I – Species of criminals.”

Esse documento foi possivelmente escrito nos primeiros anos pós-Durban (1905-1914), quando Pessoa estava envolvido em leituras sobre a questão da criminalidade. O livro de Lombroso *O homem criminoso* constituiu, provavelmente, uma das principais fontes para o autor português. Neste livro pessoano, o pensamento desenvolvido por Lombroso estaria incluído na primeira parte. Outro aspecto relevante relacionado com o documento é a necessidade pessoana de criar, de escrever, de transmutar suas leituras em projetos, em texto, evidenciado sobretudo nos muitos planos presentes no espólio, como é o caso de *História de uma ditadura*, projeto elaborado a partir das leituras sobre as ciências do psiquismo humano.

2.2. O projeto “*História de uma Ditadura*”

O nome de Lombroso aparece também em outro projeto, “History of a Dictatorship⁴”, de caráter político: trata-se de escritos sobre a ditadura e também sobre a figura de João Franco, ditador português que governou de Maio de 1907 a Fevereiro de 1908). A teoria lombrosiana aparece com frequência, como podemos constatar no seguinte fragmento [BNP/E3-113I-17 e 18]:

⁴ No documento [BNP/E3-Anexo A] já comentado aqui, aparece uma listagem da Dictatorship dividida em três períodos: 1890, 1894-6 e 1907-1908. O último período se refere a ditadura de João Franco em Portugal.

=Again no proper comparison can be made between F[ranco] and these criminals, ∴ the species of crime is different. ~~What we can do~~, however, is to inquire if there be not in the characters of them a fundamental analogy.

'M. Morel trouve en eux (fous moraux) une attitude intellectuelle spéciale, caractérisée par la facilité à écrire, à parler, à cultiver les beaux-arts, mais dominée souvent par la tendance au paradoxe.' (Quoted by Lombroso, p. 561)

M. Krafft-Ebbing... ajoute qu'ils (f[ous] m[oraux]) finissent par croire à la réalité des faits inventés par eux-mêmes, et qu'ils s'attribuent de bonne foi ce qui appartient aux autres.' (Quoted by L[ombroso], p. 561)

Character of the born-criminal:

Absence of sensibility.
Irritability.
enormous vanity and pride.
Vanity of crime.
Cruelty.
Absence of moral sense.
Inferior idea of justice.
Laziness.
Laxness of mind.
to loss of foresight. (Lombroso, p. 561)

In F. of Cr. Evidence
Lombroso says (p. 561):
'On leur a affectés de famille et de affectations morales qui, chez les criminels, sont complètement éteintes ou se présentent à l'état d'écarts qui leur sont inhérents, ou sont dominés d'autres passions, par exemple, l'ambition, l'orgueil, ou par une absence en sentiment d'écarts de la base

valen p[er]muel... and further on
'Satisfaisant en vanité, haine dans le monde, ce qui se appelle si mal p[er]vanité, est la cause la plus commune des crimes modernes.' (Lombroso, p. 561)

Part of when spoke of 'instinct' of Character refers to noble activities of criminals, not of F. vii.
Capable of any noble act.

"Again no proper comparison can be made between F[ranco] and these criminals, ∴ [because] the species of crime is different.

What we can do, however, is to inquire if there be not in the characters of them a fundamental analogy.

'M. Morel trouve en eux (fous moraux) une attitude intellectuelle spéciale, caractérisée par la facilité à écrire, à parler, à cultiver les beaux-arts, mais dominée souvent par la tendance au paradoxe.' (Quoted by Lombroso, p. 561)

'M. Krafft-Ebbing...ajoute qu'ils (f[ous] m[oraux]) finissent par croire à la réalité des faits inventés par eux-mêmes, et qu'ils s'attribuent de bonne foi ce qui appartient aux autres.' (Quoted by L[ombroso], p. 561)

[17^v] Character of the born-criminal:

Absence of sensibility.

Irritability.

enormous vanity and pride.

Vanity of crime.

Cruelty. Revenge.

Absence of moral sense.
 Superficial idea of justice.
 Laziness.
 Lightness of mind.
 Lack of foresight (leading to swallowing ships in plans). In F[anc]o – cf. cap. ‘Advances’.
 Lombroso says (p.353): “Au lieu des affections de famille et des affections sociales qui, chez les criminels, sont complètement éteintes ou se présentent à l’état d’équilibre instable, on voit dominer d’autres passions peu nombreuses, mais extrêmement ténaces. Et, d’abord, entre toutes, l’orgueil, ou, pour mieux dire, un sentiment excessif de leur [18^e] valeur personnel...” and further on ‘Satisfaire sa vanité, briller dans le monde, ce qu’on appelle si mal *figurer*, voilà la cause la plus commune des crimes moderne.’
 But L[ombroso] when speaks of ‘instability’ of character refers to noble actions of criminals never to age. F[ranc]o incapable of any noble action.”⁵

Esse extenso fragmento demonstra o interesse que Pessoa tinha pelo funcionamento do psiquismo humano. Pode-se associar esse aspecto às suas preocupações pessoais com a questão da loucura, como anteriormente mencionado. Mas, o que chama de fato a atenção do investigador é a relação entre Pessoa e as ciências emergentes no seu tempo. As suas leituras sobre o funcionamento da psique humana servem para criticar a ditadura de sua época. Não se trata de uma crítica superficial, Pessoa pesquisa a fundo o funcionamento do psiquismo humano para elaborar críticas reflexivas, profundas e irônicas sobre o momento político no qual Portugal estava imerso. Neste fragmento, Pessoa parece buscar uma fundamentação psiquiátrica para o comportamento “criminoso” do ditador João Franco: recorre aos escritos

⁵ Uma possível tradução para o documento realizada por Alexandre Souza:

“Da mesma forma, nenhuma comparação correta pode ser feita entre F[ranc]o e estes criminosos, já que o tipo de crime é diferente.

O que podemos, no entanto, perguntar [investigar] é se há em seus caracteres uma analogia fundamental.

‘M.Morel encontra neles (loucos morais) uma atitude intelectual especial, caracterizada pela facilidade para escrever, para cultivar as belas artes, porém muitas vezes dominada pela tendência ao paradoxo ? (Citado por Lombroso, p.561)

‘M.Krafft-Ebing ... acrescenta que eles (loucos morais) acabam por acreditar na realidade dos fatos por eles mesmos inventados e que atribuem a si, de boa fé, o que pertence aos outros.

[17^o] Caráter do criminoso nato:

Ausência (falta) de sensibilidade

Irritabilidade

Vaidade e orgulho enormes

Vaidade pelo crime (cometido?)

Crueldade. Vingança

Ausência de senso moral

Idéia de justiça superficial

Preguiça

Mente vazia

Sem capacidade de previsão (levando a engolir barcos em ! Em F[ranc]o – cf. cap. “Avanços”

Lombroso diz (p.353): “Em vez das ligações de família e sociais que nos criminosos são completamente inexistentes ou se apresentam em estado de equilíbrio instável, vemos dominar outras paixões pouco numerosas mas extremamente tenazes. E, primeiramente, o orgulho, ou, para melhor dizer, um sentimento excessivo de seu [18^e] valor pessoal...” e, mais adiante “Satisfazer sua vaidade, brilhar no mundo, o que chamamos tão mal de aparecer, eis a causa mais comum dos crimes modernos”

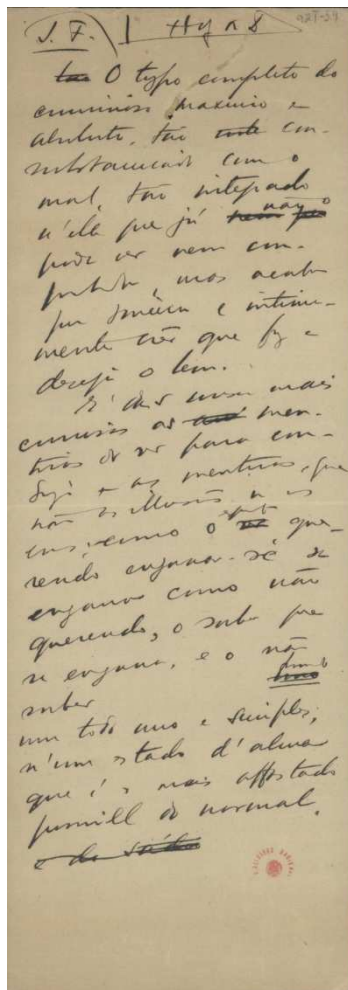
Mas L[ombroso], quando fala da ‘instabilidade’ de caráter se refere a ações nobres de criminosos F[ranc]o incapaz de qualquer ação nobre.”

de três grandes médicos: Morel, Krafft Ebing e Lombroso, para entender e explicar o funcionamento do psiquismo de Franco e termina seu escrito afirmando que este seria incapaz de qualquer ato nobre, evidenciando assim o envolvimento pessoal com a política de sua época.

A relação entre Pessoa e a política foi intensa e extensa, pois são muitos os textos de caráter político presentes no espólio. Fernando Pessoa não foi apenas um grande Poeta inspirado, foi um homem que esteve imerso em seu tempo, que dialogou com os problemas políticos de sua época. Quando Salazar impõe, em 1933, a constituição que instaura novamente uma ditadura em território luso, Pessoa escreve muitos textos sobre Salazar e o Estado Novo. Entre o governo de João Franco e o de Salazar, Pessoa não se abstém de refletir sobre a política portuguesa. Ressaltamos aqui a importância dos textos sobre o Estado Novo, embora não exista salvo em um ou em outro texto com essa temática, referência a estudos psiquiátricos, ou a um estudo de Salazar à luz de teorias psiquiátricas, como aconteceu na maioria dos textos sobre João Franco. Isso ocorreu porque na época do Estado Novo (a partir de 1933), Pessoa já não se encontrava imerso em leituras sobre o psiquismo humano, como estava na primeira década do século XX, mas continuava a ser um cidadão preocupado com a política do seu tempo. No livro organizado por Teresa Rita Lopes, **Pessoa Inédito**, consta um capítulo sobre a relação entre Pessoa e o Estado Novo. Na última parte do capítulo 6, intitulada “Salazar, o grande equívoco” (Lopes-1993,p339), encontram-se publicados alguns documentos sobre o Estado Novo e em apenas um deles [BNP/ E3-Anexo C] consta referência ao pensamento de Lombroso⁶.

Em outro testemunho [BNP/E3-92T-54], escrito em português, Pessoa utiliza suas leituras psiquiátricas para analisar o ditador João Franco:

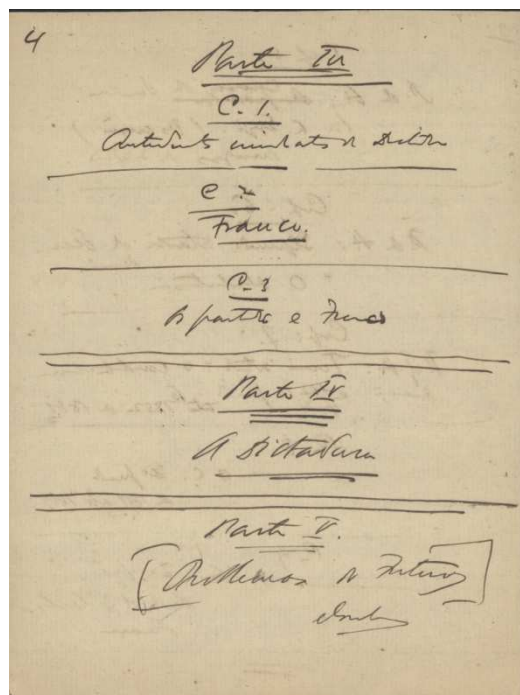
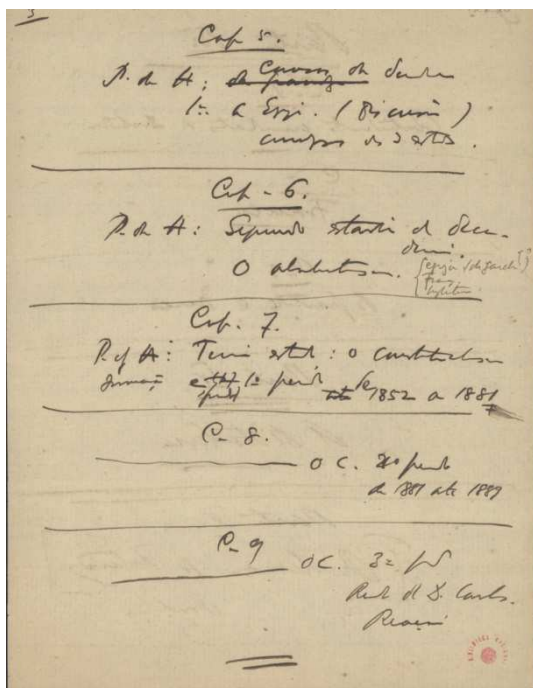
⁶ Esse documento está transcrito na última parte deste capítulo, intitulado “Pessoa e o Estado Novo.”



“H[istory] of a D[ictatorship]
J[oa]o F[ranc]o”

<ta> O typo completo do criminoso maximo e absoluto, tao <inte> consubstanciado com o mal, tao integrado n'elle que ja <nem po> [↑ não o] pode ver nem comprehender, mas acaba por sincera e intimamente crêr que faz e deseja o bem. É das cousas mais criminosas as <acr> mentiras do ser para consigo e as mentiras, que são as illusões ou os bens; como o <ser> [↑ espirito] querendo enganar-se se engana como não querendo, o saber que se engana, e o □ não saber <como> [↑ formando] um todo uno e simples; n'um estado d'alma que é o mais affastado possivel do normal. <e de saída>”

Como esse fragmento está escrito em português, podemos deduzir que é posterior aos primeiros fragmentos escritos em inglês sobre o ditador João Franco. O conteúdo deste testemunho revela a análise que Pessoa pretendia fazer de Franco, utilizando as leituras psiquiátricas: aproxima o ditador do criminoso, imputando a esse uma mente doentia e degenerada. As afirmações presentes neste testemunho se comunicam com o documento anteriormente transcrito, no qual Pessoa afirma que Franco era incapaz de um ato nobre. Se em um primeiro momento, Pessoa analisa em qual tipo de criminoso o ditador poderia ser encaixado, recorrendo as teorias de Morel, Krafft Ebing e Lombroso, num segundo momento, Franco já é considerado um criminoso máximo e absoluto. Isso revela a posição política de



“H. of a D.

Introdução:

1. O conceito de sociedade; como se distingue do de multidão e do agrupamento.
 2. Definição da sociologia; a sua independencia essencial da economia, sendo a face política a sua face principal objectiva, e a economica entanto que política.
 3. Classificação (o termo ‘política’ previamente definido) das sociedades em ‘de força’, ‘de poder’ e ‘de opinião’.
 4. O conceito de vida social: o conceito derivado da decadencia social; como decahem as 2 ultimas formas de sociedade. (A guerra como uma doença social)?
 5. Formas secundarias da decadencia.
- [19^v]

Parte I

1. Origens das sociedades. O meio exterior, o meio interior e a historia; os 3 elementos.
2. Methodo de aplicar a sociologia: o estudo do clima, da historia e da litteratura d’um povo. Razões porque. (a) com resp[eito] ao clima; (b) com res[peito] á historia; (c) com respeito á litteratura I) o dualismo essencial no caracter/dos povos. (só?); 2 □

Cap. 2. Applicação a Portugal: o clima.

Cap. 3. Applicação ao meio exterior.

Cap. 4. Psychologia da historia: da formação á grandeza.

[20^v] Cap. 5. P[sychologia] da H[istoria]: Causas da decadencia. 1^a. A Igreja (discussão) comp[aração] dos 3 estadios.

Cap. 6. P[sychologia] da H[istoria]: Segundo estádio da decadencia. O absolutismo. {egreja (oligarchica?), França, Inglaterra.}

Cap. 7. P[sychologia] da H[istoria]: Terceiro estádio: o constitucionalismo. Formação: 1^o periodo de 1852 a 1881.

C. 8. P[sychologia] da H[istoria]: Terceiro estádio: o c[on]stitucionalismo. 2^o periodo de 1881 até 1889.

C. 9. P[sychologia] da H[istoria]: Terceiro estádio: o c[on]stitucionalismo. 3^o. periodo Reinado de D. Carlos. Reacção.

[20^v] Parte III.

C. I. Antecedentes immediatos da Dictadura.

C. 2. Franco.

C.3. Os partidos de Franco.

*Parte IV.
A Ditadura.
Parte V.
Problemas do Futuro.”*

Este testemunho evidencia que as leituras realizadas por Pessoa sobre o funcionamento da psique humana seriam utilizadas na elaboração de um livro, ou melhor de vários. Mas tratarei do projeto acima em secção especial. O título “*H. of a D.*” possivelmente seria a abreviação de *History of a Dictatorship*. Em primeiro lugar é preciso dizer que este documento aborda três campos específicos: a sociologia, ciência emergente, a psicologia, ciência especulativa e a política, ciência operativa e prática. Esse documento revela que o livro “*H. of a D.*” seria um escrito sobretudo de sociologia, no qual a psicologia da história seria um instrumento para a compreensão da história e da psique da nação portuguesa, passando pelo clima, pela literatura e pelo contexto histórico.

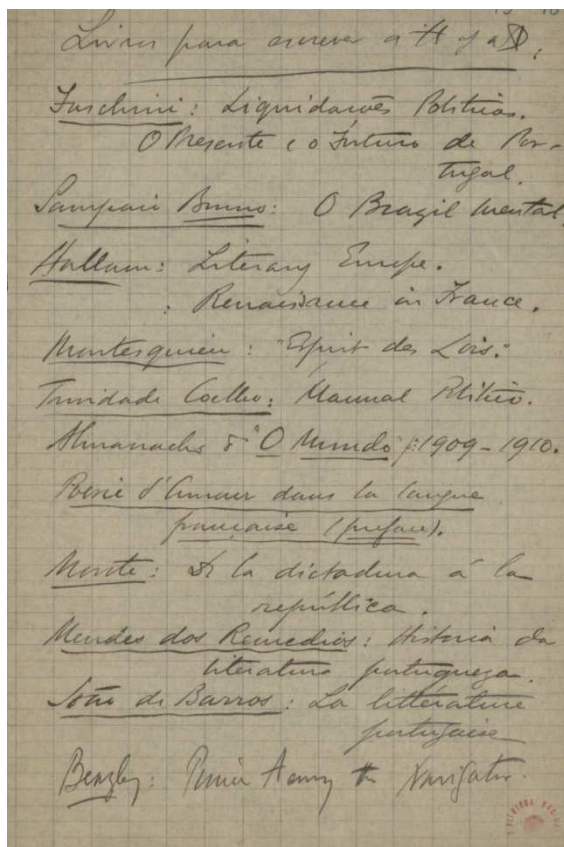
Alguns outros fragmentos com o título “*H. of a D.*” correspondem ao projeto do livro em questão. É interessante observar a relação que Pessoa estabelece entre a psicologia e a história, que seria realizada em toda a primeira parte do livro, de cariz sociológico. Através de uma análise da terceira parte deste projeto, poderíamos afirmar que esse escrito pessoano estaria centrado nos anos de 1907-1908, durante a ditadura de João Franco. Muitos fragmentos pessoanos demonstram essa preocupação com os efeitos dessa ditadura em Portugal. Desta fase pessoana remontam projetos republicanos, como é o caso dos periódicos *O Phosphoro e O Iconoclasta*. Esse fato torna-se relevante na medida em que em o fragmento [BNP/E3-Anexo D] que versa sobre a república, demonstra uma dúvida em relação ao destino deste documento, pois nele está escrito: “*Iconoclasta ou H. of a D.*” Essa dúvida evidencia: 1) num mesmo período Pessoa possui vários projetos, que se assemelham em diversos aspectos e se diferenciam em outros tantos, 2) quão amplo era esse projeto do “*H. of a D.*”, que abarcaria a história política portuguesa desde tempos remotos até ao possível nascimento da República.

Em uma importante lista intitulada “Notas”, acompanhada da data de Junho de 1909, consta referência ao projeto “*História de uma ditadura.*” Encontram-se neste documento [BNP/E3-Anexo E] outros projetos políticos de Fernando Pessoa como é o caso de “A Psychose Adeantativa.” O fato de aparecer neste testemunho referência a data Junho de 1909, aponta em duas direções: 1) a lista foi escrita neste mês e neste ano, 2) os projetos que constam neste documento seriam realizados nesta data. Para apoiar esse argumento basta lembrar que após o título “Notas” o autor escreveu “Work to be done” (trabalho a fazer). Esse importante documento não só mostra a preocupação de Fernando Pessoa com a execução de

“*História de uma ditadura*”, como evidencia a faceta sociológico-política do autor português. Pessoa não esteve somente mergulhado em seu tempo, a política de sua época era uma preocupação que pode ser constatada justamente em registros como esse. No psiquismo pessoano parece que tudo está relacionado: suas leituras fluem para sua escrita, que dialoga com os problemas do seu tempo que, às vezes, procura entender à luz do passado.

Esse projeto “*História de uma ditadura*” passou, ao que tudo indica, por algumas fases. Parece, pela análise dos testemunhos, que, em um primeiro momento, Pessoa escreveria especificamente sobre a ditadura de João Franco, estando esses fragmentos escritos em língua inglesa. Para analisar essa personalidade política, Pessoa utilizaria principalmente as leituras realizadas nos livros de Cesare Lombroso e no relatório do médico Arthur Leitão (analisado em seus pormenores na parte em que tratamos das relações entre Alexander Search e as atividades literárias pessoanas). Com o passar do tempo e o alargamento das leituras e dos interesses pessoanos, o autor português parece ter concebido um projeto mais lato, que, conforme evidencia o já citado documento [BNP/ E3-92L-19 e 20], abarcaria a história da política portuguesa analisada pela via sociológica e psicológica e seria, então, escrito em português. Esse ponto é de extrema relevância por demonstrar uma importante transformação na escrita pessoana: o seu alojamento na língua portuguesa. Se num primeiro momento, Pessoa recém-chegado de Durban, insere sua criação literária no espaço linguístico inglês, sua permanência em Lisboa faz com que o seu espaço literário interior seja povoado pela língua portuguesa, que no futuro será declarada por ele como sua pátria (“minha pátria é a língua portuguesa”). Os testemunhos presentes no espólio não deixam dúvidas de que Pessoa continuou a escrever e criar em inglês, assim como em francês, mas a partir, principalmente, de 1908, os textos escritos em língua portuguesa serão a grande maioria.

O projeto “*H. of a D.*” tornou-se grandioso no espaço literário pessoano. A lista intitulada [BNP/E3-93-48] “*Livros para escrever a H. of a D.*” demonstra a preocupação com esse projeto:



“Livros para escrever a H. of a D.

Fuschinni: Liquidações Políticas. O Presente e o Futuro de Portugal.

Sampaio Bruno: O Brazil Mental.

Hallaem: Literary Europe

: Renaissance in France.

Montesquieu: “L’Esprit des Lois.”

Trindade Coelho: Manual Político.

Almanachs d’ “O Mundo” p[ar]a 1909-1910.

Poesie d’Amour dans la langue française (préface).

Morote: De la dictadura á la república.

Mendes dos Remedios: Historia da literatura portugueza.

João de Barros: La littérature portugaise

Beazley: Prince Henry the Navigator.”

Essa lista mostra importantes aspectos do projeto “H. of a D.”. Revela primeiramente o cuidado que essa obra ganha no espaço literário pessoano: uma obra pensada e baseada em livros importantes. Outro aspecto interessante desta lista: a relação entre a literatura, a política e a sociologia. Pessoa pretendia usar como estrutura desta obra desde **O Espírito das Leis, de Montesquieu**, à **História da Literatura Portuguesa**, de João de Barros. Novamente percebe-se as tênues fronteiras existentes entre política, sociologia e literatura na criação pessoana.

Pessoa também foi crítico literário, seu primeiro artigo publicado em 1912 pela revista **Águia**, (PESSOA, 2000, p.12), “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, marca um caminho que será trilhado por Pessoa até ao ano de sua morte, o de crítico. Foi, no

entanto, um crítico especial, que vai analisar a literatura do seu tempo utilizando não apenas uma perspectiva literária, mas também as perspectivas sociológica, política e psicológica. Essa maneira de analisar a literatura portuguesa parece ser consequência das inúmeras leituras realizadas por Fernando Pessoa, resultado de um olhar atento sobre os principais acontecimentos de sua época, políticos, sociais ou estéticos. Outro aspecto que deve ser ressaltado a respeito desta trajetória crítica assumida por Pessoa foi a participação de Álvaro de Campos em artigos publicados. O primeiro artigo de Campos foi publicado na revista **Contemporânea** em 1922, intitulado “De Newcastle-on-Tyne Álvaro de Campos escreve à Contemporânea.” Um texto em formato de carta endereçada a José Pacheco em que Campos critica o artigo publicado por Fernando Pessoa na mesma revista em Julho de 1922 (“António Botto e o ideal estético em Portugal”), discordando da ideia de estética defendida por Pessoa:

“Continua o Fernando Pessoa com aquela mania, que tantas vezes lhe censurei, de julgar que as coisas se provam. Nada se prova senão para ter a hipocrisia de não afirmar. O raciocínio é uma timidez – duas timidez talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de ficar calado.

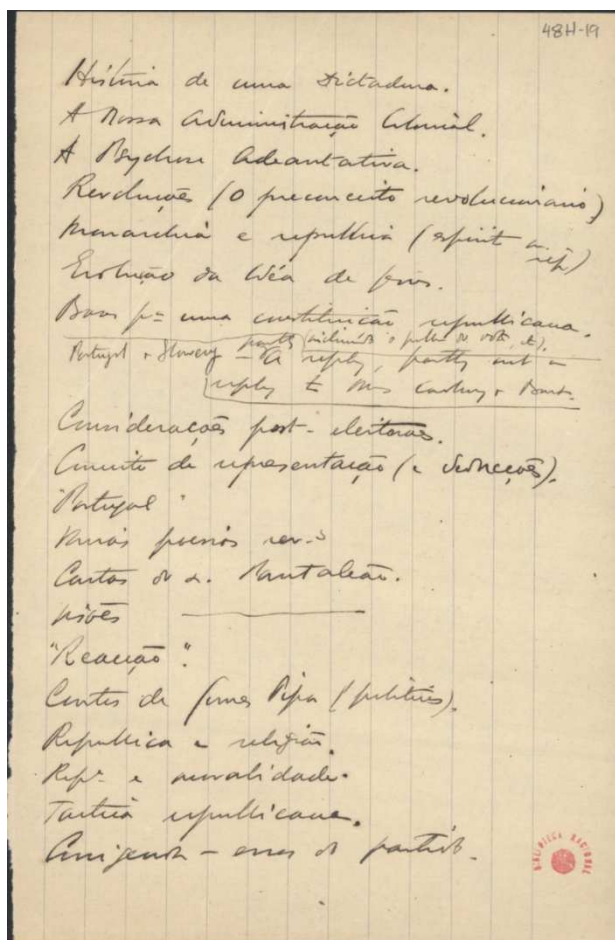
(...)

Tudo é um jogo de forças, e na obra de arte não temos que procurar ‘beleza’ ou coisa que possa andar no gozo desse nome. Em toda a obra humana ou não humana, procuramos só duas coisas, força e equilíbrio de força – energia e harmonia se v. quiser.” (PESSOA-2000, p.185-188)

Embora esse pequeno comentário sobre a relação de Fernando Pessoa com a função de crítico assumida por ele e a participação de Álvaro de Campos neste processo possa parecer deslocada, explicamos o porquê desta digressão. Primeiro, é importante que o leitor perceba que Fernando Pessoa não foi um poeta solitário, em sua vida, assumiu muitos papéis, entre eles o de crítico, cumprido com êxito, tendo em vista as muitas publicações pessoais em revistas e em jornais que apontam nesta direção. Segundo, revela como o jogo com a linguagem realizado por Pessoa era, para ele, importante e sério para ele. O diálogo público com Campos demonstra justamente esse fato. Campos convida o seu criador para entrar no espaço da ficção, da criação literária. No momento em que o autor fictício critica seu autor real, criador e criatura se encontram num mesmo patamar, num mesmo plano, o da escrita, do texto. O estatuto de Campos passa a ser tão real quanto o de Pessoa. É por acreditar nesta faceta real do texto que Campos continuará expondo publicamente suas ideias, sua poesia, assim como outros, e é por esse mesmo motivo que Search e Anon (entre outros) assinam livros, confeccionam notas de leituras e projetos. No livro **De la dictadura á la república** (HOROTE, 1910) onde consta a assinatura de Alexander Search, novamente Pessoa estreita os laços entre realidade e ficção. Analisaremos na segunda parte deste capítulo a participação

de outros eus, Charles Robert Anon, Alexander Search e António Mora nas atividades desenvolvidas por Pessoa neste período pós-Durban. A assinatura de Search neste livro específico revela que essa personalidade se interessava pela política e que estava envolvido, ainda que de forma indireta neste caso, com o projeto “*H. of a D.*”

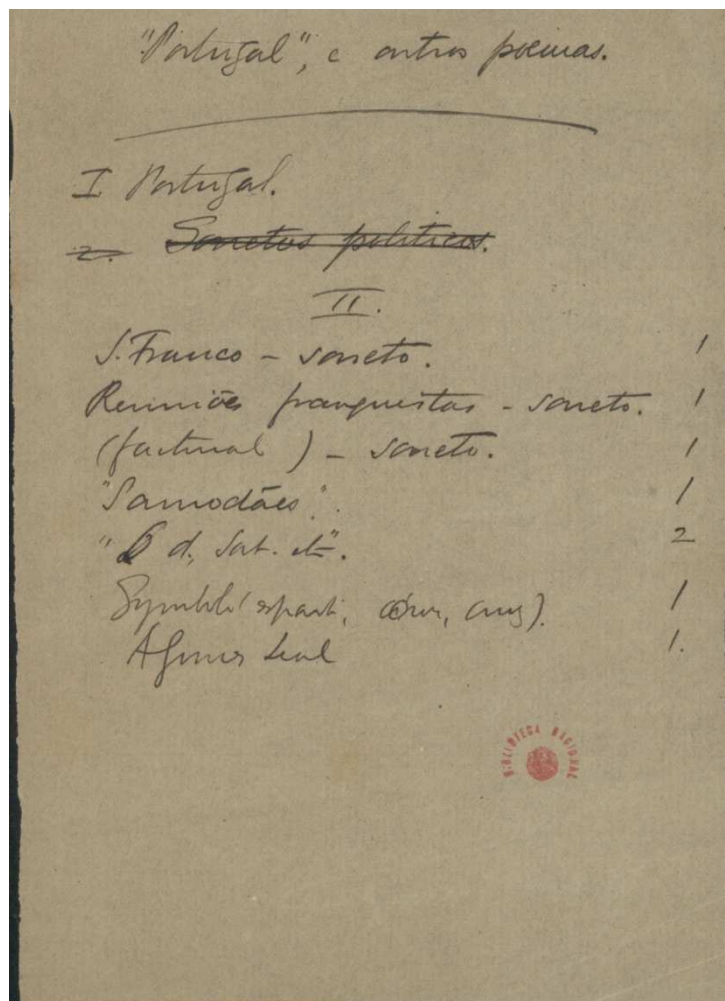
Em outro documento [BNP/E3-48H-19] aparece o título do projeto “*História de uma Dictadura*” elencado com outros projetos de caráter político:



“Historia de uma Dictadura.
 A Nossa Administração Colonial.
 A Psychose Adeantativa.
 Revoluções (o preconceito revolucionario.)
 Monarchia e republica (espírito m[onarchico]
 rep[ublicano])
 Evolução da idéa de povos.
 Bases para uma constituição republicana. (incluindo o problema do voto, etc).
 Portugal and Slavery – partly a replay, partly not a replay to ours Colonies and Bart.
 Considerações post-eleitoraes.
 Conceito de representação (e deducções)
 “Portugal”
 Varias poesias rev[olucionárias].
 Cartas do sr. Pantaleão.
 Visões do sr. Pantaleão.

‘Reacção.’
 Contos de Gomes Pipa (políticos).
 Republica e religião.
 Rep[ublica] e moralidade.
 Tactica republicana.
 Corrigendas – erros do partido.”

O primeiro ponto que deve ser destacado na análise deste documento é o fato do projeto “*História de uma Ditadura*” estar escrito em português, numa lista de vinte projetos em que apenas um está escrito em língua inglesa (“Portugal Slavery”). Esse fator ajuda a localizar no tempo esse documento, como sabemos Pessoa passa a escrever mais em português a partir de 1909, e como no documento há referência a República, proclamada em Portugal em 1910, podemos concluir que este testemunho é posterior a 1910. Essa lista revela também o diálogo estreito entre Pessoa e a política. Os títulos presentes demonstram um vasto interesse pela política que vai desde a administração colonial até a análise da república recém instaurada em Portugal. Outro aspecto muito relevante é a participação de Pantaleão neste documento. Pantaleão foi uma personalidade literária política muito importante no universo pessoano, no próximo capítulo analisaremos sua criação e inserção nos projetos de Fernando Pessoa. Nesse primeiro momento adiantamos que dois dos títulos presentes nesta lista foram atribuídos a Pantaleão: “A Nossa Administração Colonial” e “A Psychose Adeantativa.” Um título que chama a atenção nesta lista é “Portugal” sabe-se: que este foi o primeiro título pensado para **Mensagem**. “Portugal” é título de um poema épico-nacionalista, em cuja última página, com data de “Agosto-Setembo de 1910”, Pessoa anotou, posteriormente à implantação da república, em 5/10/1910: “Recentes e gloriosos dias tornaram visionária esta poesia superficial (LOPES, 1977, ilustração 42). A lista [BNP/ E3-48G-4¹] aponta para essa direção:



“ ‘Portugal’ e outros poemas.

I – Portugal.

<?> <Sonetos políticos.>

II.

| | |
|--------------------------------|----|
| J. Franco – soneto. | 1 |
| Reuniões franquistas – soneto. | 1 |
| (factual) – soneto. | 1 |
| ‘Samodães.’ | 1 |
| ‘L. d., sat. etc.’ | 2 |
| Symbolo esparto, cour, cruz. | 1 |
| A. Gomes Leal | 1” |

Essa lista demonstra que a ditadura de Franco causou tanto interesse em Pessoa que a sua denúncia constaria em seus projetos de prosa e de poesia. É importante perceber essa fluidez presente nos escritos pessoanos, como também a sua relação íntima com a política. Pessoa estabelece fortes elos entre a política e a estética. Seu país, Portugal era uma constante preocupação, e esse fato pode ser confirmado pelos testemunhos deixados. Teresa Rita Lopes utiliza a expressão “criador de civilização”, cunhada pelo próprio Pessoa. É interessante notar, que se em um primeiro momento, a situação de Portugal será enfatizada, após a amizade com Mário de Sá-Carneiro, Pessoa parece ampliar sua visão sobre a nação portuguesa, integrando-

a no complexo europeu. Prova disto foi a alteração do projeto da revista **Lusitânia** que passará a chamar-se **Europa**, tema tratado no próximo capítulo.

Em outra lista [BNP/E3-48-38], escrita em inglês e por isso possivelmente anterior a última aqui exposta, os projetos “*História de uma Ditadura*” e “Portugal” aparecem novamente juntos:

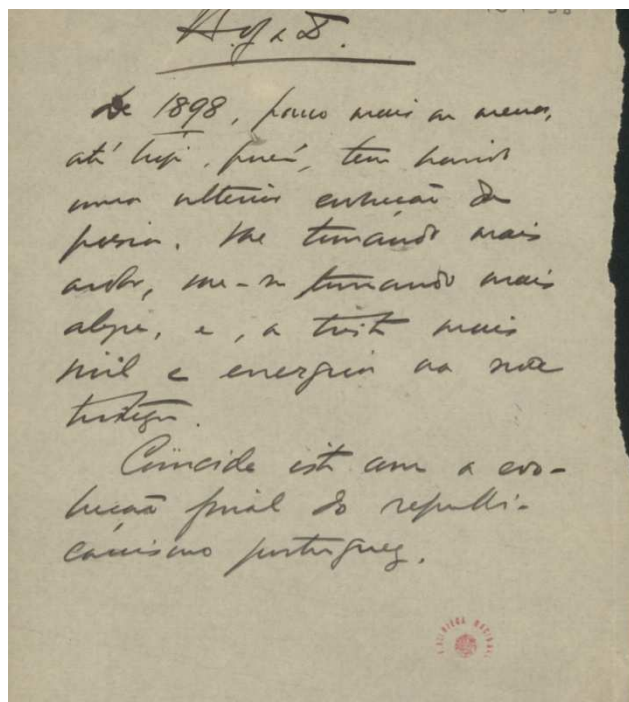
“*Plan of Work*
urgent
 History of a Dictatorship.
 The Pretendes Slavery in S^t Thomé.
 ‘Portugal’ – epic fragment.
 ‘Reacção – a novel.

Write to Springg, Pednicki, ?
 Let up ‘O Phosphoro’

Follow up ‘The Pretendes Slavery in S^t Thomé’
 with ‘Slavery ? in the British Colonies.’

Esse documento deixa claro que os projetos “*História de uma ditadura*”, “*Portugal*” e “*Reacção*” foram pensados em inglês, em um primeiro momento. Depois de migrar psiquicamente para a Lisboa, Pessoa pensa em concretizar tais projetos em língua portuguesa. Para além deste importante aspecto, a lista revela também que o projeto do periódico “*O Phosphoro*” foi contemporâneo de “*História de uma ditadura*”. “*O Phosphoro*” era um projeto de um periódico anti-monárquico e anti-clerical, como veremos no próximo capítulo, arquitetado antes da proclamação da república em Portugal (1910), o que nos leva a acreditar que essa lista é anterior ao ano de 1910. Em outro documento [BNP/ E3-Anexo F] Pessoa parece duvidar do destino do seu texto: na primeira linha do testemunho está escrito: “*Ph* ou *H. of a D.*”. Como ambos são projetos políticos e datam do mesmo período, Pessoa parecia confundir por vezes os limites destes projetos.

Outro fragmento do projeto “*História de uma ditadura*” [BNP/E3-92T-38] mostra como Pessoa estabeleceria uma ligação entre arte e política:



“H. of a D.

De 1898, pouco mais ou menos, até hoje, porém, tem havido uma ulterior evolução da poesia. Vae tomando mais ardor, vai-se tornando mais alegre, e, a triste mais viril e energica na sua tristeza.

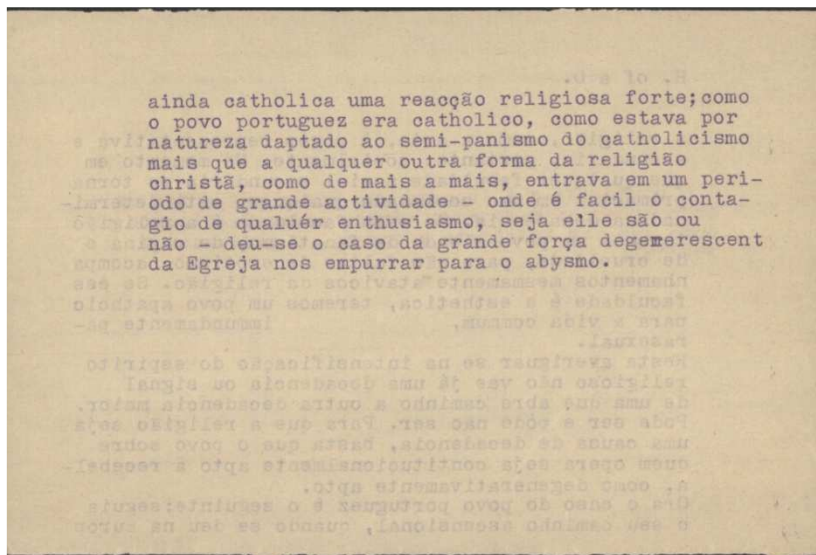
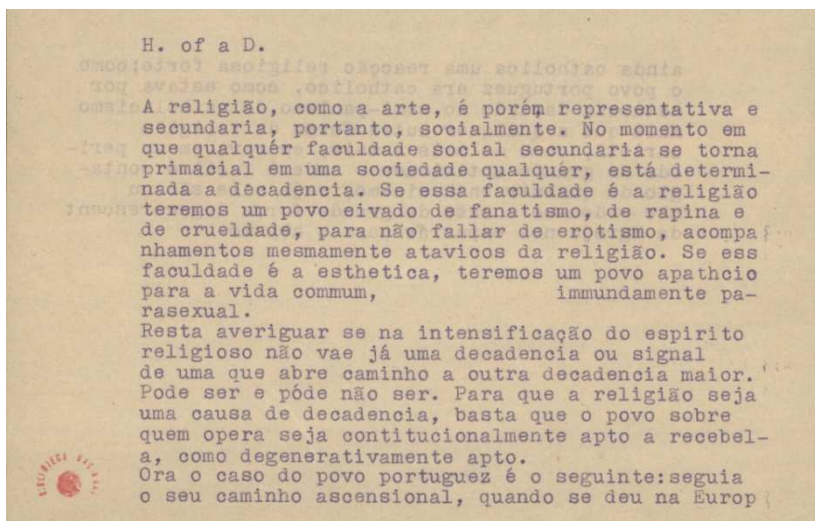
Coincide isto com a evolução final do republicanismo portuguez.”

Trata-se de um documento muito importante, pois aproxima a evolução poética da evolução republicana, desfazendo assim outro mito: o de que Pessoa foi sempre absolutamente monárquico.

Depois de uma análise séria e precisa dos documentos deixados em sua arca, fica a certeza de que Pessoa foi múltiplo em todos os aspectos, incluindo o aspecto político. Seria correto afirmar que essa fase pós-Durban foi uma fase republicana na criação pessoana, uma análise dos projetos e dos escritos deste período nos leva a essa conclusão⁷. Poesia e política estariam interligadas. Existem outros fragmentos nos quais esta relação entre literatura e política é patente: em um deles Pessoa substitui o título “Literatura Infeliz” por “*H. of a D.*”, em outros Pessoa refere-se a Camões, Antero e Shakespeare.

Para além desta relação entre política e estética, alguns fragmentos de “*História de uma ditadura*” polemizam a relação entre a religião e a política, como é o caso do testemunho [BNP/ E3-92L-6]:

⁷ O artigo publicado por Rui Sena na Revista Modernista on-line, (<http://www.iemodernismo.org/ojs3/index.php/Modernista/article/view/22/5>) mostra que existem evidências da participação ativa de Pessoa na militância republicana.



“H. of a D.

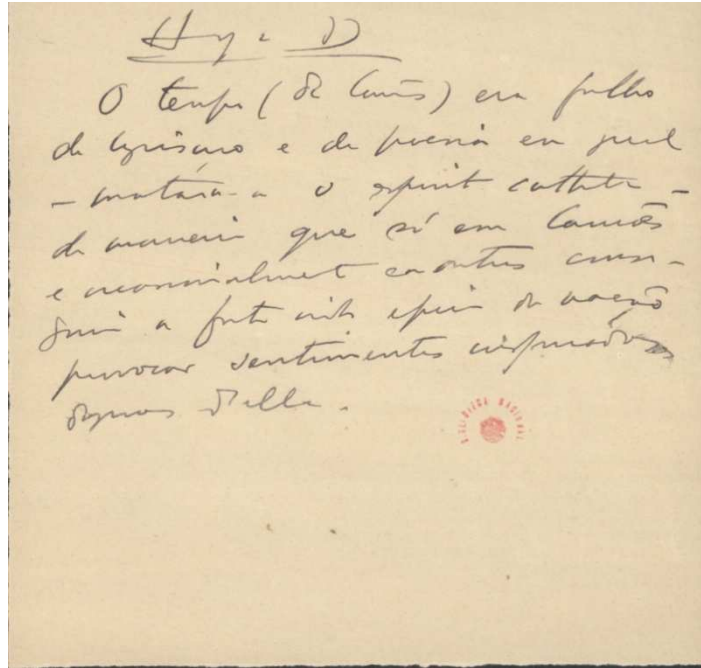
A religião, como a arte, é porém representativa e secundaria, portanto, socialmente. No momento em que qualquer faculdade social secundaria se torna primacial em uma sociedade qualquer, está determinada a decadencia. Se essa faculdade é a religião teremos um povo eivado de fanatismo, de rapina e de crueldade, para não fallar de erotismo, acompanhamentos mesmamente atávicos da religião. Se essa faculdade é esthetica, teremos um povo apathico para a vida commum, immundamente parasexual.

Resta averiguar se a intensificação do espirito religioso não vae já uma decadencia ou signal de uma que abre caminho a outra decadencia maior. Pode ser e póde não ser. Para que a religião seja uma causa de decadencia, basta que o povo sobre quem opera seja constitucionalmente apto a receber-a, como degenerativamente apto.

Ora o caso do povo portuguez é o seguinte: seguia o seu caminho ascensional, quando se deu na Europ[a] [6^v] ainda catholica uma reacção religiosa forte; como o povo portuguez era catholico, como estava por natureza adaptado ao semi-panismo do catholicismo mais que a qualquer outra forma da religião christã, como de mais a mais, entrava em um periodo de grande actividade - onde é fácil o contagio de qualquer enthusiasmo, seja elle são ou não - deu-se o caso da grande força degenerescent[e] da Egreja nos empurrar para o abysmo.”

Este fragmento pertenceria, provavelmente, à primeira parte do livro “H. of a D.” (Cap. 5. P[sychologia] da H[istoria]: Causas da decadencia. 1^a. A Egreja (discussão)

comp[aração] dos 3 estadios). Na concepção pessoana a relação entre política e religião era prejudicial para a nação. A decadência de Portugal estaria relacionada com a Igreja Católica. Em outro testemunho [BNP/E3-92L-12], ele aproxima a poesia de Camões do catolicismo:



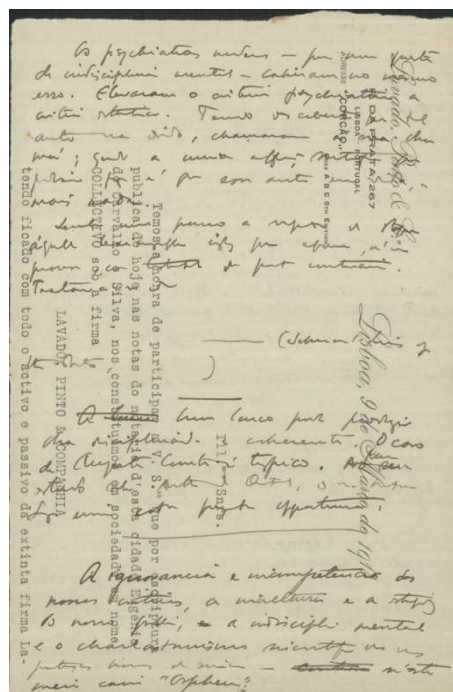
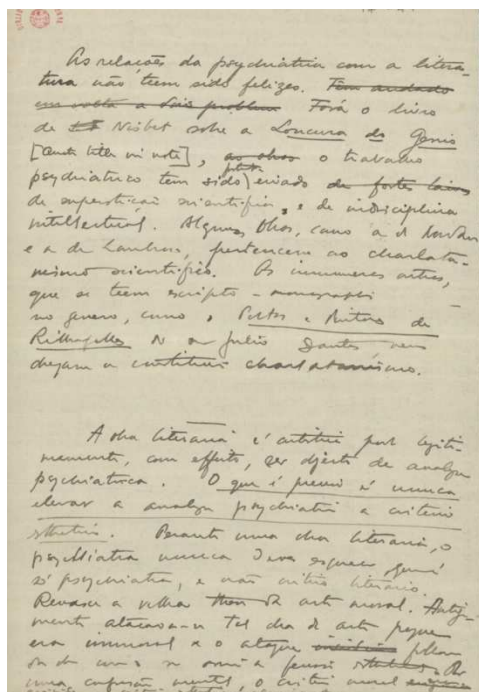
“H. of a D.

O tempo (de Camões) era filho de lyrismo e de poesia em geral – matava-a o espírito catholico – de maneira que só em Camões e nominalmente em outros conseguiu a forte vida épica da nação provocar sentimentos inspirados dignos d’ella.”

A relação entre Pessoa e Camões foi complexa. Apesar de tecer fortes críticas tanto à religião católica, quanto à poesia de Camões, neste fragmento Pessoa parece elogiar a literatura camoniana: embora influenciada pelo espírito católico, foi capaz de revelar fortes e dignos sentimentos em relação à nação portuguesa. Esse fragmento mostra também a extensão do projeto “*História de uma ditadura*” que passou por diversas fases: escrito inicialmente em inglês, depois se transforma em um projeto bilingue inglês/português. “*H. of a D.*” revela a existência de um crítico, de um homem que viveu as intensidades políticas de sua época e sobre elas tomou posição. A reconstrução da trajetória deste projeto é reveladora do universo criativo de Pessoa. As leituras psiquiátricas também exercem uma forte influência na escrita de “*História de uma ditadura*”, mostrando o intercâmbio entre ciência e literatura. A seguir mostraremos as críticas realizadas por Pessoa às leituras psiquiátricas.

2.3. Psiquiatria e arte

O importante no trabalho aqui desenvolvido é demonstrar qual a utilidade dos textos lidos por Pessoa sobre psiquiatria, psicologia e psicanálise. Pessoa não só estabelece ligações entre política e psicologia, como também entre psiquiatria e literatura, como podemos averiguar no testemunho [BNP/ E3-14²-47]:



“As relações da psiquiatria com a literatura não tem sido felizes. <Têm andado em volta a dois problem> Fôra o livro de Nisbet sobre a Loucura do Genio [Quote title in note], <as obras> o trabalho psiquiatrico tem sido [↑fortemente] eivado <de fortes laivos> de superstição científica e de indisciplina intellectual. Algumas obras, como a de Nordau e a de Lombroso, pertencem ao charlatanismo científico. As innumerables outras, que se teem escripto - monographias □ - no género, como o Poetas e Pintores de Rilhafolles do snr. Julio Dantas, nem chegaram a constituir charlatanismo.

A obra literaria e artistica pode legitimamente, com effeito, ser objecto de analyse psiquiatrica. O que é preciso é nunca elevar a analyse psiquiatrica a criterio esthetico. Perante a obra literaria, o psiquiatra nunca deve esquecer que é só psiquiatra, e não critico literario. Antigamente atacava-se tal obra de arte porque era immoral e o ataque <incidia> fallava da obra como se assim a ferisse estheticamente. Por uma confusão mental o criterio moral <erigiase> [↑era] erigido em criterio esthetico abusivamente.

[47^v] Os psiquiatras modernos - por uma questão de indisciplina mental - cahiram no mesmo erro. Elevaram o criterio psiquiatrico a criterio esthetico. Tendo descoberto que tal autor era doido, chamaram a sua obra má; quando a única affirmação scientifica que poderiam fazer era que esse autor era doido, e mais nada. Lembra um pouco a resposta de Pope áquelle lexicographo inglez que exprime, n'um processo, com testemunhas da parte contraria. Tratava-se de □

(Johnson's Lives of the Poets⁸, □)

⁸ Livro presente na Biblioteca de Fernando Pessoa: JOHNSON, 1890.

<A louco> Um louco pode produzir obra disciplinada e coerente. O caso de August Comte é típico. <No seu> [↑Num] estudo sobre Anthero de Quental, o sr. Antonio Sergio insere outra pergunta oportuna: □

A ignorancia e a incompetencia dos nossos criticos, a incultura e a estupidez do nosso publico, a indisciplina mental e o charlatanismo scientifico dos nossos pretensos homens de sciencia – <contra> n'este meio caiu 'Orpheu'.”

Fernando Pessoa escreveu este texto no verso de uma folha datada de 9 de Março de 1914, o que nos faz acreditar que o texto foi escrito após essa data. Esse fato é relevante porque a grande parte dos textos sobre psiquiatria foi redigido antes de 1914. A maioria destes textos encontra-se em língua inglesa⁹.

Há outro importante aspecto a ser ressaltado: a relação entre Pessoa e a psiquiatria lombrosiana. Durante as primeiras leituras realizadas sobre Lombroso o Poeta português vai fazer diversas anotações e desenhos, utilizando o conhecimento lombrosiano para atacar a figura de João Franco. Pessoa percebe, em seguida, que Lombroso estabelece uma relação entre o homem de génio e o epilético. A partir de então Pessoa vai tecer uma série de críticas ao pensamento de Lombroso. A principal crítica de Pessoa incidiu sobre o seguinte ponto: segundo Lombroso entre a epilepsia e a criminalidade existe um laço estreito, portanto, se a criação artística estiver também próxima da epilepsia, um bom raciocínio sobre a questão aproximará o criminoso do artista. Essa dedução deixa Pessoa tão irritado que Lombroso ganha o título de charlatão. Sabe-se que nesta época, o autor português, estava preocupado com sua sanidade mental. A visita ao médico Egas Moniz, em 1907, comprova esse fato. Toda essa crítica ácida aos psiquiatras, e em especial a Lombroso, que escreveu o **O Homem de génio**, lido por Pessoa, pode se relacionar com a íntima preocupação que tinha com a loucura. Apesar desta possível relação com a biografia do autor, acreditamos que essas críticas são realizadas não somente por um homem que teme a loucura, mas por um artista que defende a necessidade de separar duas áreas: psiquiatria e arte. Ou seja, como escreve Pessoa no testemunho citado: *“Um louco pode produzir obra disciplinada e coerente.”* Esse aspecto é muito importante por mostrar a relação que Fernando Pessoa estabelece com a obra de arte: o autor não é o aspecto fundamental, nem estrutural, o autor pode ser louco e a obra coerente. Talvez neste ponto possamos explicar o fator da despersonalização pessoana. Talvez por isso existam em seu espólio tantos textos em busca de um autor e tantos projetos que são assinados pelas mais diversas personalidades, onde inclusive o ortónimo participa como mais uma máscara. Desde muito cedo o relevante para Pessoa é a obra e não o autor.

⁹ É importante deixar claro que Fernando Pessoa escreverá durante toda a sua vida em inglês e em português, além do francês. Mas, na primeira parte dela, grande parte dos seus textos e poemas foi escrita em língua inglesa.

A referência às obras de Nisbet e de Lombroso aparece no documento [BNP/E3-14³-10] do espólio, onde Pessoa enfatiza novamente a relação entre a psiquiatria e literatura:

“É quase impossível a um psychiatra não ser um charlatão. As infelizes condições da sua sciencia a tal obrigam.

O que nos interessa é as relações entre a psychiatria e a literatura. Em geral, ellas teem sido infelizes. Teem sido de duas especies. A primeira é a these psychiatrica da loucura, ou da nevrose, do genio. N’esta orientação, o livro melhor é o de Nisbet, e o mais celebre o de Lombroso. Assim tinha de ser. Em todos os tempos os charlatões obtiveram mais de prompto a attenção e o interesse das turbas. Seus methodos – de espalhafato e arrojio theorico – lhes garantem a tristeza de tal celebridade.

Farta-me a esquiissa, historiando a génese da theoria a que me refiro. Ella está em qualquer trabalho do genero, em introducção. Como intuição, a hypothese de que genio e anormalidade mental são parentes ou visinhos, é de maior antiguidade que a sciencia; mas do genio, disse □ Na forma chamada scientifica data, clarivamente, de uma phrase de Moreau (de Tours). ‘O genio’, disse este, ‘é uma nevrose.’ Sobre tal □, assim lançada se ergue a superestrutura da investigação moderna sobre o assumpto. Disse já que o melhor livro é o de Nisbet, e que o mais celebre é o de Lombroso. Não ha mister dizer mais. Nem é preciso mais, ou tanto, ao progresso de uma /analyse/. Iremos directo/s/ aos fatos. Renovaremos a analyse d’elles á luz do nosso raciocinio. Lograremos, quiçá, melhor comprehensão d’elles que a luz fria dos psychiатras.”

Pessoa, neste texto, estreita a relação entre charlatanismo e psiquiatria. Critica a relação até então estabelecida entre literatura e psiquiatria. Como já foi dito, é sobre nesse ponto específico que se encontra a resistência pessoana em relação a psiquiatria: a análise da obra de arte passando pela questão do homem de génio, considerado mentalmente anormal. Pessoa refletiu sobre a criação artística e para ele as esferas da psiquiatria e da estética não se tocam, não se comunicam. A luz do conhecimento psiquiátrico não pode, nem deve incidir sobre a obra de arte. No que diz respeito à política, a postura de Pessoa é oposta. Como já foi demonstrado e explicado, o nosso autor acha lícito transferir as reflexões psiquiátricas para a esfera política.

Em outro testemunho, posterior a 1912¹⁰ [BNP/E3-15B³-81 a 85], encontramos novamente uma crítica a Lombroso e aos psiquiатras que tendem a analisar a obra de arte a partir do autor:

¹⁰ Esse texto é uma resposta ao Dr. Júlio de Matos que se manifestou na polémica que os artigos de Pessoa, na revista **Águia**, desencadearam a partir de 1921, chamando doído aos novos poetas.

A superstitias científicas. O
psiquiatra tende a ser mais
psicólogo

O psiquiatra vê nos fenômenos
estranhos e tenta uma análise, em
seus termos. Mas não é por isso
que está com vidas. Alguns são
unipolares. São os de um eixo.
Os outros são os curvos, são os que
são omnípares.

O caso de Lombroso é típico. Ele vi-
fe;

O charlatão italiano (acabou o espírito,
por causa da "justiça immanente")



O mínimo talento do sr. J. J. de
Mello parece - e com alguma ex-
tração - de ser o mesmo que
Lúcio foi com ele.

O sr. G. M. J. parece ter a
jeira, em opor-se, mas sua posi-
ção é pensada contra a multa
do Porto

Tenho a impressão de que todos
eles são os partidos de trinta
filhos.

O seu interesse é -----

garante - os atos - por?

O ~~reporter~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~interesse~~ ~~em~~ ~~...~~
mas ~~o~~ ~~seu~~ ~~interesse~~ ~~em~~ ~~reportar~~ ~~garantir~~
a ~~inteligência~~ ~~de~~ ~~psiquiatria~~?



“A *superstição científica*.

O *psychiatra* tende a crer que é *psicologo*.

O *psychiatra* vê nas *phases* extranhas dos *poetas* uma *semelhança* com a dos *doidos*. *Mas isso é porque elle não lida senão com doidos*. É um *ignorante*. Sabe só de um *assumpto*. Por isso não vê as *cousas* senão em *relação* a esse *assumpto*.

O caso de *Lombroso* é *typico*. Este *infeliz* □

O *charlatão italiano* (acabou *espírita* por causa da ‘*justiça immanente*’) □

[82^r] O *immenso talento* de *dr. Julio de Mattos* parece-se com *aquelle* *immenso talento* do *individuo* que o *leitor* já *conhece*.

O *snr Egas Moniz* *pertence* á *geração* que *apanha* na sua *mocidade* o *periodo* entre a *revolta* do *Porto* □

Tenho a *impressão* de que *todos elles* são do *partido* de *Hintze Ribeiro*.

O *jovem entrevistado* é □

garante-nos isto – *quem?*

O *repórter* que o *entrevista*...

Mas então os *reporters* aqui *garantem* a *intelligencia* dos *psyquiатras*?

[83^r] O que *mais me indigna* não é que *estes parvos* da *sciencia* tenham *estas opiniões*. É que *elles gosem*, no *nosso meio* de *idiotas*, do *prestígio* *sufficiente* para que a *essas opiniões* se *ligue* *importância*. Em *outro paiz* *qualquer*, um *pretenso* *homem* de *sciencia* que *produzisse* *aquelle* □ do *Caso Guisado* *perdia* a *clientela*. Que *especie* de *idiota* é *este!*

Se *nós fizéssemos* um *estudo* *psychiatrico* dos *psychiatras*? *Valia talvez* a *pena*.

A *indisciplina intellectual*...

Além d’isso os *psychiatras* *ainda* são *portugueses* e *reles*. *Trazem* os *vincos* que *lhes deixaram* os *meios políticos* e *sociais* onde *viveram*. O *Dr. Egas Moniz* é o *Conselheiro Accacio* da *neurologia nacional*. *Nunca* tem uma *opinião propria*. *Nunca* *esculpiu* *relevo* em uma *única phrase*. *Seguiu* *sempre*.

[84^r] Os *nossos psychiatras* *estudaram* *psychiatria*. *Estão* *portanto* *competentes* para *dar* um *opinião* sobre *assumptos* *psychiatricos*. Se *tivessem* *estudado* *biologia*, *estariam* *competentes* para *darem* *opinião* sobre *assumptos* *biologicos*. Para *dar* uma *opinião* sobre *literatura*, *parece*, *pois*, que *era mister* que *tivessem* *estudado* – *não* *psychiatria*, que só *habilita* a *opinar* sobre *psychiatria* – *mas* *literatura*. *Estudaram* *elles* *literatura*?

Veja-se *esta phrase* do *neurologista anonymo* que *produziu* *aquelle* *primor* do *Caso Guisado*: ‘*nada* de *pontuação*.’ *Esta* *besta* *desconhece* *Mallarmé*.

‘*Esta* *besta?*’ *Porque* ‘*esta* *besta?*’

Bom, *desconhecer* *Mallarmé* *equivale*, *hoje*, a uma *grave* *falta* de *cultura* *literaria*. *Não* *levo* a *mal* a um *psychiatra* que *desconheça* *Mallarmé*. *Mallarmé* *não* é um *tratadista* do *género*. *Mas* *levo-lhe* a *mal* que *falle* sobre *literatura*, *sem* *cultura* *literaria* *nenhuma*.

[85^r] Se o *estudo* *mental* tem *impostores*, como é *permitido* o *sr. Julio de Mattos*, se o *medico* da *penitenciaria* foi por *duas* *vezes* que *esteve*, *louco* em *abstracto*, *atado* num *hospício* de *alienado*?

É a *mania* de *exaltação*, o *delirio* da *insidia*?...E *porque* *não* ha de *ser* *tudo* *isso* *misoneismo* da *parte* dos *psychiatras*? *Se* *vamos* a *isso*, *porque* *não* ha de *ser* *assim*?...”

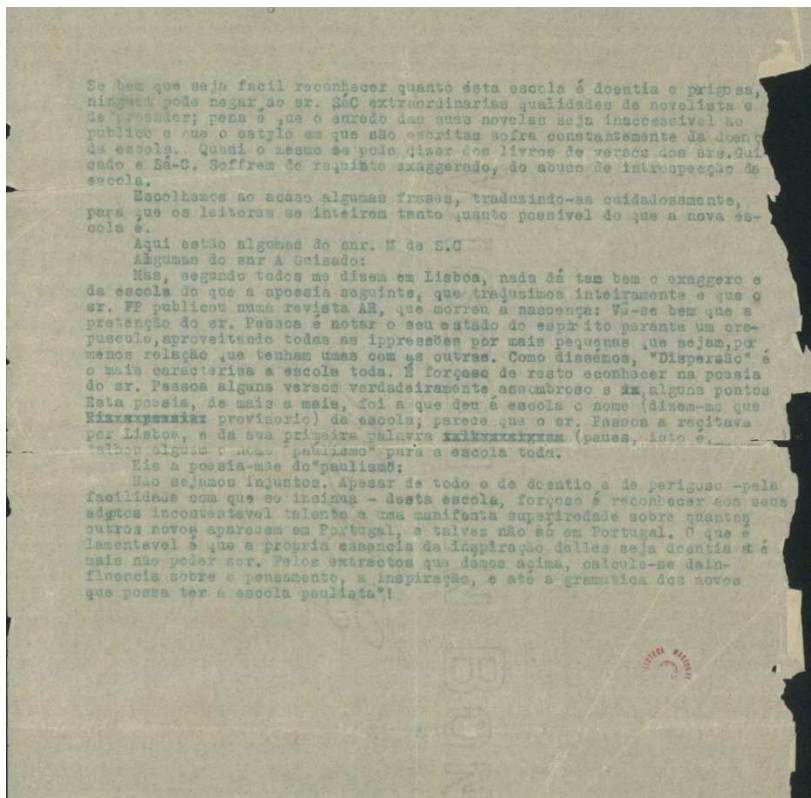
O texto presente neste fragmento dialoga com o anterior, para além de aparecer novamente o ataque explícito ao pensamento de Lombroso, há também a crítica pessoal sobre a posição do psiquiatra em relação à arte. Para o poeta português o psiquiatra não tem o direito de opinar sobre a criação artística, o psiquiatra, não é capacitado para dizer algo sobre a arte. A primeira frase deste texto também é muito interessante – “*O psychiatra tende a crer que é psicologo*” – pois se em muitos escritos pessoais estas duas ciências se misturam

(psiquiatria e psicologia), aos poucos Pessoa parece estabelecer uma distinção entre elas. No fragmento [BNP/ E3- Documento O], Lombroso e Nordau são considerados charlatões. Na Biblioteca pessoal de Fernando Pessoa constam cinco livros de Max Nordau: **Paradoxes sociologiques, Vus du dehors, Psycho-physiologie du génie et du talent, Paradoxes psychologiques, On art and artists**. Para além destes livros, sabe-se que Pessoa leu também o livro *Dégénérescence* de Nordau, segundo o investigador Nuno Ribeiro (RIBEIRO-2011, p.84), pois este livro aparece em quatro listas pessoais e em testemunhos de anotações de leitura do mesmo¹¹. Numa das notas de leitura sobre o livro **Dégénérescence** consta o nome de Alexander Search, trata-se do documento [BNP/E3-Anexo G]. Como veremos de forma mais pormenorizada no segundo capítulo, Alexander Search, personalidade literária de Fernando Pessoa, participa de forma importante e decisiva nas actividades desenvolvidas pelo autor português nesta fase pós-Durban. No documento anterior há também referência ao pensamento desenvolvido por John Ferguson Nisbet em seu livro **The insanity of genius and the general inequality of human faculty, physiologically considered**, exemplar presente na Biblioteca pessoal do Poeta português. Nisbet, ao contrário de muitos psiquiatras culpados de charlatanismo, teria, segundo Pessoa, um raciocínio sobre a literatura ilibado da “superstição científica e da indisciplina intelectual.” Júlio Dantas, médico, político e escritor português contemporâneo de Pessoa, também é referido neste mesmo documento, com menosprezo, sua obra seria tão insignificante que nem chegaria a constituir charlatanismo¹².

Nestes três últimos documentos transcritos fica evidenciado que: se, num primeiro momento, a leitura sobre a psiquiatria encanta Pessoa e ele canaliza seu conhecimento para a sua criação artística, (como foi referido na elaboração de projetos sobretudo de caráter político), em um segundo momento, Pessoa faz muitas críticas as teorias psiquiátricas (principalmente a Lombroso e Nordau), pois parece perceber que assim como utiliza as noções de degenerado e criminoso para analisar, por exemplo, Franco, os psiquiatras fazem também análise de muitos artistas a partir de uma lente psiquiátrica, onde o homem de génio se aproxima do degenerado. Para Pessoa era preciso separar os campos da psiquiatria e da estética. Para ele, os laços entre análise estética e análise crítica de uma obra de arte não poderiam ser demasiado estreitos. O psiquiatra teria o direito de analisar o homem, nunca sua obra. Trata-se de um aspecto paradoxal no pensamento pessoano, pois Pessoa utiliza o conhecimento psiquiátrico adquirido através de suas leituras para criticar o homem e o

¹¹ Ainda segundo Nuno Ribeiro, foi a partir de *Dégénérescence* que Pessoa teceu grande parte de suas reflexões sobre a escrita e o pensamento de Nietzsche.

¹² Em 1915, Almada Negreiros, “poeta D’ORPHEU”, distribuiu por Lisboa o “Manifesto Anti-Dantas”, um texto ácido sobre o pensamento de Júlio Dantas.



“A Nova Doença na Literatura Portuguesa

Desde a “Degenerescencia” de Nordau, a atenção de muitos criticos tem sido chamada para existencia de elementos morbidos na literatura, e sobretudo, em certas manifestações da literatura contemporanea. Por graves que tivessem sido as criticas feitas no livro de Nordau, alguma coisa ficou d’elle, e será difficil pretender-se hoje que o symbolismo francez representa um movimento literario inteiramente são e absolutamente renovador, porque, visto que não é inteiramente são, não pode renovar, mas apenas corromper.

Se o movimento symbolista francez é uma manifestação morbida, faltam palavras para dizer o que será o movimento literario que presentemente se esboça em Portugal. Se bem que vá ainda em começo — praza a Deus que nunca de ahi passe! — é já uma escola nitidamente caracterizada e differente das outras. E o que nella é essencialmente perigoso é o seu inexplicável poder de crear adeptos, de influenciar espiritos. Se reflectirmos que elle é ainda por assim dizer uma escola silenciosa (ou quasi silenciosa) e occulta, sua influencia é verdadeiramente espantosa, tanto mais que á primeira vista parece incrivel que uma tal anormalidade consiga arregimentar não só gente que escreva e se filia em tal corrente, mas um grande numero de gente que, não escrevendo, se dá por comprehendedora do que esses homens escrevem.

Vendo bem, não é totalmente inexplicável essa influencia. As condições da vida moderna, as peripecias políticas e sociaes que em todos os estados se dão hoje, criam não só uma predisposição latente para a doença em quasi todos os espiritos, e sobretudo nos fracos e semi-artísticos [1^v] mas tambem um desejo furioso de novidade que é talvez o que na arte corresponde ao espirito revolucionario nas sociedades.

Entre nós conhece-se pouco a literatura portuguesa. Mas mesmo que se conhecesse muito seria difficil determinar de onde esta nova escola vem. Depois da França, foi Portugal, ainda que poucos o saibam, quem teve uma escola symbolista caracterizadamente tal; dela ficaram apenas dois nomes, se tanto: Eugenio de Castro e Antonio Feijó. Mas a nova escola de que fallamos, além de nada ter com essa, nem ao symbolismo francez (com o qual tem certas similhaças, provenientes talvez de um comum elemento doentio) se aparenta propriamente.

Será difícil dar ao leitor uma idéa sequer aproximada do que seja essa nova escola, tanto porque no enquanto pouquíssimos livros ha publicados della, como porque é de si tão complexa, tão confusa que não há maneira de a definir.

O chefe da escola não sei bem que[m] seja, mas ou é o sr. Fernando Pessoa ou o sr. Mário de Sá-Carneiro. Pelo modo como os iniciados fallam, é o primeiro. O sr. F[ernando] P[essoa] não tem livro nenhum publicado. Não sei se é para fazer o papel de um Mallarmé portuguez, ou é porque não tenha conseguido, o que se pode acreditar, que algum editor lhe publique uma obra. O snr. Mário de S[á] C[arneiro] tem três livros, o primeiro fóra da nova escola ainda, os dois segundos, publicados simultaneamente ha pouco, plenamente nella. São mesmo, com o livro de versos «Distância» de um outro adepto, o sr. A[ntónio] P[edrol] G[uisado], os únicos livros que a nova escola tem. Um dos livros do sr. S[á] C[arneiro] é uma novella, outro é um livro de versos. (Chamam-se respectivamente «A Confissão de Lúcio» e «Dispersão», titulo este último que dá maravilhosamente o estado de alma de qualquer dos adeptos da escola).

[2^a]Se bem que seja facil reconhecer quanto esta escola é doentia e perigosa, ninguem pode negar ao sr. Sá C[arneiro] extraordinarias qualidades de novelista e de prosador; pena é que o enredo das suas novellas seja inacessivel ao publico e que o estylo em que são escritas sofra constantemente da doença da escola. Quase o mesmo se pode dizer dos livros de versos dos srs. Guisado e Sá-C[arneiro]. Sofrem de requinte exaggerado, do abuso de introspecção da escola.

Escolhemos ao acaso algumas frases, traduzindo-as cuidadosamente, para que os leitores se inteirem tanto quanto possível do que a nova escola é.

Aqui estão algumas do snr. M[ário] de S[á] C[arneiro] □

Algumas do snr. A[ntónio] Guisado: □

Mas, segundo me dizem em Lisboa, nada dá tão bem o exagero da escola do que a poesia seguinte, que traduzimos inteiramente e que o sr. F[ernando] P[essoa] publicou numa revista A R[enascença], que morreu á nascença: Vê-se bem que a pretensão do sr. Pessoa é notar o seu estado de espirito perante um crepúsculo, aproveitando todas as impressões por mais pequenas que sejam, por menos relação que tenham umas com as outras. Como dissémos, «Dispersão» é o [que] mais caracteriza a escola toda. É forçoso de resto conhecer na poesia do sr. Pessoa alguns versos verdadeiramente assombrosos e alguns pontos □. Esta poesia, de mais a mais, foi a que deu à escola o nome (dizem-me que provisório) da escola; parece que o sr. Pessoa a recitava por Lisboa, e da sua primeira palavra (paues, isto é □) talhou alguém o nome «paúlismo» para a escola toda.

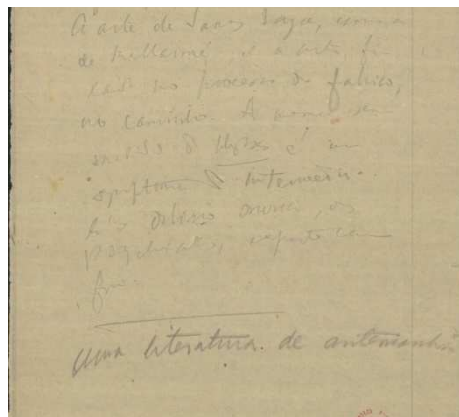
Eis a poesia-mãe do «paúlismo»: □

Não sejamos injustos. Apesar de todo o de doentio e de perigoso — pela facilidade com que se insinua — desta escola, forçoso é reconhecer aos seus adeptos incontestavel talento e uma manifesta superioridade sobre quantos outros novos aparecem em Portugal, e talvez não só em Portugal. O que é lamentável é que a própria essencia da inspiração delles seja doentia a mais não poder ser. Pelos extractos que démos acima, calcule-se da influencia sobre o pensamento, a inspiração, e até a gramatica dos novos que possa ter a escola «paulista»!

A poesia que Pessoa iria colocar neste texto foi publicada em Fevereiro de 1914 na revista **Renascença**. Cientes deste fato podemos afirmar que esse documento é posterior a essa data. Percebe-se que a leitura do livro de Nordau (**Dégénérescence**) foi de fundamental importância para o autor português e sua época. O diálogo com o Paulismo neste documento é muito relevante. Esse movimento estético conjecturado por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro tornou-se público em Fevereiro de 1914, com a publicação do poema “*Paues de roçarem de ânsias pela minha alma em ouro...*” na revista **Renascença**. No terceiro capítulo desta Tese, esse movimento é analisado.

No documento [BNP/E3-14⁴-1 e 2] Pessoa entrelaça mais uma vez psiquiatria e estética. O livro de Nordau que teve grande recepção em toda a Europa, serve como modelo para o autor português, na medida em que estava disposto a criar uma polémica como a que Nordau criou com seu livro **Dégénérescence**. O título do documento é muito provocador, “A Nova Doença na Literatura Portuguesa.” A nova doença era justamente a corrente estética, o Paulismo, criada por Pessoa e Sá-Carneiro. Há uma ironia latente, uma crítica à noção de degenerescência tão utilizada por Max Nordau. Pessoa, “criador de civilização”, como defende Teresa Rita Lopes, queria modificar o curso da literatura portuguesa. Essa ironia pode ser averiguada, por exemplo, no trecho em que Pessoa afirma: “Se o movimento simbolista francez é uma manifestação mórbida, faltam palavras para dizer o que será o movimento literário que presentemente se esboça em Portugal.” Uma referência irônica evidente à crítica que Nordau faz sobre o simbolismo francês. O documento citado mostra como a psiquiatria está relacionada com as actividades pessoanas desta época.

Em outro testemunho [BNP/E3-14⁴-70], Pessoa aproxima a noção de delírio onírico com a arte de Joyce e de Mallarmé: “A arte de James Joyce, como a de Mallarmé, é a arte fixada no processo de fabrico, no caminho. A mesma sensualidade de *Ulysses* é um symptoma de intermedio. É o delirio onírico, dos psychiatras, exposto como fim.”



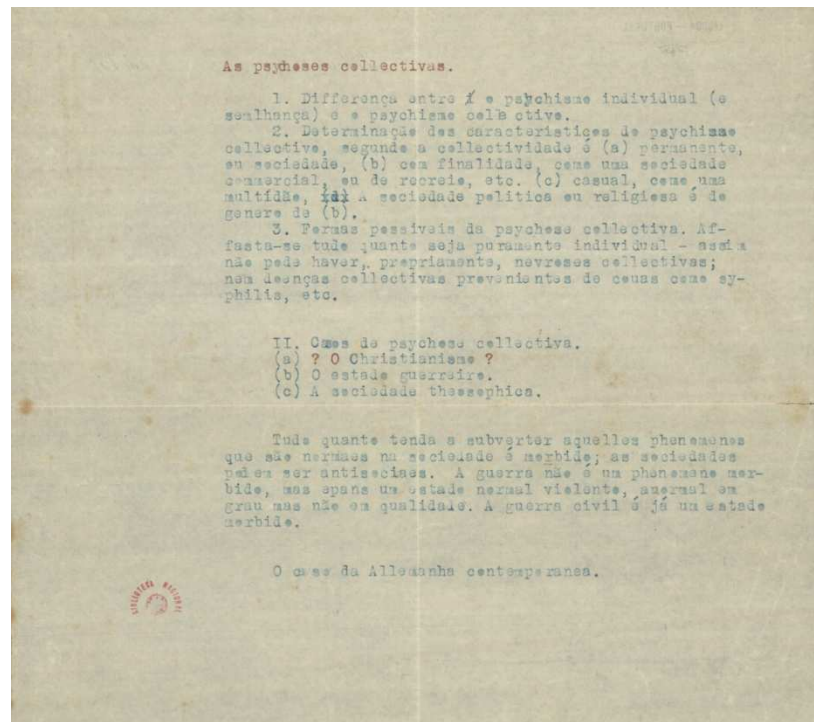
Pessoa foi leitor de Joyce, em sua biblioteca particular existe um exemplar de **Ulysses** (JOYCE, 1932) e as muitas referências em documentos do espólio, evidenciam que também foi leitor de Mallarmé. Esse testemunho é também uma crítica a escrita de Joyce e Mallarmé, pois a escrita de ambos é tomada como um sintoma de “intermédio”, com um teor de delírio onírico. **Ulysses**, obra referencial da literatura canónica, é diagnosticada pelo autor português como um sintoma de “intermédio”. A complexa relação entre Pessoa e o intermédio, uma questão que permeou outros autores de sua geração, entre eles seu grande amigo e escritor Mário de Sá Carneiro, que registrou esse incômodo em relação ao intermédio em seus versos (“Eu não sou eu nem sou outro,/Sou qualquer coisa de intermédio./Pilar da ponte do

tédio/Que vai de mim para o Outro - SÁ-CARNEIRO, 1996, P.80), foi amplamente tratada no livro, **O Teatro da Vacuidade ou a impossibilidade de ser eu**”, do filósofo e ensaísta português Paulo Borges. (Borges, 2011) Este escrito é importante porque mostra um lado do Pessoa psiquiatra, que depois de suas leituras sobre o funcionamento do psiquismo humano, não só diagnosticou o ditador português João Franco, como realizou também diagnósticos das obras de Joyce e Mallarmé.

Todos os documentos apresentados nesta secção mostram a faceta do Pessoa crítico, tanto dos métodos psiquiátricos para analisar as obras artísticas (no caso, literárias), como para analisar a obra de outros escritores, como ficou evidente no último fragmento. Os testemunhos aqui analisados revelam toda a mobilidade dos escritos pessoanos, a fluidez da sua literatura que migra para as mais vastas áreas do saber.

2.4 - Psiquiatria, política e religião

Essa relação estabelecida por Fernando Pessoa entre o funcionamento do psiquismo humano e a política, pode ser constatada no texto [BNP/E3-15B³-25], que não reflete especificamente sobre Portugal, mas sobre as psicoses, texto no qual o caso político da Alemanha é citado:



“As psychoses collectivas

1. Diferença entre <i> o psychismo individual (e semelhança) e o psychismo colectivo.
2. Determinação das características do psychismo colectivo, segundo a collectividade é (a) permanente eu sociedade, (b) com finalidade, como uma sociedade commercial, eu creio, etc. (c) casual, como uma multidão, <x(d)> A sociedade política ou religiosa é de género de (b)..
3. Formas possíveis de psychose collectiva. Affasta-se tudo quanto seja puramente individual – assim não pode haver, propriamente, nevroses collectivas; nem doenças collectivas provenientes de cousa como syphilis, etc.

II. Casos de psychose collectiva.

- (a) ? O Christianismo ?
- (b) O estado guerreiro
- (c) A sociedade theosophica.

Tudo quanto tende a subverter aquelles phenomenos que são normaes na sociedade é mórbido; as sociedades podem ser antisociaes. A guerra não é um phenomeno morbido, mas apenas um estado normal violento, anormal em grau mas não em qualidade. A guerra civil é já um estado mórbido.

O caso da Allemanha contemporânea.”

P. Hochart: Etudes d'Histoire Religieuse.
 Havet: Le Christianisme et ses Origines.
 Dr. Ginsburg: The Essenes.
 Dr. J. Barr Mitchell: Chrestos: a Religious Epithet, its Import and Influence.”

Essa extensa lista demonstra o interesse de Pessoa pelo cristianismo. Educado em colégio de freiras irlandesas, quando retorna definitivamente de Durban parece adotar em relação ao cristianismo uma posição semelhante à de Antero de Quental em sua época de faculdade. O livro **Notas sobre os sonetos e as tendências geraes da philosophia de Anthero de Quental** da autoria de António Sérgio consta na biblioteca pessoal de Pessoa. Neste livro encontra-se a carta escrita por Antero a seu tradutor alemão Wilhelm Storck, onde Antero confessa seu estado de dúvida em relação ao cristianismo: “(...) varrida de mim toda a minha educação catholica e tradicional, cahi num estado de duvida e incerteza (...)” (SÉRGIO, 1909, p. 154) O mesmo parece ter ocorrido com Pessoa, que a partir do seu retorno definitivo da África do Sul, começa a questionar o cristianismo.

O documento [BNP/E3-15B³-25] já citado aponta nesta direção, bem como a lista citada. Num outro fragmento do espólio lemos: “o psychiatrismo ingénuo de Dr. Binet-Sanglé.” Essa frase provavelmente se refere ao livro do Dr. Binet-Sanglé, o primeiro da lista indicada, livro que causou uma grande polémica em sua época. Há um diálogo entre Pessoa e essa obra, o documento [BNP/E3-Anexo J] que será analisado no segundo capítulo, evidencia que um dos projetos de Alexander Search seria justamente “A perturbação mental de Jesus”, que teria uma evidente relação com **La Folie de Jésus** de Binet-Sanglé. No caderno [BNP/E3-144D-1] aparece uma grande lista de trabalhos portugueses, no qual consta a intenção de escrever em português a crítica ao livro de Binet-Sanglé:

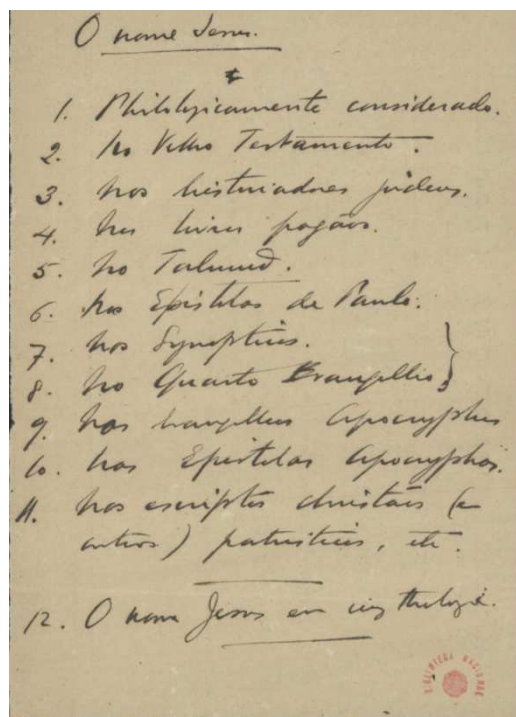
“Portuguese works

- A -

1. “Introducção ao estudos das sciencias.”
2. “O Christianismo.”
3. “Tratado de Racionalismo Transcendental.”
4. “Historia da Literatura Inglesa.”
5. “Tratado de Esthetica.”
6. “Anarchismo e Socialismo.”
7. “Feminismo.”
8. “Jesus era louco?” (Crit. B[inet]-Sanglé)
9. “Phsycologia dos Metaphysicos.”
10. “Problemas de Moral.”
11. “Sophismas.”
12. “Cartas do snr. Pantaleão.”
13. “Visões do snr. Pantaleão.”
14. “Pamphletos.”
15. “O Novo Pytagoras.”
16. “Academia dos Alienados.”
17. “Ensaio de Literatura.”
18. “Ensaio de filosofia.”
19. “Ensaio de crítica religiosa.”

20. "Artigos."
21. "O genio."
22. "A loucura."
23. "O crime."
24. "Do Rythmo."
25. "Origem da Moral."
26. □
27. □"

Esse documento não deixa dúvidas sobre a intenção pessoal de criticar o livro do Dr. Binet-Sanglé, **La Folie de Jésus**. É interessante perceber que o nome de Alexander Search não aparece neste testemunho. Fato que aponta em duas direções opostas: 1) essa lista seria uma primeira organização dos trabalhos a serem realizados, que num segundo momento receberiam outras assinaturas, 2) Pessoa pensou em assinar esse projeto, agora, escrito em português, uma língua possivelmente não dominada por Search. Outro aspecto importante presente neste testemunho: a presença da personalidade literária Pantaleão. Suas cartas e visões possuíam caráter político, como veremos no segundo capítulo. A análise deste documento também permite afirmar o interesse que Pessoa tinha em escrever sobre a religião cristã. Essa foi uma preocupação que o acompanhou durante toda a sua vida. Em seus projetos constam títulos como os que já apresentamos, "As origens do cristianismo", "O cristianismo", entre outros. No documento [BNP/E3-48G-14] escrito após 1910¹⁴ aparece outra lista, possivelmente de outro projeto, com o título "O nome de Jesus":



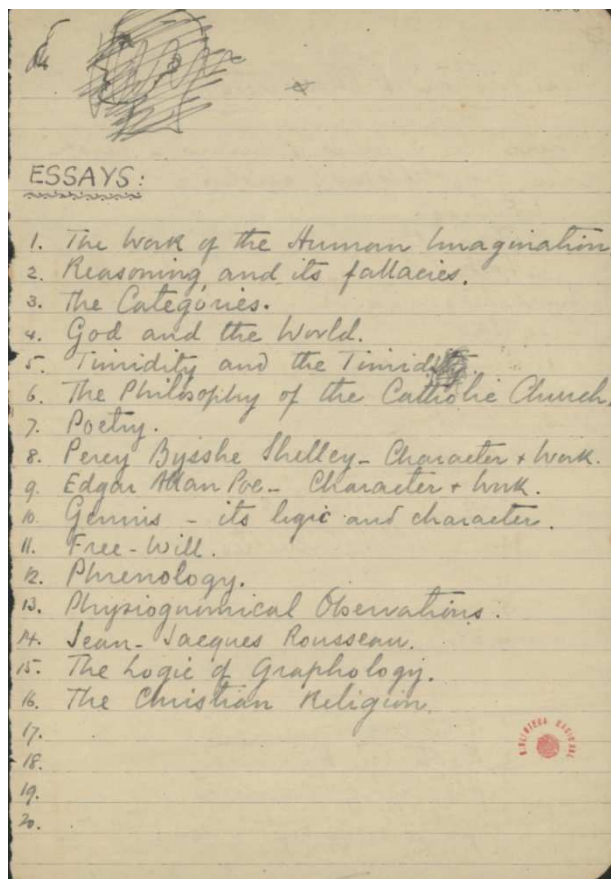
¹⁴ O verso do papel é da Empreza Ibis, fundada em 1909.

“O nome de Jesus

1. Philologicamente considerado.
2. No Velho Testamento.
3. Nos historiadores judeus.
4. Nos livros pagãos.
5. No Talmud.
6. Nas Espistolas de Paulo.
7. Nos Synopticus.
8. No Quarto Evangelho.
9. Nos Evangelhos Apocryphos.
10. Nas Epistolas Apocryphas.
11. Nos escriptos christãos (e outros) patristicos, etc.
12. O nome Jesus em vez de theologia.”

No documento [BNP/E3-48G-14], Pessoa deixou registrados doze títulos sobre a religião cristã, evidenciando seu interesse pelo assunto. A lista “O nome Jesus” revela um certo *modus operanti* do autor português. Primeiro a realização de muitas leituras, aprofundando o conhecimento sobre um assunto que lhe interessava, a seguir a transformação do conhecimento adquirido em literatura, ciência transformada em ficção, em projeto, muitas vezes não realizado no universo pessoano.

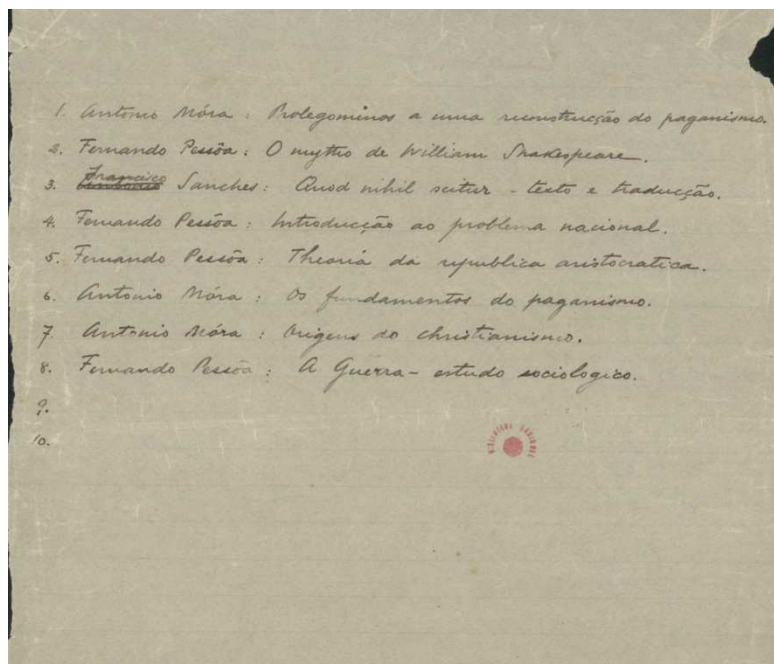
Em outra lista [BNP/ E3-48B-6] de ensaios, que pelo tipo de papel, pelo conteúdo e por estar escrito em inglês é provavelmente anterior ao ano de 1910, ou seja, anterior ao documento acima transcrito, aparece o título de um possível ensaio “A religião cristã”:



“ESSAYS:

1. The Work of the Human Imagination.
2. Reasoning and its fallacies.
3. The Categories.
4. God and the world.
5. Timidity and the Timid<ity>.
6. The Philosophy of the Catholic Church.
7. Poetry.
8. Percy Bysshe Shelley - Character and Work.
9. Edgar Allan Poe – Character and Work.
10. Genius – its logic and character.
11. Free-Will.
12. Phrenology.
13. Physiognomical Observations.
14. Jean-Jacques Rousseau.
15. The Logic of Grafology.
16. The Christian Religion.
17. □
18. □
19. □
20. □”

Nesta lista estão representadas as mais diversas áreas do conhecimento: filosofia, frenologia, literatura, religião. Quando retornou de Durban para residir em Lisboa, Pessoa estava interessado sobretudo nas ciências da mente, psiquiatria e filosofia. Aos poucos foi alargando suas leituras, estudando frenologia e grafologia. O escritor não poderia deixar de transformar seus conhecimentos em criação literária e assim elaborou essa lista de ensaios. O tema da religião cristã aparece em dois tópicos: “A filosofia da Igreja Católica” e “A religião cristã.” O cristianismo persiste na medida em que a criação pessoal cresce. Poderíamos pensar que o autor português, que nasceu no dia de Santo António, tentou durante a sua vida encontrar um lugar, um espaço para a religião católica que recebeu sua atenção e talvez sua devoção nos primeiros anos de vida. Mas outra via interpretativa parece mais interessante: Pessoa esteve sempre atento a tudo que o rodeava e transformava seus afetos, conhecimentos, pensamentos em obras de arte. O contacto com a religião cristã serviu para aguçar seu processo criativo, transmutando em matéria-prima as suas considerações sobre a religião católica. A persistência deste tema pode ser constatada em outra lista [BNP/E3-48B-22] de planos de trabalho, escrita alguns anos mais tarde:



- “1. Antonio Móra: Prolegomenos a uma reconstrução do paganismo.
 2. Fernando Pessoa. O mytho de William Shakespeare.
 3. <Antonio> [Francisco] Sanches: Quid nihil scitur – texto e traducção.
 4. Fernando Pessoa: Introducção ao problema nacional.
 5. Fernando Pessoa: Theoria da republica aristocratica.
 6. Antonio Móra: Os fundamentos do paganismo.
 7. Antonio Móra: Origens do christianismo.
 8. Fernando Pessoa: A guerra – estudo sociologico.
 9. □
 10. □”

Esse documento é de extrema importância por diversas razões, entre elas: evidencia a relação entre política e religião, presente em tantos outros escritos pessoais, muitas vezes não de maneira tão evidente quanto nesta lista. Pessoa divide tarefas com António Mora que seria o responsável pela elaboração do texto sobre as origens do cristianismo. Essa lista situa-se provavelmente entre os anos de 1914-1916, quando Pessoa não tinha ainda retirado o acento do seu sobrenome. Pessoa seria encarregado de redigir textos de carácter político e sociológico.

Além de todas as relações que Pessoa vai estabelecer entre a política portuguesa e os estudos sobre o psiquismo humano, a questão dos instintos e da sua relação com a arte, constituiu outro grande interesse pessoal, como podemos constatar no seguinte documento, onde se encontra uma breve análise sobre os instintos [BNP/ E3-15B-23]:

Os tres instinctos fundamentaes
 são o ~~sexual~~ de conservação da
 vida, o ~~sexual~~ ^{a libido e satisfação (ou libido)} e o de propriedade
 ou de posse. - Os 3 phenomenos
 mais elevados ~~da vida~~ ^{da vida} da civilização partem d'estes 3. A moral
 [pragmática] [?] é a sublimação
 do instincto da conservação da
 vida. A arte é a sublimação
 do instincto de prazer. A sciencia
 é a sublimação do instincto da
 posse. Dizemos "defeza moral", usan-
 do a linguagem da conservação; "prazeres
 artisticos", usando a da sexualidade
 [↑ vida sexual]; "acqui-
 sições de mim", usando a da
 propriedade.

Desde que a intelligencia, desenvolvida,
 abstrahia a idéa de prazeres, passamos a
 poder conceber o prazer como intellectual.

“[Os tres instinctos fundamentaes...]

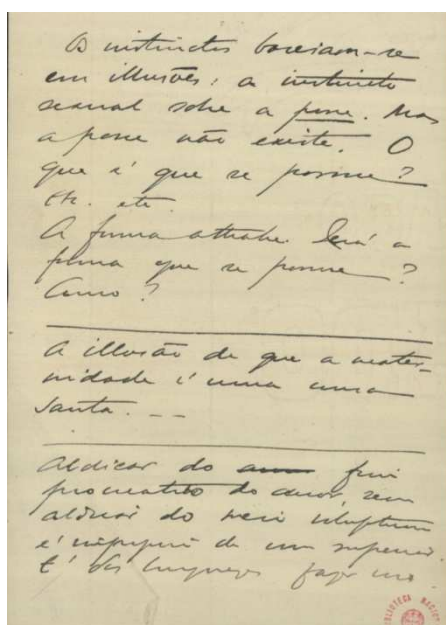
Os tres instinctos fundamentaes são o <sexual> de conservação da vida, o sexual [↑ o de prazer e satisfação (os instinctos)] e o de propriedade ou de posse. – Os 3 phenomenos mais elevados <da vida> [↑ da vida] da civilização partem d'estes 3. A moral [pragmática] [?] é a sublimação do instincto da conservação da vida. A arte é sublimação do instincto de prazer. A sciencia é a sublimação do instincto da posse. Dizemos “defeza moral”, usando a linguagem da conservação; “prazeres artisticos”, usando a da sexualidade [↑ vida sexual]; “acquições de mim”, usando a da propriedade.

Desde que a intelligência, desenvolvida, *abstrahia* a idéa de prazeres, passamos a poder conceber o prazer como intellectual.

Esse documento chama a atenção do investigador por diversas razões. Trata-se de um escrito com muitos acrescentos e modificações, a demonstrar, por parte do autor, uma preocupação com o que estava sendo escrito, mostrando uma relação íntima entre o pensamento e a escrita. As marcas filológicas deixadas no texto parecem indicar que Pessoa estava formulando um pensamento sobre a questão dos instinctos enquanto escrevia, não parece uma anotação de leitura, mas um exercício do pensamento acerca do funcionamento de parte da psique humana. O fato de Pessoa ter defendido neste fragmento que “a arte é sublimação do instincto de prazer” também é muito importante, pois esse pensamento se aproxima muito da psicanálise freudiana. Na quinta parte deste trabalho tratamos desta relação entre Pessoa e a Psicanálise. Outro aspecto interessante presente neste documento é a distinção entre arte e ciência. A ciência seria a sublimação do instincto de posse e sua

linguagem derivaria daí, enquanto a linguagem artística seria oriunda da sexualidade. Pessoa parece delimitar o campo da estética, “dos prazeres intelectuais”, o espaço da criação, que difere e se afasta da realidade básica do homem e da sua sexualidade. Se por um lado a criação se aproxima do lado instintivo do ser humano, pois é oriundo da sexualidade; por outro, a criação artística se relaciona com os prazeres intelectuais e não sexuais.

Em outro testemunho do espólio [BNP/ E3-15B³-73], Pessoa aproxima a noção de instinto da noção de ilusão:



“[Os instinctos]

Os instinctos baseiam-se em illusões: o instincto sexual sobre a *posse*. Mas a posse não existe. O que é que se possui? Etc., etc.

A forma atrahê. Será a forma que se possui? Como?

A Illusão de que a maternidade é uma cousa Santa...

Abdicar do <amor> fim procreativo do amor, sem abdicar do meio voluptuoso é improprio de um superior. É dos burguezes fazer isso”.

Esse documento mostra novamente o interesse pela questão dos instinctos. Aparece a relação entre instincto sexual e posse, mas como a posse não existe, os instinctos seriam estruturados por illusões. Embora não exista nenhuma referência bibliográfica neste testemunho, seria talvez imprudente afirmar não se tratar de uma nota de leitura. De qualquer maneira é interessante observar a aproximação feita entre instincto (uma disposição que aproxima muito o ser humano e os animais) e illusão, que é uma formulação essencialmente humana. Os dois documentos apresentados sobre a questão dos instinctos, revelam também a estreita relação entre a criação artística pessoana e a criação artística musical. Assim como o

músico ao compor uma nova melodia testa notas, Fernando Pessoa testa também a sua escrita, e por isso nos deixou tantos papéis, muitos deles projetos inacabados, não realizados, notas de leituras, e como parece ser o caso dos dois anteriormente citados, exercícios do seu pensamento.

Uma análise do espólio nos faz perceber que a literatura pessoana é estruturada pelas mais diversas áreas do conhecimento. Talvez o grande fascínio seja constatar que o artista que foi Pessoa construiu sua poesia e sua prosa como um mosaico com as peças (diversas leituras) cuidadosamente coladas umas às outras, criando não só um mapa de vários livros, mas um outro texto, no qual os limites das mais diversas áreas do conhecimento misturam-se e fundem-se, originando uma bela poesia ou uma prosa instigante. Seguindo essa linha de pensamento devemos então concordar com Roland Barthes e afirmar: “a literatura trabalha nos interstícios da ciência (...)” (BARTHES-2004, p.18). Se encontramos alguma dificuldade na constatação da afirmação de Barthes em alguma literatura, não é o caso da literatura pessoana.

Realmente os escritos do espólio revelam que Pessoa trabalhou nos interstícios da ciência. Imaginar um Portugal de início de século que, pobre e atrasado, tinha entre um dos poucos leitores de Freud um empregado de escritório, e mais, leitor e comentador refinado, como já foi constatado neste trabalho, só confirma a afinidade na literatura pessoana com a afirmação de Roland Barthes.

No segundo capítulo mostraremos as relações entre Charles Robert Anon e Alexander Search e outras personalidades e personagens com a criação literária pessoana e no terceiro, trataremos especificamente da relação entre Fernando Pessoa e o pensamento freudiano, mostrando os vestígios deixados no espólio a esse respeito.

2.5. Pessoa e o Estado Novo

A relação entre Pessoa e o Estado Novo é complexa e muito importante. Como colocado anteriormente, o primeiro trabalho a esse respeito foi publicado no livro **Pessoa Inédito**, coordenado por Teresa Rita Lopes, em um capítulo intitulado “Salazar, o grande equívoco.” (LOPES, 1993, p.375) Nesta parte do trabalho não iremos apresentar novos documentos a esse respeito, mas sim analisar alguns documentos publicados no livro em questão, revelando que a face política do Pessoa não vai desaparecer. Pessoa até ao fim dos

seus dias, será um cidadão imerso em seu tempo, preocupado com as questões políticas, sociais e estéticas do seu país e, sobretudo, um cidadão crítico e com caráter militante.

Esse caráter militante de Pessoa pode ser observado no seguinte poema sobre o Estado Novo (LOPES-1993, p.379):

“[«Um Fato em Estado Novo»]

[Ms.]
8.11.1935

Meu pobre Portugal,
Does-me no coração.
Teu mal é o meu mal
Por imaginação.

Tam fraco, tam doente
E com a boa cor
Que a tísica põe quente
Na cara, o exterior.

Meu pobre e magro povo
A quem deram, às peças,
Um fato em estado novo
Para que o não pareças!

Tem a cara lavada,
Um fato de se ver
Mas, não te deram nada,
Coitado, quer comer.

E ahi, nessa cadeira,
Jazes apresentavel.
(...)
O transeunte amavel.”

O descontentamento de Pessoa com o Estado Novo e a sua preocupação com o destino de Portugal é evidente no poema: nele constatamos um teor pedagógico e informativo, além da faceta contestatária. Esse aspecto interessa porque grande parte da poesia pessoana, assinada por ele, ou por outros eus, não é permeada pelas questões políticas. A poesia citada, mostra que o poeta estava também engajado politicamente e descontente com os rumos do Estado Novo, que, de novo, só apresentava o fato, ou seja, só a aparência, mas que na realidade, o povo, a nação, nada de novo havia ganhado com esse regime.

Em outro fragmento, Pessoa critica a figura de Salazar, referindo-se a Lombroso em determinada parte deste texto (LOPES,1993,p.367-368):

“[Entrevista Á Seara Nova Sobre Salazar]

[Dat.]

[posterior a 1927]

Na baixa politica está bem. Para ser baixamente político basta saber intrujar os outros, e a sciencia é completa quando o individuo sabe começar por intrujar-se a si mesmo. Para isso basta uma mentalidade confusa, uma vaidade accentuada, a capacidade de fallar muito sem dizer nada. Basta não raciocinar, porque o raciocinio dissolve as qualidades de affirmação dogmatica que são necessárias para dominar o espirito confuso e mystico do povo.

(Hystero-epilepsia de C.L.)

Ainda um individuo tam intensamente bem-dotado, e não passa de um especialista – apto, posso admitir, para governar nos limites da sua especialidade, que é a sciencia financeira, mas não na falta de limites da generalidade do governo. E o mal, aqui, não é que o Sr Oliveira Salazar seja ministro das finanças, para o que concedo que esteja certo, mas ministro de tudo, o que é mais duvidoso.

Accresce que o especialista, se não tem idéas geraes a corrigir não só as idéas particulares – forçosamente inapplicaveis fora do proprio campo – da sua especialidade, mas a propria estreiteza mental que procede da especialização, levará para qualquer problema geral em que se deixe cahir, não só a incompetencia da especialização, mas a inaptidão da immaleabilidade.

O Sr. Oliveira Salazar é, sem duvida, mas alguma coisa que um financeiro. Infelizmente o que elle é mais é catholico, e, de todas as coisas extranhas a uma especialidade, uma religião fechada, dogmatica e intolerante é a peor para corrigir os defeitos da especialização, pela simples razão que não os corrige. Antes os reforça e alarga, dando-lhes uma base espiritual que os radica.

- Seara Nova. E que fizeram? D. dos S. o mais triste exemplo do acephalo com cabeça que existe na já accentuada acephalia mental dos nossos politicos.

Para elles a democracia não é uma doutrina a analysar, a condicionar para que se applique: é um dogma a repisar para si mesmms, um yo-yo mental.”

Nesse texto, Pessoa faz um ataque explícito a figura de Salazar, utilizando o catolicismo como ferramenta: Salazar não poderia governar o país, o máximo que poderia fazer seria se ocupar da parte financeira de Portugal. Para fazer um diagnóstico psiquiátrico desta figura pública, Pessoa recorre ao pensamento de Lombroso, citando a “Hystero-epilepsia”. Nesse ponto temos a proximidade entre a análise que Pessoa realizou do ditador João Franco e essa que realiza de Salazar, chefe do Estado Novo. Em outro texto (LOPES,1993, p.366), Possivelmente posterior a 1933, Pessoa reafirma essa critica: um contabilista não pode ser o responsável pelo governo de um país. Esse texto, de certa forma, complementa o anterior, como se pode averiguar:

“[Salazar e a «Cesarização de um contabilista»]

[Ms]

[posterior a 1933]

O Prof. Salazar tem, em altissimo grau, as qualidades secundarias da intelligencia e da vontade. É o typo do perfeito executor da ordem de quem tenha as primarias.

O chefe do Governo tem uma intelligencia lucida e precisa; não tem uma intelligencia creadora ou dominadora. Tem uma vontade firme e concentrada, não a tem irradiante e segura. É um timido quando ousa, e um incerto quando afirma. Tudo quanto faz se ressent de essa penumbra dos Reis malogrados.

Quando muito, na escala da governação publica, poderia ser o mordomo do paiz.

Faltam-lhe os contactos com todas as vidas — com a vida da intelligencia, que vive de ser varia e, entre os conflictos das doutrinas, não sabe decidir-se; com a vida da emoção, que vive de ser impulsiva e incerta; com a vida da (...)

O Chefe do Governo não é um estadista: é um arrumador. Para elle o paiz não se compõe de homens, mas de gavetas. Os problemas do trabalho e da miseria, como ha ele de entendel-os, se os pretende resolver por fichas soltas e folhas moveis?

A alma humana é irredutível a um sistema de deve e haver. É-o, accentuadamente, a alma portuguesa.

Às vezes aproxima-se do povo, de onde sahiu. E traz-lhe uma ternura de guarda-livros em ferias, que sente que preferiria afinal estar no escriptorio.

É sempre e em tudo um contabilista, mas só um contabilista. Quando vê que o paiz soffre, troca as rubricas e abre novas contas. Quando sente que o paiz se queixa, faz um estorno. A conta fica certa.

O Prof. Salazar é um contabilista. A profissão é eminentemente necessaria e digna. Não é, porém, profissão que tenha implicitas directivas. Um paiz tem que governar-se *com* contabilidade, não pode governar-se *por* contabilidade.

Assistimos à cesarização de um contabilista.”

O tom deste escrito pessoano é o mesmo do outro: uma crítica ácida ao governo salazarista com fortes nuances irónicas. Como já havia afirmado, Pessoa acredita que Salazar seja um bom contabilista e nem de longe um bom estadista. Esses textos são importantes por revelarem que: 1) embora as relações entre as ciências do psiquismo humano e a política sejam cada vez mais distantes, Pessoa continua a escrever sobre a política nacional, preocupado com o destino do seu país; 2) o mito do poeta de **Mensagem** comprometido com o Estado Novo se desfaz diante dos documentos apresentados.

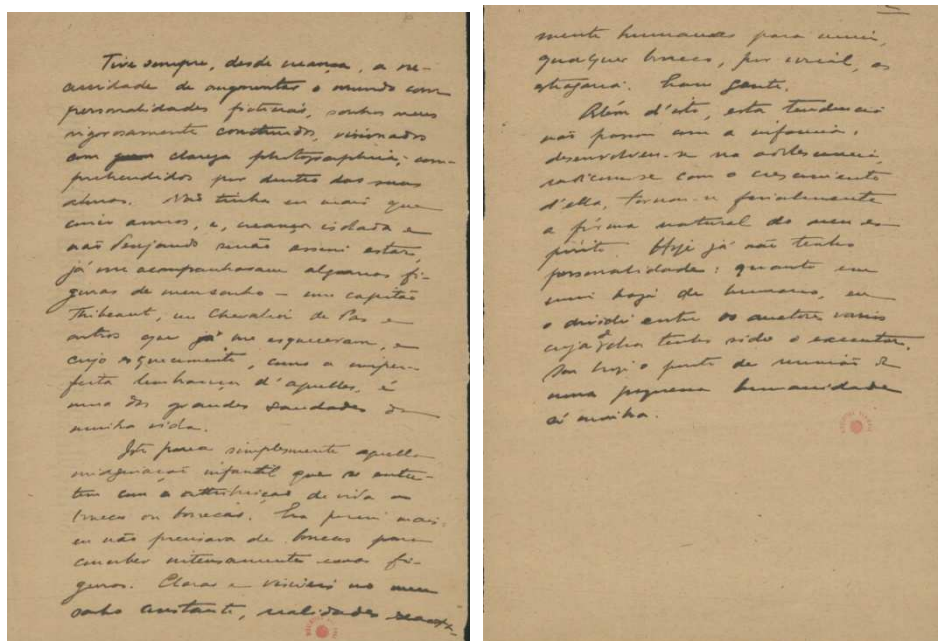
Essa secção do capítulo reforça a ideia de um poeta comprometido com seu tempo, com sua nação até aos seus últimos dias. Fernando Pessoa foi um escritor paradoxal, escreveu contra e a favor da democracia, da república, da monarquia, mas os documentos de sua arca evidenciam um cidadão, um militante, um crítico, um pensador político que tinha a intenção de contribuir para o engrandecimento da sua pátria (que na verdade eram duas: Portugal e a língua portuguesa).

3. A ESPECULARIDADE DE EUS E AS CIÊNCIAS DO PSIQUISMO HUMANO NA CRIAÇÃO LITERÁRIA PESSOANA

Nesta parte do trabalho analisaremos a participação de outros eus no espaço literário pessoano. Desde muito cedo, Fernando Pessoa teve a necessidade e/ou capacidade de se fragmentar. Muitos dos seus “fragmentos” assinavam textos em prosa e em poesia e participavam em projetos, como veremos a seguir.

3.1 - Charles Robert Anon e Alexander Search

Para analisar a importância destes dois outros eus pessoanos é importante expor a explicação que Fernando Pessoa deu a respeito da sua “despersonalização.” Em um manuscrito do espólio, encontramos a explicação para a criação das suas personalidades literárias [BNP/E3- 20-74 a 77]:



“Tive sempre, desde creança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades ficticias, sonhos meus rigorosamente construidos, visionados com clareza fotografica, comprehendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais que cinco annos, e, creança isolada e não desejando senão assim estar, já me acompanhavam algumas figuras de meu sonho — um capitão Thibeaut, um Chevalier de Pas — e outros que já me esqueceram, e cujo esquecimento, como a imperfeita lembrança d’aquelles, é uma das grandes saudades da minha vida. Isto parece simplesmente aquella imaginação infantil que se entretém com a attribuição de vida a bonecos ou bonecas. Era porém mais: eu não precisava de bonecas para conceber intensamente essas figuras. Claras e visíveis no meu sonho

constante, realidades exacta[75]mente humanas para mim, qualquer boneco, por irreal, as estragaria. Eram gente.

Além d'isto, esta tendencia não passou com a infancia, desenvolveu-se na adolescencia, radicou-se com o crescimento d'ella, tornou-se finalmente a fórma natural do meu espírito. Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os auctores varios de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.

[76]Um ou outro leitor, tendo verificado com pasmo que estas paginas não são datadas de Rilhafolles ou de Telhal, e relembrando pois a affirmação contante dos jornaes, do grande numero de loucos que ha por hospitalizar, □

Trata-se, contudo, simplesmente do temperamento dramático elevado ao maximo; escrevendo, em vez de dramas em actos e acção, dramas em almas. Tão simples é, na sua substância, este fenómeno aparentemente tão confuso.

Não nego, porém — favoreço, até — a explicação psychiatica, mas deve comprehender-se que toda a actividade superior do espirito, porque é anormal, é igualmente susceptível de interpretação psyquiatica. Não me custa admitir que eu seja louco, mas exijo que se compreenda que não sou louco differentemente de Shakespeare, qual[←quer que seja o valor relativo dos productos do lado são da nossa loucura]

[77]Medium, assim, de mim mesmo, todavia subsisto. Sou, porém, menos real que os outros, menos uno, menos pessoal, eminentemente influenciável por elles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia — 13 de Março de 1914 — quando, tendo «ouvido pela primeira vez» (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espírito) grande número dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a Chuva Oblíqua («Orpheu» 2), manifesto e logico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa.”

Essa explicação é muito importante porque responde, de certa forma, as perguntas - O que é o processo de despersonalização? Qual a causa do processo de despersonalização? Respondê-as não é uma tarefa fácil, nem simples, pois existem muitas formas de fazê-lo, muitas perspectivas e a mais indicada talvez seja a do próprio criador. Pessoa confessa que a semente do processo heteronímico já se encontrava em sua infância, numa possível brincadeira de criança, que não passou, ou melhor, num possível jogo com a linguagem que o acompanhou até o fim dos seus dias. A criação de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis parece ser o momento máximo deste jogo. Para além, destes três heterônimos, Pessoa criou inúmeros outros eus, setenta e um de acordo com Teresa Rita Lopes, em **Pessoa por Conhecer** (Lopes, 1990). O estatuto de heterônimo foi concedido por Fernando Pessoa apenas a Caeiro, Campos e Reis. Alguns estudiosos e admiradores da obra pessoana apresentam outras perspectivas a esse respeito¹⁵. No documento apresentado, constata-se a relação próxima entre Pessoa e seus heterônimos, bem como o caráter dramático do seu processo de despersonalização. O escrito denuncia também a preocupação com a avaliação

¹⁵ Esse é o caso, por exemplo, do escritor José Cavalcanti, que anuncia na capa o do seu livro **Fernando Pessoa uma quase autobiografia** a existência de 127 heterônimos. Embora essa perspectiva, como todas as outras, mereça respeito, uma análise dos documentos presentes no espólio nos fazem descrever desta interpretação. José Cavalcanti coloca entre os heterônimos algumas pessoas que de fato existiram na época de Pessoa, como é o caso do Padre Matos e do Sr. Coelho Pacheco, além de dar o estatuto de heterônimo para algumas personagens de escritos do Fernando Pessoa, por exemplo, Marcos Alves e Quaresma.

psiquiátrica deste seu processo criativo, o autor português percebe que essa sua faceta literária pode ser considerada anormal pelos psiquiatras, mas pede que seja considerado louco ao lado de Shakespeare, seu grande mestre. Charles Robert Anon e Alexander Search foram criações dos primeiros tempos pessoanos.

Anon foi uma personalidade literária que acompanhou Pessoa no regresso definitivo a Lisboa em 1905. Seu nome aparece em um caderno de 1903 [BNP/E-144] abaixo de uma história intitulada “*The Masion*”. O nome de Anon aparece em outros testemunhos neste mesmo caderno. Esse fato, nos faz crer que a presença de Anon na criação pessoana é anterior a 1904, quando assinou um poema satírico em 9 de Junho de 1904 publicado em **The Natal Mercury** em Durban, na África do Sul.

Encontram-se no espólio pessoano duas cartas assinadas por Charles Robert Anon, uma data de Julho de 1905, destinada ao jornal **The Natal Mercury** (Durban) e outra datada de Junho de 1906, sem destinatário explícito.

Os projetos destinados a Charles Robert Anon interagem, em um primeiro momento, com os projetos destinados a duas outras personalidades literárias pessoanas: Horace James Faber e David Merrick. No documento publicado por Teresa Rita Lopes (LOPES, 1990, vol II, p.191) Pessoa estabelece escritos distintos a Faber e a Anon:

“Faber

Detective Stories.
Satirical – Humorous Essays.
Satiric Poetry.
Critical Essays.
Classical Essays.
Historical Essays.

Anon

Poetry
Critical Essays. [Carlyle, Byron, Shelley, Camões.
Stories of Imagination.”

Esta lista revela a preocupação pessoana em estabelecer os limites entre as criações literárias de uma e de outra personalidade literária. A ficção intitulada “The case of de science master”, cujos primeiros escritos datam de 1903, passaram pelas mãos de Faber, em um primeiro momento e a seguir receberam a assinatura de Anon. Isso mostra que embora Fernando Pessoa tente na lista apresentada definir o papel de cada uma destas personalidades, os testemunhos possuem uma mobilidade que não pode ser estagnada por nenhuma lista. As listas pessoanas possuem essa dualidade paradoxal: por um lado tentam definir limites entre os escritos, entre as assinaturas, por outro revelam toda a fluidez presente na criação pessoana,

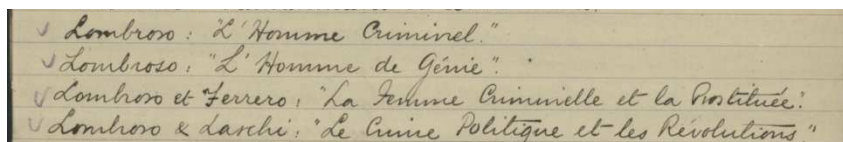
são muitas listas, com inúmeras definições que na maioria dos casos se contradizem, se sobrepõem. Segundo o estudo de Teresa Rita Lopes realizado em seu livro **Pessoa por Conhecer** (LOPES, 1990), Faber e Anon seriam amigos inseparáveis. O documento [BNP/E3-144B²-3] aponta neste sentido, pois trata-se de uma folha com assinatura de ambos, um exercício comum no espólio pessoano. O fato de ambas as assinaturas constarem neste documento pode indicar esse estreita relação existente entre essas duas personalidades literárias. Embora essa perspectiva de uma amizade inseparável seja interessante, Anon tem uma vida mais extensa do que a de Horace James Faber, assumindo uma importância maior do que a de Faber. De acordo com os testemunhos do espólio, Anon vai assinar também projetos de outras personalidades de acordo com os testemunhos do espólio, como é o caso de alguns projetos assinados por David Merrick.

David Merrick, outra personalidade literária pessoana, segundo Teresa Rita Lopes possuía planos grandiosos:

“Pessoa forjou para esse David Merrick ambiciosos planos: no mencionado caderno figura uma lista de títulos de «livros» a publicar, com a indicação das datas em que deviam estar prontos. O primeiro aí referido é um livro de poemas, *Sub Umbrã*, que deveria estar pronto em Maio de 1904. Depois uma grande novela «Martin Kéravas», a ultimar antes de Junho de 1905, pequenas histórias («simple tales»), «pequenas e patéticas», como aí se precisa, a ter prontas em Julho de 1904 e ainda «histórias longas» (como «The Atheist», «The Philantropist») previstas para Dezembro de 1904. Ao finalizar a lista, um livro de peças de teatro, em que inclui dois títulos significativos: «Marino» e «Ignez de Castro» (LOPES, 1990, vol II, p. 196).

Se em Durban Merrick vai ter muitos projetos, em Lisboa após 1905, essa personalidade não se faz presente. Ao que tudo indica David Merrick não atravessou o oceano com Fernando Pessoa, ao contrário de Anon e Search. Em um conto intitulado “The Schoolmaster”, publicado por Teresa Rita Lopes em **Pessoa por Conhecer** (LOPES, 1990, vol. II, p. 175), aparece o nome de Merrick riscado e substituído por Anon. Numa lista de contos, (título: vinte contos), também publicado por Teresa Rita Lopes no livro citado, o nome de Merrick aparece novamente riscado e substituído pelo de Anon.

Para além de ter assumido alguns projetos de David Merrick e de Horace James Faber, Anon foi autor de muitos poemas e dono de um importante caderno datado de 1906. Nele estão presentes importantes testemunhos como é o caso de uma extensa lista de leitura intitulada “Books On Science and Philosophy” [BNP/E3-13A-3] onde lemos na quarta página a referência a quatro livros de Lombroso:



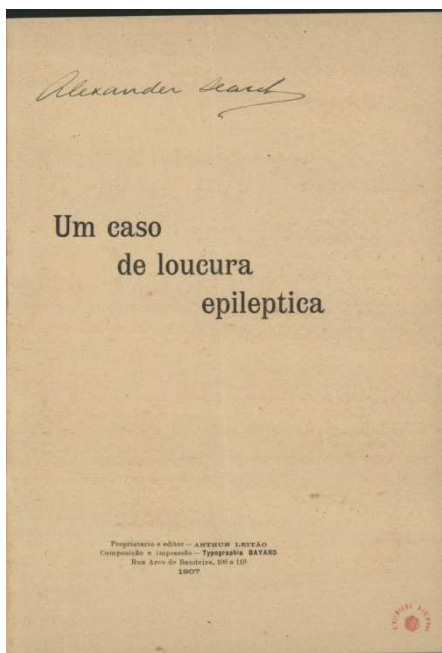
✓ Lombroso: 'L'Homme Criminel.'
 ✓ Lombroso: 'L'Homme de Génie.'
 ✓ Lombroso et Ferrero: "La Femme Criminielle et la Prostituée."
 ✓ Lombroso et Laschi: "Le Crime Politique et les Révolutions."

Sendo o caderno de 1906, esse fato confirma que o primeiro contato com as teorias sobre o funcionamento do psiquismo humano realizado por Fernando Pessoa foi na primeira década do século XX, quando, recém-chegado da África do Sul, mergulha em muitas leituras desta ordem na Biblioteca Nacional de Portugal. Além do nome de Lombroso nesta lista específica, outros importantes autores fazem parte deste documento: Darwin, Ernest Haeckel, Féré, Nordau, Leibnitz, Kant, Spinoza, Aristóteles, Hegel, Descartes.

Numa parte específica deste caderno, Anon faz anotações em forma de diário, o que nos permite aceder a informações de extrema relevância. No documento [BNP/E3-Anexo A] de 11 de Maio de 1906, Anon anota a leitura de diversos livros, entre eles, **O Homem criminoso**, de autoria de Lombroso. Anon deixa registrado em seu diário que iniciou os primeiros capítulos deste livro. Esse documento revela como é complexa a criação pessoana: trata-se de um testemunho de uma personagem fictícia, Charles Robert Anon, que atesta a leitura de um livro de psiquiatria, que servirá mais tarde de matéria-prima para a confecção de alguns projetos (um deles já aqui citado “*História de uma ditadura*”). Parece que no universo literário pessoano quase tudo se transforma em projeto. Seguindo o ritmo dos escritos pessoanos, muitos escritos de Charles Robert Anon irão se transformar em escritos de outra personalidade literária, Alexander Search.

Search tem uma ficha biográfica presente no espólio, trata-se do documento [BNP/E3-Anexo J-Capítulo 1]. Segundo esse documento, Alexander Search teria nascido em Lisboa no mesmo dia e ano que o seu criador, 13 de Junho de 1888. Esse testemunho faz parte de um pequeno caderno intitulado “Transformation Book or Book of Task”, que possui uma divisão de tarefas entre algumas personalidades literárias pessoanas (Alexander Search, Pantaleão, Jean Seul e Charles James Search). Search seria responsável pelos seguintes projetos: 1) O Regicídio português e a situação política em Portugal, The portuguese regicide and the political situation in Portugal, 2) A Filosofia do racionalismo, The Philosophy of racionalism, 3) A perturbação mental de Jesus, The mental disorder of Jesus, 4) Delírio, Delirium, 5) Agonia, Agony. Esse documento mostra o envolvimento de Search nas questões políticas de sua época. Seu primeiro projeto (neste testemunho) seria justamente escrever sobre o regicídio

português. Search possuiu uma grande importância nas actividades pessoais, principalmente neste período pós-Durban: foi leitor e comentador de muitos livros lidos nesta primeira década do século XX. O nome de Search aparece em outro importante documento presente no espólio, o relatório do médico Arthur Leitão escrito em 1907 intitulado **Um caso de loucura epiléptica**.



A participação de Search nas leituras sobre o psiquismo humano e, neste caso, sobre o psiquismo de João Franco é relevante porque mostra como Pessoa se relacionava com a ciência. Revela o gesto do artista por detrás da curiosidade científica. O relatório do médico Arthur Leitão, assinado por Search, é um texto de carácter médico/político sobre a possível epilepsia do ditador João Franco. Neste relatório médico, o Dr. Artur Leitão faz o seguinte diagnóstico de João Franco [BNP/E3-108C-26]:

“Pelo que temos exposto sobre estes caracteres, e principalmente pela impulsividade, que o observado manifesta na pratica de actos, publicamente considerados como crimes ou como manifestações de loucura, somos levados á conclusão indiscutível de que se trata dum doente atacado de epilepsia psíquica.”

Antes de chegar a esse diagnóstico, Dr. Artur Leitão realiza uma análise da hereditariedade de João Franco, considerando o pai “um degenerado inferior com tendências criminosas” e a mãe “histérica e desequilibrada.” E essa análise foi possivelmente utilizada por Pessoa na elaboração dos textos sobre João Franco, como também na confecção de um romance chamado “Marcos Alves”, como será apresentado na próxima secção deste capítulo.

A leitura deste relatório médico e dos livros do médico Cesare Lombroso foram utilizados por Pessoa em seu projeto “*História de uma ditadura*”. Esse fato é extremamente relevante pois desconstrói o mito do Poeta solitário voltado para dentro de si e dos seus múltiplos eus. Pessoa nunca deixou de dialogar com os acontecimentos políticos, sociais e culturais de sua época, foi um crítico extremamente refinado. Os inúmeros testemunhos que fazem parte do projeto “*História de uma ditadura*”, entre outros projetos políticos, confirmam esse fato. Este projeto aparece em uma lista de notas, onde está escrito “trabalho a realizar”, de Junho de 1909, ao lado de outros projetos de carácter político. A referência ao trabalho de Cesare Lombroso e ao relatório realizado por Arthur Leitão aparecem em muitos fragmentos pertencentes ao projeto “*História de uma ditadura.*” Esse projeto possivelmente encontra-se circunscrito no final da primeira década do século XX.

É interessante perceber que, de alguma forma, Alexander Search estava envolvido com as leituras pessoais, pois este não é o único livro assinado por Search. Demos ênfase ao relatório do médico Arthur Leitão porque, como já foi explicado, será de grande utilidade nos escritos ligados a esse período pós-Durban. Search também foi leitor de Lombroso. Esse fato pode ser atestado em outro documento [BNP/E3-144H-20], no caderno assinado por Alexander Search, datado de Setembro de 1906, onde lemos:

4 *Lombroso: ‘L’Homme Criminel’ (2 vol.)*
 4 *et Ferrero: ‘La Femme Criminielle et la Prostituée.’*
 4 *et Laschi: ‘La crime politique et les revolutions’ 2 vol.*

Faz-se necessário confrontar as duas listas citadas onde aparecem referências aos livros de Lombroso, pois na primeira lista apresentada presente no caderno de Charles Robert Anon, também datado de 1906, constam os três títulos presentes na lista do caderno de Search, com excepção de um título **O Homem de génio**. Provavelmente porque em Setembro de 1906, Pessoa ainda não havia lido **O Homem de génio**.

Search utilizaria suas leituras sobre o funcionamento do psiquismo humano em outro projeto, “*Essay on Impulse*”. Neste ensaio, Search, abordaria a questão do impulso estruturando seu pensamento a partir de uma classificação do carácter, utilizando também noções da grafologia. Essa personalidade literária pessoal também fez notas de leitura: o nome de Search aparece em notas sobre o livro de Haeckel, **Les Énigmes de l’Univers** e também numa nota de leitura sobre o livro de Max Nordau, **Dégénérescence**.

Para além de todos os documentos citados em que consta o nome de Alexander Search um outro merece especial destaque. Trata-se do documento publicado por Teresa Rita Lopes

(LOPES,1990, vol II, p.188) de extrema relevância porque em sua última linha está escrito: “C.R.Anon/id est Alexander Search”. Essa evidência revela que Pessoa faria de Search o herdeiro de Anon. Anon que herdou tantos projetos de Faber e de Merrick deixaria sua fortuna literária para Alexander Search, que atravessou o oceano em sua companhia e de Pessoa. Novamente percebemos a mobilidade, a fluidez dos escritos pessoanos. Se por um lado, Pessoa através de suas muitas listas tenta estabelecer limites rígidos entre suas personalidades literárias, por outro lado, há um intercâmbio significativo entre elas, as muitas assinaturas se sobrepõem, se alternam, revelando que a grande questão da criação pessoana é a elaboração dos textos, a assinatura dos mesmos era “apenas” um interessante detalhe, um dispositivo, uma ficção. Os textos presentes no espólio carregam esse estigma, estão sempre a procura de um autor, e o autor possui um carácter tão literário quanto o próprio texto. Se a criação de Anon pode ser herdada por Search isso mostra que a assinatura para Pessoa é mais uma criação, que por sua vez se desdobra em outra criação, Search não é apenas uma assinatura, possui data e local de nascimento, possui projetos, possui livros, notas de leituras. Todo esse jogo com a linguagem, com a língua, com a palavra, realizado por Pessoa parece estar de acordo com a noção de palavra enquanto fuga, desenvolvida por Maurice Blanchot em seu livro **A Conversa Infinita**:

“A palavra é essa volta. A palavra é o local da dispersão, desorganizando e se desorganizando, dispersando e se dispersando além de toda a medida. É que a palavra que provoca a fuga se faz fuga e na fuga preserva, na própria fuga, esse movimento de esconder que não se contenta com a fuga desabalada, mesmo quando pânica, e que dessa maneira preserva o poder de nela se esconder.”(BLANCHOT, 2001, p.58)

Não sabemos se Blanchot leu Pessoa, e aqui neste trabalho esse não é o aspecto mais interessante. Certamente Maurice Blanchot não se debruçou no espólio pessoano, mas ainda assim é evidente a consonância entre os escritos. Todas as alternâncias presentes nos documentos do espólio (alguns deles aqui citados) mostram que a palavra no universo pessoano é o local da dispersão, da fuga, do movimento. Horace James Faber, Charles Robert Anon, David Merrick, Alexander Search são nomes em fuga que, por sua vez, revelam outra fuga, a do criador de todos esses, que foge assinando textos com outros nomes.

Além da consonância com a noção de palavra desenvolvida por Maurice Blanchot, podemos também associar a criação pessoana com o pensamento desenvolvido por Giorgio Agamben no livro **Profanações**: no texto “O autor como gesto”, Agamben defende ser importante em um texto, não o texto, nem a assinatura, mas sim o gesto. Embora se refira à

poesia, o pensamento desenvolvido neste texto se adequa perfeitamente à criação pessoal, principalmente no que diz respeito à criação de outros eus pessoais, como podemos conferir:

“O lugar - ou melhor, o ter lugar - do poema não está, pois nem no texto nem no autor (ou no leitor): está no gesto no qual autor e leitor se põem em jogo no texto e, ao mesmo tempo, infinitamente fogem disso. O autor não é mais que a testemunha, o fiador da própria falta na obra em que foi jogado; e o leitor não pode deixar de soletrar o testemunho, não pode, por sua vez, deixar de transformar-se em fiador do próprio inexausto ato de jogar de não se ser suficiente. Assim como, segundo a filosofia de Averróis, o pensamento é único e separado dos indivíduos que, de cada vez, se unem a ele através das suas imaginações e dos seus fantasmas, também o autor e leitor estão em relação com a obra sob a condição de continuarem inexpressos. No entanto, o texto não tem senão outra luz a não ser aquela - opaca - que irradia do testemunho dessa ausência.” (AGAMBEN, 2007, p.63)

Charles Robert Anon e Alexander Search anunciam essa ausência, o importante não é, de fato, quem é C.R. Anon, nem A. Search, o que importa é o gesto, expresso por ambos, o gesto de criar, de fazer literatura a partir de leituras, de contextos políticos, de desejos de um eu que é pura negatividade e potência. De um eu que cria, que compõe sinfonias com palavras, que irradia o testemunho da sua ausência, que afirma no espaço neutro o texto, que se movimenta, foge, se dispersa em outros textos em outros projetos, deixando claro apenas o gesto, o gesto criador. E o leitor assiste ao jogo em companhia do autor que ciente da sua potencialidade negativa, não expõe o seu nome, brinca com a assinatura de outros eus. O autor e o leitor são, como sugere Agamben, testemunhas de uma falta, de uma ausência.

Em outro documento, o nome de Alexander Search aponta ainda para outro: Caesar Seek, como mostra Teresa Rita Lopes, em **Pessoa por Conhecer**, (LOPES, 1990, vol.II., p.386). Caesar Seek seria uma máscara de Alexander Search. Novamente a palavra enquanto fuga, movimento, dispersão, novamente o testemunho da ausência, da falta.

De acordo com o investigador João Dionísio (PESSOA, tomo II, 1997, p.9), responsável pela edição crítica da poesia de Alexander Search, essa personalidade literária pode ser considerada como heterônimo pessoal:

“Para a definição do repertório poético de Search, importa ter consciência de que este heterônimo se encontra como que entalado entre Charles Robert Anon e o próprio Fernando Pessoa. Sinais de consistência heteronímica do gênero dos vistos acima e a propósito de Search podiam já ser encontrados relativamente a Anon, seu antecessor, idealizado na África do Sul.”

Na introdução desta edição da poesia de Alexander Search, o editor não explica porque considera Search um heterônimo, a atribuição é realizada *a priori*, embora Fernando Pessoa tenha dado esse título a apenas três das suas muitas personalidades.

A investigadora Luísa Freire, que também editou a poesia inglesa de Alexander Search, não concede a esse o estatuto de heterônimo, porque, segundo a estudiosa, Pessoa nomeou seus heterônimos em vida – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Luísa Freire afirma (SEARCH, 1999, p.435):

“Alexander Search, considerado pelos estudiosos que sobre ele se debruçaram como pseudônimo, heterônimo, sub-heterônimo, semi-heterônimo, personalidade literária e personagem, é, sem dúvida, uma figura misteriosa, ambígua e perturbante na galeria das ficções pessoanas.

A propósito desta ambiguidade, escreve Teresa Rita Lopes: ‘Precisamente porque não se trata de um verdadeiro outro, um heterônimo assim concebido e reconhecido, as fronteiras entre Search e outras personalidades literárias em inglês, e entre o próprio Pessoa, são movediças.’

Se considerarmos, numa perspectiva teórica, o fato de Pessoa o fazer nascer no mesmo dia e local do seu nascimento e o fato de Search escrever em seu nome durante os seis anos da sua adolescência, poderemos concluir tratar-se de um pseudônimo. Mas, se por outro lado, analisarmos o seu discurso e o modo como aborda os temas (ainda que os mesmos da temática comum pessoana) vemos que a postura é diferente da restante poesia inglesa e portuguesa em nome de Fernando Pessoa: a sua atitude de repulsa e de ressentimento em relação a Deus e à humanidade; o seu sentido crítico, satírico e até mordaz perante os outros; o sentimento, nele mais profundo, de estranheza, exclusão e abandono; o pavor da loucura; a interrogação constante face às grandes questões existenciais, metafísicas e ao mistério do próprio mundo.”

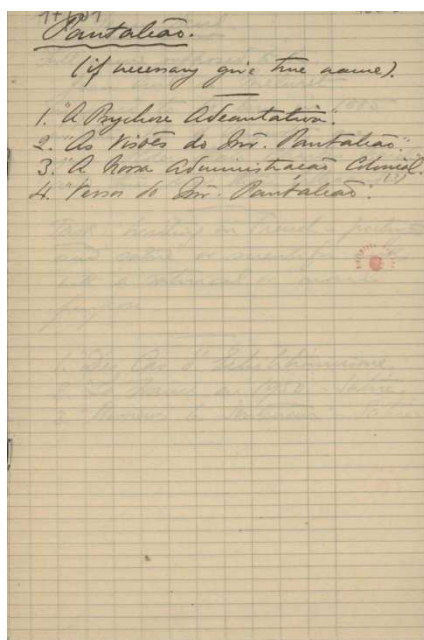
A posição da investigadora Luísa Freire nos parece a mais correcta. No decorrer do seu texto a autora considera Search um pré-heterônimo pessoano. Embora Alexander Search seja o autor de muitos textos (poéticos e não poéticos) do espólio, a sua obra não tem a mesma dimensão que a obra de Caeiro, Campos e Reis. E nomear outros heterônimos que não foram nomeados pelo criador dos mesmos, nos parece uma atitude um pouco audaciosa.

Consideramos Charles Robert Anon e Alexander Search duas importantes personalidades literárias pessoanas. Os dois “nasceram” em Durban (embora a ficha biográfica de Alexander Search contradiga esse fato) e acompanharam as leituras e os projetos pessoanos quando Fernando Pessoa desembarcou definitivamente em Lisboa (1905). Os testemunhos citados no decurso desta parte revelam a complexidade da criação pessoana: em seu universo literário, Pessoa mistura de uma forma única ciência e ficção. É por essa razão que tanto Alexander Search quanto Charles Robert Anon assinam livros, demarcando que não são máscaras passivas do seu mestre, mas sim personalidades que realizam leituras e assinam projetos. De uma certa maneira, tanto Search quanto Anon, parecem antecipar o fenómeno da heteronímia, desenvolvido anos mais tarde, revelando ambos um universo pré-heteronímico, onde Pessoa não só nomina outros eus, mas fornece aos mesmos capacidade crítica e interventiva. Álvaro de Campos, heterônimo pessoano, vai além de Search - que preparava projetos críticos sobre a política de sua época. Campos publica textos de crítica em Portugal,

debate com Fernando Pessoa e até participa do namoro entre o autor português e Ofélia. Se em um primeiro momento, as personalidades pessoas como C.R. Anon e A. Search preparam-se para participar da vida pública, num segundo momento Campos realiza essa intervenção, estreitando de forma extrema os limites entre realidade e ficção.

3.2. Pantaleão

Pantaleão foi criado por Fernando Pessoa dentro desta atmosfera política do período pós-Durban. Escreveu em prosa e poesia, seu nome aparece no caderno já citado, “The Transformation Book”, ao lado de Alexander Search, Charles James Search e Jean Seul. A página dedicada [BNP/E3-48C-3] a Pantaleão neste caderno é muito interessante:



“Pantaleão

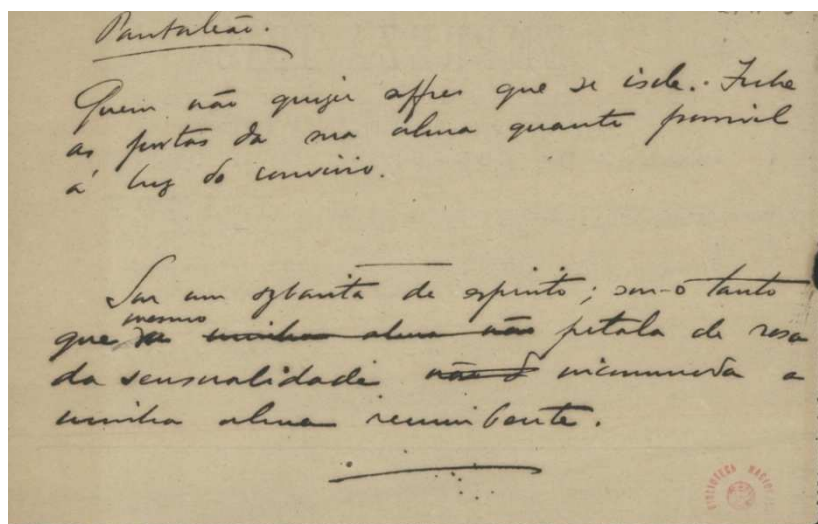
(if necessary give true name).

1. “A Psychose Adeantativa.”
2. “As Visões do Snr. Pantaleão.”
3. “A nossa Administração colonial.”
4. “Versos do Snr. Pantaleão.”

As outras personalidades que figuram neste caderno possuem data de nascimento, o que não é o caso de Pantaleão. Na página dedicada a ele não só não aparece a data do seu nascimento como seu nome vem acompanhado da informação: “se necessário fornecer o nome verdadeiro.” Qual seria o nome verdadeiro de Pantaleão? A que exatamente Pessoa estava se referindo, ou a quem?

Pantaleão era uma das personagens da “Commedia Dell’arte”, criada na Itália em contraposição ao teatro erudito¹⁶. A “Commedia Dell’arte” passeava pelos vilarejos e cidades, levando o espetáculo até o povo de forma interativa e improvisada. Pantaleão (*Pantaleone*) possuía autoridade, dava conselhos, era um burguês veneziano avaro e crítico. Se Pessoa elaborou essa personalidade literária a partir da “Commedia Dell’arte” não é algo que se possa confirmar, mas apenas conjecturar. De qualquer forma, o Pantaleão pessoano também possuía autoridade, no caso política e os seus escritos são muito críticos a esse respeito.

No fragmento [BNP/E3-27³H-3], Pantaleão revela o teor interventivo dos seus escritos e também escreve um pouco a respeito da sua personalidade:

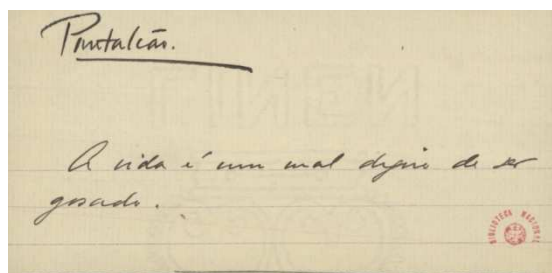


“Pantaleão

Quem não quizer soffrer que se isole. Feche as portas da sua alma quanto possível á luz do convívio.

Sou um sybarita de espirito, sou-o tanto que <a> [↑mesmo] na <minha alma não> petala de rosa da sensualidade <não d> incomoda a minha alma reunir gente.”

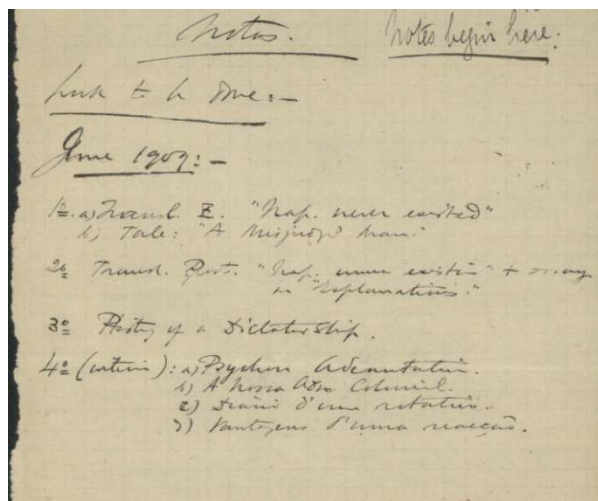
Esse documento se relaciona com em que Pantaleão afirma: “A vida é um mal digno de ser gosado.” (LOPES, 1990, vol II p.208)



¹⁶ Para maiores detalhes a esse respeito consultar: FRIAS, 2009, p. 363-387.

A grande parte dos escritos de Pantaleão apresenta uma personalidade consciente da parte negativa da vida, a vida como algo mau ou que nos faz sofrer. Mas Pantaleão não é um pessimista, parece sobretudo ser um realista, sabe que a vida não é aquilo que gostaríamos que fosse, mas acredita que ela vale a pena, que é um mal digno de ser gosado. Esse sybarita de espírito constrói uma série de textos de caráter interventivo, em tom crítico e de teor político.

Pantaleão seria o autor de um dos projetos imaginados no período pós-Durban e já citado: “A Psychose Adeantativa.” Como pode-se confirmar esse título aparece na ficha de Pantaleão, onde estão também outros títulos. Numa outra lista já apresentada [BNP/E3-48H-19^r] esse projeto constava na mesma folha que a “*História de uma ditadura*” e outros títulos assinados por Pantaleão. Esse aspecto parece demonstrar que ambos os projetos são contemporâneos. Em outro documento [BNP/E3-48-24], consta a data 1909:



- “Notas. Notes begin here:
 Work to be done: -
 June 1909: -
 1.º a) Transl. E[english] ‘Napoleão never existed.’
 b) Tale: “A Misjudged Man.”
 2.º Transl. Port[uguese] ‘Napoleão nunca existiu’ and essay in
 ‘Explanations.’
 3.º History of a Dictatorship.
 4.º (criticism): a) Psychose Adeantativa.
 b) A Nossa Adm[inistração] Colonial.
 c) Diário d’um rotativo.
 d) Vantagens d’uma reacção.”

Esse testemunho é muito importante porque evidencia esse espaço político dentro da criação literária pessoal. “Psychose Adeantativa” constava no segmento crítico em conjunto com outros projetos, entre eles “A Nossa Administração Colonial”, que também levaria a assinatura de Pantaleão (conferir o primeiro documento transcrito nesta secção do capítulo). Por volta de 1909, como podemos averiguar neste documento, o português e o inglês

começam a se misturar nos projetos pessoais. “*História de uma ditadura*” ainda consta como título inglês, futuramente, como já vimos, esse projeto também será escrito em português.

“A Psychose Adeantiva” é um escrito de crítica política sobre a questão dos adiantamentos concedidos à família real na época da ditadura de João Franco. Neste projeto há um intercâmbio entre as ciências do psiquismo humano e a política. Trata-se de uma sátira, de uma crítica ácida e acirrada à situação política portuguesa, partindo do ponto de vista psiquiátrico, utilizando a noção de psicose. Nos documentos [BNP/E3-92H-17 a 18] pertencentes a esse projeto, pode-se confirmar a relação entre política e psiquiatria:

A Psychose Adeantiva

Os últimos acontecimentos, as últimas revelações que em Portugal se tem dado e facto fazem crer a presença de uma nova psicose notavelmente parecida com a conhecida espécie nosológica chamada “loucura moral” ou “doença moral”, etc.

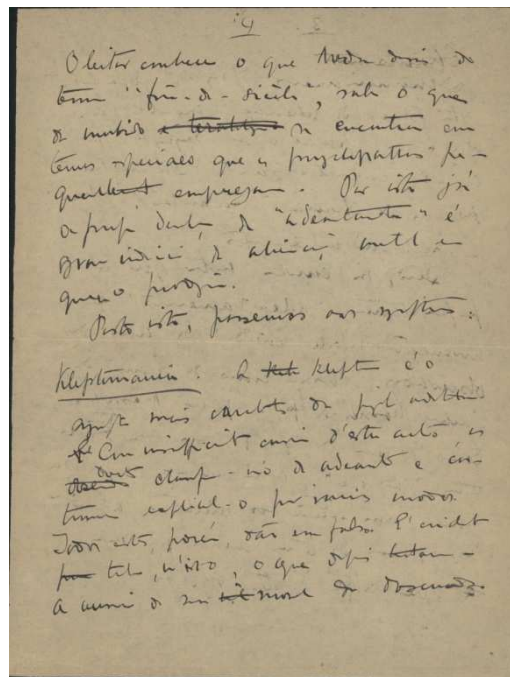
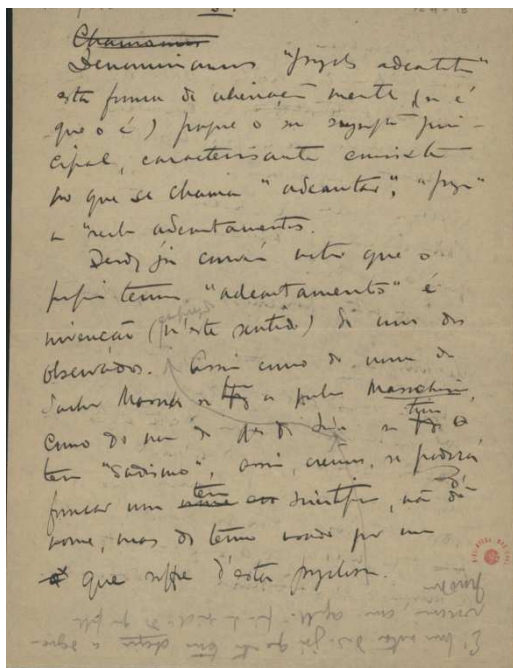
De facto as sessões parlamentares há um tempo para cá que deixam perceber em muito uma notável alteração mental que de não incutem sempre os sintomas que de qualquer psicose decorrem. Offerece-se até alguma analogia com a esquizofrenia larvada e, mais exactamente, com o período inicial psicótico dos dementes que se tem tentado identificar á quella neurose.

3

Analisando cuidadosamente permite-nos nos analisar chegar ao resultado segit. que expõem a presença de que alguma alteração possa sobre a pulcra apresentada - que expõem a esta uma espécie notável de ap. doctores - nem mesmo entretida, que fobias-a, com os seus sintomas em qualq. período a serem já estudados.

Até que isto se faça, porém (the data obtidos no parecer os sintomas da referida doença mental) permittemos em a analisar em um espécie notável de a. relig. factos nos a parte de a to doctores for como tal.

Dito isto, passamos a enumerar os sintomas



"A Psychose Adeantativa

Os ultimos acontecimentos, as ultimas revelações que em Portugal se teem dado e feito fazem constar a presença de uma nova psychose notavelmente parecida com a duvidosa especie nosologica chamada 'loucura moral,' etc.

De fato as sessões parlamentares ha um tempo para cá que deixam perceber, em muito □, um notavel estado mental que se encontra descripto na symptomatologia de qualquer psychose ou nevrose conhecida. Offerece é certo - <al>alguma analogia com a epilepsia larvada, e, mais certamente com <a>[↑o] peculiar estado psychico dos criminosos que se tem pretendido - <será ou não> - com razão ou sem ella - indentificar áquella nevrose.

[17^v] Analizando cuidadosamente □ permite-nos essa analogia chegar ao resultado seguinte, que expomos na esperança de que algum alienista possa resolver o problema apresentado - quer confirmado ser esta uma especie nosologica até agora desconhecida - nem mesmo entrevista - quer filiando-a, com os seus symptomas, em qualquer psychose ou nevrose já estudada.

Até que isto se faça, porém (tão <desencontrados> [↑especiaes] nos parecem os symptomas da referida doença mental) persistiremos em a considerar como uma especie nosologica - e a <pedir>[↑reclamar] para nós a honra de a ter descoberto <por> como tal.

Dito isto, passamos a enumerar os symptomas.

[18^f]<Chamamos>

Denominamos 'psychose adeantativa' esta forma de alienação mental (se é que o é) porque o seu symptoma principal, caracterisante consiste no que se chama 'adeantar', 'pagar' ou 'receber adeantamentos.'

Desde já convém notar que o termo 'adeantamento' é invenção ([↑empregado] n'este sentido) de um dos observados. [↓ É bom notar desde já que este termo /cheira/ a degenerescencia com aquelle 'fin-de-siècle' de que falla Nordau.]¹⁷ Assim como o nome de Sacher Masoch se <fez>[↑formou] a palavra *masochismo*, como o nome de M. de Sade se <fez>[↑tirou] <a> /o\ um termo scientifico, mas do termo usado por um que soffre d'esta psychose.

[18^v] O leitor conhece o que Nordau disse do termo 'fin-de-siècle', sabe o que de morbido <e teratologico> se encontra em termos especiaes que os psychopatas frequentemente empregam. Por isto já a própria doença de 'adeantamento' é grave indício de alienação mental em quem o produziu.

¹⁷ Essa frase foi escrita a lapís no final do documento de cabeça para baixo, com a indicação de ser introduzida nesta parte do texto.

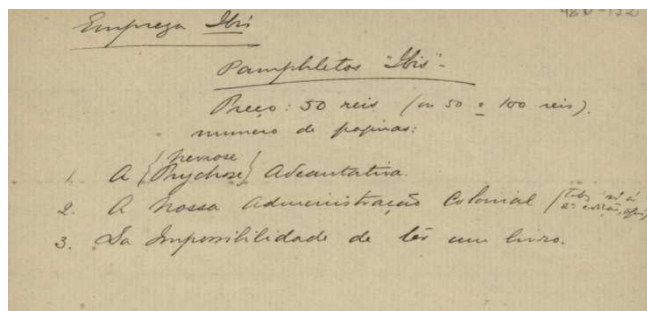
Posto isto, passemos aos *symptomas*:

Kleptomania. A *kleptomania* é o *symptoma* mais característico da *psychose adeantativa*. Com insuficiente consciencia d'esse acto os <observados> [↑doentes] classificam-n'os de adeanto e costumam explical-o por varios modos. Todos estes, porém, dão em falso. É evidente <para> tambem, n'isto, o que depois tratam – a ausencia de senso <vil> moral dos observados.”

Para criticar a situação política portuguesa sobre os adiantamentos, Pessoa, ou melhor, Pantaleão, utiliza algumas noções de psiquiatria, usando termos como loucura, epilepsia larvada (termo muito utilizado nos escritos de Lombroso) e degenerescência. A referência à obra de Max Nordau também é muito importante neste documento. A noção de “fim-de-século” encontra-se na primeira parte do livro **Degénérescence**, lido por Pessoa. Neste livro, Nordau faz um estudo sobre o fim-de-século evidenciando a questão da degenerescência e analisando a obra de alguns artistas como Wagner, Nietzsche, alguns simblolistas, mostrando que a suposta genialidade de tais artistas é na verdade degenerescência, um sintoma característico do fim-de-século. É preciso ainda ressaltar que Nordau dedica esta obra a Cesare Lombroso. Existe aqui uma conexão entre *Degenerescência* e alguns projetos políticos presentes no espólio (pertencentes sobretudo à fase pós-Durban). Se neste livro Nordau analisa a obra de alguns artistas a partir a lente da psiquiatria, para dignosticar a degenerescência; Pessoa utiliza o mesmo padrão, mas não em relação à obra de arte e seus criadores, mas sim em relação à política. “A *Psychose Adeantativa*” se encaixa justamente neste padrão. Pessoa ou Pantaleão utlizam a lente da psiquiatria para dignosticar os políticos do seu tempo. No documento uma nova doença psiquiátrica é criada, o adiantamento, “grave indício de alienação mental”, doença próxima da degenerescência. Um dos sintomas seria a cleptomania, porque os adiantamentos se referem ao dinheiro tirado do povo para beneficiar a família real. Nesse ponto do texto, notamos o ápice irónico deste projeto que teria uma clara função de crítica política caso tivesse sido concluído e publicado. Isso mostra que Pantaleão, possível autor de “A *Psychose Adeantativa*”, estava a par dos acontecimentos políticos do seu tempo e pretendia através dos seus escritos intervir, de certa forma aconselhar, aproximando-se nesse aspecto do personagem da “*Commedia Dell’arte*”. Pantaleão também foi leitor de Lombroso e de Nordau e utilizava seus conhecimentos sobre o funcionamento do psiquismo humano em seus projetos.

Existe uma variação de “A *Psychose Adeantativa*” numa das listas [BNP/E3-48B-132] da Empresa Ibis¹⁸, sem referência ao possível autor:

¹⁸ No quarto capítulo analisaremos a importância da Empresa Ibis no universo literário pessoano.



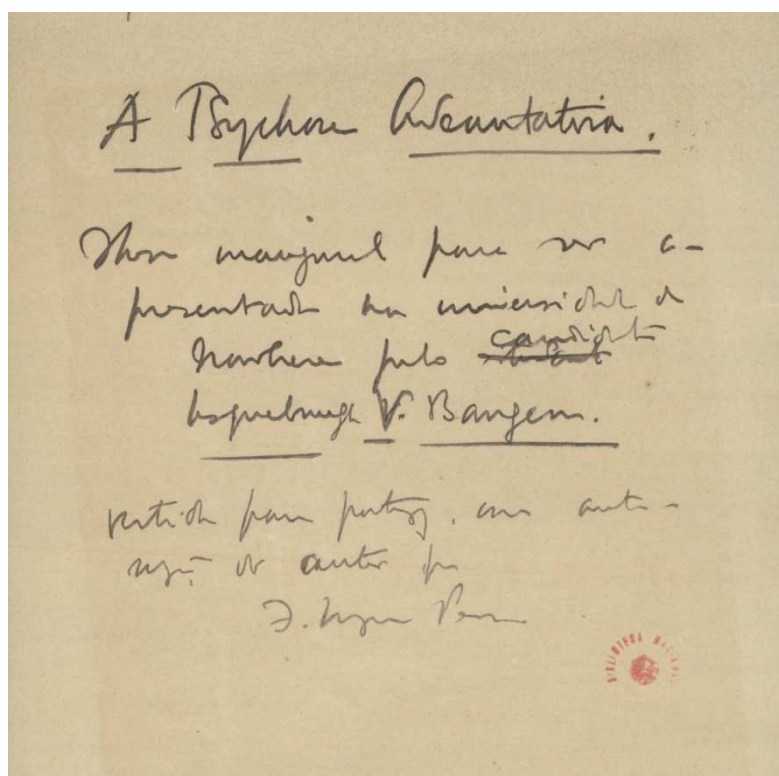
“Empreza Ibis

Pamphletos ‘Ibis’
 Preço 50 reis (ou 50 e 100 reis)
 numero de paginas:

1. A /Psychose/Nevrose/ Adeantativa.
2. A Nossa Administração Colonial (Talvez só á 2.º edição, aqui)
3. Da Impossibilidade de ler um livro.

Nesta lista, a palavra psychose foi substituída por nevrose e consta ainda outro projeto que também levaria a assinatura de Pantaleão (“A Nossa Administração Colonial”). Possivelmente esta lista é posterior ao documento [BNP/ E3-48-24], isto porque se trata de um documento escrito totalmente em língua portuguesa, o que não era o caso do testemunho anteriormente transcrito. Esse documento revela também o caráter político da Empresa Ibis, que possuía muitos outros projeto de cunho político.

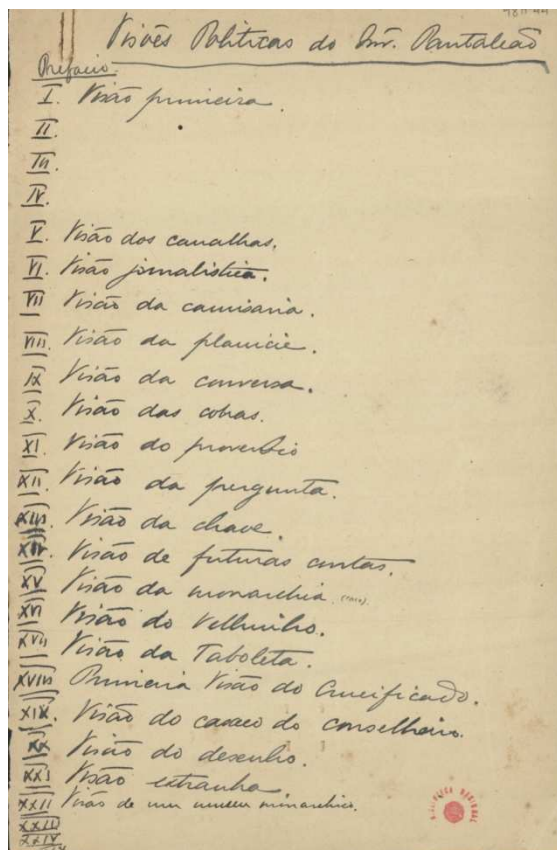
Em outro documento [BNP/E3-92H-16], Pantaleão é destituído do papel de autor de “A Psychose Adeantativa”:



“A Psychose Adeantativa.
These inaugural para ser apresentada na universidade de Nowhere
pelo candidato Iesquebrough V. Bangem
vertida em portuguez com autorização do autor, por
F. Nogueira Pessoa.”

Esse testemunho parece apontar para uma serie de questões: Quem seria o candidato Iesquebrough V. Bangem? Porque a bridadeira com a Universidade de lungar-nenhum? Teria Pessoa desistido deste projeto quando escreveu esse fragmento? Será que o autor português pensou em escrever esse projeto primeiramente em inglês? Esse fragmento seria anterior à escrita dos fragmentos em português de “A Psychose Adeantativa”? Infelizmente não existem por agora respostas para grande parte destas questões. O aspecto mais relevante deste documento parece ser a evidência da fluidez dos escritos pessoanos que se transformam, se metamorfoseiam, assumem diversas máscaras e diversas assinaturas. Pantaleão nunca foi o dono absoluto deste projeto, foi obrigado a dividi-lo com outros eus, mas é importante acentuar que sendo ele um possível autor de “A Psychose Adeantativa” isso já demonstra a relação entre a política e a psiquiatria assumida por esta personalidade.

Pantaleão assinou também uma série de “visões” e de cartas, seria participante do jornal *O Phosphoro*. No espólio existem muitos fragmentos que se referem a essa personalidade literária pessoana e dentre esses documentos destacamos o testemunho [BNP/E3-48A-44], onde estão listadas algumas visões políticas do Senhor Pantaleão:



“Visões Políticas do Snr. Pantaleão

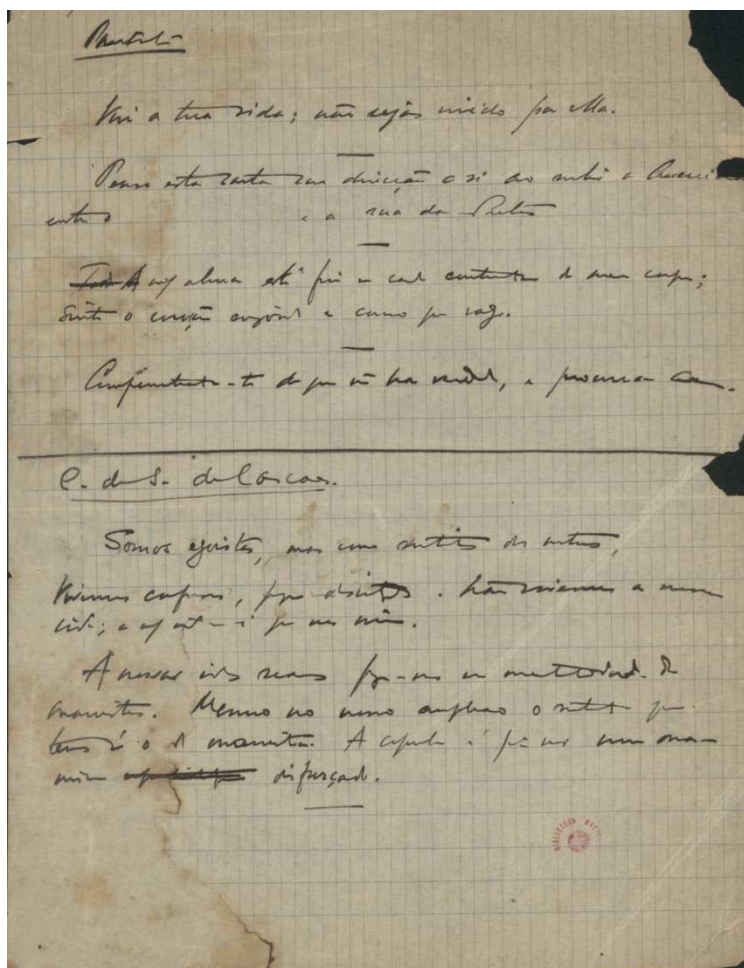
Prefacio

- I. Visão primeira
- II. □
- III. □
- IV. □
- V. Visão dos canalhas.
- VI. Visão jornalística.
- VII. Visão da camisaria.
- VIII. Visão da planície.
- IX. Visão da conversa.
- X. Visão das cobras.
- XI. Visão do proverbio.
- XII. Visão da pergunta.
- XIII. Visão da chave.
- XIV. Visão de futuras contas.
- XV. Visão da monarchia. (†)
- XVI. Visão do velhinho.
- XVII. Visão da Taboleta.
- XVIII. Primeira Visão do Crucificado.
- XIX. Visão do casaco do conselheiro.
- XX. Visão do desenho.
- XXI. Visão estranha.
- XXII. Visão de um museu monarchico.
- XXIII. □
- XXIV. □
- XXV. □”

No caderno 144A2 foram desenvolvidas algumas destas visões. O documento acima parece ser a organização de um livro, cujo título seria “As Visões Políticas do Senhor

Pantaleão.” Mais uma vez, fica evidenciada a participação desta personalidade na vida política portuguesa. Uma questão que poderia ser levantada a partir deste testemunho: porque o título “Visões”? Será que teria relação com algum aspecto místico? Pantaleão seria talvez um místico materialista que possuiria muitas visões acerca do cenário político português? A análise de alguns fragmentos destas visões presentes no caderno já citado parece apontar nesta direção. Pantaleão em seus textos descrevem a política com muita ironia, com um certo tom adivinhatório e com conselhos sobre qual destino o país deveria seguir.

Em outro documento [BNP/E3-27H-28] aparece um fragmento de um projeto de Pantaleão na metade da folha, e na outra metade, separada por um traço, está registrado um escrito de outro projeto, “Na Casa de Saude de Cascaes”:



“Pantaleão

Vive a tua vida; não sejas vivido por ella.

Penso esta carta com direcção a si ao subir a Avenida entre o □ e a Rua da Prata.

<Tudo> A minha alma está fria em cada centimetro do meu corpo; sinto o coração enjoado e como que vago.

Conpenetrata-te de que não ha verdade, e procura-a.

-----C. de
 S. de Cascaes.
 Somos egoistas, mas com sentimentos dos outros. Vivemos confusos, porque †. Não vivemos a nossa vida; a *nossa* vida é que nos vive.
 As nossas vidas sexuaes fazem-nos uma mentalidade de onanistas. Mesmo em nosso amplexo o sentimento que temos é o de onanistas. A copula é por isso um onanismo disfarçado.”

Esse importante documento nos revela que alguns projetos (o fragmento acima parece ser de uma das cartas desta personalidade pessoana) de Pantaleão são contemporâneos de “Na Casa de Saude de Cacaes” e analisando somente o título percebemos a conexão entre esse escrito e as leituras sobre o funcionamento do psiquismo humano realizadas por Pessoa. A primeira frase deste testemunho é também muito relevante (“Vive a sua vida, não seja vivido por ella.”) pois parece demonstrar o tom interventivo dos escritos de Pantaleão. Ele, neste texto, exerce o papel de conselheiro e seu primeiro desejo é tornar o leitor um homem de ação, que não é vivido pela vida, mas que vive a sua vida. Pantaleão viveu a sua vida fictícia de forma intensa, escreveu cartas, visões, assinou projetos e até tinha a intenção de escrever sobre uma outra personagem, como está registrado em um documento, publicado por Teresa Rita Lopes (LOPES, 1990, vol II, p. 209):

“Torquato Mendes Fonseca da Cunha Rey.
 A M † Cabral. (□ d’um monarchico).
 (publicado por ‘Pantaleão’ – das Visões.)

Não sei o valor que terá este escripto; os entendidos que o digam. O meu unico fim foi □ a [↑ultima] vontade do meu querido e [↑/malogrado/] /chorado/ amigo. Nada mais.

‘Pantaleão’

O documento revela o desdobramento das ficções dentro deste espaço dramático que é o universo literário pessoano. Pantaleão escreveria sobre Torquato Mendes Fonseca da Cunha Rey, possivelmente outra personagem que ganharia vida nos escritos do autor português. A referência às Visões pode se relacionar com o provável conteúdo deste escrito, como já foi evidenciado, as visões são escritos de caráter político. Caso Pantaleão tivesse escrito esse texto sobre Torquato Reys seria muito possivelmente algo de cunho político. A presença da palavra “monarchico” no fragmento também aponta nesta direção. Outro documento publicado também em *Pessoa por Conhecer* (LOPES, 1990, vol II, p.211), que seria o prefácio às Visões, esclarece o teor deste escrito de Pantaleão:

“[Md.]
[anterior a 1910]

«Prefacio ás Visões»

Nem venha ninguem dizer que este livro é aspero e brutal.

.....
Propriamente fallando, eu não combato a monarchia; combato a monarchia portugueza. Não admitto nem que a monarchia seja preferida, nem que ella seja igual em voto á republica em parte alguma. Mas n’este caso, repito, não é a monarchia que combato. É a monarchia portugueza.

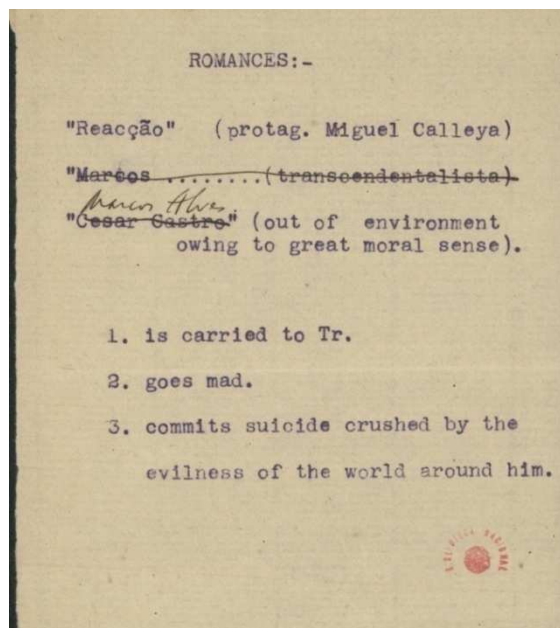
A monarchia tem-se tornado em alguns paizes compativel com a maior civilização, deixando de ser o menos possivel monarchia. Quanto menos monarchia é, melhor sahe. A monarchia portugueza ahi está! Basta olhar para ella. Não ha melhor argumento.”

Esse texto não deixa dúvidas em relação ao papel político desta personalidade pessoana. As suas “Visões” possuem carácter anti-monárquico e por isso a investigadora pessoana Teresa Rita Lopes situa esse documento como sendo anterior a 1910, data da proclamação da República em Portugal. A inserção de Pantaleão no periódico *O Phosphoro* reafirma a posição política deste outro eu pessoano. O documento também mostra que as “Visões” situam-se no período pós-Durban, como é o caso também do projeto “A Psychose Adeantativa”. Pantaleão foi crítico político e leitor das ciências sobre o funcionamento da psique humana. Os seus escritos de cunho político emanam dos conhecimentos adquiridos por ele, quando seu mestre o criou, em Lisboa, depois do retorno definitivo da África do Sul.

3.3. Marcos Alves entre a psiquiatria e o “*desasocego*”

As leituras sobre as ciências do psiquismo humano exerceram forte influência na escrita pessoana, podendo-se constatar os resquícios destas leituras em projetos como a “*História de uma ditadura*” e em outros assinados por outros eus. Consta no espólio de Fernando Pessoa um romance, também escrito neste período pós-Durban, intitulado “Marcos Alves”.

Teresa Rita Lopes foi a primeira a publicar fragmentos deste escrito pessoano, denominado romance pelo próprio Pessoa, como podemos atestar na seguinte lista [BNP/E3-48G-22]:



“ROMANCES: -

“Reacção” (protag. Miguel Calleya)

<<Marcos (transcendentalista)>

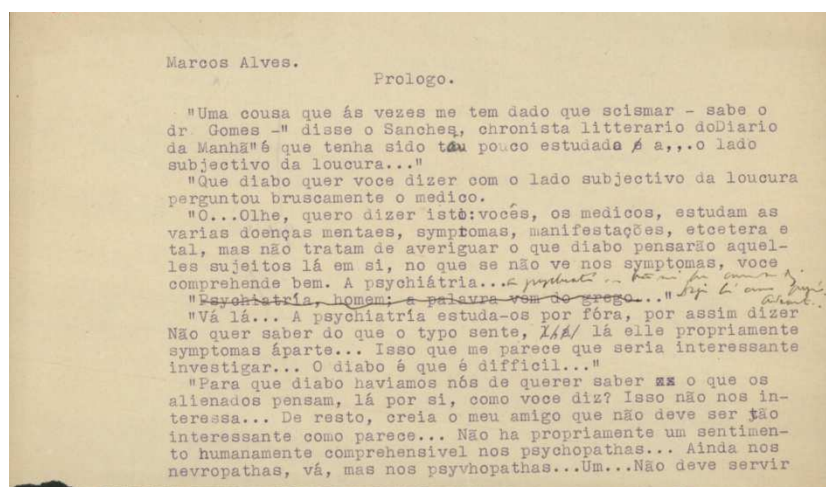
<<Cesar Castro> [↑ “Marcos Alves”] (out of environment owing to Great moral sense).

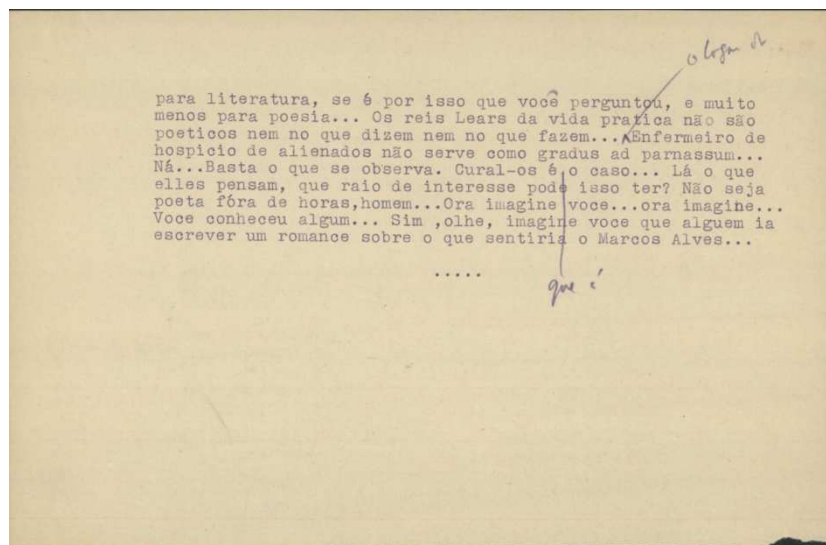
1. is carried to TR.

2. goes mad.

3. commits suicide crushed by the evilness of the world around him.”

Essa lista, além de deixar evidente que “Marcos Alves” era um romance, também denuncia que possivelmente esse seria traduzido para o inglês. Esse não é o único documento no qual o autor deixa registrado que “Marcos Alves” é um romance, no final do prólogo [BNP/E3-27⁹E2-3] esse aspecto também é ressaltado:





“Prologo

«Uma cousa que ás vezes me tem dado que scismar - sabe o dr. Gomes -» disse o Sanches, chronista litterario do Diario da Manhã «é que tenha sido tão pouco estudado o lado subjectivo da loucura...»

«Que diabo quer você dizer com o lado subjectivo da loucura» perguntou bruscamente o medico.

«O... Olhe, quero dizer isto: vocês, os medicos, estudam as varias doenças mentaes, symptomas, manifestações, etcetera e tal, mas não tratam de averiguar o que diabo pensarão aquelles sujeitos lá em si, no que se não vê nos symptomas, voce comprehende bem. A psycuiátria... a psychiatria... não sei bem como se diz.»

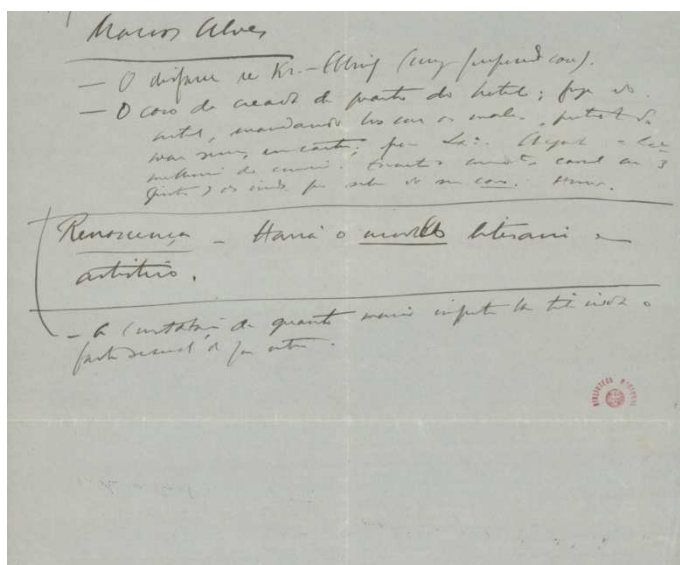
«Diga lá como quizer... adiante.»

«Vá lá... A psychiatria estuda-os por fóra, por assim dizer. Não quer saber do que o typo sente, lá elle propriamente syntomas áparte... Isso que me parece que seria interessante investigar... O diabo é que é difficil...»

«Para que diabo haviamos nós de querer saber o que os alienados pensam, lá por si, como voce diz? Isso não nos interessa... De resto, creia o meu amigo que não deve ser tão interessante como parece... Não ha propriamente um sentimento humanamente comprehensivel nos psychopathas... Ainda nos nevropathas, vá, mas nos psychopathas... Um... Não deve servir [3^v] para literatura, se é por isso que você perguntou, e muito menos para poesia... Os reis Lears da vida pratica não são poeticos nem no que dizem nem no que fazem... O lugar do enfermeiro de hospicio de alienados não serve como gradus ad parnassum... Ná... Basta o que se observa. Cural-os é que é o caso... Lá o que elles pensam, que raio de interesse pode isso ter? Não seja poeta fóra de horas, homem... Ora imagine voce... ora imagine... Voce conheceu algum... Sim, olhe, imagine voce que alguém ia escrever um romance sobre o que sentiria o Marcos Alves...»

No prólogo há o diálogo entre o Dr. Gomes (possivelmente psiquiatra) e Sanches, um jornalista do “Diário da Manhã”. Nota-se a crítica à psiquiatria, uma ciência que estudaria os doentes somente por fora, sem se preocupar com o que eles realmente pensam. Esta é a preocupação de Sanches, saber o que os doentes psiquiátricos pensam e o lado subjetivo da loucura. E o Dr. Gomes defende que o lado subjetivo da loucura só tem interesse para a literatura, para a ficção, que a subjetividade de um Rei Lear (referência a Shakespeare), na vida prática não teria o menor teor poético. Esse aspecto é extremamente relevante, pois a investigação pessoal sobre a loucura foi intensa e extensa como revelam os documentos do

espólio. É muito interessante perceber que apesar do teor científico das leituras realizadas por Pessoa neste sentido, a sua preocupação com a subjetividade da loucura serviu justamente de matéria-prima para a sua criação literária. Pessoa fez arte com o seu medo da loucura. O romance “Marcos Alves” ressalta justamente esse fato, as leituras psiquiátricas encontram-se presentes, como é o caso do documento citado e de outro testemunho [BNP/E3-27⁹E2-20] em que há referência explícita ao nome do Dr. Krafft Ebing, revelando a caráter alquímico dos escritos pessoanos que transforma muitas vezes ciência em ficção:



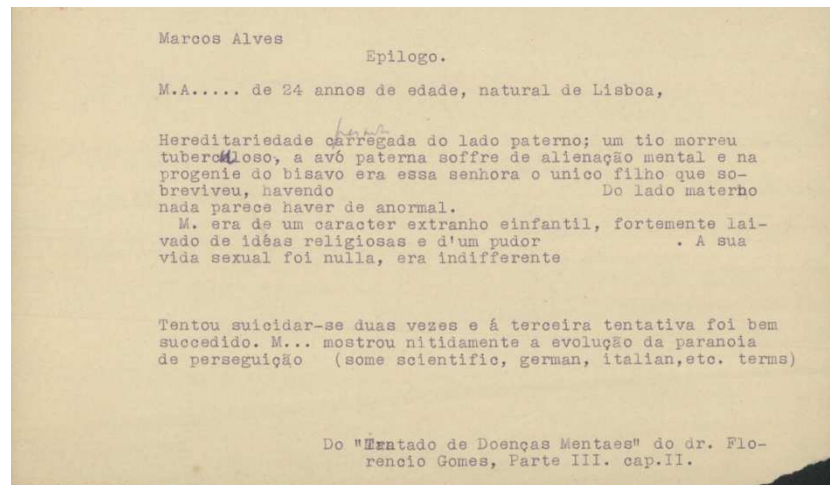
“Marcos Alves

O disfarce de Kr[afft]-Ebbing (my preferred case).

O caso da creada do quarto de hotel; foge do hotel, mandando buscar as malas, pretextando mau service em carta; para Lx^a, melhoria do correio. Encontra o comandante, casual com 3 (pintores) dos indivíduos que sabem do seu caso. Horror.

- A constatação de quanto maior importância lhe tinha ainda o facto sexual do que outro.”

O documento evidencia a influência do psiquismo humano para a estruturação do romance. A provável leitura de Krafft Ebing serviu para compor a escrita de “Marcos Alves”, evidenciando um certo padrão pessoano: o estreitamento dos limites entre a ciência e a ficção. Talvez a melhor explicação para esse fato seja a relação que Pessoa estabelece desde cedo com a verdade. E nesse ponto a escrita pessoana encontra-se em consonância com a filosofia nietzschiana, onde a noção de verdade é colocada em xeque e a verdade passa a ser analisada como mais uma faceta da ficção. Deixando essa análise filosófica dos escritos pessoanos para outra oportunidade, voltemos a nos dedicar à relação entre os fragmentos do romance Marcos Alves e as ciências do psiquismo humano. Em outros testemunhos deste romance inacabado essa influência é ainda mais ostensiva, como é o caso do Epílogo [BNP/E3-27⁹E2-51]:



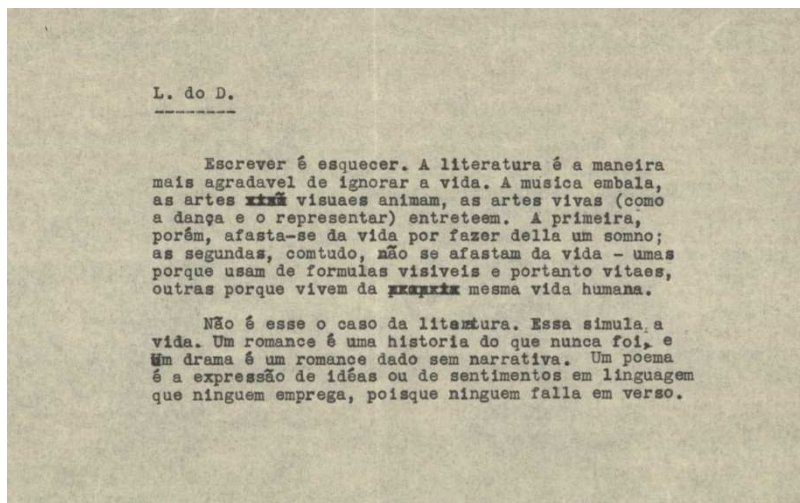
“Epilogo

M[arcos]. A[Alves] (...). De 24 annos de idade, natural de Lisboa, (...)
 Hereditariedade pesada do lado paterno; um tio morreu tuberculoso, a avó paterna soffre de alienação mental e na progenie do bisavo era essa senhora o unico filho que sobreviveu, havendo (...). Do lado materho nada parece haver de anormal.
 M. era de um caracter extranho e infantil, fortemente laivado de idéas religiosas e d'um pudor (...). A sua vida sexu fal foi nulla, era indifferente (...)
 Tentou suicidar-se duas vezes e à terceira tentativa foi bem succedido. M... mostrou nitidamente a evolução da paranoia de perseguição (some scientific, german, italian, etc. terms).
 Do «Tratado de Doenças Mentales» do dr. Florêncio Gomes, Parte III. cap.II.”

O primeiro aspecto que chama a atenção neste testemunho é a relação entre a ficção e a vida de Fernando Pessoa. A sua avó paterna Dionísia sofria de alienação mental assim como a avó de Marcos Alves. Esse texto foi publicado em **Pessoa por Conhecer**, numa secção intitulada “Autodiagnósticos na pessoa de outro”, possivelmente pela proximidade entre esse texto e a biografia pessoana. Para além deste aspecto, a vida sexual de Pessoa era provavelmente nula até esse período. O namoro com Ofélia se inicia em 1920, data posterior a esse escrito. A sexualidade de Pessoa transformou-se em um tabu, muitos estudiosos têm se debruçado sobre esse tema, por isso, não é necessário aqui prolongar essa questão, de menor importância para esse trabalho¹⁹. A questão da hereditariedade patente neste escrito dialoga com o texto do Dr. Arthur Leitão, citado anteriormente neste trabalho, no qual o médico faz uma minuciosa análise da hereditariedade de João Franco para explicar o seu caso de loucura epiléptica. Outro ponto interessante deste escrito é a referência à paranóia. Trata-se de um tema recorrente nos textos pessoanos deste período pós-Durban. Todos os temas presentes e analisados neste fragmento nos mostram uma proximidade com a biografia pessoana e ao

¹⁹ Um importante texto científico sobre a sexualidade pessoana, ao nosso ver, foi escrito por Teresa Rita Lopes, in: LOPES, Teresa Rita. “O Falso Virgem”. Revista Egoísta. Julho 2008. Número Especial. ISSN: 0874-7407.p.60-64.

mesmo tempo uma distância da mesma. A possível explicação desse fato pode ser encontrada em um fragmento do projeto do *desasocego* [BNP/E3-4-10]:



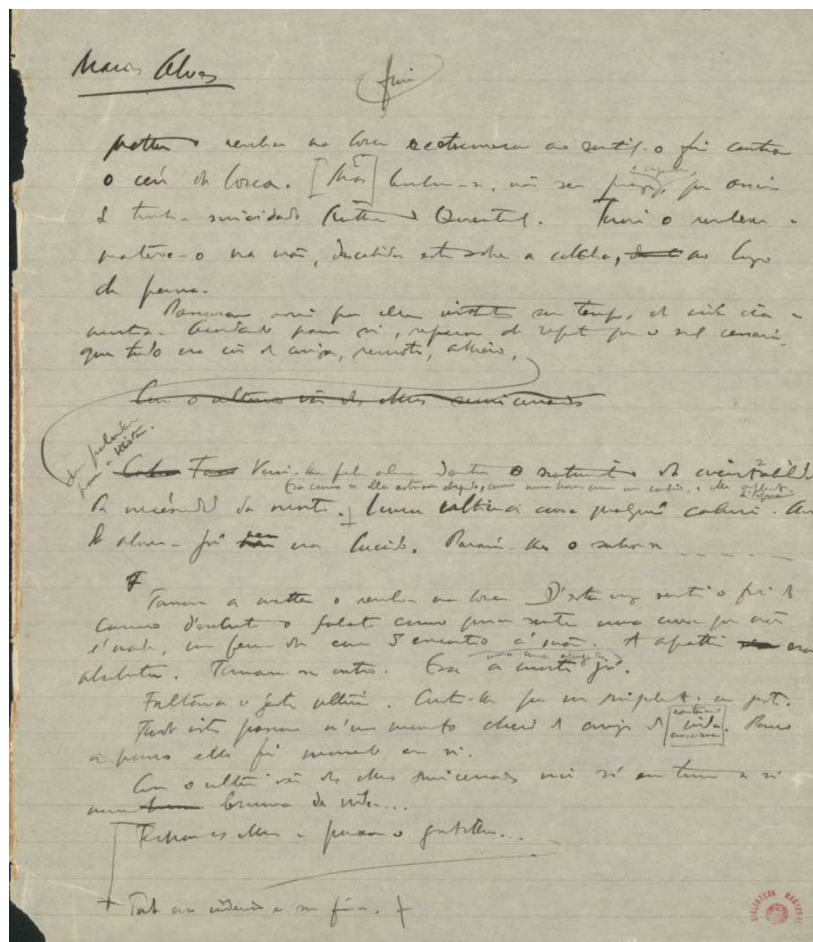
“L. do D.

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A musica embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e o representar) entreteem. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer della um somno; as segundas, comtudo, não se afastam da vida – umas porque usam de formulas visíveis e portanto vitaes, outras porque vivem da mesma vida humana.

Não é esse o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é a historia do que nunca foi, e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de idéas ou de sentimentos em linguagem que ninguem emprega, poisque ninguem falla em verso.”

Utilizando esse fragmento como lente de leitura para o documento anteriormente citado do romance “Marcos Alves”, podemos concluir que a escrita deste romance serviria para Pessoa esquecer, ignorar a vida, seus impasses e seus incômodos: nomeadamente a preocupação pessoal com a loucura e com o seu sentimento de inadaptação à vida. Transferir para o campo da ficção os seus pavores era um método terapêutico utilizado por Pessoa. “Marcos Alves” foi a história do que nunca foi: Pessoa nunca foi internado, nunca se suicidou. Escrevendo esse romance o autor não apenas ignorou a face da vida que tanto temia, mas exorcizou os seus pavores. Em seu laboratório alquímico, Pessoa colocou seus medos no palco, levou-os até as últimas consequências, mantendo assim a sua vida parcialmente intacta.

O possível final deste romance [BNP/E3-27⁹E2-42] é também muito importante, pois revela a identificação entre Marcos Alves e Antero de Quental:



“Fim.

Metteu o revólver na boca e estremeceu ao sentil-o frio contra o céu da boca. /Mas/ lembrou-se, não sem prazer e orgulho, que assim se tinha suicidado Anthero de Quental. Tirou o revólver e manteve-o na mão, descahida esta sobre a colcha, ao longo da perna.

Passaram assim por elle instantes sem tempo, de vida ôca e neutra. Acordado para si, reparou de repente que o sol cessara, que tudo era côr de cinza, remoto, alheio, sem paladar para a vista.

Veio-lhe pela alma dentro o sentimento da inevitabilidade, da necessidade da morte. Era como se ella estivesse chegando, a hora, como um comboio, e ele simplesmente à espera. Uma última cousa qualquêr cahira-lhe da alma - já nem era lúcido. Parára-lhe o saber-se □

Tornou a metter o revolver na boca. D'esta vez sentiu o frio do canno d'encontro ao palato como quem sente uma cousa que não é nada, um pouco da cara d'encontro á mão. A apathia era absoluta. Tornara-se outro. Era uma cousa apagada.

Faltava o gesto ultimo. Custou-lhe por ser simplesmente um gesto.

Tudo isto passou n'um minuto cheio de cinza de consciencia. Pouco a pouco ella foi morrendo em si.

Com o ultimo vêr dos olhos semicerrados viu só em torno a si uma bruma de vida...

/Tudo era indeciso e sem forma./

Fechou os olhos e puxou o gatilho..."

Pessoa foi leitor de Antero de Quental e mais do que isso: o autor português pensou em traduzir poemas de Antero. A relação entre Marcos Alves, protagonista deste romance, e Antero é complexa. Isso porque, se neste documento percebe-se uma forte identificação entre os dois, em outro documento [BNP/E3-27⁹E2-18], Marcos Alves confessa que a leitura de

Antero lhe faz mal. Antero conheceu e foi paciente Charcot. Sua doença nervosa foi diagnosticada como Histeria masculina e nervosismo proteiforme. Neste ponto, encontramos harmonia entre Marcos Alves, Antero de Quental e Fernando Pessoa. No documento [BNP/E3-20-17] Pessoa afirma:

“*Prefacio* (aproveitar para o Shakespeare)

Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma intelligencia <fem> masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que d’ella procedem, <ou seja> e é nisso que consiste(m) o temperamento e a<s> sua<s> expressão, são de mulher. As minhas faculdades, de relação – a intelligencia, e a vontade, que é uma intelligencia do impulso – são de homem.(...)”

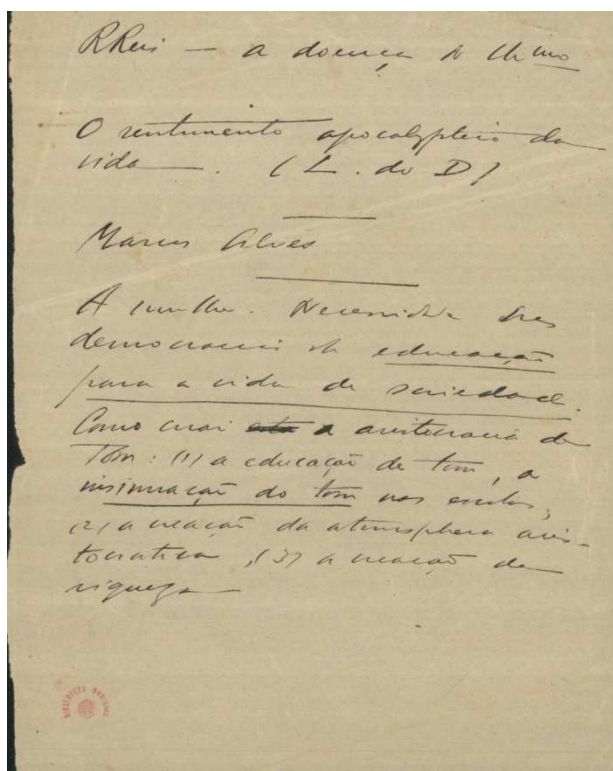
Antero tinha também ambos os temperamentos, o diagnóstico de histeria masculina denuncia justamente esse fato. Na história da histeria, essa doença está intimamente ligada ao temperamento feminino. Pessoa, assim como Antero, se sentia dividido entre os temperamentos feminino e masculino. Marcos Alves também se identifica com Antero, um pouco antes de se suicidar, lembra “não sem prazer”, que Antero havia se matado da mesma maneira. Nos minutos finais de sua vida, quando a decisão final precisa ser tomada, Marcos Alves lembra-se de Antero e a sua memória o recolhe como uma referência, e, dado o desfecho deste trecho, como um exemplo. Não foi a primeira vez que Marcos Alves tentou tirar a própria vida, mas só consegue executar o seu ato final, seguindo os passos de Antero, imitando os mesmos atos de Antero antes de seu suicídio. Esse aspecto ressalta novamente uma característica da literatura pessoana, aqui neste trabalho já ressaltada: a existência de tênues limites entre a realidade e a ficção. Parte da trágica e real história de Antero migra para a ficção pessoana, “*Marcos Alves*”, um romance inacabado, que migraria para outra ficção, Bernardo Soares, um possível autor deste texto. Soares é conhecido sobretudo pelo **Livro do Desasocego**, mas seus projetos estão para além deste. No espólio Soares seria responsável por outros projetos, entre eles, “*Marcos Alves*” (SOUZA, 2011). A seguinte lista, presente no espólio [BNP/E3-144G-29], confirma esse dado:

“*B. Soares*

1. Historia amorosa de um homem de genio.
2. Um chimico. (theatro, canção obscura)
3. O C. □ s.
4. O Gramophone.
5. O Caso Esteves (homem que casou por apararencia †††, interno num manicomio).
6. Um Portuguez (descendente de navegadores).
7. O Prior de Buarcos.
8. Marcos Alves.
9. O Orphão Absoluto (com o riso das senhoras).
10. Um doido.

Tachygraphia
Contos – B. Soares.”

Essa lista, além de revelar que Bernardo Soares seria o possível autor do romance “Marcos Alves”, mostra que, mesmo após o surgimento dos heterônimos, (época na qual Pessoa se distancia das leituras inicialmente intensas sobre o funcionamento do psiquismo humano), o autor português ainda pensava em publicar alguns projetos relacionados a essas leituras, como é o caso de “Marcos Alves”, “História de um homem de gênio”, “O caso Esteves” e “Um doido. Em outro documento [BNP/E3-9-16] encontramos uma relação direta entre Marcos Alves e o projeto do “*desasocego*”:



“RReis – A doença do Ch[ristianis]mo
O sentimento apocalyp[ti]co da vida. (L. do D.)

Marcos Alves

A mulher. Necessidade nas democracias de *educação para a vida de sociedade*. Como criar a aristocracia de Tom: (1) A educação de tom, a *insinuação do tom* nas escolas; (2) a criação da atmosfera aristocrática, (3) a criação de riqueza □”

Fernando Pessoa tinha o hábito de escrever numa mesma folha de papel assuntos distintos, como parecer ser o caso deste documento. O projeto de Ricardo Reis sobre o cristianismo apresenta relação com o projeto do “*desasocego*”, “Marcos Alves” é escrito após um traço, o que pode significar uma separação entre esses projetos. Mas, há uma relação entre eles, por isso, Pessoa os escreveu na mesma folha e analisando o papel e a tinta, no mesmo momento. O sentimento apocalíptico da vida presente nos fragmentos do “*desasocego*”,

encontra-se também em “Marcos Alves”, como já constatamos neste trabalho. Há entre os dois projetos uma afinidade temática e estilística, fato que possivelmente fez com que Soares assinasse ambos.

Um outro documento deste romance, “Cartas de Marcos Alves” [BNP/E3-27⁹E2-12] reforça esse sentimento apocalíptico diante da vida, tão marcante no “desasocego”:

“Cartas de Marcos Alves:

Levei a vida toda a sentir-me inadaptado mesmo ás suas cousas mais altas e adaptar-me a todas, mesmo, ás mais reles. Assim criei uma dupla personalidade, da qual ambos os entes são falsos. Por isso me não encontro. Por detraz do homem de espirito e /um pouco de sociedade/, sou o artista morto, e não o sou realmente. Vendo o que quiz ser, o que me julguei plenamente capaz de ser, e attentando no que hoje irremediavelmente sou, uma angustia enorme, como a de ter perdido a alma, ou um céu, sobe-me á cabeça.

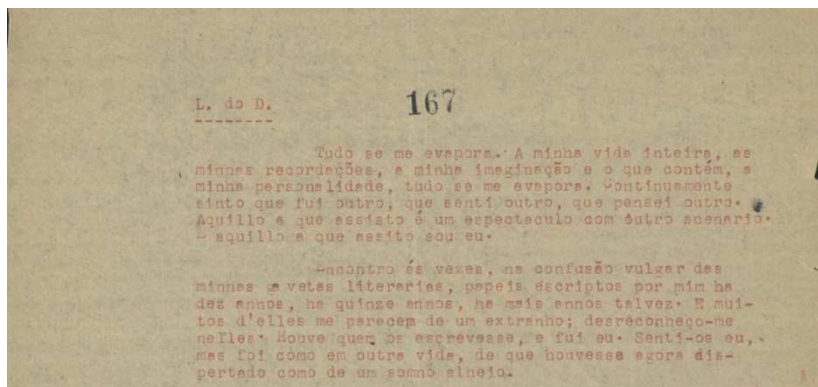
Nunca me senti senão atravez de uma idéa de mim.

Tudo o que amei cedo ou tarde me veio a ferir □

Cortei todos os laços commigo proprio; hoje nada me amarra a mim a não ser o sentimento de dever estar amarrado. Só me sinto um ao attentar que sou, pelo menos, dois.

Pergunta-me v[ocê] como vim dar n’isto – n’isto de ser o cavaqueador brilhante, o triumphador das attenções... Perdendo-me. Cada pedra com que construi a m[inha] reputação de blagueur, de artista □, de □ - tirei-as ao muro, hoje desgastado, com que me vedara /do não-eu/. Hoje não tenho alma. Vendi-a a mim próprio, a troco de moeda falsa, beijos comprados, amizades inuteis, admiradores despreziveis, inimigos que me esqueceram.”

Esse trecho está em consonância com muitos fragmentos do *Livro do Desasossego*. A escrita de um sujeito “incompleto para a vida” e sem capacidade de ação está em plena harmonia com a escrita do “desasocego”. Provavelmente, por esse motivo, Pessoa pensou em emprestar a sua caneta para Bernardo Soares assinar esse romance. Um fragmento do projeto do “desasocego” [BNP/E3-5-14] dialoga de forma muito próxima com as “Cartas de Marcos Alves”:



“L. do D.

Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minha recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro.

Aquillo a que assisto é um espectáculo com outro scenario. E aquilo a que assisto sou eu.

Encontro ás vezes, na confusão vulgar das minha gavetas literarias papeis escriptos por mim ha dez annos, ha quinze annos, ha mais annos talvez. E muitos d'elles me parecem de um extranho; desreconheço-me nelles. Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu, mas foi como que em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um somno alheio. (...)"

O desencontro consigo próprio é uma constante na escrita tanto de Marcos Alves quanto na de Bernardo Soares. O trecho do “desasocego” citado aqui pertence já aos escritos de Soares, portanto posterior a 1929, quando o semi-heterônimo assume esse projeto. Essa inadaptação do indivíduo seja em relação à sua interioridade, seja em relação ao mundo exterior, muito marcante em Alves e Soares, é vivida de outra forma por Pessoa. O autor português poderia até se sentir um inadaptado, aturdido por nuances depressivas e suicidas como alguns dos seus outros eus. Mas, o que fica claro, principalmente a partir dos projetos aqui evidenciados, é um Pessoa muito ativo e militante, preocupado com sua época, com os aspectos políticos, sociais e estéticos do seu tempo. A inatividade fez parte (de forma paradoxal, pois escrever já é uma intervenção do artista em seu tempo) da vida de algumas das suas personalidades literárias e personagens de romance, contos: como é o caso de Marcos Alves (personagem de romance), de Bernardo Soares (semi-heterônimo), do Barão de Teive (personalidade literária).

3.4. António Mora: o autor que foi louco

A criação de António Mora, outra personalidade literária pessoana, é anterior à gênese de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. O nome de António Mora²⁰ aparece em um conto intitulado “*Na casa de Saude de Cascaes*”²¹. Os textos que constituem o *corpus* deste conto, incluindo os projetos nos quais constam “*Na Casa de Saude Cascaes*”, foram possivelmente redigidos entre 1909 e 1910. Esse fato evidencia que António Mora surgiu antes do polémico “Dia Triunfal”, 8 de Março de 1914.

A escrita do conto “*Na Casa de Saude de Cascaes*” encontra-se permeada, como o próprio nome já indica, pelos estudos psiquiátricos pessoanos. António Mora é um doente psiquiátrico, como podemos atestar no fragmento abaixo [BNP/E3-27¹⁹B³-4]:

²⁰ A referência a esta personalidade pessoana aparece num texto de autoria de Teresa Rita em **Pessoa por Conhecer**, volume I, intitulado “A Casa de Saude de Cascaes, Templo para o Regresso dos Deuses” (p.197). No volume II do livro já aqui citado, Teresa Rita Lopes publicou uma lista na qual consta referência ao conto “Na Casa de Saude de Cascaes.” (LOPES, vol II, p.268).

²¹ Esse conto encontra-se na edição crítica de António Mora: PESSOA, 2002.

“...O mais interessante, porém, é o Antonio Mora. É, pelo menos, o mais original de todos.

- O mais original?

- Sim, pessoalmente original, original como pessoa, não clinicamente original. Clinicamente não se afasta em nada do typo paranoico, ou da marcha conhecida paranoia. É verdade que não é simplesmente um paranoico. É também um hysterico. Mas a paranoia é algumas vezes acompanhada de uma psychonevrose intercorrente. Não ha que extranhar. Nada ha ahi de exquisito. Não é nisso que elle é original. É na especie do seu delirio, no conteudo, que está todo o interesse. E não te digo mais nada...Verás. E dispõe-te para gastaes tempo com elle, porque, vaes ver, ficas interessadissimo.

- Veremos.

- Garanto-te. Não será preciso apontar-t’o. Conhecel-o logo pela toga.

- A toga? O quê! O typo anda de toga? Mas isso tem qualquer cousa que vêr com o delirio...?

- Verás, meu velho, verás...Não te quero dizer nada. Não te quero tirar o interesse á surpresa.”

O trecho citado mostra os conhecimentos sobre o funcionamento do psiquismo humano adquiridos por Pessoa em suas leituras no período pós-Durban. Mora sofre de paranóia, assim como Freud, que foi diagnosticado também por Pessoa como um pensador que sofria da paranóia de tipo interpretativo. É interessante perceber o percurso de António Mora nos escritos pessoanos. Existem no espólio fragmentos de um outro projeto intitulado “Na Casa de Saude de Caxias”, onde não consta o nome de António Mora, mas como pode-se constatar no documento [BNP/E3-27⁸C²-6], também diz respeito a essa imagética da loucura, como o próprio nome indica:

“Na Casa de Saude de Caxias

A Casa de Saúde de Caxias era destinada exclusivamente ao tratamento de doenças mentaes. Em outras palavras, a Casa de Saúde de Caxias era um manicomio. E como, da breve experiencia que eu tivera de uma visita a Rilhafolles, me não sobrava desejo de repitil-a, não foi com uma extremidade de prazer que recebi [↑acedi a]o convite do Manuel Santos, medico-director de Caxias, para ir alli almoçar com elle no domingo seguinte. <Ao> O local do almoço /relevava/ pouco do aprazivel, nem me parecia um pazer da passeio o † com almoço, uma visita de estudo basico ás /enfermarias <†> <†>mas metido nellas/.”

O primeiro aspecto que deve ser ressaltado deste testemunho é a parte material: foi escrito no verso de um panfleto distribuído por Lisboa intitulado “Sobre o manifesto de estudantes” de autoria de Fernando Pessoa. Esse panfleto foi redigido no ano de 1923 e possui um carácter contestatório, seu conteúdo está relacionado a questão da censura, presente neste momento, e responsável pela apreensão de alguns livros da Editora Olisipo (pertencente a Pessoa). Dito isso, fica claro que esse texto ou é contemporâneo desse panfleto ou é posterior. Embora a nossa pesquisa esteja circunscrita sobretudo aos anos de 1905-1914, não poderíamos deixar de analisar ainda que brevemente esse projeto (“Na Casa de Saude de Caxias”) que possui o nome tão semelhante ao projeto que trouxe António Mora ao universo

literário pessoano. É interessante observar a persistência deste interesse pessoano acerca do manicômio, da loucura e sobretudo da questão da paranóia que vai permear muitos dos seus escritos, também evidente neste projeto [BNP/E3-27⁸C²-7]:

“300 becamas Na Casa de Saude de Caxias

E a *prova* de separação é que, nessa altura (1600 C.), os Occultos tornaram-se uma sociedade, e formaram sociedades, ao passo que [↑os] mestres eram, como haviam sido e são, não uma sociedade mas uma Fraternidade.

 ‘Chama-se [↑a] isto’ disse-me o meu amigo ‘a mania interpretativa. O louco forma uma theoria, ou aquillo que suppõe ser uma theoria, e á luz d’ella interpreta todos os factos, ainda os que nos pareçam mais afastados do ambito da theoria que elle arranjou. Este homem é uma victima – prisioneiro, é claro, da hereditariedade, mas não é d’isso que fallo agora – uma victima da mania partidaria moderna de attribuir tudo de mau na vida social ao partido politico contrario.’

O título deste fragmento evidencia novamente toda a mobilidade do universo literário pessoano – “300 torna-se Na Casa de Saude de Caxias” – eis a tradução. Esse outro projeto designado “300” foi trabalhado por Yvete Centeno (CENTENO, 1988). O importante para a nossa pesquisa é mostrar a fluidez dos escritos pessoanos e as semelhanças entre os projetos “Na Casa de Saude de Cascaes” e “Na Casa de Saude de Caxias”, por esse motivo não aprofundaremos as questões relativas aos projetos “300” e “Na Casa de Saude de Caxias.” Outro aspecto relevante no documento transcrito é a referência a mania interpretativa, a paranóia, presente em tantos textos pessoanos. Em um dos primeiros escritos desta tese [BNP/E3-15B⁴-47] vimos que Pessoa foi buscar em Kraepelin a noção de paranóia, a partir de então esse traço psíquico entrou na criação literária pessoana e vai ser utilizada largamente, inclusive no diagnóstico que Pessoa faz da teoria freudiana, como já foi comentado e será analisado de forma pormenorizada no próximo capítulo. Finalizamos aqui as análises sobre o projeto “Na Casa de Saude de Caxias”, retornando assim à personalidade literária, António Mora, nascida no outro projeto, “Na Casa de Saude de Cascaes.”

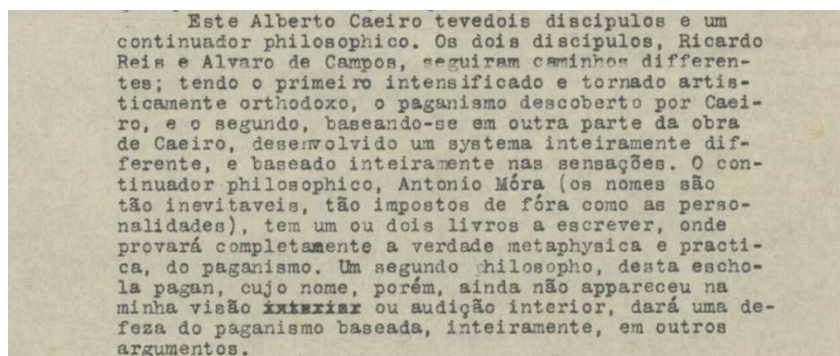
Em um primeiro momento, Mora é o personagem do conto “Na Casa de Saude de Cascaes”. Com o passar do tempo, essa personagem sai do manicômio ganha autonomia e se transforma em personalidade literária nos escritos pessoanos, como defende Teresa Rita Lopes (LOPES, 1990, vol I, p.198):

“Estou em crer que o percurso de Mora da ‘Casa de Saude de Cascaes’ até o palco de *Athena* – onde à última hora, foi impedido de se apresentar de toga, e obrigado a mascarar-se de Fernando Pessoa, por via das conveniências – foi mais ou menos este: nasceu, antes dos Heterónimos, no interior dessa Casa, como um louco-iluminado com a missão de diagnosticar e tratar o ‘morbo-mental’ do homem moderno, como um nome que, ao princípio, foi um qualquer porque o que contava era a personagem em si; tornou-se, em seguida, independente dessa ficção; regressou, depois da criação dos Heterónimos, às quatro paredes da ficção

(sanatório-templo-palco) em que se manifestara, para criar os ‘Fundamentos’ da imensa construção do ‘Neopaganismo Português’ que abrigará também os outros pagãos, Caeiro e Reis, inventados para restituir a saúde aos doentes da alma.”

Na “Casa de Saude de Cascaes”, Mora aparece como leitor de Ésquilo [BNP/E3-27¹⁹B³-4^r], admirador da cultura grega e crítico do cristianismo. O conto, como tantos outros projetos, foi relativamente abandonado por Pessoa. Relativamente, porque anos mais tarde, quando o autor português precisa de uma personalidade que assuma o projeto do neopaganismo, Mora será o escolhido, deixando o manicómio para civilizar toda uma cultura, como bem colocou Teresa Rita Lopes.

Na obra de Fernando Pessoa, a relação entre António Mora, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis passa pelo projeto da reconstrução do paganismo. Caeiro não deixou texto sobre o paganismo em prosa, ele fala através de seus discípulos: Campos, Reis, Pessoa e Mora. Toda a parte filosófica deste projeto da reconstrução do paganismo é delegada a António Mora. No texto, “*Aspectos*” [BNP/E3-20-70^r a 72^r], uma introdução a uma série ou colecção de livros, Pessoa afirma o carácter filosófico dos escritos de Mora:



Este Alberto Caeiro teve dois discípulos e um continuador philosophico. Os dois discípulos, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, seguiram caminhos diferentes; tendo o primeiro intensificado e tornado artisticamente orthodoxo, o paganismo descoberto por Caeiro, e o segundo, baseando-se em outra parte da obra de Caeiro, desenvolvido um systema inteiramente diferente, e baseado inteiramente nas sensações. O continuador philosophico, Antonio Móra (os nomes são tão inevitáveis, tão impostos de fóra como as personalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade metaphysica e practica, do paganismo. Um segundo philosopho, desta escola pagan, cujo nome, porém, ainda não appareceu na minha visão ~~interior~~ ou audição interior, dará uma defeza do paganismo baseada, inteiramente, em outros argumentos.

“Este Alberto Caeiro teve dois discípulos e um continuador philosophico. Os dois discípulos, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, seguiram caminhos diferentes; tendo o primeiro intensificado e tornado artisticamente orthodoxo o paganismo descoberto por Caeiro, e o segundo baseando-se em outra parte da obra de Caeiro, desenvolvido um systema inteiramente diferente, e baseado inteiramente nas sensações. O continuador philosophico, António Móra (os nomes são inevitáveis, tão impostos de fóra como as personalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade metaphysica e practica, do paganismo. Um segundo philosophico desta escola pagan, cujo nome, porém, ainda não appareceu na minha visão ou audição interior, dará uma defeza do paganismo baseada, inteiramente, em outros argumentos.”

A relação entre Mora e os três heterônimos é complexa, rica e profunda. Entre Caeiro e Mora temos a relação mestre-discípulo. Reis e Mora apresentam o mesmo estilo clássico em prosa, muitas vezes as frases são idênticas, o que torna difícil, em textos não assinados, a atribuição a um ou ao outro. Em apenas um aspecto a diferença entre eles parece clara: no que

diz respeito à relação entre ciência e religião. Campos dialoga com a obra de Mora, como podemos constatar neste trecho [BNP/E3-70-4]:

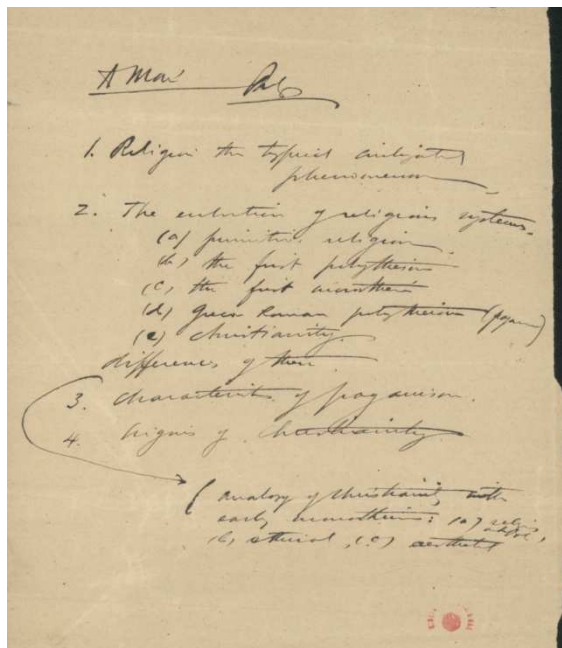
“Notas (A. de C.)

A Philosophia de Antonio Mora está contida num só tratado – os Prolegomenos para uma Reformação do Paganismo. O Regresso dos Deuses é mais um estudo que outra cousa, e o systema geométrico ultra-euclidiano, que o philosopho descobriu ou inventou, estando na verdade dentro da philosophia exposta nos Prolegomenos, não é propriamente philosophia. Creio que Antonio Mora pensava, contudo, em integrar o systema geométrico, como appendice ou capitulo suplementar, nos proprios Prolegomenos. Não sei como isto ficou ou ficará; só quando essas obras inéditas deixarem de o ser verá isso claramente.

Creio que não haverá mal algum em se expor, já, qual é o systema philosophico de Antonio Mora. Creio, até, que algum bem lhe faço com isto. Um systema philosophico precisa um pouco de prende date, pois que nelle a substancia é consubstancial com a forma (no sentido completo) pode ficar inedita durante muito tempo. Vou, pois, fazer o possível por expor, num resumo claro, em que consiste o Dualismo Absoluto de Antonio Mora.”

Esse trecho mostra Mora circunscrito no diálogo heteronímico. Álvaro de Campos conhece a obra de António Mora, conhece tão bem que se sente no direito de criticá-la. Neste espaço dramático que foi o processo da heteronímia, Mora parece ocupar um lugar importante. Não era poeta e ensaísta como Campos ou Reis, era filósofo, sua obra complementa e movimenta de alguma forma esse espaço dramático. Porém a obra de Mora parece carecer de certa autonomia. Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis possuem obra independente, apesar do diálogo entre eles possuir um carácter extremamente interessante e muito rico do ponto de vista literário. Se Pessoa não tivesse architectado esse diálogo, a obra de cada um deles teria solidez suficiente para sobreviver de forma independente. Será que podemos afirmar o mesmo da obra de António Mora? Construído antes dos três heterônimos, a maior parte dos seus escritos alimenta-se de um projeto que incluía todos eles. Para além disso, parece faltar uma biografia deste autor. Onde nasceu, onde viveu, onde estudou? Por quais motivo Pessoa não pormenorizou sua personalidade num mapa astral, como fez com Caeiro, Reis e Campos? Por essa perspectiva, Mora parece se adequar mais ao título de semi-heterônimo. Mas, como a obra de Pessoa está em eterno movimento, em eterno devir, é melhor deixar a pergunta em aberto.

Na lista de projetos que corresponde ao texto “*Aspectos*”, António Mora seria autor do livro “*Alberto Caeiro e a renovação do paganismo*” [BNP/E3-48D-55^r]. Em outras listas, Mora aparece também como autor de “*O Regresso dos Deuses*”, “*Prolegómenos a uma reconstrução do paganismo*”, “*Os fundamentos do paganismo*”, “*Origens do christianismo*”. Mora seria uma personalidade bilingue, o documento [BNP/E3-48D-55^r] confirma essa afirmação:



“A. Móra

Prolog

1. Religion the typical civilizational phenomena.
2. The evolution of religions systems.
 - (a) primitive religious.
 - (b) the first polytheism.
 - (c) the first monotheism.
 - (d) greco-roman polytheism (paganism)
 - (e) christianity.
 differences of these.
 (analogy of Christianity with early monotheism: (a) anthropological, (b) ethical, (c) aesthetical)
3. Characteristics of paganism.
4. Origins of christianity.”

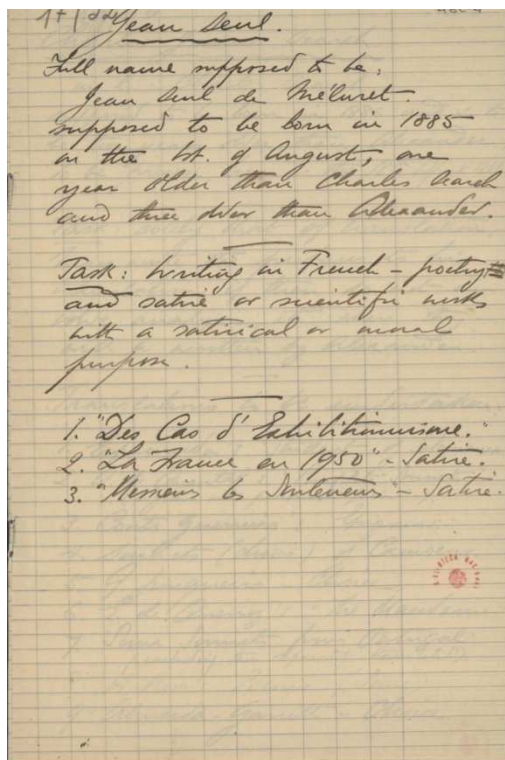
A relação de Pessoa com língua inglesa é muito interessante: quando retorna de Durban definitivamente em 1905 escreverá a grande parte dos seus textos em língua inglesa, pelos motivos já explicitados neste trabalho, num segundo momento (especialmente após 1908, como já foi explicado), Pessoa passa a escrever em português, mas a relação com a língua inglesa vai permanecer intensa. Essa lista aponta nesta direção. O projeto *Prolegomenos* de António Móra foi inicialmente delineado em português, mas a medida em que este projeto cresce, Pessoa pensa em traduzi-lo para o inglês. Isso acontece com outros projetos também presentes na arca. Se num primeiro momento a língua inglesa representa um instrumento básico para a elaboração dos seus textos, em um segundo momento, o inglês representa a possibilidade de ampliar a visibilidade da sua escrita, dos seus projetos. Outro ponto importante nesta lista é a presença do cristianismo. Como já mostramos, o cristianismo representa uma questão relevante para Pessoa, que vai dedicar especial atenção a esse assunto desde seu regresso a Lisboa. Possivelmente, Móra assinaria alguns fragmentos sobre o

cristianismo escritos quando era paciente de um manicómio. Neste sentido, Pessoa é um escritor económico e também paradoxal. Económico porque muitos dos textos dos seus projetos se incorporam a outros, são reaproveitados, como é o caso do próprio Mora, que era personagem e se transforma em personalidade. Outro exemplo dessa economia é a personagem Gama Nobre que está no conto “Na Casa de Saude de Cascaes” e também “Na Casa de Saude de Caxias”, talvez uma variação do primeiro texto. Dr. Gomes é outra personagem recorrente, aparece “Na Casa de Saude de Cascaes” e no conto “A morte do Dr. Cerdeira”, texto que levaria a assinatura de Vicente Guedes.

Embora alguns aspectos da obra de Mora tenham sido aqui evidenciados, o mais importante deles neste trabalho, é a faceta desta personalidade que dialoga com o período pós-Durban. Quando o primeiro Mora aparece, como personagem de um conto, onde é doente de um manicómio, já então leitor de Ésquilo. “Na Casa de Saude de Cascaes” foi um conto não acabado como tantos outros presentes no espólio. O importante neste caso é localizar o nascimento desta personalidade literária, que saiu de conto para entrar no jogo heteronímico.

3.5. Jean Seul de Méluret

Segundo consta no caderno intitulado, “Transformation Book”, Jean Seul de Méluret nasceu em 1885 um ano mais velho portanto do que Charles James Search. A leitura do testemunho citado [BNP/E3-48C-4^t] demonstra novamente a conexão entre as personalidades. Nos escritos sobre Jean Seul está presente o nome de Charles, que só pode ser Charles James Search, uma vez que se sabe que este nasceu em 1886, e de Alexander Search. “Jean Seul escrevia poesia e sátira, ou escritos científicos satíricos ou morais, em francês.” Está escrito neste documento:



“Jean Seul.

Full name supposed to be: Jean Seul de Méluret.

supposed to be born in 1885 on the 1st. of August, one year older than Charles Search and three older than Alexander.

Task: writing in French – poetry and satire or scientific works with a satirical or moral purpose.

1. ‘Des Cas d’Exhibitionnisme’.
2. ‘La France en 1950’ - Satire
3. ‘Messieurs les Souteneurs’ – Satire²².”

Nesse testemunho, além de constar uma pequena lista de projetos que seriam assinados por Jean Seul, Pessoa expõe a relação entre três pré-heterônimos: Jean Seul, Charles Search e Alexander Search. Esse fato é importante porque já é o prenúncio do que mais tarde ocorrerá entre Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Os três heterônimos possuíam obras e estilos distintos, mas em alguns textos a criação literária de ambos se encontrava, havia entre eles uma estreita conexão. Esse jogo com a linguagem no espaço literário pessoano pode ser constatado no período pós-Durban (1905-1914), já com os pré-heterônimos, que como está escrito neste fragmento encontra-se numa ficção biográfica. O jogo realizado mais tarde com a “família heteronímica” parece estar prenunciado neste momento da criação literária

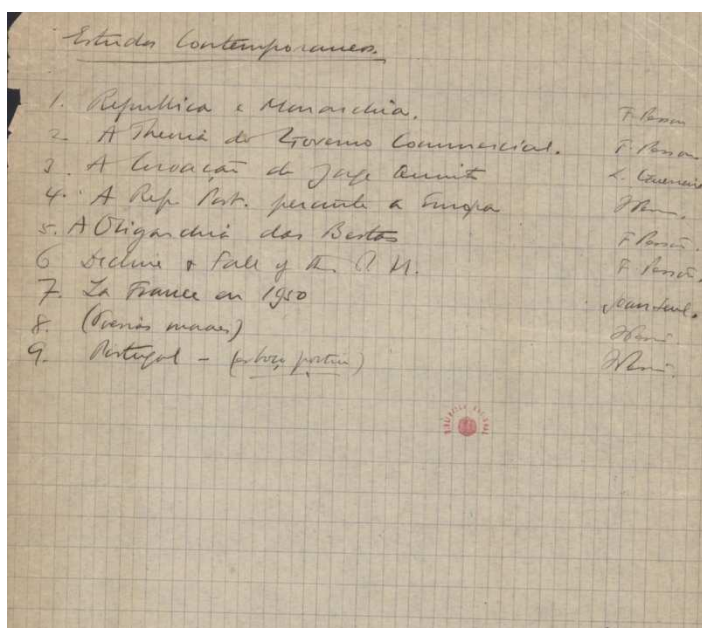
²² Jean Seul. O nome completo supostamente é: Jean Seul de Méluret. Supostamente nasceu em 1º de Agosto de 1885, um ano mais velho que Charles Search e três mais velho que Alexander.

Tarefas: escrever em francês, poesia e sátira ou trabalhos científicos com propósito satírico ou moral.

1. Casos de exibicionismo
2. A França em 1950 – sátira.
3. O senhor cafetão – sátira.

peçoana. O “Transformation Book” possivelmente situa-se no ano de 1908. Não poderia ser anterior a essa data devido ao projeto “O regicídio português e a situação política de Portugal”, de autoria de Alexander Search, pois o regicídio ocorreu em 1º de Fevereiro de 1908. Não poderia ser posterior ao ano de 1908 pelos projetos apresentados neste caderno, sobretudo os projetos de Pantaleão, personalidade importante em *O Phosphoro* e *O Iconoclasta*, periódicos anti-monárquicos e anti-clericais, como veremos no último capítulo deste trabalho.

O nome de Jean Seul aparece em outra lista do espólio [BNP/E3-48H-7¹], numa lista de projetos:



“Estudos Contemporaneos.

- | | | |
|----|---|---------------|
| 1. | Republica e Monarchia | F. Pessoa. |
| 2. | A Theoria do Governo Commercial | F. Pessoa. |
| 3. | A Coroação de Jorge Quinto. | L. Guerreiro. |
| 4. | A Rep[ublica] P[ortuguesa] perante a Europa. | F. Pessoa. |
| 5. | A Oligarchia das Bestas | F. Pessoa. |
| 6. | Decline and Fall of the P[ortuguese] M[onarchy] | F. Pessoa. |
| 7. | La France en 1950. | Jean Seul. |
| 8. | (poesias moraes) | F. Pessoa. |
| 9. | Portugal - (esboço poético) | F. Pessoa.” |

Uma análise de dois dos títulos presentes nesta lista (“A Oligarchia das Bestas” e “Decline and Fall of the P[ortuguese] M[onarchy]” evidencia que ela só pode ser posterior ao ano de 1910, quando foi proclamada a república em Portugal. É interessante observar que Pessoa aparece ao lado da sua personalidade literária, confirmando o que já foi exposto anteriormente: a ideia de autor para Fernando Pessoa parece se aproximar muito da ideia de autor como Gesto, desenvolvida por Agamben em *Profanações*. O autor é também um texto

que se encaixa em outros textos, o importante é o jogo com a linguagem, com a escrita. Por esse motivo, podemos supor que as três obras elencadas na ficha biográfica de Jean Seul e também o projeto reincidente na última lista transcrita sejam obras já esboçadas antes da existência do seu autor fictício. Outro aspecto importante desta lista é o teor político dos títulos. Esse fato demarca, mais uma vez, o espaço político na criação literária pessoana. As questões sobre monarquia e república ainda povoavam o imaginário do autor português na época deste testemunho.

Os três projetos de Jean Seul presentes no “Transformation Book” possuem algumas características em comum: 1) são projetos inacabados como tantos outros presentes na arca pessoana, 2) têm como componente estrutural a crítica à sociedade francesa, vista por Pessoa como uma sociedade decadente [BNP/E3-133I-92^r]: “Que a degenerescencia do nosso tempo se manifesta mais nitidamente na França é natural, sendo esse paiz o <que> *meneur* da civilização occidental.”

Esse fragmento revela a visão que Pessoa tinha da França neste período pós-Durban. A utilização da palavra degenerescência se relaciona com o livro de Nordau já citado anteriormente, que exerceu um papel muito importante na estruturação de muitos projetos pessoanos.

Retornando ao pré-heterônimo pessoano que escrevia em francês, Jean Seul, seu nome aparece também em um caderno [BNP/E3-144V-3^r]:

“Notas sobre publicações, etc.
F. Nogueira Pessoa
Alexander Search
Jean Seul”

Essa outra evidência sobre Jean Seul nos permite circunscrever a sua existência, como já foi analisado, no período de 1905-1914, provavelmente essa personalidade teria surgido no ano de 1908. Neste caderno encontram-se muitos projetos relacionado com a Empresa Ibis (fundada por Pessoa em 1909), outros de Alexander Search e ainda outros relacionados com *O Phosphoro* e *O Iconoclasta*. O nome de Jean Seul aparece somente neste testemunho, uma das primeiras páginas deste caderno. Apesar disso, o documento é de extrema importância pois nos revela que Jean Seul é contemporâneo de Alexander Search, da Empresa Ibis, de *O Phosphoro* e de *O Iconoclasta*.

Em **Pessoa por Conhecer** (LOPES,1990, vol II, p.202-207) foram publicados alguns dos textos pertencentes a dois projetos que seriam assinados por Jean Seul: “*Casos de Exibicionismo*” e “*A França em 1950*”. Selecionamos um dos fragmentos transcritos por

Teresa Rita Lopes, pertencente ao primeiro projeto referido, para evidenciar a estreita relação entre a criação literária pessoal e as leituras realizadas pelo autor português sobre as ciências do psiquismo humano (LOPES, 1990, vol II, p.205):

“*Exhib[itionnisme]*

Or le fait c’est que l’exhibitionnisme présente tous les caractéristiques d’une impulsion hystérique. Considérez bien la nature de cette perversion et vous le verrez /aisément/. C’est, d’abord, un *exhibitionnisme*; or on sait bien que l’amour de l’exhibition, de □, de l’originalité est un caractéristique – c’est même le caractéristique le plus frappant – de l’état mental hystérique. Nous verrons que l’exhibitionnisme teatral n’en est qu’une forme, ou, plutôt, une forme plus complexe.

Quelles sont les bases psychologiques de l’exhibitionnisme? Quelle est la psychologie de l’impulsion qu’y mène? C’est ce que nous allons étudier.”

Neste fragmento, o autor que seria Jean Seul faz uma clara proposta: estudar as bases psicológicas do exibicionismo, que seria ocasionado por um impulso histérico. Neste projeto inacabado, “Casos de Exibicionismo”, há uma análise do exibicionismo francês que poderia ser constatado nos cabarés, na vida noturna francesa, decadente segundo a perspectiva do escritor. O interesse é mostrar que termos como perversão, impulso, histeria, tão caros às ciências do psiquismo humano serão utilizados nestes fragmentos. Assim como em “*História de uma ditadura*” percebe-se, na criação literária pessoal, um reaproveitamento dos conhecimentos científicos adquiridos.

A apresentação desta personalidade literária pessoal e de parte dos seus escritos neste trabalho mostra a complexidade do universo literário criado por Fernando Pessoa, as suas muitas conexões (sobretudo no período aqui estudado 1905-1914) e as relações estabelecidas entre a ciência e a ficção na criação literária deste importante autor português.

4 FERNANDO PESSOA: PERIÓDICOS, REVISTAS, “ISMOS” E A EMPRESA IBIS

Fernando Pessoa publicou muitos textos e poemas em seu nome e em nome dos seus heterônimos durante a sua vida. O mito do “poeta inédito” alimenta-se sobretudo da publicação de um único livro, **Mensagem**, em 1934. Após a sua morte foram descobertos inúmeros documentos, testemunhos deixados pelo poeta português numa arca em sua casa. Parte do seu espólio encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, mais de vinte e sete mil documentos arquivados em envelopes. O conjunto de envelopes (48) chama a atenção do investigador, neles estão arquivados os inúmeros projetos pessoanos, a grande maioria.

Trataremos, neste capítulo, dos projetos que se referem à elaboração de periódicos, revistas, da Empresa Ibis, dos “ismos” pessoanos e da revista *Orpheu*. Mostraremos como os muitos projetos se comunicam dentro do espólio (projetos de revistas com movimentos literários, com os “ismos” pessoanos, e também com personagens literárias, como é o caso de Vicente Guedes). Começaremos pelo primeiro suplemento criado por Pessoa, *A Palavra*, arquitetado ainda em sua adolescência em Lisboa (1902), seguido de *O Palrador*, também um jornal criado em Lisboa (1902) com continuidade em Durban.

4.1 – Os primeiros jornais: *A Palavra*, *O Palrador*

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa no dia 13 de Junho de 1888 em frente ao Teatro de São Carlos, no dia de Santo António. Quando tinha apenas cinco anos, seu pai, Joaquim Seabra Pessoa, faleceu de tuberculose. Sua mãe, Maria Madalena Xavier Pinheiro Nogueira, casa-se dois anos depois com João Miguel Rosa, cônsul português na província inglesa de Natal em Durban na África do Sul. No ano de 1896, Fernando Pessoa muda-se para Durban com sua família e diante deste acontecimento sua educação será realizada em colégios ingleses. No ano de 1901, Pessoa retorna a Lisboa com a família para gozar de treze meses de férias. Neste período, mais exatamente no ano de 1902, em viagem a Ilha Terceira para visitar familiares de sua mãe em Angra do Heroísmo, o poeta português cria o suplemento *A Palavra*²³. Trata-se de um jornal manuscrito realizado possivelmente com seu primo, Mário Nogueira de Freitas, com onze anos nesta época, que aparece como redator deste suplemento. Neste primeiro manuscrito, estão os nomes da irmã Teca e da prima Maria Nogueira de Freitas. No segundo número, encontra-se o nome de um certo Dr. Pancrácio, no número, 3

²³ Publicação dos números 2 e 3, datados de 15 de Maio de 1902 *in*: PESSOA, Fernando. *El eterno viajero*. Selección y articulación del material documental catálogo Teresa Rita Lopes e Maria Fernanda de Abreu. Espanha: Ministério de Negócios Estrangeiros, 1981, panel 7.

datado de 15 de maio de 1902 (LOPES, 1990, vol II, p. 132). Este Dr. Pancrácio aparece, entre parêntesis, na frente do de Fernando Pessoa (sobrenome acentuado até o ano de 1916) e é ele que assina o poema “Epitaphio” com duas estrofes, sendo que a última estrofe corresponde também à segunda estrofe do poema “Quando ella passa”, assinado por Fernando Pessoa no mesmo manuscrito, é uma personalidade literária do poeta português e vai migrar de *A Palavra* para *O Palrador*.

Esse jogo com a língua portuguesa parece ter agradado muito a Fernando Pessoa, que em seguida elabora *O Palrador*, um jornal manuscrito repleto de personalidades literárias. Além do Dr. Pancrácio, outros nomes aparecem: Pedro da Silva Salles (Pad Zé), Luis Antonio Congo, José Rodrigues do Valle, A. A. Rey da Silva, José Rodrigues do Valle, Gaudencio Nabos, António Cebola

Outro aspecto digno de relevância do jornal *O Palrador* é a personalidade literária Eduardo Lança. No número seis deste jornal, datado de 24 de Maio de 1902, aparece o seguinte texto sobre a suposta biografia de Eduardo Lança (LOPES, 1990, vol II, p. 140), escrita por outra personalidade literária, Luiz Antonio Congo:

Eduardo Lança

Nasceu em 15 de Setembro de 1875 na Bahia, onde seguiu os diversos estudos necessários para a carreira comercial. Acabava o curso quando ficou orphão, empregando-se logo ahi n'uma importante casa commercial. Em negocio da mesma casa veiu [sic] a Lisbôa onde permaneceu desde a sua chegada. Tem, comtudo, viajado por Portugal e o seu primeiro livro (publicado em 1894) foi “Impressões de um viajante em Portugal”, livro maravilhosamente escripto e num estylo bello e verdadeiramente portuguez. Mas a poesia é o seu forte e d'isso publicou em Lisbôa em 1895 um livro de lindíssimo versos – Folhas Outonnaes – na mesma cidade em 1897 um outro livro de versos – Coração Enamorado – e em 1900 o seu melhor livro de poesias – Os meus mythos.

Consta-nos que brevemente publicará um outro livro.

Tem collaborado em diversos jornaes do Brasil e de cá, é nos perfeitamente impossivel dar os nomes exactos, tantos são elles e de tal forma estão espalhados.

No presente numero vae uma mimosa poesia da sua lavra – Estatuas –

Luiz Antonio Congo.

Com Eduardo Lança, ainda em 1902, Pessoa esboça o que futuramente irá apresentar ao público: a criação dos heterônimos. Eduardo Lança é uma personalidade complexa, escreve em prosa e poesia, tem um local de nascimento. Poderíamos afirmar que Eduardo Lança faz parte da pré-heteronímia pessoana, como tantos outros nomes. É importante destacar esse trabalho pessoano com a linguagem, pois o autor vai perdendo toda a possível distância com o texto, podendo-se dizer que o autor é um efeito de linguagem. A pergunta que permanece diante da criação dos outros eus pessoanos parece ser: até que ponto é importante a existência de um autor por detrás de um texto?

Do jornal *O Palrador* são conhecidos: três números escritos por Pessoa durante sua viagem a Portugal (em 1902), um outro número escrito em Julho de 1903, em Durban, e um manuscrito datado de 17 de Setembro de 1905, escrito em Lisboa, quando Pessoa já havia então regressado à sua terra natal.

Dr. Pancrácio permanece nas edições deste jornal manuscrito, trata-se de uma personalidade com uma certa solidez no mundo pessoano, porque além de migrar do suplemento *A Palavra*, participa de todos os números conhecidos de *O Palrador*. Esse dado é relevante porque parece demonstrar a fixação de um outro eu, fato recorrente na criação literária pessoana, que vai culminar com os nomes de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

4.2 – O Phosphoro e O Iconoclasta

Por volta de 1907-1909, surgem os projetos de dois outros periódicos, *O Phosphoro e O Iconoclasta*, ambos de carácter anti-monárquico e anti-clerical. Esses projetos coincidem: 1º) com o projeto da Empresa Ibis, primeira tentativa empresarial pessoana que durou poucos meses, fundada em 1909, com o dinheiro herdado da sua avó Dionísia, 2º) com alguns outros projetos de teor político, como é o caso de “*História de uma ditadura*”, trabalhado no primeiro capítulo desta tese. Em um documento do espólio relativo ao projeto de *O Phosphoro* que foi publicado pela Professora Teresa Rita Lopes em **Pessoa por Conhecer** (LOPES, 1990, vol. II, p.212), sobre *O Phosphoro*:

Plano literário d’ ‘*O Phosphoro*’

1. Artigo político (sem assignatura).
2. Sonettos (sem assignatura).
3. Artigo de critica superior (assignado).
4. Cartas do Sr. Pantaleão.
5. Visões de Manuel Maria.
6. Versos de Joaquim Maria-Costa.
- 7 – ‘Agulhas e Alfinetes’ por <XX>
8. Versos não-humorísticos (por <x> varios).
9. Citações. =
10. (Secções menores).
11. Anuncios.

Essa lista mostra o carácter político deste periódico que contaria com artigos sem assinatura e outros assinados pelas mais diversas personalidades literárias: Pantaleão, Joaquim Moura-Costa, Manuel Maria. Essa conjunção de eus neste projeto revela a importância do mesmo no universo literário pessoano. Se no projeto “*História de uma Ditadura*” Pessoa

revela uma faceta de crítico político, em *O Phosphoro* essa faceta está também presente, mas com uma diferença: os laços entre a literatura e a política são ainda mais estreitos, ficção e realidade encontram-se em sintonia. A participação de outros eus neste projeto acentua justamente esse aspecto.

Em outro documento (LOPES, 1990, vol II, p.212) Pessoa acentua o caráter anti-monárquico e anti-clerical deste periódico:

Projecto anti-monárquico e anti-clerical

[MS] [s/d]
 Artigos no «Ph[osphoro]» s[obre] a crise moral da sociedade portuguesa.
 Falta de respeito por *tudo*. Parte causada pela monarchia. Parte pelo *mal do seculo*,
 parte pela religião.

Neste pequeno fragmento encontra-se o resumo deste projeto. Numa fase em que os movimentos pró-república ocupavam Portugal, Pessoa também se sentiu tocado e queria mostrar ao público as suas críticas em relação à monarquia e à Igreja. Esse aspecto é relevante porque após a proclamação da república, em 1910, Pessoa começa a tecer projetos que criticavam a república portuguesa. Entre esses projetos, merece destaque *A Oligarchia das Bestas*. Isso parece mostrar que embora todos os projetos de caráter político apontem na direção de um poeta militante que, de fato, Pessoa foi, a crítica incessante do seu tempo revela, entre outros aspectos, um escritor sobretudo crítico, seja da monarquia, da república, da ditadura, da aristocracia, da Igreja. Como escrever era mesmo uma necessidade, assim como pensar, Pessoa ia tecendo fio a fio suas considerações críticas em relação ao seu tempo, não há ponto de parada, pois trata-se de um movimento circular com a linguagem.

Embora neste período Pessoa esteja envolvido com dois jornais anti-monárquicos, isso não significa que a defesa da república seja uma constante nos múltiplos textos pessoanos. Mais tarde, a questão do sebastianismo aparece com uma enorme preponderância nos textos e na poesia do autor. É preciso recordar que o teor anti-republicano de *O Phosphoro* e de *O Iconoclasta*, se relacionam com os anseios da grande maioria dos portugueses deste período 1907-1909: tornar Portugal um Estado republicano.

Em um outro documento também publicado em **Pessoa por Conhecer** (LOPES, 1990, vol II, p.214), lemos o que Pessoa deixou registrado sobre *O Iconoclasta*:

Trata-se de uma publicação politicamente republicana e radical, e por r[epublicana] r[adical] queremos dizer pura e simplesmente republicana – adversa, de um lado à monarquia, e, de outro, ao socialismo e ao anarchismo; inimiga não só da igreja mas das religiões todas e da religião em si, porém in(...) ás soluções materialistas; não

sendo nem materialista nem espiritualista, natural é que seja como é – idealista, ou transcendentalista, se o leitor quizer.

Trataremos de encarar as questões pelo seu lado sociológico sempre, e doutrinária e theoreticamente, o que não quer dizer que a incitação á revolta não seja um producto escripto d'essa doutrina nem que a revolução esteja fora d'essa theoria.

Tampouco nos esforçaremos por ser calmos e pacatos. Ao discutirmos quér a monarchia portugueza quér a Igreja Catholica – escolham-se os peores exemplos – mal de nós proprios julgamos se o pudéssemos fazer sem que da propria calma do nosso calmo raciocinio reçumasse [*sic*] o ódio intenso e acalentado que nos enche a alma.

Neste texto, Pessoa explica o teor deste periódico: republicano radical. Qual é o Pessoa que projeta esses dois periódicos (*O Phosphoro* e *O Iconoclasta*)? Um jovem Pessoa, ainda recém-chegado de Durban, inflamado pelo idealismo do seu tempo. Um republicano radical, avesso a qualquer religião. É importante perceber: se por um lado o Pessoa, cidadão do seu tempo, vai sempre estar presente e atuante, por outro lado, esse idealismo juvenil e entusiasmado vai cedendo espaço a um Pessoa maduro, que não deixa de criticar a política da sua época, mas passa a preocupar-se mais com o espaço da obra de arte, é isso que o investigador percebe, por exemplo, nos textos de crítica (sobretudo literárias) publicados pelo poeta em vida. Outro aspecto interessante do documento exposto é a referência feita a sociologia. Como já foi demonstrado anteriormente neste trabalho, a sociologia exerceu especial fascínio em Pessoa e muitos dos seus escritos comprovam esse fato.

Em uma parte de outro testemunho (LOPES, 1990, vol II, p.214) encontramos um plano para *O Iconoclasta*:

O Iconoclasta quinzenal.

Summario

1.º numero: «O Trust das Livrarias.» Ibis.

Apresentação

«Origem Me[aphysica] do C[onde] de S[amodães]» J. Moura Costa.

Vicente Guedes: (Poesias).

Obter Dicta: - (...)

Visão do Manuel Maria.

Artigo político: O Anti-Christo.

Neste documento aparecem duas personalidades que pertenciam ao plano literário de *O Phosphoro*: Joaquim Moura Costa e Manuel Maria. Esse fato demonstra mais uma vez a proximidade entre os dois periódicos (projetados numa mesma época, com o mesmo teor e com permuta das personalidades). Além destas duas personalidades, Vicente Guedes também aparece no cenário deste periódico: geralmente relacionada ao projeto do *desasocego* foi contista, tradutor, prosador e poeta. Analisaremos, na quarta parte deste capítulo, essa personalidade que esteve ligada ao projeto do *Iconoclasta* e também ao da Empresa Ibis.

No espólio pessoano, encontra-se um datiloscrito do jornal *A Civilização órgão Ferreirista* [BNP/E3-87a-1] datado de 16 de Abril de 1909. Neste jornal, há um diálogo com os escritos de *O Progresso*: sendo o tom predominantemente político. H. Ferreira e A. Couto são os proprietários do jornal, o primeiro também é o diretor e o segundo o redator principal de *A Civilização*.

O Progresso e *A Civilização* são dois jornais muito parecidos com *A Palavra* e *O Palrador*, em ambos constam nomes dos familiares e embora os dois primeiros contenham um teor mais político, o tom humorístico está presente em todos os periódicos.

Na criação de *O Phosphosro* e *O Iconoclasta*, o jogo com a língua portuguesa parece mais sólido e mais maduro, isto porque os dois periódicos vão tratar de um assunto muito importante da época (1907-1909): o fim da monarquia, a instauração de um Estado republicano português. A participação de Pantaleão e de Vicente Guedes nos jornais mostra uma elaboração pessoana maior no que diz respeito à criação de outros eus. No início dos anos de 1900, Pessoa já possui uma série de outras personalidades que vão sendo arquitetadas de uma maneira cada vez mais elaborada. Alguns eus pessoanos vão ter seus escritos substituídos por outros como Charles Robert Anon, que terá muitos dos seus textos assumidos por Alexander Search. Assim também acontece com Carlos Otto que será em muitos escritos substituído por Vicente Guedes. Não parece que *O Progresso* e *A Civilização* tenham sido escritos depois de *O Phosphosro* e *O Iconoclasta* embora as datas escritas afirmem que sim. Serão as datas de *O Progresso* e *A Civilização* mais uma ficção pessoana?

4.4 – Vicente Guedes

Vicente Guedes fazia parte de diversos projetos pessoanos. Como já foi dito, a existência da Empresa Ibis coincide com o período de preparação de *O Phosphoro* e *O Iconoclasta*, período que antecede a revolução de 5 de outubro de 1910, na qual a monarquia portuguesa foi derrotada. No início do documento [BNP/E3-144V-11^r], transcrito parcialmente na secção anterior, encontramos:

“*Contos Ibis*”

Contos Portuguezes:

1. Vicente Guedes: O Naufrágio da Barca Texas.

O Iconoclasta.

quinzenal
Summario

1º numero: “O Trust das Livrarias” Ibis.
Apresentação

“Origem met[afísica] da C. de S.” J. Mana-Costa.

Vicente Guedes: (Poesias).

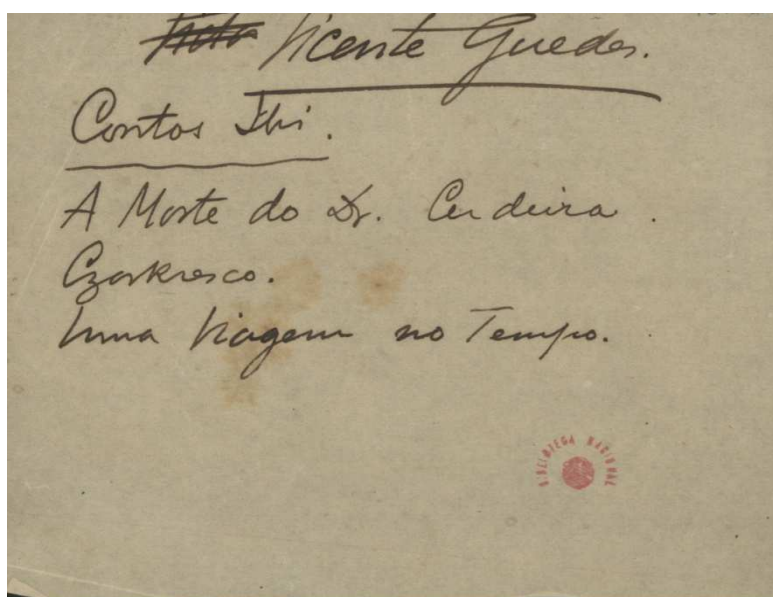
Obter Dicta: –

Visão do Manuel Maria.

Artigo político: O Anti-Christo.”

Os primeiros escritos em que constam o nome de Vicente Guedes são as seguintes listas de contos:

O documento revela a face do Guedes contista (a construção desta personalidade literária) está associada a contos, revelando também a face do Guedes poeta. Em dois outros documentos encontramos uma lista de contos atribuídos a Vicente Guedes.



Vicente Guedes.

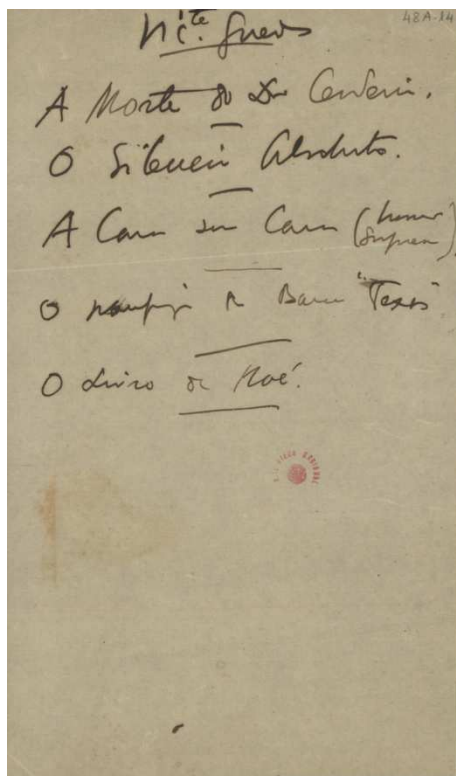
Contos Ibis.

A Morte do Dr. Cerdeira.

Czarkresco.

Uma Viagem no Tempo

[BNP/E3, 48A-11r]



Vic[en]te Guedes.
 A morte do Dr. Cerdeira.
 O Silêncio Absoluto.
 A Cara sem Cara (horror supremo).

O Naufrágio da Barca —Texas||.

O Livro de Noé.

[BNP/E3, 48A-14^f]

Alguns problemas de publicação dos escritos de Pessoa – sejam poemas, prosa, crítica literária ou outros – ocorrem porque o espólio é um grande livro aberto, com muitos desafios à leitura e constantes alternativas textuais; por isso, trabalhar com mais de vinte e sete mil papéis é uma enorme e penosa tarefa. Dentro do fascinante caos que é o espólio pessoano, as listas de projetos (e outros tipos de esquemas) fornecem pistas importantes para os pesquisadores, pois nelas estão os projetos pessoanos, a autoria de projetos e, em muitos casos, as diversas assinaturas colaboram para que as edições tenham mais acertos do que erros.

Essas listas de contos de Vicente Guedes fornecem importantes dados para a reconstrução desta personalidade no universo literário pessoano. A publicação dos contos de Vicente Guedes tem um carácter polémico. Poucos contos foram publicados, alguns traduzidos pelos editores, nem sempre respeitando as listas nas quais determinados contos são atribuídos ao semi-heterônimo Vicente Guedes, como é o caso de Czakresco, um conto

atribuído a Guedes, cuja tradução do inglês foi apresentada por António Quadros e publicada como conto do ortónimo (PESSOA, 1986. p. 433). Podemos verificar na primeira lista acima que este conto seria assinado por Guedes. Uma outra publicação polémica foi do conto «Um jantar muito original». Encontramos no espólio pessoano a versão deste conto em inglês e ela é atribuída a Alexander Search, um pré-heterónimo de Fernando Pessoa. No livro **Fernando Pessoa e a literatura de ficção** (SOUSA, 1978) e também no livro **Um jantar muito original seguido; de A Porta** (PESSOA, 1988) encontramos uma publicação muito competente deste conto, mas tudo indica que a autora não teve contacto com as listas em que consta o nome de Vicente Guedes para a publicação do texto em português.

Vicente Guedes aparece pela primeira vez nas listas da Empresa Ibis. Essa personalidade escreve em prosa e poesia e teria também a tarefa de tradutor (Shelley e Byron de acordo com o documento de livros traduzidos a editar pela Empresa Ibis [BNP/E3-144V-6^r], R. L. Stevenson no documento [BNP/E3-144V- 7^r] e foi o autor escolhido para assinar o *Livro do Desasoscego* [AnexoA] antes de Bernardo Soares e depois de Fernando Pessoa. Esses dados demonstram toda a mobilidade do espólio pessoano, personalidades com múltiplas funções e presentes em múltiplos projetos.

A publicação de alguns poemas de Guedes, após a morte de Pessoa, levanta também levanta problemas. Como exemplo, o poema «Visão» publicado pela primeira vez por Jorge Nemésio (NEMÉSIO, 1957. p. 68). Vicente Guedes recebe, neste livro, a condecoração (por Jorge Nemésio) de heterónimo e aparece ao lado de Ricardo Reis. Alguns anos mais tarde António Quadros publica «Visão» como poema do ortónimo (PESSOA, 1986. p. 160). Um outro poema sem título, escrito possivelmente em 1910, também teve uma publicação problemática. «Ó noite maternal» foi publicado como poesia do ortónimo (PESSOA, 2005. p.73-74) e como poesia de Vicente Guedes (PESSOA, 2007. p. 451) numa mesma editora, seguindo dois critérios diferentes para a fixação do texto.

Embora a publicação de algumas tarefas realizadas por Guedes seja polémica, através dos documentos aqui revelados percebemos que a construção desta personalidade é contemporânea deste período pós-Durban (1905-1914). Vicente Guedes estaria presente na Editora Ibis, como tradutor e contista, para além de fazer parte dos projetos de *O Iconoclasta*, como contista e poeta. A existência de Guedes demonstra que esse militante que foi Pessoa pretendia movimentar não só a política da sua época, como a sua pátria, a língua portuguesa, multiplicando-se, criando tarefas para outros eus, fazendo-os intervir no palco da realidade.

4.5 – As revistas: Ibis ou Lusitania, Europa

No ano de 1909, Pessoa começou a esboçar o projeto da revista Lusitania (que poderia também ter o nome de revista Ibis [BNP/E3-144M-27^v e 28^r]). Os primeiros projetos sobre essa revista revelam que a mesma teria um conteúdo político [BNP/E3-48G-28^r]:

Lusitania – n.º I.

- I. A Oligarchia das Bestas.
- II. A coroação de Jorge Quinto.
- III. Pensamento Europeu

Get a number of *Mercure* – see what is like.
 Carta-Aberta: Constituição, constituintes.
 Bruno: art[ig]o sobre povo e ideas.

Segundo um documento presente na fotobiografia de Mário de Sá-Carneiro, a revista deixaria de ter um carácter político para mostrar um carácter literário. O número de 1 de Março de 1914 teria a seguinte organização: Direcção de Fernando Pessoa, Secretário – Mário de Sá-Carneiro, Editor – Côrtes-Rodrigues, Administrador: Alfredo Guisado. Para além dos nomes citados, outros nomes que também publicariam nesta edição: Camilo Pessanha, João Correia de Oliveira, António Cobeira e Almada Negreiros.

Os projetos da revista Europa são elaborados por volta de 1914 e a princípio essa revista estaria ligada a um dos *ismos* criados por Pessoa: o interseccionismo. Esse movimento se relaciona com o cubismo e com o futurismo, como revela o fragmento [Anexo B] do espólio pessoano: “*Interseccionismo no 1.º grau – ou interseccionismo material – Intersecção das realizações artísticas.* O dos futuristas e dos cubistas, que interseccionam pintura e literatura, escultura e literatura.”

Em outro documento do espólio [Anexo C] encontra-se uma lista para uma possível Antologia Interseccionista. Além dos nomes de Fernando Pessoa e de Álvaro de Campos, aparecem: Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e José Coelho Pacheco, entre outros. No documento [Anexo D] BNP/E3-48G-32^r] encontra-se um projeto para a revista *Europa*, que divulgaria o interseccionismo.

A revista Europa serviria para europeizar Portugal, como podemos conferir no documento [BNP/E3- 133G-80^v]:

O que é preciso ter é, além de cultura, uma noção do *meio internacional*, de não ter a alma (ainda que obscuramente) limitada pela nacionalidade. Cultura não basta. É preciso ter alma na Europa.

Escrever ao Sá-Carneiro expondo a nova orientação que é preciso tomar.

Nas cartas trocadas entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro existem muitas alusões ao projeto da revista Europa, que é anterior à publicação da revista *Orpheu*.

No plano da Europa, encontra-se o drama estático *O Marinheiro* [BNP/E3-22-77^r] que será publicado no primeiro número da revista *Orpheu* em março de 1915. E na Biblioteca da Europa seriam publicados: *Céu em Fogo* (Mário de Sá-Carneiro), *A Venda* (António Ponde de Leão), *Livro do Desasocego* (Fernando Pessoa), *Theatro estatico* (Fernando Pessoa) [BNP/E3-68A-3^v].

Embora constem projetos pessoais e referências a estes projetos sobre a revista Europa, na correspondência trocada entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, esta revista não será publicada.

4.6 - A Empresa Ibis

Fernando Pessoa não foi apenas empregado de escritório, tentou algumas vezes gerir sua própria empresa. Destacamos aqui um empreendimento pessoal: a “Empresa Ibis”, que surgiu justamente neste período pós-Durban e que tem relação com outros projetos do espólio.

A “Empresa Ibis” está diretamente relacionada com a morte da avó de Fernando Pessoa, Dionísia, que deixou uma pequena herança para o neto em 1907. Com o dinheiro herdado, Pessoa foi até a cidade de Portalegre, em 1909, comprar os equipamentos necessários para o funcionamento desta tipografia que se localizava na Rua da Conceição da Glória, 38-40. Sobre os trabalhos realizados nesta empresa pouco se sabe, talvez pela sua curta duração, pois em 1910 já estava extinta.

As maiores informações sobre a “Empresa Ibis” encontram-se entre os escritos deixados pelo Poeta e empreendedor português. Se os resultados reais deste empreendimento foram escassos, os projetos dedicados a ele foram numerosos. Em uma das listas de projeto da “Empresa Ibis” [BNP/E3-114V-6^r] consta a intenção de publicar livros traduzidos de autores como Shakespeare, Ésquilo, Byron. Algumas dessas traduções seriam realizadas pela personalidade literária Vicente Guedes que esteve muito ligada aos projetos da “Empresa Ibis”. Além das traduções, Guedes também publicaria alguns contos.

Empresa Ibis

Livros traduzidos a editar

Verso.

J.L Rumberg: Algumas poesias.

Eschylo, Tragedias. (trad.de Vicente Guedes).

Shakespeare: Obras: (1) Tragedias.

(2) Comedias.

(3) "Historias."

Byron: Caim. trd. Vicente Guedes).

Shelley. Prometeu Liberto. (trad. Vicente Guedes).

Em uma outra lista da "Empreza Ibis" [Anexo E] Pessoa expressa a intenção de elaborar uma "Bibliotheca Scinetífica [e Historica]" com obras nacionais e estrangeiras. De Pedro Vianna seria publicado "O Racionalismo" e de Henrique Nogueira "Os Municípios". Neste mesmo documento constam os possíveis preços dos livros que seriam publicados.

Em outro testemunho, já analisado neste trabalho, aparece na lista da Empresa Ibis, o projeto "Psychose adeantativa" que seria assinado por Pantaleão, o que demonstra a conexão entre a política e os projetos da Ibis.

É importante ressaltar que essa empresa funcionou durante três meses, publicando o jornal "*O povo algarvio*", com notícias republicanas, como anteriormente exposto.

A análise dos documentos sobre a "Empreza Ibis" demonstra que embora a produção deste empreendimento tenha sido mínima, as ideias esboçadas em listas foram numerosas. É preciso ressaltar que esta foi a primeira vez que Pessoa aparece como empreendedor e não como funcionário. A inexperiência pessoana neste campo específico parece ter colaborado para a curta duração da empresa. O Pessoa empreendedor era o mesmo Pessoa militante, evidenciado ao longo deste trabalho.

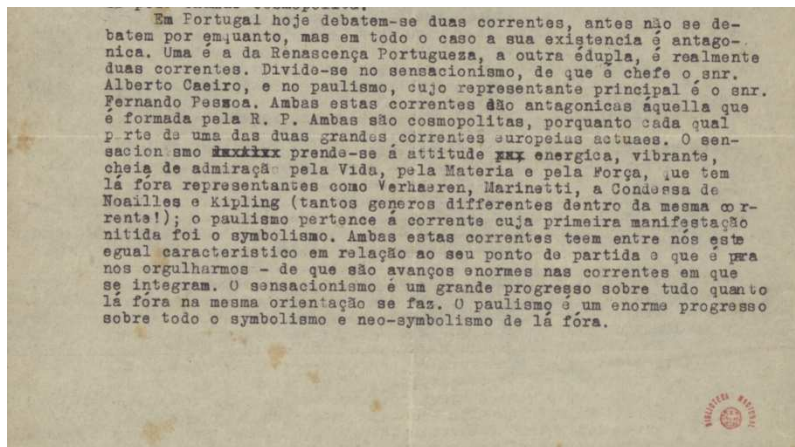
4.7 – Os "Ismos" pessoanos

Fernando Pessoa criou alguns movimentos literários e em seu espólio encontramos textos relativos a esses movimentos: paulismo, inteseccionismo e sensacionismo.

4.7.1 – O Paulismo

Na revista *Renascença*, em Fevereiro de 1914, Fernando Pessoa deixa o público conhecer um pouco do Paulismo quando publica o poema "*Paues de roçarem de ânsias pela minha alma em ouro...*". É importante ressaltar: em 1913, na correspondência trocada entre Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, existe referência a esse movimento.

Poucos documentos fazem referência ao paulismo o que dificulta termos clareza sobre esse movimento.. Álvaro de Campos [BNP/E3-20-85^r], no texto “*Modernas Correntes na Literatura Portuguesa*”, parece dar a melhor definição do Paulismo:



Em Portugal hoje debatem-se duas correntes, antes não se debatem por enquanto, mas em todo o caso a sua existencia é antagonica. Uma é a da Renascença Portuguesa, a outra é dupla, é realmente duas correntes. Divide-se no sensacionismo, de que é chefe o snr. Alberto Caeiro, e no paulismo, cujo representante principal é o snr. Fernando Pessoa. Ambas estas correntes são antagonicas aquella que é formada pela R. P. Ambas são cosmopolitas, porquanto cada qual p rta de uma das duas grandes correntes europeias actuaes. O sensacionismo ~~tem~~ prende-se á attitude ~~de~~ energica, vibrante, cheia de admiração pela Vida, pela Materia e pela Força, que tem lá fora representantes como Verhaeren, Marinetti, a Condessa de Noailles e Kipling (tantos generos diferentes dentro da mesma corrente!); o paulismo pertence á corrente cuja primeira manifestação nitida foi o symbolismo. Ambas estas correntes tem entre nós este egual caracteristico em relação ao seu ponto de partida e que é pra nos orgulharmos - de que são avanços enormes nas correntes em que se integram. O sensacionismo é um grande progresso sobre tudo quanto lá fora na mesma orientação se faz. O paulismo é um enorme progresso sobre todo o symbolismo e neo-symbolismo de lá fora.

O paulismo se relaciona com o simbolismo, como defende Campos, mas também o ultrapassa, como desejava Pessoa. Entretanto, este movimento teve curta duração. No ano de 1914, Pessoa cria o interseccionismo, referido por Mário de Sá- Carneiro como “paulismo a sério”. No final do documento [BNP/E3-14⁴-1 e 2^r] (cujo título é: *A Nova Doença na Literatura Portuguesa*) há a seguinte referência ao Paulismo:

Mas, segundo todos me dizem em Lisboa, não dá tão bem o exagero da escola do que a poesia seguinte, que traduzimos inteiramente e que o sr. F[ernando] P[essoa] publicou numa revista A R[enascença], que morreu á nascença: Vê-se bem que a pretensão do sr. Pessoa é notar o seu estado de espirito perante um crepúsculo, aproveitando todas as impressões por mais pequenas que sejam, por menos relação que tenham umas com as outras. Como dissemos, ‘Dispersão’ é o [que] mais caracteriza a escola toda. É forçoso reconhecer na poesia do sr. Pessoa alguns versos verdadeiramente assombrosos e alguns pontos □. Esta poesia, de mais a mais, foi a que deu á escola o nome (dizem-me que provisório) da escola; parece que o sr. Pessoa a recitava por Lisboa, e da sua primeira palavra (paues; isto é □) talhou alguém o nome ‘paúlismo’ para escola toda.

Eis a mãe do paulismo: □”

Esse documento sem assinatura, escrito por algum outro eu pessoano, (dado que Pessoa é tratado na terceira pessoa e não na primeira), revela-nos que esse movimento

literário se relaciona com o projeto heteronímico. Num outro escrito [BNP/E3-144-9^v] presente em um dos Cadernos de pessoa lemos:

“*Paulismo:*
Requite da sensação.
Requite da expressão.
Requite do pensamento.”

Em relação aos projetos de revistas, os poucos documentos sobre o paulismo, não nos asseguram que esse movimento se conectava com os esboços de revistas pensadas por Pessoa (o que não é o caso da *Renascença*). No documento [BNP/E3-14²-88] consta o anúncio do fim do manifesto paulista:

Fim do manifesto paulista:
Ao contrário do que Os[car] W[ilde] disse, só a arte é que [é] sutil. O commercio, a industria, tudo quanto seja trabalho e pratica são a flôr da vida social: a arte é que é o fructo. O fructo dura mais que a flôr, e é o que fica para dizer da arvore. Pensem n’isto os inferiores capazes de pensar.”

Esse fragmento é muito interessante por diversas razões. Dentre elas destaco: a referência feita a Oscar Wilde evidencia as leituras realizadas por Pessoa. Uma consulta a sua biblioteca pode nos confirmar as leituras que fez de livros de Wilde; outro ponto deste documento, misto de nota de leitura com defesa sobre o que é a arte, é o fato de Pessoa defender que a arte é o aspecto mais importante da vida social e embora o título anuncie o fim do manifesto paulista, existe uma contradição evidente: se a arte dura mais do que o comércio e a indústria e se o Paulismo é uma expressão de arte, ele perdurará, não terá um fim, ele dirá algo sobre a árvore, metáfora da vida.

Pessoa estava certo, não houve fim para o Paulismo, pois, tanto anos depois, ainda estamos nós tratando dele, comentando, buscando fragmentos, revelando o valor da arte pessoana através de suas inúmeras criações.

4.7.2 – O Interseccionismo

Em Junho de 1915, no número 2 da revista *Orpheu*, Fernando Pessoa publica uma série de seis poemas sob o título de: “Chuva Oblíqua – Poemas Interseccionistas”, datados de 08 de Março de 1914.

Este é o lançamento oficial do movimento interseccionista em Portugal. No espólio pessoano, encontram-se numerosos fragmentos que se referem a esse movimento. No fac-

simíle de *Orpheu 2* podemos constatar um outro adepto deste “ismo”: Santa Rita Pintor publicou uma pintura designada “Decomposição dinamica de uma mesa + estylo do movimento (INTERSECCIONISMO PLASTICO.), datado de 1912.

Faz-se necessário dizer das oscilações que sofreu a série de poemas intitulada “Chuva Obliqua” nos projetos pessoais. Num primeiro momento, “Chuva Obliqua” seria assinado por Alberto Caeiro [Anexo F], depois por Álvaro de Campos, como podemos constatar no trecho desta carta escrita por Pessoa, em 04 de Outubro de 1914, endereçada a Côrtes-Rodrigues:

Agora o mais importante, o que era mais preciso não esquecer dizer-lhe.

Em vez de uma revista interseccionista, contendo o manifesto e obras nossas, decidimos (e v., estou certo, concordará), para evitar possíveis fiascos e não se poder continuar a revista, etc., e, ao mesmo tempo, ficar a coisa mais escandalosa e definitiva, fazer aparecer o interseccionismo, não em uma revista nossa, *mas em um volume, uma Antologia do Inteseccionismo*. Seria este, mesmo, o título.

Seria publicado logo que fosse possível, logo depois de acabada a guerra, é de supor. A composição do volume deve ser esta, pouco mais ou menos:

1. Manifesto (*Ultimatum*, aliás)
2. Poesias e prosas de Fernando Pessoa.
3. Poesias e prosas («Eu-próprio e Outro», pelo menos) do Sá-Carneiro.
4. Poesias e prosas de A. Côrtes-Rodrigues (Vá v. vendo o que de mais caracteristicamente interseccionista tem; e vá mandando, para não se perder tempo. Não sabemos ainda ao certo o espaço que competirá a cada um, mas, devendo o livro ter entre 96 e 128 páginas, v. deve poder fazer um cálculo aproximado.)
5. Poesias e prosas de A. P. Guisado.
6. Poesias de Álvaro de Campos («Chuva Obliqua» - Rei Cheops, etc.)
7. *Interseccionismo explicado aos inferiores*. (É aquela explicação do interseccionismo por meio de gráficos que, uma vez, na *Brasileira*, lhe delinei. Recordá-se?) (PESSOA, 1999, p. 126)

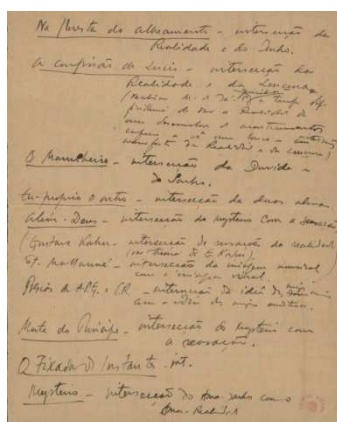
Esse documento contém valiosas informações: 1) Pessoa pensou em transformar o projeto de uma revista interseccionista em livro; 2) a assinatura de Campos em “Chuva Obliqua”, fazendo-nos assegurar que o autor para Pessoa é “apenas” mais um projeto. Possivelmente, porque o autor é para Pessoa um efeito de linguagem, um dispositivo de texto, ele próprio assinou esse conjunto de poemas e os publicou em *Orpheu 2*.

Outro aspecto relevante: se Caeiro é chamado por Campos, no documento [BNP/E3-20-85^r], de chefe do sensacionismo, não podemos garantir que esse conjunto de poemas seja muito representativo do movimento inteseccionista, pois parece mais um arranjo realizado por Pessoa para sair ainda no número 2 de *Orpheu*, algum material que poderia se relacionar com o projeto do inteseccionismo. O testemunho [AnexoG] parece confirmar essa suspeita. Trata-se de um escrito sobre o interseccionismo no qual se encontra a seguinte frase incompleta: “A *Chuva Obliqua* intersecciona a □” De fato Pessoa parecia não estar segura quanto ao teor do seu ismo em “Chuva Obliqua”.

Os projetos do Interseccionismo se comunicam diretamente com o projeto da heteronímia, especialmente com Álvaro de Campos, como já foi mostrado. Em um dos Cadernos pessoais [BNP/E3-144C], encontram-se duas listas sobre “Manifestos interseccionistas” nas quais consta o “Ultimatum” de Campos: [BNP/E3-144C-14^r], [BNP/E3-144C-20^r]. O que demonstra, mais uma vez, a relação que existe entre os muitos projetos do autor.

Alguns documentos que se referem ao interseccionismo, presentes no espólio mostram desenhos explicando o que seria esse movimento literário. Como o próprio nome diz é a intersecção de vários outros movimentos [BNP/E3-28-6^v].

Pessoa faz uma divisão do interseccionismo em graus, em alguns escritos, como: [BNP/E3-75-65^r], [BNP/E3-75-66^r]. Como já foi colocado neste capítulo, o interseccionismo faz parte dos projetos da revista *Europa*, como atesta o documento [BNP/E3-48G-32^r]. Relaciona-se também com o primeiro trecho do projeto do *desasocego* publicado, “*Na floresta do alheamento*”, e com o drama estático, “*O Marinheiro*”, publicado em *Orpheu I*, como se pode confirmar na lista [BNP/E3-48I-5^r] do espólio pessoal:



Na floresta do alheamento – intersecção da Realidade e do Sonho.

A Confissão de Lucio – intersecção da Realidade e da Loucura (realizou M[ário] de Sá-C[arneiro] genialmente a tarefa difficillima de dar a Realidade de um desenrolar de acontecimentos conforme a vê um louco – intersecção manifesta da Realidade e da /Loucura/)

O Marinheiro – intersecção da Dúvida e do Sonho.

Eu-proprio o outro – intersecção de duas almas.

Além-Deus – intersecção do Mysterio com a Sensação.

Gustave Kahn – intersecção de sensações da realidade (ver theoria de G. Kahn)

St[éphane] Mallarmé – intersecção da imagem musical com a imagem visual.

Poesias de A[lfredo] P[edro] G[uisado] e C[ôrtes] R[odríguez] – intersecção da idéa das imagens visuais com a idéa das imagens auditivas.

Morte do Principe – intersecção do Mysterio com a sensação.

O Fixador de Instantes – int[ersecção] □

Mysterio – intersecção do Amor-Sonho com o Amor-Realidade.

Uma análise desta lista revela novamente algumas leituras realizadas por Pessoa: Mallarmé e Kahn. E também o fato de que os muitos projetos pessoanos acabam por se encontrar com outros, sendo impossível um divisor rígido. A principal característica dos escritos pessoanos parece ser a fluidez, a palavra em movimento, ponto de fuga, como defendeu Blanchot, em **A Conversa Infinita**:

A palavra é essa volta. A palavra é o local da dispersão, desorganizando e se desorganizando, dispersando e se dispersando além de toda a medida. É que a palavra que provoca a fuga se faz fuga e na fuga preserva, na própria fuga, esse movimento de esconder que não se contenta com a fuga desabalada, mesmo quando pânica, e que dessa maneira preserva o poder de nela se esconder.” (BLANCHOT, 2001, p.58).

No caso dos projetos pessoanos, essa ideia da palavra em movimento, em dispersão e em desorganização, que Blanchot defende, parece se adequar muito bem, pois mesmo quando Pessoa realiza listas, tentativa explícita de uma certa organização, essas listas desorganizam outras listas, outros projetos, que fogem, escorregam, modificam-se.

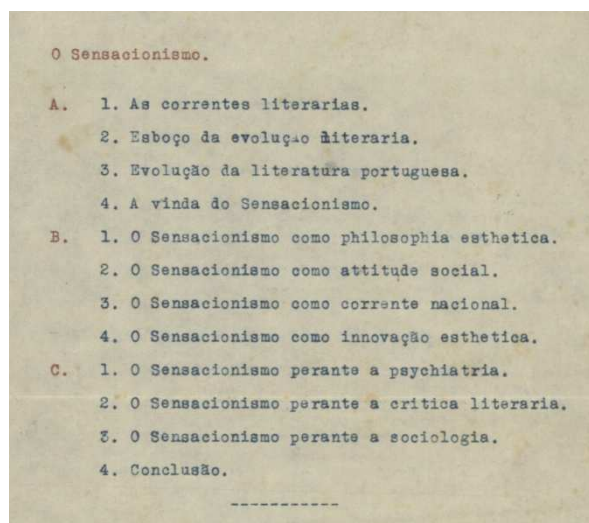
4.7.3 – *O Sensacionismo*

Embora os documentos referentes ao interseccionismo sejam mais abundantes do que os que dizem respeito ao paulismo, nenhum destes movimentos teve a dimensão do sensacionismo. Tanto o paulismo quanto o interseccionismo foram movimentos relacionados ao processo de criação, de elaboração da escrita literária. O sensacionismo é mais complexo e abrangente. Diz respeito à cultura portuguesa como um todo, não é apenas um movimento literário, atinge também o campo social e filosófico, é uma filosofia estética. O sensacionismo visa a uma arte da comunhão e não da diferença.

Esse novo ismo relaciona-se diretamente com os heterônimos, sobretudo com Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Embora Campos apresente Alberto Caeiro como principal figura do sensacionismo, tal afirmação vai em sentido contrário ao teor “anti-filosófico” apresentado por Caeiro em seus poemas. Caeiro foi um mestre ligado à Natureza e aos sentidos, sua arte não pode ser porta-voz de nenhuma ideologia. A poesia de Campos, esta sim, poderia divulgar o sensacionismo: “*Sentir tudo de todas as maneiras*”. Em um texto sobre o sensacionismo [BNP/E3-88-2^r], Pessoa faz uma relação direta entre Campos e o sensacionismo: “(2) *o sensacionismo propriamente dito: Alvaro de Campos*”. Embora neste texto o nome de Campos esteja diretamente relacionado ao sensacionismo, em outro [BNP/E3-88-95^r], Pessoa

afirma que Caeiro fundou o sensacionismo e que Cesário Verde foi o precursor inconsciente deste ismo.

Lançado, segundo Pessoa, com a revista *Orpheu* o sensacionismo surge depois do paulismo e do interseccionismo. Avaliando os muitos escritos sobre o sensacionismo, em português e em inglês, percebe-se a importância deste ismo para Fernando Pessoa. Encontrase no espólio, entre outros testemunhos, o esboço de um livro, com três capítulos sobre o sensacionismo.



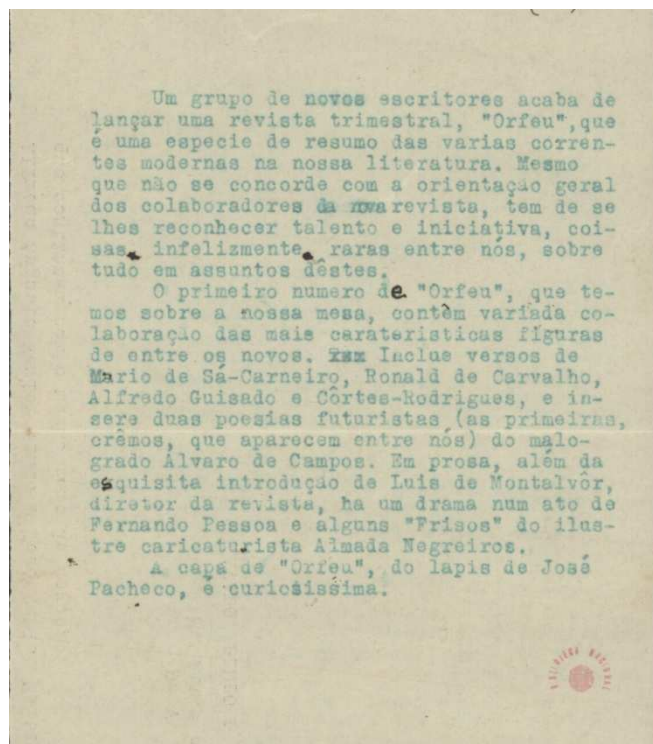
Pessoa pensou também em publicar uma Antologia Sensacionista em inglês, onde consta a intenção de traduzir seu drama estático “*O Marinheiro*”, escrito em português e publicado em *Orpheu* 2. Interessante observar que “*O Marinheiro*” encontra-se também numa lista de obras interseccionistas, mostrando um diálogo entre o sensacionismo e o interseccionismo. O sensacionismo dialoga também com o paulismo, como se pode averiguar em alguns escritos do espólio. Esse fato ressalta um ponto muito interessante dos escritos pessoanos, uma obra aberta, onde vários projetos migram, tornam-se parte de outros, transfiguram-se, como o próprio artista.

4.8 – A revista *Orpheu*

Quando Luís de Montalvor retorna do Brasil (exercia em território brasileiro o cargo de secretário da Embaixada portuguesa), tem o objetivo de elaborar uma revista literária Portugal/Brasil. Ele e Ronald de Crvalho já haviam pensado no nome desta revista: *Orpheu*. No primeiro número, Luís de Mantalvor seria o diretor português e Ronald de Carvalho o diretor brasileiro, fortalecendo a ideia de uma revista Portugal/Brasil. Em Fevereiro de 1915, está acertada a publicação trimestral de *Orpheu* e no final de Março a revista aparece ao público. Os colaboradores deste primeiro número: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Luís de Montalvor, Ronald de Carvalho, Alfredo Pedro Guisado, José de Almada Negreiros, Côrtes-Rodrigues e Álvaro de Campos.

Para além da importância desta revista em relação ao modernismo português, é necessário destacar a relevância da mesma na obra pessoana. Pela primeira vez, Fernando Pessoa apresenta um dos seus heterônimos, Álvaro de Campos.

No espólio pessoano, encontram-se diversos documentos sobre a revista *Orpheu*. Entre eles destacamos: o mapa astral da revista [BNP/20-79^f], no qual Pessoa coloca como data de nascimento o dia 26 de Março de 1915, às 7 p.m. No documento [BNP/87-30^f], Pessoa faz a seguinte apresentação da revista:



Um grupo de novos escritores acaba de lançar uma revista trimestral, “Orpheu”, que é uma especie de resumo das varias correntes modernas da nossa literatura. Mesmo que não se concorde com a orientação geral dos colaboradores da nossa revista, tem de se lhes reconhecer talento e iniciativa, coisas infelizmente raras entre nós, sobre tudo em assuntos destes.

O primeiro número de “Orpheu”, que temos sobre a nossa mesa, contém variada colaboração das mais características figuras entre os novos. Inclue versos de Mario de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Alfredo Guisado e Côrtes-Rodrigues, e insere duas poesias futuristas (as primeiras, cremos, que aparecem entre nós) do malogrado Alvaro de Campos. Em prosa, além da esquisita introdução de Luis de Montalvor, director da revista, ha um drama num ato de Fernando pessoa e alguns “Frisos” do ilustre caricaturista Almada Negreiros.

A capa de “Orpheu”, do lapis de José Pacheco, é curiíssima.”

O primeiro número de *Orpheu* esgotou-se. A maioria dos intelectuais da época ou tinham um exemplar, ou a conheciam através de outros compradores. Porém a recepção desta novidade modernista não foi de aceitação, mas sim de crítica. Segundo a pesquisa realizada por Maria Aliete Galhoz sobre *Orpheu* no espólio pessoano, existem dois cadernos escolares adquiridos em Paris com artigos sobre *Orpheu*, possivelmente recolhidos por Mário de Sá-Carneiro: “Estão registados oitenta e nove artigos e alusões, sendo sessenta e oito referentes ao primeiro número e vinte e quatro ao segundo número.” (GALHOZ, 1979, p.88)

Os integrantes de *Orpheu* foram chamados de “os engraçadinhos da Arcada” e a literatura considerada por muitos críticos de “literatura de manicômio”, “os bardos do Orpheu são doidos com juízo”. Possivelmente devido a esses ataques, Fernando Pessoa publica no dia 6 de Abril de 1915, em *O Jornal 3* o seguinte artigo:

[O Jornal 3]
Cronica Literaria

Orpheu – Revista Trimestral de Literatura –
- N.º I (Janeiro-fevereiro-março de 1915 – Depó-
sitários, Livraria Brasileira, de Monteiro & C.^a,
Lisbôa.

Como se dê o caso de sermos, colaborador desta revista, e como, caso – não a querendo por isso criticar – preferíssemos dar uma idéa da sua orientação, faltalmente consumiríamos, um impossivel numero de colunas, limitar-nos-hemos a algumas observações, que não constituirão critica nem explicação, mas que visam apenas a orientar no assunto os espiritos curiosos e para quem meia palavra baste.

Como o leitor não sabe, o movimento romantico inglês foi iniciado definitivamente pela publicação, em 1878, das *Lyrical Ballads* de Wordsworth e Coleridge. Este livro – que contém dois dos maiores poemas de todas as literaturas, o *Ancient Mariner* de Coleridge e a *Tintern Abbey* de Wordsworth – teve por toda a Inglaterra um exito de gargalhada. Entre os que mais riram destacou-se Byron, que, no *English Bards and Scotch Reviewers*, deu a qualquer dos poetas das *Ballads* uma desagradavel proeminência ao ridiculo. Até o fim da vida de Lord Byron teve sempre mais ou menos sob satira esses dois poetas; mas acontece que a sua terceira faze, que é o seu maior – senão o seu unico – titulo de gloria, foi escrita sob a influencia desses dois. Escusamos de historiar como o meio inglês se foi adaptando, e como Wordsworth acabou *Poet Laureate*; o caso de Byron, que morreu antes dessa adaptação estar feita, resume tudo o que, de ensinamento, estes fatos possam sugerir.

Nas sóbrias laudas do seu *Essay Supplementary* a edição de 1815 das *Lyrical Ballads*, Wordsworth escreveu estes períodos:

‘Se ha conclusão que, mais do que qualquer outra, nos seja imposta pela revista, que fizemos, da sorte e do destino das obras poeticas, é a seguinte: que todo o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo *original*, tem tido sempre que criar o sentimento estetico pelo qual ha de ser apreciado; assim foi sempre e assim continuará a ser... Para o que é propriamente seu, ele terá, não só que limpar, senão que muitas vezes que abrir, o seu proprio caminho; estará no caso de Anibal entre os Alpes.’ (Pessoa, 2009, p.40)

Estas palavras pertencem já a Eternidade. Chamamos sobre elas a atenção e o raciocínio do leitor. Não lhe diremos se é a nossa opinião, ou não, que haja homens de genio entre os colaboradores de *Orpheu*. Isso não auxiliaria a compreender, nem alteraria a decisão do futuro.

Fernando Pessoa.

A intenção de Fernando Pessoa parece bastante clara neste artigo em o autor português pretende dissuadir os inúmeros críticos da revista *Orpheu*, mostrando que toda a relação de resistência à publicação da revista *Orpheu*, revela a importância da literatura apresentada pelos colaboradores de *Orpheu*. Considere-se ainda que as comparações presentes no artigo pessoano apontam que os futuros escritores portugueses serão herdeiros desta nova literatura, como Byron foi herdeiro de Wordsworth e Coleridge.

O segundo número da revista *Orpheu* foi publicado em junho de 1915, com algumas alterações significativas. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro assumem a direção da revista, Santa Rita Pintor aparece como colaborador futurista, fato muito importante, pois neste número da revista a pintura não aparece como apêndice ou decoração estética de nenhum texto ou poesia, mas como uma obra autónoma. Pessoa publica em *Orpheu* 2, poemas sob o título: “*Chuva Oblíqua Poemas Interseccionistas*”. O poema interseccionista “*Chuva Oblíqua*” passou por diversas assinaturas nos projetos pessoanos: ele aparece no primeiro envelope 48 [BNP/E3-48-27^r] numa lista de Alberto Caeiro, revelando que, em um primeiro momento, esse poema seria assinado por Caeiro. Em outra lista [BNP/E3-48C-22^r], provavelmente de 1929, “*Chuva Oblíqua*” aparece numa lista do semi-heterônimo Bernardo Soares. Esse exemplo mostra a relação de Pessoa com os seus projetos, sempre em modificação, em permanente movimento. No espaço literário de Fernando Pessoa, encontramos poemas, textos em busca de um autor. Num primeiro plano, pode-se afirmar que o que menos importa na obra pessoana é a autoria, o que está verdadeiramente em questão é a literatura enquanto obra de arte, que pode passar por várias assinaturas sem em nada comprometer a sua essência.

Álvaro de Campos publica novamente na revista *Orpheu*, o poema “Ode Marítima”. Ao lado de Mário de Sá-Carneiro e do seu poema “*Manucure*” é também vítima de inúmeras

críticas. A poesia de ambos, publicada em *Orpheu* 2 foi considerada pornográfica por alguns críticos mais ácidos.

Ainda que o primeiro número de *Orpheu* tenha se esgotado e que o segundo tenha vendido cerca de seiscentos exemplares, as vendas não foram suficientes para sustentarem a solidez de uma publicação regular. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro sonharam com a publicação de *Orpheu* nº 3, sonho realizado muito depois da morte de ambos. O número três de *Orpheu* foi para a tipografia em 1917, mas só foi publicado em 1984.

Orpheu representa não só um marco do Modernismo português, mas também a consolidação de muitos projetos pessoais esboçados desde 1902, quando os primeiros eus aparecem na criação literária de Pessoa. A revista *Orpheu* também catalizou o desejo de divulgar os “Ismos”, sendo o interseccionismo privilegiado neste caso. Essa revista cataliza de certa maneira a grande parte dos projetos apresentados neste capítulo.

5 VESTÍGIOS DA PSICANÁLISE NO ESPÓLIO PESSOANO

Neste capítulo serão expostos os documentos referentes à psicanálise presentes no espólio. Fernando Pessoa estava a par do sistema criado por Freud, teceu comentários a esse respeito e utilizou o conhecimento adquirido sobre essa ciência emergente no seu universo literário. A voz psicanalítica ecoa em alguns dos seus outros eus.

Na segunda parte, a peça pertencente ao projeto do “Theatro estático”, *O Marinheiro*, é analisada. O nome de Freud não é referenciado nesta peça, mas estão presentes a questão do sonho, da dúvida, da fragmentação do sujeito estão presentes. No final desta secção introduzimos alguns documentos que ajudam na melhor compreensão desta peça de teatro pessoana.

5.1 - Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud

No espólio de Pessoa encontramos esboços de múltiplos projetos a serem desenvolvidos, como já temos observado neste trabalho: trata-se de vestígios das muitas leituras que Fernando Pessoa fez ao longo da sua vida, não só de poetas ou escritores literários como de filósofos e de Freud. É importante demonstrar como a literatura pessoana não está à margem de outras áreas de conhecimento e, sobretudo, como estas áreas acabam por influenciar o processo artístico de Fernando Pessoa. Apresento, neste capítulo, as possíveis conexões entre a escrita de Pessoa e a psicanálise.

Antes de mais, é preciso dizer da biblioteca pessoal do poeta. Na Casa Fernando Pessoa, onde está grande parte dos livros lidos por Pessoa, encontramos apenas um livro de Freud, em tradução francesa, *Un Souvenir d' enfance de Léonard de Vinci*, texto no qual o psicanalista austríaco realiza uma biografia do artista italiano, a partir de uma recordação da infância do mesmo. Trabalha também a questão da sublimação da pulsão sexual. Obviamente é possível estabelecer pontos de contacto entre a biografia de Fernando Pessoa e a de Leonardo da Vinci: dedicaram-se exaustivamente, ambos, a projetos artísticos, tiveram escassas experiências afectivas com o sexo oposto e a obra de ambos tem uma diversidade impressionante. Apesar desta possível aproximação, o que de fato se destaca na obra pessoana em relação a Freud é a afinidade do pensamento de ambos, como evidencia este trecho sobre filosofia política:

A psicologia moderna, embora ainda por constituir como ciência completa, ou pelo menos, organizada, chegou, porém a uma conclusão, diametralmente oposta àquela em que apoiava o século dezoito as suas filosofias. A ciência psicológica sabe que, no homem como nos animais, o inconsciente, ou subconsciente, predomina sobre o consciente; que o homem é primariamente um animal irracional, e apenas episodicamente racional; que o homem é, na sua essência, uma criatura de instintos como todos os animais, e apenas por acréscimo e individualidade, um ente intelectual. (PESSOA, 1986, p.1048)

Interessante perceber o diálogo deste fragmento com a psicanálise, pois é esta que dá primazia aos processos inconscientes do sujeito, como ressalta: “A ciência psicológica sabe que, no homem como nos animais, o inconsciente, ou subconsciente, predomina sobre o consciente (...)”. Parece que o que Pessoa chama de ciência psicológica à psicanálise, que ainda estava no seu começo e era pouco conhecida em Portugal, o que fica claro em trechos da sua carta para João Gaspar Simões. Um aspecto polémico presente nesta citação é a afirmação da presença do inconsciente nos animais. Para além deste argumento estar em desacordo com a teoria freudiana, faz-se necessário lembrar Lacan (o psicanalista “leitor” de Freud e atualizador da sua teoria)^x, que defende que o inconsciente é estruturado como linguagem. No último capítulo do livro *Seminário 20 Mais, ainda*, “O rato no labirinto”, Lacan estabelece uma relação entre inconsciente-sujeito-significante:

Para introduzir um discurso científico concernente ao saber, é preciso interrogar o saber onde ele está. Esse saber, na medida em que é no antro da língua que ele repousa, quer dizer *o inconsciente*. O inconsciente, eu não entro nele, não mais do que Newton, sem hipótese.

Minha hipótese é a de que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante. O que enuncio nesta fórmula mínima de que um significante representa um sujeito para um outro significante. (LACAN, 2008, p.152-153)

À luz da teoria lacaniana, a afirmação de Fernando Pessoa não faria o menor sentido. Para Lacan, a partir do momento em que nascemos somos imersos nesta grande teia que é a linguagem e vamos desenvolver nosso psiquismo marcados pela utilização da linguagem articulada que é o que nos distingue dos animais. Sendo assim, nosso inconsciente só poderia estar estruturado enquanto linguagem e de acordo com essa perspectiva não faria o menor sentido defender que os animais possuiriam um inconsciente. A noção de sujeito está estreitamente relacionada com o inconsciente, onde supostamente está depositado o nosso saber. Como atesta a passagem acima, verificamos que para Lacan há uma estreita relação entre o inconsciente e o saber. Outro ponto polémico presente no testemunho pessoano aqui analisado é o fato do homem ser considerado como irracional a maior parte do tempo e apenas

episodicamente racional. Esse trecho é polémico por diversos motivos: parece que se trata justamente do contrário, o homem é na maior parte do tempo racional e episodicamente irracional. O livro **Mal-estar na civilização**, de Freud, parece apontar justamente nesta direção. O psicanalista austríaco revela como é difícil para o homem viver em sociedade, mas que a vida social só se tornou possível devido ao triunfo da razão. Se vivêssemos de acordo com os nossos instintos, pulsões, desejos inconscientes, viveríamos em “eterno” caos. O argumento pessoano torna-se ainda mais polémico devido a sua autoria: quem assinou esse texto foi o próprio Pessoa e se não fosse o seu excesso de racionalidade, nem esse texto seria escrito, nem os inúmeros outros presentes no espólio. Os documentos da arca pessoana parecem apontar para um escritor que muito episodicamente era irracional, pois, utilizava seu tempo para escrever, criar, e não foram criações absurdas ou sem sentido, sua obra é considerada a maior de sua época e uma das maiores da atualidade, sem nos esquecermos de Camões e de tantos outros artistas portugueses.

Segundo o artigo publicado pelo Professor José Martinho, “Sobre a recepção de Freud em Portugal”, é o médico Egas Moniz, antes de 1932, quem introduz o pensamento freudiano em Portugal, publicando um artigo sobre psicanálise em 1915, “As bases da psicanálise”.

Pessoa e Egas Moniz se encontraram em Lisboa em 1907, como relata o Professor José Martinho em seu artigo:

Depois de ter regressado a Lisboa vindo de Durban (1905), Fernando Pessoa, então com 19 anos (1907), consultou o Professor Egas Moniz. Não sabemos se Pessoa lhe falou das suas múltiplas personalidades, se conversaram sobre psicanálise, mas sabemos que o médico não podia ainda encorajar o jovem a pedir a famosa lobotomia para curar os males que o afligiam. Na altura, limitou-se a dizer-lhe para fazer um pouco de ginástica sueca, ao que parece com bons resultados, se acreditarmos no que afirma Pessoa no seu prefácio ao livro de António Botto. (MARTINHO, 2003, p.3)

Ainda segundo o estudo do Professor José Martinho, somente quatro portugueses se interessaram por Freud antes de 1940, além do médico Egas Moniz e de Pessoa: o Professor Abel de Castro, o ensaísta António Serras Pereira (livro publicado em 1932 sobre psicanálise, educação e moral), o Professor de psiquiatria Sobral Cid e João Gaspar Simões.

Na investigação realizada na Biblioteca Freud encontramos, além de Egas Moniz, mais um nome a ser acrescentado, Luís Varela, que publicou em 1935 um escrito sobre a obra de Freud [Anexo A]. É também importante acrescentar os nomes de alguns jornalistas lidos por Pessoa que redigiram artigos sobre Freud.

Em um dos cadernos de Fernando Pessoa [144Y], possivelmente datado entre 1910-1920, existe a seguinte nota de leitura [144Y-37^r]:

Dr. Gaston Loygue: Th.-M. Dostoïewsky. Paris. Storck, 1904.

Hartenberg. La nevrose d'angoisse – Revue de médecine, 1901 – p.680.

Pitres et Régis: Obsessions et impulsions.

(Loygue, p.43. That at the bottom of obsessive states there is nearly always, if not always, an unsatisfied sexual instinct). – to same purpose he quotes Bouchut, Preyer, Freud (specially), Tchisch, Loewenfeld, Féré, Tournier. All re Dost[oyevsky].

Nesta pequena nota que possivelmente diz respeito aos estudos realizados por Pessoa sobre a psique humana e mais especificamente sobre o estado obsessivo, ele relaciona o estado obsessivo com insatisfação sexual e cita entre outros nomes o de Freud. No espólio pessoano são numerosos os fragmentos sobre gênio e loucura, Pessoa deu especial atenção a este tema. Provavelmente pela sua convivência com a avó paterna Dionísia que sofria de loucura. Esse fragmento parece se encaixar neste interesse que o Poeta português manifestava sobre os estados alterados da psique, e a leitura de Freud parece ter sido especialmente útil, no que diz respeito à relação entre estados psíquicos alterados e sexualidade. Em outros documentos encontramos ressaltada essa concepção do pensamento freudiano, entre eles faz-se necessário dar especial atenção à famosa carta escrita a João Gaspar Simões em 1931.

Sabemos da proximidade entre Pessoa e João Gaspar Simões e da discussão entre eles sobre a criação literária de Pessoa, evidenciada numa carta. Cito apenas as partes que nos interessam, desta carta de Pessoa a João Gaspar escrita em 11 de Dezembro de 1931:

(...) entendo por Freud ele e seus seguidores. (...) Freud é em verdade um homem de gênio, criador de um critério psicológico original e atraente, e com o poder emissor derivado de esse critério se ter tornado nele uma franca paranóia de tipo interpretativo. O êxito europeu e ultra-europeu do Freud procede, a meu ver, em parte da originalidade do critério; em parte do que tem essa força e estreiteza da loucura (assim se formam as religiões e as seitas religiosas, compreendendo nestas, porque o são, as de misticismo político, como o fascismo, o comunismo, e outras assim); mas principalmente de o critério assentar (salvo desvios em alguns sequazes) numa interpretação sexual.

(...) Ora, a meu ver (é sempre 'a meu ver'), o Freudismo é um sistema imperfeito, estreito e utilíssimo. É imperfeito porque nenhum sistema nos pode dar a complexidade indefinida da alma humana. É estreito se julgamos, por ele, que tudo se reduz à sexualidade, pois nada se reduz a uma coisa só, nem sequer na vida intra-anatômica. É utilíssimo porque chamou a atenção dos psicólogos para três elementos importantíssimos na vida da alma, e portanto na interpretação dela: (1) o subconsciente e nossa consequente qualidade de animais irracionais; (2) a sexualidade, cuja importância havia sido, por diversos motivos, diminuída ou desconhecida anteriormente, (3) o que poderei chamar, em linguagem minha, a translação, ou seja, a conversão de certos elementos psíquicos (não só sexuais) em outros, por estorvo ou desvio dos originais, e a possibilidade de se determinar a existência de certas qualidades ou defeitos por meio de efeitos aparentemente irrelacionados com elas ou eles.

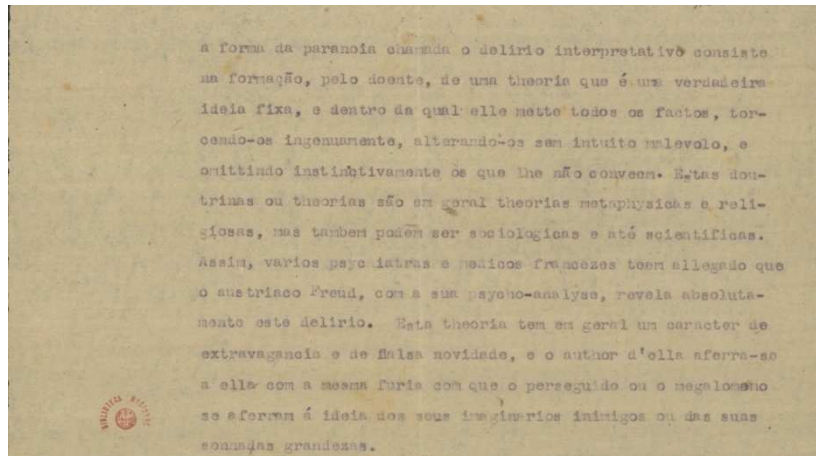
(...) Não tenho lido muito do Freud, nem sobre o sistema freudiano e seus derivados; mas o que tenho lido tem servido extraordinariamente - confesso - para afiar a faca psicológica e limpar ou substituir as lentes do microscópio crítico. (PESSOA, 1999, p.338-339)

Fica claro que em 1931, ano no qual a carta foi redigida: Pessoa se encontrava à vontade para analisar e criticar o sistema que ainda vinha sendo estruturado por Freud. No escrito citado, se por um lado o autor português destaca os limites que percebia na psicanálise, (um certo reducionismo e uma “paranóia do tipo interpretativo”), por outro, Pessoa afirma a importância da psicanálise para que pudesse afiar sua “faca psicológica” e ampliar sua capacidade crítica.

No espólio Pessoa, encontramos dois escritos nos quais utiliza o termo “psico-análise”. O primeiro está num texto sobre o drama, e o segundo, em um fragmento datilografado no qual Pessoa faz uma análise sobre a paranóia, (neste encontramos também o termo “psico-analyse”):

“(…) Freud e seus discípulos, através da “psico-análise”, afirmam a origem sexual de todas as psicoses. Justa ou não esta doutrina extrema, o certo é que a sexualidade domina os factos psíquicos tanto, se não mais, que os físicos; e que a sua importância notavelmente se vê quando se analisam as manifestações mentais de um louco ou de um degenerado.” (PESSOA, 1986, p.103)

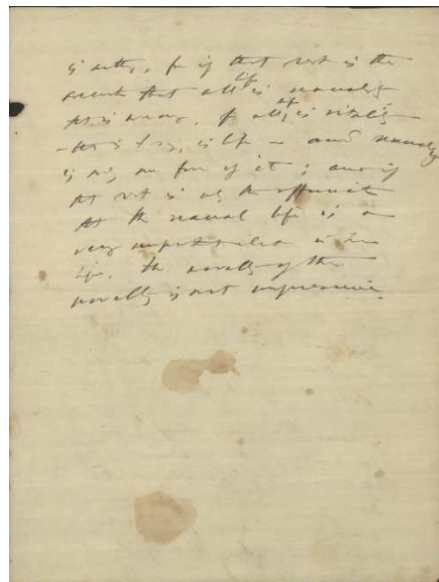
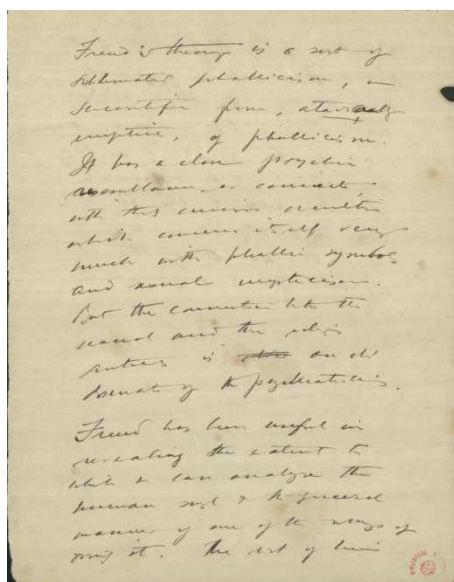
No fragmento datilografado, lê-se:



a forma da paranóia chamada delírio interpretativo consiste na formação, pelo doente, de uma ideia que é uma verdadeira ideia fixa e dentro da qual elle mette todos os factos, torcendo-os ingenuamente, alterando-os sem intuito malevoloso e omitindo intuitivamente os que lhe não convêm. Estas doutrinas ou theorias são em geral theorias metaphysicas e religiosas, mas também podem ser sociologicas e até scientificas. Assim varios psychiatras e médicos francezes tem allegado que o austriaco Freud, com a sua psycho-analyse, revela absolutamente este delírio. Esta theoria tem em geral um caracter de extravagancia e de falsa novidade, e o author d'ella aferra-se a ella com a mesma furia com que o perseguido ou o megalomano se eferren á ideia dos seus imaginarios inimigos ou das suas sonhadas grandezas.

[BNP/E3-15B4 – 49^r]

É interessante notar que a medida em que caminhamos pelos escritos de Pessoa, parece que ele vai se familiarizando com a linguagem freudiana. Primeiro Pessoa coloca Freud na psicologia e depois já escreve Freud e a “psico-análise“. Outro aspecto importante, na primeira passagem, é o fato de Pessoa concordar com Freud acerca da relevância da sexualidade nos processos psíquicos. No segundo fragmento encontramos uma crítica ao pensamento freudiano, uma relação entre a teoria de Freud e a paranóia. Em outro fragmento [BNP/E3-15B1-67] presente no espólio encontramos também uma crítica à teoria criada por Freud:



“Freud’s theory is a sort of sublimated phallicism, a scientific form, /atavically/ eruptive, of plallicism. It has a close psychic resemblance, or connects with that curious occultism which concerns itself very much with plallic symbols and sexual mysticism. But the connection between the sexual and the religious sentiments in an old observation of the psychiatricians.

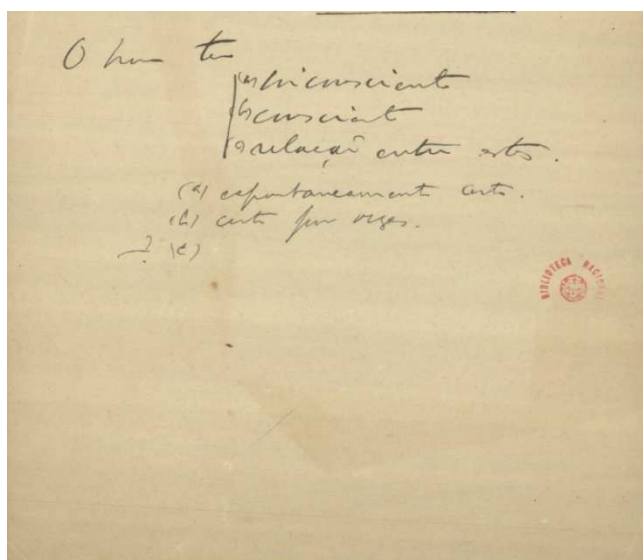
Freud has been useful in reveling the extent to which we can analyse the human soul and the general manner of one of the ways of doing it. The rest of him is nothing, for if that rest is the assertion that all life is sexuality that is wrong, for all life is vitality – that is to say, is life – and sexuality is only one form of it; and if that rest is only the affirmation that the sexual life is a very important element in human life, the novelty of the novelty is not impressive.²⁴

²⁴ “A teoria de Freud é uma espécie de falicismo sublimado, uma forma científica, eruptivamente atávica do falicismo. Tem uma forte semelhança física ou está ligada àquele curioso ocultismo que tem uma relação muito próxima com os símbolos fálicos ou com o misticismo sexual. Mas a conexão entre os sentimentos sexual e religioso é uma velha observação dos psiquiatras. Freud foi útil por mostrar até que ponto podemos analisar a alma humana e um dos modos gerais de fazê-lo. O restante dele é nada, pois se este restante é a afirmação de que toda a vida é sexualidade e isto está errado, pois toda a vida é vitalidade - isto significa, é vida - e a sexualidade é apenas uma das suas formas; e se o restante é apenas uma afirmação de que a vida sexual é um

Por um lado, Pessoa parece admirar a teoria freudiana sobre a “alma humana” e por outro critica o excesso de valor dado à sexualidade, que acha importante para compreender o ser humano, mas percebe que a sexualidade é mais um fator na psique humana, não é o único: ressalta a utilidade e o reducionismo da teoria freudiana, como já dito na carta a João Gaspar Simões.

No entanto, existem outras passagens no espólio de Pessoa que revelam não só o interesse que o mesmo tinha pelo pensamento freudiano como também uma consonância com esse pensamento. Temos por exemplo um fragmento no envelope [15B2 - 100] que diz: “A grande divisão do psychismo humano é entre o psychismo consciente e o psychismo inconsciente”.

Ou no envelope [15B1 - 99], onde diz:



O homem tem:

- (a) Inconsciente,
- (b) Consciente,
- (c) a relação entre esses,

- (a) espontaneamente certo.
- (b) certo por vezes.
- (?) - (c)

Neste pequeno trecho que não sabemos se é um resumo de algum livro lido por Pessoa ou se um esboço do seu próprio pensamento, percebemos, de acordo com a primeira citação

elemento importante na vida humana, a novidade da novidade não é significativa.” Tradução de Cláudia Souza e Nuno Ribeiro.

feita, bem como na carta a João Gaspar Simões, que essa linguagem sobre o inconsciente, tão própria da psicanálise vai ser absorvida pelo pensamento pessoano.

Em um soneto de 1917, escrito pelo ortônimo, há outra referência ao inconsciente:

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de **Inconsciente**
A qualquer mão nocturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que assombra,
E em nada existo como a treva fria.²⁵ (PESSOA, 2005, p.406-407)

Neste poema temos ressaltado o poder do inconsciente, um fio que prende e guia a vida do eu lírico, durante a noite. Sabemos a importância da relação entre noite e inconsciente na psicanálise. A noite pode ser metafórica, representar esse momento no qual o sujeito consciente cede lugar a um outro, que já não domina a cena com a razão, mas que é dominado por fantasmas ocultos, que se sente sombra, uma sombra assombrada por delírios ou por verdades inconscientes. É importante notar que se trata de um poema de 1917, ano no qual Freud ainda estava elaborando seus conceitos psicanalíticos. E a poesia pessoana, não estando na área científica, parece também estar mostrando a força deste lado oculto do sujeito, tão analisado por Freud.

O Barão de Teive, personagem literária, que aparece em cena no palco pessoano no final da década de vinte, faz também referência ao pensamento freudiano no seguinte texto sobre Leopardi:

Este é um dos casos para os quais todos nós deveríamos ser Freuds. É impossível deixar de lado a interpretação sexual pois isto colocaria Leopardi fora de seu próprio problema.

O pior deste tipo de tragédia é o facto de ser cómica. Mas não no mesmo sentido em que os poemas de amor de Swinburne são cômicos.

“Eu sou tímido com as mulheres, logo Deus não existe” é uma metafísica pouquíssimo convincente. (TEIVE, 1999, p.73)”

²⁵ Grifo nosso.

Teive, personagem suicida, provavelmente se refere ao fracasso de Leopardi no âmbito afectivo-sexual e na extensão desta sua faceta para a construção de parte da sua obra. Neste sentido, Teive se aproxima de Pessoa, pois ressalta a ênfase dada à sexualidade no pensamento freudiano. Para além disto, percebe-se como as leituras e interpretações se misturam na escrita pessoana: Leopardi e Freud servem de instrumento para a escrita de Teive.

E quem é Teive? Um efeito de linguagem, um dispositivo que assina um texto, um eu construído através de palavras, de ficção e de imaginação. Qual a diferença entre Teive, Leopardi, Freud e Pessoa naquele pequeno fragmento?

O Barão de Teive foi apresentado ao público pela primeira vez através do trabalho da investigadora Maria Aliete Galhoz [Anexo B], na década de sessenta, quando revelou alguns inéditos desta personalidade literária. Em 1990, Teresa Rita Lopes publicou em seu livro **Pessoa por Conhecer** mais inéditos do Barão de Teive. Em 1999, Richard Zenith foi o responsável pela edição de **A Educação do Estóico**, do Barão de Teive, um projeto pessoano não realizado em vida. E em 2007, foi publicada a **Educação do Stoico** pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, em edição crítica. Toda essa trajectória de publicações demonstra a importância deste outro eu pessoano. Não pretendo tentar revelar o rosto através da máscara porque estamos no campo da literatura – e, mais, da literatura pessoana, espaço literário onde a noção de eu foi alargada e reestruturada, como afirma a escritora e investigadora pessoana Leyla Perrone-Moisés em “Fernando Pessoa **Aquém do eu, além do outro**:

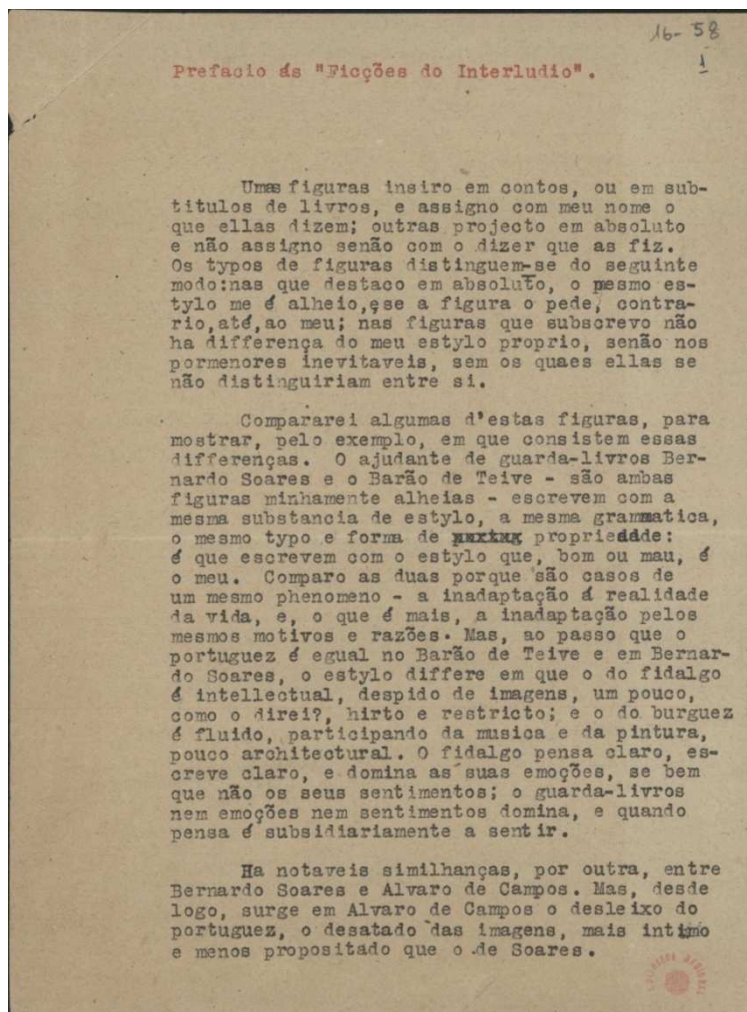
As máscaras são absolutamente intercambiáveis, e o relacionamento da máscara com o rosto (dos “outros” com o “Um”) é impossível. Essa dinâmica das máscaras, na ausência de qualquer rosto, não leva a uma progressão para a (re) constituição do Um, mas cria um movimento circular, uma ronda de máscaras sem saída para a identificação: ‘Como um carrossel,/Giro em meu torno sem me achar... (PERRONE-MOISÉS, 2001, p.37)

Como também afirma Eduardo Lourenço, filósofo e ensaísta, em seu livro **O lugar do Anjo**:

Para poder ser tudo, viveu-se até o limite da desintegração do eu, como *não-pessoa*. Foi esse o conteúdo real da sua ficção. No sentido mais banal do termo, Fernando Pessoa quase não existiu. A única coisa que levou de facto a sério foi a realidade do seu eu como ficção. É, pois, inútil procurar um homem por detrás dos textos, só encontraremos um dos não-textos capitais do mundo moderno. Mas essa ausência de homem, duplicada por uma ausência de texto, assinala com uma violência extrema o lugar vazio de uma agonia humana, de um combate cultural absolutamente ímpar. É sobre essa ausência e tendo por única finalidade o torná-la sensível a nós, que não a ele – que inscrevemos, equívoco supremo, o nome de Fernando Pessoa. (LOURENÇO, 2004, p.35)

Não se trata aqui de mostrar uma unidade em relação ao pensamento de Pessoa a respeito de Freud, mas sim de demonstrar como o pensamento de Freud servirá de matéria plástica na construção da literatura pessoana. Tudo que foi lido e considerado importante por Fernando Pessoa entrou na dinâmica das máscaras, ganhou espaço neste movimento circular, onde o eu e o outro se tocam e se distanciam, onde não há recurso para a identificação do Um. Onde o espaço vazio cedeu lugar para a obra de arte, a criação literária, as leituras, os pensamentos, os devaneios, foram se colando uns aos outros formando um mosaico, plástico e fluido sem relação com o eu uno nem com o tempo real. Um olhar sobre as pastas relativas aos projetos pessoanos demonstra uma relação muito específica com o tempo. São inúmeros os projetos que lá estão: impossíveis de serem realizados durante uma vida normal, seria necessário que essa vida se alargasse, seria preciso que muitos estudiosos quisessem inscrever, num equívoco supremo, várias vezes o nome de Fernando Pessoa.

Retornando à biblioteca pessoal, nela constam dois livros com a obra de Leopardi, um em italiano, o outro em francês. É interessante destacar que não só a leitura de Leopardi foi importante para a expansão do pensamento de Teive, como também a leitura de Freud. É importante ressaltar que existe também uma relação entre Teive e Soares, o último autor do projeto do *desasocego*. Em um dos prefácios a “Ficção do Interlúdio” [BNP/E3-16-58], outro projeto pessoano possivelmente escrito em 1929, há uma referência direta ao Barão de Teive:



(...) O ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e o Barão de Teive – são ambas figuras minhamente alheias – escrevem com a mesma substancia de estylo, a mesma grammatica, o mesmo typo e forma <portug> propriedade: é que escrevem com o estylo que, bom ou mau, e o meu. Comparo as duas porque são casos de um mesmo phenomeno – a inadaptação á realidade da vida, e, o que é mais, a inadaptação pelos mesmos motivos e razões. Mas, ao passo que o portuguez é igual no Barão de Teive e em Bernardo Soares, o estylo differe em que o fidalgo é intellectual, despido de imagens, um pouco, como direi? hirto e restricto; e o do burguez é fluido, participando da musica e da pintura, pouco architectural. O fidalgo pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não os seus sentimentos; o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina, e quando pensa é subsidiariamente a sentir.

O Barão de Teive é comparado a Bernardo Soares, uma personalidade com o estilo literário próximo ao de Pessoa. Se existem semelhanças entre Teive, Soares e Pessoa também existem diferenças, todas elas marcadas no campo da literatura, da palavra, onde o eu deixa de ser uma imagem narcísica para se tornar um efeito de linguagem, um dispositivo, um texto, um projeto. No espólio pessoano, as muitas idéias, os muitos personagens, os muitos pensadores se encontram, se transformam. O limite entre realidade e ficção perde o sentido e a nitidez na literatura pessoana.

Em outro testemunho do espólio [BNP/E3-6-12], existe um clara dúvida sobre o lugar do fragmento, na primeira linha do documento está datilografado: “L. do D. (ou Teive?)”. Esse fato é extremamente interessante e importante, pois atesta mais uma vez a fluidez dos textos pessoanos e revela com total nitidez que os personagens pessoanos não são apenas outros eus, mas sobretudo projetos. L. do D., significa Livro do *Desasocego*, e a dúvida é se o fragmento pertenceria ao **Livro do *Desasocego*** ou a Teive, que supostamente seria uma personalidade pessoana, que difere de Bernardo Soares, último autor do *desasocego*, como foi demonstrado anteriormente em uma das introduções do projeto “Ficcões do Interlúdio” [BNP/E3-16-58]. Existem outros testemunhos no espólio nos quais Pessoa escreveu: “Álvaro de Campos (?) ou L. do D. (ou outra coisa qualquer)” [Anexo C], ou “L. do Des. Ou Philatelista” [Anexo D]. Campos, heterônimo pessoano, também aparece ao lado do projeto do *desasocego*. Provavelmente porque os outros eus pessoanos para além de máscaras, eram projetos, textos, que caminham ao lado de outros textos e de outros projetos que deveriam se cumprir.

Leopardi que aparece nos escritos do Barão de Teive também serve de matéria plástica na construção do projeto do *desasocego*, e esse fato, associado aos outros, apresentados até este momento nos permite afirmar que quase tudo que foi lido e considerado importante por Fernando Pessoa caiu neste espaço literário, transformando-se em tinta que coloriu o papel, com letras, com nomes, com ideias e pensamentos, com desejo de fazer arte. No fragmento [BNP/E3-1-69] aparece novamente o nome de Leopardi ao lado do de Anthero, tendo sido esse documento publicado em algumas edições do **Livro do *Desasocego***.

Álvaro de Campos, heterônimo pessoano, que nasceu em Tavira, em 19 de Outubro de 1890, às 13:30 da tarde, fez o liceu em Lisboa, seguindo depois para a Escócia onde estudou engenharia mecânica e depois naval. Segundo consta, era alto, magro, tinha o cabelo liso. Escreveu durante a sua vida em poesia e prosa. Campos foi o heterônimo pessoano mais publicado durante o período 1914-1935, ou seja, durante a vida do Poeta português. Participou do namoro entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz. Assinou um manifesto volante distribuído em Lisboa no ano de 1923, “*Aviso por causa da Moral*” [Anexo E], criticando os estudantes que “nos intervallos de dizer obscenidades ás senhoras, estavam empenhados em moralizar toda a gente (...)” Esse heterônimo dialoga publicamente com Fernando Pessoa em revistas da época, na *Revista Contemporânea* e na *Revista Athena* e foi também autor de um dos poemas mais conhecidos da literatura portuguesa, “*Tabacaria*”, publicado na *Revista Presença* em julho de 1933. Campos, em um poema datado no ano de 1930, faz referência direta ao nome de Freud:

“A liberdade, sim, a liberdade!
 A verdadeira liberdade!
 Pensar sem desejos nem convicções.
 Ser dono de si mesmo sem influência de romances!
 Existir sem **Freud** nem aeroplanos,
 Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem no cansaço!

A liberdade do vagar, do pensamento são, do amor às coisas naturais
 A liberdade de amar a moral que é preciso dar à vida!
 Como o luar quando as nuvens abrem
 A grande liberdade cristã da minha infância que rezava
 Estende de repente sobre a terra inteira o seu manto de prata para mim...
 A liberdade, a lucidez, o raciocínio coerente,
 A noção jurídica da alma dos outros como humana,
 A alegria de ter estas coisas, e poder outra vez
 Gozar os campos sem referência a coisa nenhuma
 E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!

Passos todos passinhos de criança...
 Sorriso da velha bondosa...
 Apertar da mão do amigo [sério?].
 Que vida que tem sido a minha!
 Quanto tempo de espera no apeadeiro!
 Quanto viver pintado em impresso da vida!

Ah, tenho uma sede sã. Dêem-me a liberdade,
 Dêem-me no púcaro velho de ao pé do pote
 Da casa do campo da minha velha infância...
 Eu bebia e ele chiava,
 Eu era fresco e ele era fresco,
 E como eu não tinha nada que me ralasse, era livre.
 Que é do púcaro e da inocência?
 Que é de quem eu deveria ter sido?
 E salvo este desejo de liberdade e de bem e de ar, que é de mim? (CAMPOS, 2002, p.425-426)

O eu lírico do poema, que possivelmente não é nem Pessoa e nem Campos, mas um outro eu fluido e escorregadio, clama pela liberdade, a verdadeira liberdade, livre de desejos e convicções, de Freud e aeroplanos. Esse outro eu, essa outra máscara parece acreditar que Freud e o seu pensamento representavam um entrave para a verdadeira liberdade. Por que motivo será? Por que Freud representaria um empecilho ao acesso à verdadeira liberdade? Por que Freud e os aeroplanos na mesma linha? O eu lírico parece antecipar a enorme importância que o pensamento freudiano iria exercer na vida da grande maioria das pessoas. Em 1930, data do poema, provavelmente a frase: “Freud explica...” ainda não era um cliché como nos dias atuais. Certamente em 1930, a psicanálise não tinha a importância que tem hoje, importância enquanto ciência e também na vida quotidiana. Há algum tempo, mas não há tanto tempo, conceitos psicanalíticos atravessaram as grossas paredes da ciência e transbordaram para o dia-a-dia. Conceitos fundamentais da psicanálise como inconsciente, recalque, sublimação, pulsão, instinto, complexo de Édipo são utilizados em conversas

corriqueiras, bem longe do consultório psicanalítico. A poesia pessoana parece antecipar essa constatação, de que para sermos livres teríamos que existir sem Freud e todos os conceitos criados por ele. E ainda: o eu lírico parece estar de acordo com a percepção de eu apresentada por Freud: “Se o cogito cartesiano apresentava o Eu como lugar da verdade, o cogito freudiano nos revela que ele é sobretudo o lugar do ocultamento” (GARCIA-Roza, 1997, p. 64) Isto porque Freud apontou um novo “objeto”: o inconsciente. E diante deste novo “objeto” torna o sujeito um sujeito do desejo e é preciso analisar como esse sujeito inconsciente se relaciona com o sujeito consciente. No poema o eu lírico aponta Freud como um entrave à liberdade, nos remetendo a essa questão freudiana, da existência de um sujeito não tão livre, mas engendrado nas malhas das pulsões, sujeito à Lei do Pai e à castração simbólica.

Uma questão que permeia esse estudo é a de tentar descobrir porque Pessoa, que não era médico, não era professor, vai travar esse diálogo com o pensamento freudiano, num país em que poucos haviam demonstrado interesse pelos escritos e pela prática freudiana.

Para uma possível resposta podemos recorrer ao próprio Pessoa e ao pensamento de Roland Barthes. Ao próprio Pessoa quando o mesmo diz na carta a João Gaspar Simões que o sistema freudiano: “É imperfeito porque nenhum sistema nos pode dar a complexidade indefinida da alma humana.” Nenhum sistema, nenhuma literatura, nenhuma área do conhecimento humano conseguiu desvendar a alma humana, mas muitos pensadores tentaram. Muitos pensadores, poetas, prosadores, como Pessoa tentaram compreender a complexidade da alma humana. Durante toda a sua existência Pessoa não se cansou de buscar uma explicação, um sentido. Seus escritos demonstram essa busca infinita, seja através da sua assinatura ou da assinatura dos seus heterônimos ou semi-heterônimos que presenteiam o leitor com sua infinita capacidade, não de dar conta da imensa complexidade da alma humana, mas de mostrar a beleza criativa que habita o ser. Um ser da linguagem, ao contrário do ser heideggeriano que é um ser para a morte. No caso de Pessoa podemos afirmar que se trata de um ser para a escrita. Em um fragmento, confessa que sua pátria era a língua portuguesa. Sim, lá ele habitou não de maneira confortável e feliz. Desconfortavelmente complexo, contraditório, paradoxal, por vezes deprimido (como em alguns dos traços do desassossego), talvez seja essa palavra a melhor palavra para definir a complexidade dos escritos pessoanos: desassossego. E provavelmente foi esse desassossego que o levou até os escritos de Freud, que o levou a escrever que o inconsciente era “espontaneamente certo” e o consciente “por vezes certo”.

Outra explicação para Pessoa, leitor de Freud, seria aceitar, como propõe Roland Barthes em **Aula**, que “a literatura assume muitos saberes” e que trabalha nos interstícios da ciência, como esclarece essa passagem:

(...) a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovacionou durante o dia, e, por esse fulgor indirecto, ilumina o novo dia que chega: A ciência é grosseira, a vida é subtil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens. O que ela conhece dos homens, é o que poderia chamar de grande *estrago* da linguagem, que eles trabalham e que os trabalha, quer ela reproduza a diversidade dos socioletos, quer, a partir dessa diversidade, cujo dilaceramento ela resseno, imagine e busque elaborar uma linguagem-limite, que seria seu grau zero. Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático. (BARTHES, 2004, p.19)

Pessoa, leitor de Freud, se encaixa de forma ao trecho citado, o escritor português não faz ciência com a linguagem freudiana, faz literatura, faz arte, aumenta sua capacidade crítica (como afirma o poeta português) e neste fulgor indirecto caminha ao lado do psicanalista austríaco. Não foi médico, não foi psicanalista, mas achou a interpretação freudiana da alma humana reducionista e utilíssima. Utilíssima para quê? Talvez para compreender que a sua escrita, a sua arte, a sua complexidade originava-se daquela parte desconhecida do eu, de um eu que não teve receio em se mostrar fragmentário porque o inconsciente era espontaneamente certo e porque a literatura pessoana se aproxima em muito dos hiatos existenciais, pois é muito mais dramática do que epistemológica. Porque os escritos pessoanos em verso ou em prosa são como o inconsciente, possuem uma lógica própria, um saber latente e misterioso, um sentido que só pode ser experimentado, jamais totalmente explicado, pois o que está em jogo não é a funcionalidade do sujeito, mas a sua postura, ou melhor, a sua impostura diante da linguagem. Impostura esta que se relaciona com a exposição realizada por Freud sobre o escritor criativo em seu texto publicado em 1908, **Escritores criativos e davaneio**. Neste texto, Freud realiza uma breve comparação entre a criança e seus jogos infantis e o escritor criativo que, de alguma forma, continua a praticar o jogo:

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. (FREUD, 1977, p.102)

Há, para Freud, um objetivo no ato de fantasiar, “toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” O objetivo da fantasia seria então realizar aquilo que na realidade não poderia ser realizado. Segundo a Professora Teresa Rita Lopes, em **Pessoa por Conhecer**, o Barão de Teive foi uma personalidade criada para expurgar Pessoa da loucura e do suicídio:

Habitado a tudo fazer na pessoa de outro, Pessoa enlouqueceu e suicidou-se através de Teive: ‘O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo’ escreveu o Barão (T.201). E todas as suas notas de auto-análise nos fazem assistir à lenta desistência de viver de alguém que observa o que chama ‘este meu terrível desinteresse por mim mesmo’: ‘Eu adormecera, e commigo haviam adormecido todos os privilégios da minha alma – os desejos que sonham alto, as emoções que sonham forte, as angustias que sonham ao invéz.’ (T. 199, n.)

Através de Teive, Pessoa purga-se de um outro dos seus pavores: o da loucura. Teive era louco, a acreditar no que Pessoa dele diz, segundo uma citação de Pina Coelho: ‘Transfiro para Teive a especulação sobre a certeza que os loucos têm mais do que nós.’ (Obr. Cit., I, p. 66 n.). Também na carta referida a Cabral Metello se autodiagnosticava como ‘um espírito especulativo e metafísico, e por isso triste e desgraçoso.’ (LOPES, 1990. vol.1, p.113)

De certa maneira, a interpretação freudiana aproxima-se do parecer de Teresa Rita Lopes sobre a relação entre Pessoa e Teive. Se a fantasia, para Freud, seria a realização de um desejo, a loucura e o suicídio do Barão de Teive serviram para livrar Pessoa do medo de ambos. No espólio encontram-se numerosos escritos sobre a loucura: como anteriormente exposto, Pessoa temia a loucura. A criação de Teive, um louco suicida, teria protegido Pessoa da sua possível loucura e suicídio. Essa fantasia teria protegido a realidade de algo terrível.

Para Freud, a fantasia seria a força estrutural para o escritor criativo, que, através da sua escrita, possibilitaria ao leitor a liberação das suas tensões. Enquanto as fantasias do homem comum causariam repulsa, as fantasias do escritor criativo causariam um prazer estético. Ao entrar em contacto com a escrita do escritor criativo, o homem comum encontraria permissão para continuar seus devaneios sem culpa:

Devem estar lembrados de que eu disse que o indivíduo que devaneia oculta cuidadosamente suas fantasias dos demais, porque sente ter razões para se envergonhar das mesmas. Devo acrescentar agora que, mesmo que ele as comunicasse para nós, o relato não nos causaria prazer. Sentiríamos repulsa, ou permaneceríamos indiferentes ao tomar conhecimento de tais fantasias. Mas quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes. Como o escritor o consegue constitui seu segredo mais íntimo. A verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas

fantasias. Denominamos de *prêmio de estímulo* ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse *prazer preliminar*, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. Isso nos leva ao limiar de novas e complexas investigações, mas também, pelo menos no momento, ao fim deste exame. (FREUD, 1977, p.110)

É interessante perceber que embora Freud, neste artigo, analise principalmente a questão da fantasia no processo artístico, ele afirma não saber como o escritor criativo consegue transformar suas fantasias, que seriam a princípio repulsivas, em algo que gera prazer estético. Podemos considerar Pessoa um escritor criativo nos moldes estabelecidos por Freud. O autor português realiza um trabalho muito importante com a linguagem, com a língua. Como afirmou Barthes e também Freud, há um jogo com as palavras, uma trapaça com a língua, uma impostura, que faz parte de um segredo íntimo, que talvez nem o próprio Pessoa conhecesse. A criação pessoana, ao mesmo tempo que pode ser analisada à luz do pensamento de Barthes, de Freud e de outros, também escapa a todas essas perspectivas, está além de um conceito rígido, de uma análise única. A presença de todos os autores neste trabalho se justifica porque eles enriquecem o nosso olhar a respeito da escrita criativa de Fernando Pessoa, mas é preciso lembrar que uma maneira única de olhar para a obra pessoana também a reduz. Se este artigo de Freud parece se adequar ao processo criativo pessoano, a redução da fantasia à biografia e principalmente à ênfase na infância pode limitar a potência criativa de Pessoa. Não queremos assumir uma perspectiva romântica do gênio, como defendeu Schopenhauer e seu discípulo Nietzsche em **O Nascimento da Tragédia** (NIETZSCHE, 2000), o homem de gênio como aquele que teria contacto com o uno primordial. Não se trata de fazer essa defesa, mas sim de clarificar que a complexidade da criação pessoana ultrapassa qualquer tentativa de interpretação, ou melhor, qualquer tentativa de uma única interpretação. Não podemos também assumir uma atitude mística em relação aos seus escritos, parafraseando Wittgenstein no final do **Tratado Lógico-Filosófico**, “Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio.” (WITTGENSTEIN, 1987, p. 142). Devemos sim fazer várias tentativas de leitura da obra pessoana, cientes porém de que não estamos no campo da ciência portanto, não há uma verdade. Estamos no campo da ficção, onde existem muitas verdades e muitas interpretações.

Voltando à citação de Roland Barthes, a literatura pessoana, parece ter se adiantado em relação a ciência. Revela um saber de algo que estava por vir, mobilizou um conhecimento

que, embora não fosse nem inteiro nem derradeiro, anunciava o futuro. Isto provavelmente porque Pessoa sabia trabalhar o espaço vazio e, de tanto saber, tornou-se este vazio. Fez teatro com a sua vacuidade, tornou quase tudo possível, como afirma o filósofo Paulo Borges em seu livro **O Teatro da Vacuidade ou a Impossibilidade de ser eu**, “O teatro da vacuidade, palco sem chão nem lugar no qual se desenrola tudo quanto existe.” (BORGES, 2011, p.34) Foi neste palco sem chão nem lugar que o pensamento freudiano se encontrou com outros eus pessoanos, ganhou voz e espaço, deixou de ser teoria e se tornou matéria plástica nas mãos deste grande artista português.

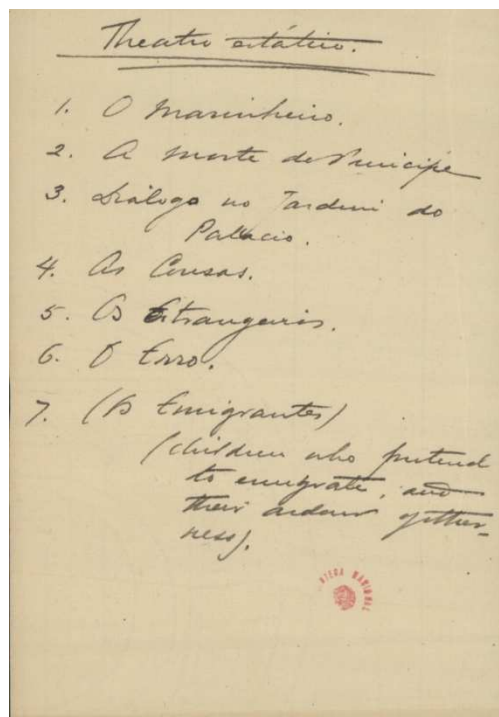
5.2 - *O Marinheiro* – psicanálise e heteronímia pessoana

No espaço literário pessoano, como já foi dito, houve lugar para o teatro. Pessoa escreveu peças de teatro, elencadas em um projeto denominado “Theatro estatico.” Uma peça que faz parte deste conjunto teatral pessoano é *O Marinheiro*, texto publicado durante a vida do autor português. Essa peça, escrita provavelmente em 1913, possui relações com o simbolismo e com a psicanálise.

Antes de analisarmos subjetivamente alguns pontos do drama *O Marinheiro*, é preciso que o leitor saiba da importância que o mesmo teve nos escritos pessoanos. No espólio de Fernando Pessoa encontramos diversos projetos, dentre os quais, fazia parte esse escrito publicado pela primeira vez na revista *Orpheu* em Março de 1915. Além de ser uma obra excepcional, revela a influência dramática de Shakespeare e principalmente de Maeterlinck na criação pessoana. Segundo o próprio Pessoa, trata-se da “revelação de uma vida interior espantosamente rica, e onde o fogo central de uma tragédia que se passa apenas nos sonhos de trez figuras (ellas proprias talvez tambem sonhos) é contido dentro de uma sobriedade externa difficil de encontrar fóra da Grecia antiga”. [BNP/E3-BNP/E3-87 – 44^r]

Essa peça dramática fazia parte de um projeto chamado “Theatro estático”²⁶ (composto pelo *O Marinheiro* e por outras peças teatrais) como podemos verificar no seguinte fragmento do espólio [BNP/E3-48I-1^r]:

²⁶ Ler o documento sobre o conceito de Theatro estatico, transcrito no final desta secção, definido por Fernando Pessoa [BNP/E3-18 -115^r].



Theatro estático

1. O Marinheiro.
2. A Morte de Príncipe.
3. Dialogo no Jardim do Palacio.
4. As Cousas.
5. Os Estrangeiros.
6. O Erro.
7. (Os Imigrantes)
(children who pretend to emigrate, and their ardour of otherness)

Para além deste importante aspecto, é também necessário destacar a preocupação de Fernando Pessoa com a publicação da sua peça dramática. *O Marinheiro* consta nas listas da revista *Europa* [BNP/E3-68A-3^v]²⁷, revista planeada por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro antes da publicação do *Orpheu*, (mais um dos muitos projetos de Pessoa). E em uma carta endereçada a Álvaro Pinto (25 de Maio de 1914), o poeta e dramaturgo português pede a edição do seu drama estático na *Renascença*:

Dentro em pouco mandar-lhe-ei, para a *Renascença*, caso queira editar, um escrito meu - uma peça num acto, dum género especial a que eu chama estático. Claro está que o meu amigo com toda a franqueza me dirá, depois de ler a peça, se convém realmente editá-la. Exijo, e não me ofenderei com uma recusa - uma franqueza absoluta.

A peça formará uma mera plaquette. Não lha remeto para *A Águia* porque para esse fim é, além de extensa, vagamente imprópria. (PESSOA, 1999, p.114).

²⁷ Interessante observar que neste fragmento temos alusão também a Maeterlink.

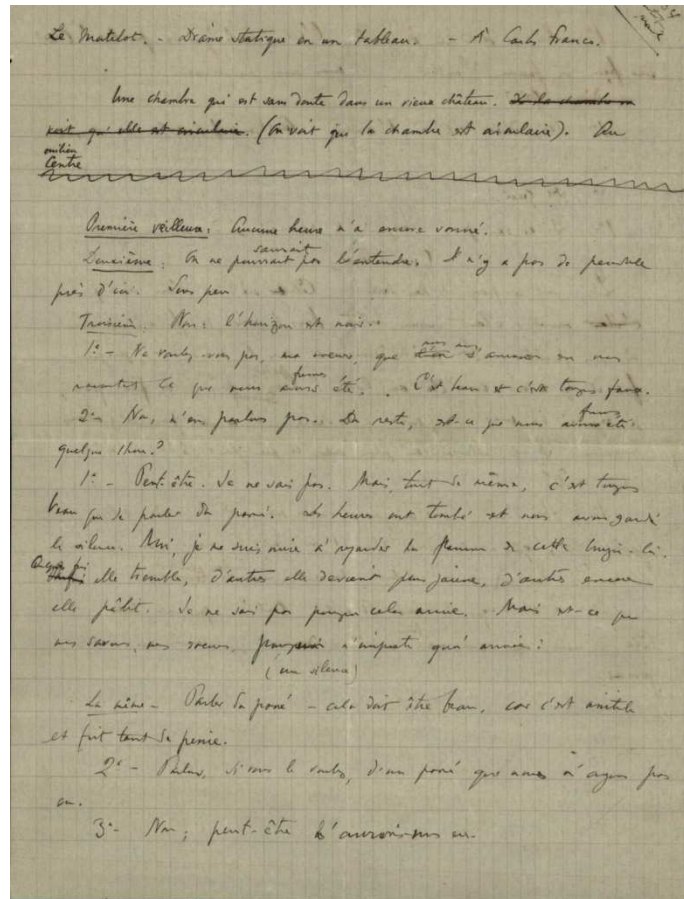
Em outra carta - 4 de Março de 1915 -, enviada para Armando Côrtes-Rodrigues, Pessoa escreve sobre algumas alterações realizadas no seu drama estático, antes da publicação do *Orpheu*:

O meu drama estático «O Marinheiro» está bastante alterado e aperfeiçoado; a forma que v. conhece é apenas a primeira e rudimentar. O final, especialmente, está muito melhor. Não ficou talvez, uma coisa grande, como eu entendo as coisas grandes; mas não é coisa que eu me envergonhe, nem - creio - me venha a envergonhar. (PESSOA, 1999, p.157).

Todos esses dados são valiosos porque ampliam a visão da obra de Fernando Pessoa. Saímos do lugar comum, “Pessoa criador de heterônimos”, para uma análise muito mais abrangente dos escritos do literato português. Não que a criação dos heterônimos não tenha se revelado algo surpreendente e digno de destaque, mas a obra pessoana é um universo, um vasto universo em que cada estrela faz parte de uma constelação e muitas vezes de muitas. Como *O Marinheiro* que mostra a face de dramaturgo de Pessoa, o do “Theatro estatico” e revela toda a admiração de Pessoa pela criação dramática²⁸. A obra pessoana tem mesmo essa característica de mosaico, cada peça é suficientemente bela para ser analisada sozinha, mas torna-se magistral quando colada às outras peças, e são muitas.

O Marinheiro, um drama, intersecção da dúvida e do sonho [BNP/E3-48I-5^r], foi parcialmente traduzido para o francês como podemos constatar neste escrito [BNP/E3-11¹¹-1^r]:

²⁸ Conferir o documento transcrito no final deste capítulo [BNP/E3-14¹-12^r].



Le Matelot. – Drame statique en un tableau. – À Carlos Franco.

<De la chambre on voit qu'elle est circulaire.> (Une chambre qui est sans doute dans château.) Au centre [↑milieu].

Première vieilleuse: Aucune heure n'a encore sonné.

Deuxième: On ne pourrait [↑saurait] pas l'entendre. Il n'y a pas de pendule près d'ici. Sous peu □

Troisième: Non: l'horizon est noir.

1.^a – Ne voulez – vousz pas, ma soeur, que <l'on s'> [↑nous nous] amusons en nous racontant ce que nous avons été [↑fumes]. C'est beau et c'est toujours faux.

E em um esquema sobre uma antologia do sensacionismo consta a intenção de traduzi-lo para o inglês: [BNP/E3-48I-9¹]:

Sensationist Anthology

Compiled and prefaced by SHER HENAY.

1 - José de Almada-Negreiros:

Frisos.

Coastline.

Scene of Hatred

Portuguese Poems.

The Blue Square

2. Fernando Pessoa:

The Sailor.

Slanting Rain.

Beyond God.

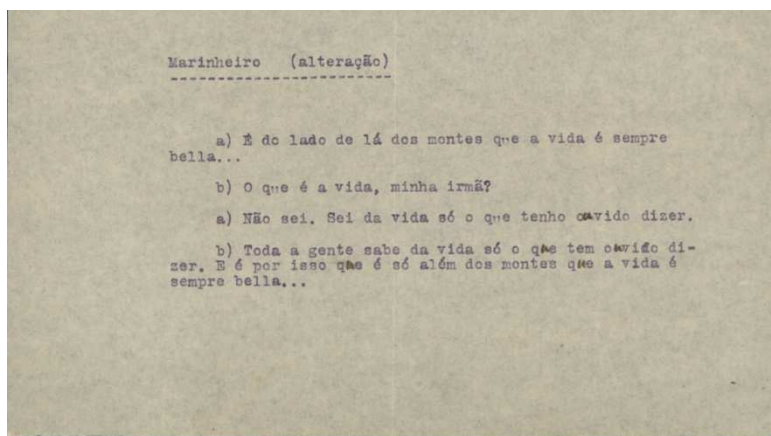
3. Mario de Sá-Carneiro:

Alem.

- Bailado.
 Selections from Tales.
 Selections from the Poems.
4. *Pedro de Menezes*:
 several poems.
 5. *Côrtés-Rodrigues*:
 Several poems.
 6. *Violante de Cysneiros*:
 (certainly a pseudonym, but have not been able to find
 whose) (?)
 some poems.
 7. *Albino de Menezes* (?)

É interessante perceber que Pessoa insere esse drama estático numa antologia sensacionista, também, que “*O Marinheiro*” encontra-se numa lista de obras interseccionistas (já citada neste trabalho). A inserção de *O Marinheiro* em uma antologia sensacionista publicada em inglês mostra a dimensão desta obra no universo literário pessoano.

Num outro fragmento [BNP/E3-29-1^r] datilografado, temos a alteração de um trecho do texto *O Marinheiro*:



Marinheiro (alteração)

- a) É do lado de lá dos montes que a vida é sempre bella...
- b) O que é a vida, minha irmã?
- a) Não sei. Sei da vida só o que tenho ouvido dizer.
- b) Toda a gente sabe da vida só o que tem ouvido dizer. E é por isso que só além dos montes que a vida é sempre bella...

Este fragmento não foi datado por Pessoa e não consta na publicação do *Orpheu*. Trata-se possivelmente de um trecho posterior a *Orpheu I*, isto porque em carta endereçada a João Gaspar Simões com data de 10 de Janeiro de 1930, isto é, quinze anos após a primeira publicação de *O Marinheiro*, Pessoa revela que ainda está fazendo correções no seu drama estático, o que mostra que *O Marinheiro* foi um texto que acompanhou Pessoa de 1913 (ano no qual foi escrito) até os anos trinta. Citamos o trecho da carta de Pessoa:

“Respondo agora à sua pergunta sobre o publicarem na *Presença* ou em separata algumas das minhas antigas produções. Podem vocês dispor como quiserem das duas *Odes* e do *Opiário* do Álvaro de Campos e da minha *Chuva Oblíqua* – isto pelo que diz respeito a inserções no *Orpheu*. *O Marinheiro* está sujeito a emendas: peço que, por enquanto, se abstenham de pensar nele. Se quiserem, poderei, feitas as emendas, dizer quais são: ficará então ao vosso dispor, como o estão as composições a que, como tais, acima me refiro.” (PESSOA, 1999. p. 190)

Todos esses testemunhos do espólio pessoano (a tradução de *O Marinheiro* para o francês, a intenção de traduzi-lo para o inglês e o trecho da carta enviada a João Gaspar Simões) revelam o cuidado e a importância que teve esse drama nos escritos de Pessoa. Esse texto além de fazer parte de um projeto pessoano (o “Theatro estatico”, como já foi dito), era uma obra dramática que o artista português pretendia divulgar no exterior. Fica claro também que Pessoa nunca se envergonhou do seu texto dramático (como ele mesmo previa em carta já citada), as tentativas de fazer com que *O Marinheiro* atravessasse as fronteiras da sua pátria revelam inclusive o sentimento oposto.

Noutra outra carta [BNP/E3- 114³-35^r] enviada a Mário de Sá-Carneiro, com data de 16 de Março de 1916, Pessoa refere-se novamente a *O Marinheiro*, mas agora não mais como crítico da sua obra, mas como crítico melancólico de si mesmo, identificando-se com uma das veladoras:

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciencia do meu corpo, que sou a creança triste em quem a Vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

No jardim que entrevejo pelas janellas caladas do meu sequestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto, e assim nem a ideia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estylo, é o meu estado de alma neste momento. Como á veladora do «Marinheiro» ardem-me os olhos, de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a <os> goles, por interstícios. Tudo isto está impresso em typo muito pequeno num livro com a brochura a descoser-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as cousas de nexo hysterico que ahi vão sahiram espontaneas do que sinto. Mas você sentirá bem que esta tragedia irrepresentavel é de uma realidade de cabide ou de chavena — cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Neste trecho percebemos a consonância do estado de alma de Pessoa com a veladora de *O Marinheiro*, como também o estilo no qual a carta foi escrita. Um estilo entre o sonho e a dúvida²⁹. O drama estático possui cinco personagens: a donzela morta no caixão, três

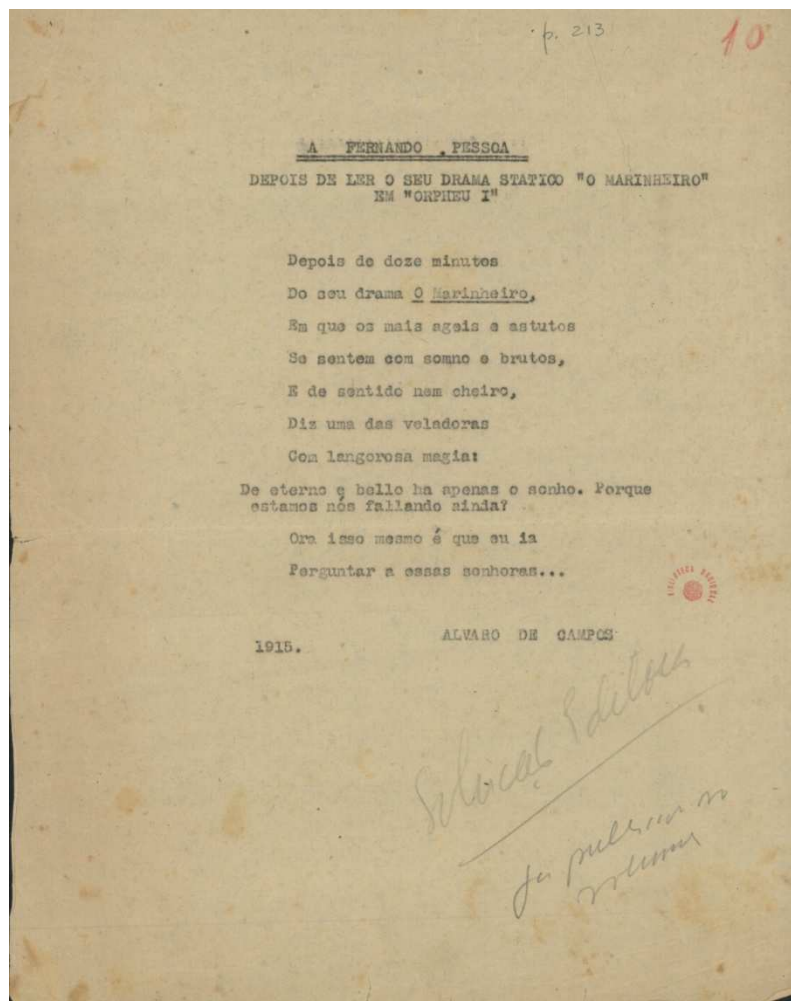
²⁹ Ver o documento 3 [BNP/E3-48I-5^r].

veladoras e o marinheiro, possível criação de uma delas. Possível porque no texto é difícil distinguir realidade da veladora da ficção criada por ela, armadilha feita por Pessoa, pois qual realidade uma personagem poderia criar? Nenhuma? Ou muitas? Essa questão permeia o texto.

O ponto central do texto parece ser a relação entre a linguagem e a morte, pois é devido à morte de uma donzela e a presença do seu corpo, num castelo, com vista para o mar, que as veladoras dialogam, para fazer o tempo passar. Poderíamos pensar que trata-se de uma metáfora da vida, pois cada um de nós tem a morte na sua linha do horizonte e para fazer o tempo passar, usamos a linguagem, dialogamos, monologamos, brincamos com o tempo, fitando sempre o mar, figura representante do infinito, sabendo que o infinito está apenas numa pequena janela lateral, podendo ser fitado e não alcançado, ao contrário da morte que marca sempre sua presença real.

Poderíamos analisar por outra perspectiva, o princípio da dúvida. O que é sonho e o que é a realidade durante a existência? Uma vez que todas as certezas são representações criadas pela rede da linguagem, *O Marinheiro* revelaria esse grande drama humano, como escreveu Eduardo Lourenço em seu texto “Pessoa: uma teatralidade sem teatro”: “O drama *O Marinheiro* ilustra à saciedade essa espécie de inaudita clausura interior de um eu que escuta e se escuta, sem distinguir a voz que nele fala, verbo circular que se tem a si mesmo por destinatário.” (LOURENÇO, p.138-139).

Sendo circular o verbo pessoano, *O Marinheiro* encontrou um outro poeta, muito próximo e muito distante de Pessoa que fez uma poesia para acusar que foi um dos destinatários do drama estático [BNP/E3-70-12^r]:



*A Fernando Pessoa
Depois de ler o seu drama estático «O Marinheiro»
em «Orpheu I»*

Depois de doze minutos
Do seu drama *O Marinheiro*,
Em que os mais ageis e astutos
Se sentem com sonno e brutos,
E de sentido nem cheiro,
Diz uma das veladoras
Com langorosa magia:
De eterno e bello ha apenas o sonho. Porque
estamos nós fallando ainda?
Ora isso mesmo é que eu ia
Perguntar a essas senhoras...

1915.

Alvaro de Campos

O poema de Álvaro de Campos dá continuidade ao jogo presente no drama estático, a dúvida permanece: por que ainda estamos falando ainda? E enquanto Pessoa não conseguiu responder a essa pergunta, prosseguiu com a escrita, com a literatura, construindo poesias, arquitetando projetos, dialogando com a linguagem.

Para além das relações entre a linguagem e a morte, podemos estabelecer conexão entre alguns aspectos da teoria lacaniana e o texto *O Marinheiro*. Para tal feito utilizaremos como estrutura teórica o texto da Professora Leyla Perrone-Moisés “Notas **para uma leitura lacaniana do vácuo-Pessoa**” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 459-469) e seu livro **Fernando Pessoa aquém do eu, além do outro**. (PERRONE-MOISÉS, 2001)

Em ambos os textos, Leyla Perrone-Moisés desenvolve a noção do vácuo-Pessoa a partir de conceitos criados por Lacan. Como o psicanalista francês estreitou os laços entre o inconsciente e a linguagem, sua perspectiva seria mais adequada aos escritos pessoanos: “Colocando a questão no âmbito da linguagem, Lacan enfatiza o caráter metafórico do sujeito para si mesmo. A psicanálise lacaniana define o sujeito como um lugar vazio no discurso do Outro (...)” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p.104)

Leyla Perrone-Moisés evidencia a relação lacaniana entre sujeito, desejo e imaginário:

Um caminho para preencher o vácuo do sujeito e a brecha do desejo é o do imaginário. O imaginário é a tentativa de dar conteúdo ao vazio: colocar imagens num espaço, preencher empiricamente um oco. Na terminologia lacaniana, o *imaginário* é o discurso ilusório que vela um *real* insurportável. Esses dois termos, *imaginário* e *real*, tomam, em Lacan, uma significação precisa que não se identifica com o seu uso habitual. O imaginário é a inconsciência do inconsciente, o conjunto de representações que o sujeito cria para tapar o buraco originário, para ocultar sua falta-de-ser e absorver a frustração do desejo. O *real* é o próprio inconsciente, ‘aquilo que volta sempre no (ou ao) mesmo lugar’. O objetivo da psicanálise é levar o sujeito ao terceiro termo, à ordem do *simbólico*, ou ordem da linguagem. O *simbólico* é o trabalho efetuado sobre o *imaginário*, para conduzi-lo a um discurso adequado ao *real* do inconsciente.

O *imaginário* para o comum dos mortais, é apenas neurose; em alguns poucos, ele pode vir a ser poesia. Até que ponto a poesia substitui, sublima, compensa ou mesmo anula a neurose, isso é o que nenhum psicanalista conseguiu resolver e que não cabe a mim decidir. A dificuldade em estabelecer as diferenças entre um imaginário neurótico e um imaginário artístico persiste desde Freud. No sistema lacaniano, a dificuldade de decidir se a poesia (num poema particular) é da ordem do imaginário ou do simbólico decorre da própria dificuldade de estabelecer o limite, a passagem, do imaginário ou do simbólico em qualquer discurso. A fala representa sempre zonas intermediárias que se devem ao fato de a linguagem se enraizar no inconsciente e assim, mesmo ao iludir-se (no imaginário), conter e apontar para o real. Há, em todo imaginário discursivo, uma virtualidade de simbólico”. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p.112-113)

A partir deste ponto do livro, a autora vai trabalhar a questão do imaginário artístico e da noção do sujeito vácuo em Pessoa, que reafirmaria esse vácuo através da sua multiplicidade de eus. Leyla afirma também: a verdade da poesia e que a ficção não é mentira. Se por um lado o sujeito e o objeto são vácuos, por outro, a poesia seria o discurso de desejo que é real (no sentido lato do termo e não no sentido lacaniano) e verdadeiro, é o nada que se torna tudo. Toda a interpretação da heteronímia, da poesia pessoana e da imagética do

desasocego exposta no livro e no artigo da investigadora pessoana podem ser transpostos para o drama estático, *O Marinheiro*.

O próprio título deste texto é emblemático. Se o enredo envolve três veladoras em um castelo num primeiro plano, porque o título *O Marinheiro*? O que Pessoa realiza, como já vimos, é uma ficção dentro de outra ficção. O sujeito-autor (vácuo-Pessoa) imagina uma história e começa a traçar as primeiras linhas, de repente, uma das veladoras também imagina uma história: a história de um marinheiro, totalmente composto pela imaginação desta personagem. À luz desta perspectiva é necessário recorremos a heteroníma pessoana, que se aproxima muito deste processo³⁰. Um sujeito (vácuo) se desdobra em outros, se multiplica em outros eus, que assinam textos, fazem poesias, pretendem realizar projetos. Os muitos eus pessoanos situam-se no campo lacaniano do imaginário, são tentativas de dar conteúdo ao vazio. Neste ponto aparece a diferença entre o imaginário do neurótico e o imaginário do artista. O neurótico sofreria e pediria ajuda, mas, no caso do poeta a sua vacuidade iria muito além da terapia, Pessoa possuía o imaginário do artista e por isso se desdobrou, se multiplicou de inúmeras formas. *O Marinheiro* parece enfatizar esse aspecto, um drama estático, que evidencia a evanescência do desejo. Num primeiro momento, as veladoras desejam falar para o tempo passar, num segundo momento essa fala, essa linguagem as conduz a outro personagem que se encontra em segundo plano no enredo, o marinheiro, ficção da ficção, tão verdadeiro quanto elas e quanto o autor. O marinheiro habitante da sua infelicidade solitária cria um outro país, para esquecer a saudade do seu país original e acaba por se perder nos labirintos da sua ficção. A relação entre realidade e ficção é tensa durante todo o enredo que se instaura neste espaço dramático. Neste ponto podemos transpor a conclusão da investigadora Leyla Perrone-Moisés sobre a poesia para essa peça de teatro: o simbólico deste texto é a palavra desta realidade transvertida. E a realidade deste texto aparece na carta anteriormente citada na qual Pessoa se aproxima da veladora deste drama estático. Mais uma vez, os planos se misturam, realidade e ficção se encontram unidos na página de um papel, demonstrando o poder do imaginário artístico deste autor português.

³⁰ Teresa Rita Lopes analisa a origem do processo heteronímico e sua relação com *O Marinheiro* em seu livro: LOPES, Teresa Rita. **Fernando Pessoa et le drame symboliste** Héritage et création. Paris: La Différence, 2004.

6 CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho teve como principal objetivo demonstrar, utilizando fontes primárias, a importância da criação literária pessoana nos anos que aqui chamamos de pós-Durban (1905-1914).

A análise dos documentos selecionados para este trabalho mostrou que Fernando Pessoa foi além de um grande poeta, um cidadão do seu tempo. No primeiro capítulo revelamos as importantes leituras realizadas por Pessoa, após desembarcar da África do Sul, em conexão com os projetos elaborados neste mesmo período. As considerações que o escritor português teceu sobre a psiquiatria, sobretudo a psiquiatria lombrosiana, evidenciam o interesse de Pessoa pelas ciências do psiquismo humano e a utilização dos conhecimentos adquiridos nesta área para sua produção literária; exemplo disto é o projeto “*História de uma ditadura*”. Este projeto ganha ampla dimensão nos escritos pessoanos, abarcando as áreas política e sociológica.

Esta fase da produção pessoana pode ser chamada de período pré-heteronímico. Diversas personalidades fazem-se presentes na criação literária de Fernando Pessoa. Evidenciamos algumas delas: Charles Robert Anon, que acompanha o escritor português em seu regresso definitivo a Lisboa, Alexander Search, que foi também leitor dos livros sobre psiquiatria, Pantaleão, importante agitador político que, com suas visões, participaria de projetos como *O Phosphoro*, Charles James Search e Jean Seul, companheiros de um mesmo livro, o “Livro das Transformações” e António Mora, que nasceu em um manicômio. A criação de todas essas personalidades e suas inúmeras funções dentro do universo literário pessoano demonstram a fertilidade do período aqui estudado. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos são filhos deste período. Poderíamos talvez afirmar que a possibilidade do nascimento dos três heterônimos foi concedida após muitas outras experiências com outros eus, que assim como os três exerceram grande importância não só no universo literário pessoano, como também no Modernismo português.

A Palavra e *O Palrador* mostram que desde muito cedo Pessoa iniciou a abertura do seu laboratório: um laboratório onde as palavras eram substâncias e misturadas umas às outras de diferentes maneiras geravam diferentes resultados. Um texto assinado por Eduardo Lança, seria diferente de um texto ou poema assinado pelo Dr. Pancrácio. Todo o estudo desse jogo de linguagem, iniciado em 1902, ainda não acabou, pois muitos dos escritos pessoanos continuam intactos ou “mal engavetados”. O amadurecimento destes dois primeiros periódicos resultou na elaboração de *O Phosphoro* e de *O Iconoclasta*. Dois jornais anti-

monárquicos e anti-clericais, radicais em sua essência, evidenciando o caráter militante do jovem Pessoa.

Depois do seu encontro com Mário de Sá-Carneiro outros projetos foram delineados, mais amplos, mais europeus. *Lusitânia* se transforma em *Europa*. Aparecem os “Ismos”. Já não basta criticar o seu tempo, é preciso reinventá-lo e o paulismo, o interseccionismo e o sensacionismo são confeccionados com essa finalidade interventiva. O jovem militante quer se transformar em um criador de civilização. Surge um novo empresário em Portugal, o dono da Empresa Ibis, com inúmeros projetos e escassas realizações. Alguns anos depois, a revista *Orpheu* iria marcar o modernismo português. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, entre outros, rompem com a tradição literária portuguesa. Seus poemas causam assombro nos mais tradicionais. Para além disto, Pessoa apresenta ao público um outro eu, Álvaro de Campos. O interseccionismo também pôde ser apreciado pelo público. Dois números desta revista foram publicados, causaram polémica, transformaram toda uma época literária. A continuidade desta revista permaneceu apenas nos sonhos de Pessoa, até os seus últimos dias, de acordo com documentação por ele deixada.

O universo literário pessoano deste período se expandiu por diversas áreas como já foi apresentado, de entre essas áreas a psicanálise não ficou excluída. Pessoa foi leitor de Freud e do seu sistema. Foi seu crítico e em certa medida seu admirador. O impacto da psicanálise ecoou na criação literária de Teive e de Campos. No “Theatro estatico” pessoano, não há referência direta à psicanálise, mas a única peça concluída “O Marinheiro” está imersa em sonho e delírio. É possível estabelecer um diálogo claro entre “O Marinheiro” e a psicanálise.

Em linhas gerais, esse foi o trabalho apresentado. Em resumo, essa Tese representa o esforço para desenhar um novo retrato do Fernando Pessoa. Não aquele tão conhecido, onde ele aparece junto a três sombras. Um outro Pessoa, rodeado não por sombras. Um Pessoa que se desdobra em um jovem militante recém-chegado de África, com a bandeira republicana em mãos, em um leitor voraz de psiquiatria, filosofia e psicanálise sentado na Biblioteca Nacional de Portugal, em um criador de outros eus, que o auxiliam na criação literária, em um importante redator de periódicos e revistas, empresário e criador de “Ismos”, e por fim em um artista que não abdicou da vida em nome da arte, mas que fez da sua vida uma obra de arte

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A Linguagem e a Morte um seminário sobre o lugar da negatividade**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AMIEL, Henri- Frédéric (1911). **Fragments d'un journal intime**. Précédés d'une étude par Edmond Scherer. 11 éd. 2 tomes. Genève: Georg & Cia libraires-éditeurs; Paris: G. Fischbacher; Bale: Georg & Cia. 2004.
- AZEVEDO, António. **Pessoa e Nietzsche** – subsídios para uma leitura intertextual de Pessoa e Nietzsche. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- AZEVEDO, Maria da Conceição, NOGUEIRA, Manuela (org). **Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.
- BARTHES, Roland. **A Aula**. Tradução de Leyla Perrone- Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução Cláudia Fares. São Paulo: Editora Arx, BENN, Alfred William. **Revolutions: historical and Ideal**. London: Watts & Co., 1909.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORGES, Paulo (org). **Olhares europeus sobre Fernando Pessoa**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.
- BORGES, Paulo. **O Teatro da Vacuidade ou a impossibilidade de ser eu**. Lisboa: Editora Verbo, 2011.
- BOTTO, António. **Canções**. Edição J.P.Jaramilho e Nuno Ribeiro. Lisboa: Editora Guimarães, 2010.
- CAEIRO, Alberto. **Poesia**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- CAMPOS, Álvaro de. **Poesia**. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- CAVALCANTI, José Paulo. **Fernando Pessoa uma quase autobiografia** – amores, ofícios, a arte de fingir, seus 127 heterônimos, o génio e a liturgia do fracasso. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- CENTENO, Yvete K. **Fernando Pessoa o amor a morte a iniciação**. Lisboa: A Regra do jogo, Edições, 1982.

CENTENO, Yvete K. **Fernando Pessoa: Os Trezentos e outros ensaios**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

CENTENO, Yvete K. **5 Aproximações** António Ramos Rosa, Peter Weiss, alquimia e misticismo, herman Hesse, Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1976.

COELHO, António Pina. **Os fundamentos filosóficos na obra de Fernando Pessoa**. Volume I e II. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. 7 ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1982.

COELHO, Jacinto do Prado. **Camões e Pessoa, poetas da utopia**. Portugal: Publicações Europa, 1983.

CRESPO, Angel. **Estudos sobre Fernando Pessoa**. Tradução de José Bento. Lisboa: Editorial Teorema, 1988.

EIRAS, Pedro. **Esquecer Fausto**. A fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol. Porto: Campo das Letras, 2005.

ESTIBEIRA, Maria do Céu Lucas. “**A Marginalia de Fernando Pessoa**”. Dissertação de Doutoramento em Literatura Comparada. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Orientação: Professor Doutor António Feijó, 2008.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneios**. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Freud. Volume 9. Tradução sob direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.

FRIAS, Anibal. “**Pessoa à Coimbra et Coimbra dans Pessoa**”. Revista Biblos, n.s. VII (2009) 363-387. Revista da Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

GARCIA-Roza, Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GAULTIER, Jules de. **De Kant à Nietzsche**. Paris : Mercure de France, 1910.

HOROTE, Luís. **De la dictadura á la republica**. Valência : F. Sempere e Companhia, 1910.

JOHNSON, Samuel. **Johnson's lives of the poets**. Ed. lit. Alexander Napier. Introd. J. W. Hales. 1st ed. London: Georg Bell and Sons, 1900.3 v.

JOYCE, James. **Ulysses**. - 1st. ed. - Hamburg. - Paris. - Bolonha : The Odyssey Press. cop. 1932. - 2 v. ; - 1st. definitive edition revised at the author request by Stuart Gilbert.

GIL, José. **Corpo, espaço e poder**. Tradução de Nuno Nabais. Lisboa: Litoral Edições, 1988.

GIL, José. **Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1981.

- GIL, José. **O espaço interior**. Tradução de Fátima Araújo. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- GUERREIRA, Ricardina. **Do luto por existir** – a melancolia de Bernardo Soares à luz de Walter Benjamin. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- GUSMÃO, Manuel. **Odes de Ricardo Reis**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1992.
- GUSMÃO, Manuel. **O poema impossível** – o Fausto de Pessoa. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Zahar Editora, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário** livro 20 mais, ainda. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.
- LACAN, Jacques. **O seminário** o sinthoma livro 23. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007.
- LEOPARDI, G. **Canti scelti** : batracomiomachia ed estratto di paralipomeni / Giacomo Leopardi ; con commenti del prof. Raffaello Fornaciari. - 9ª tir. - Firenze : G. Barbera, 1924.
- LEOPARDI, G. **Poésies complètes** - Dialogue du passant et du marchand d'almanachs, Dialogue de la nature et d'un islandais... / trad. de Victor Orban ; notice biographique et bibliographique par Alphonse Séché. - Paris : Louis-Michaud [1---?]. - XVI, 129 p. ; 17 cm. - (Bibliothèque des poètes français et étrangers / Alphonse Séché). - Retratos e gravuras
- LIND, Georg Rudolf. **Estudos sobre Fernando Pessoa**. Lisboa: Casa da Moeda, 1981.
- LOPES, Silvina Rodrigues. **Aprendizagem do incerto**. Lisboa: Litoral Edições, 1990.
- LOPES, Silvina Rodrigues. **Mensagem de Fernando Pessoa**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1986.
- LOPES, Teresa Rita. **Fernando Pessoa: coração de ninguém**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1985.
- LOPES, Teresa Rita. **Fernando Pessoa et le drame symboliste** Héritage et création. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- LOPES, Teresa Rita. **Fernando Pessoa et le drame symboliste** Héritage et création. Paris: La Différence, 2004.
- LOPES, Teresa Rita. **“O Falso Virgem”**. Revista Egoísta. Julho 2008. Número Especial. ISSN: 0874-7407.p.60-64.
- LOPES, Teresa Rita. **“O encontro de Fernando Pessoa com o simbolismo francês”**. Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais. Paris, 1983.
- LOPES, Teresa Rita. **O teatro do ser de Fernando Pessoa**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

LOPES, Teresa Rita. “**Pessoa, Sá-Carneiro e as três dimensões do Sensacionismo.**” Separata do nº 4 (Dezembro) da Revista Colóquio Letras. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

LOPES, Teresa Rita (coord.). **Pessoa Inédito**. Lisboa: Livros Horizontes, 1993.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por Conhecer** – Roteiro para uma Expedição. Volume I e II. Lisboa: Editora Estampa, 1990.

LOUREIRO, La Salette. **A cidade em autores do primeiro modernismo** – Pessoa, Almada e Sá-Carneiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa revisitado** – leitura estruturante do drama em gente. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

LOURENÇO, Eduardo. **Heterodoxia II** – escrita e morte. Lisboa: Gradiva, 2006.

LOURENÇO, Eduardo. **O canto do signo** – existência e literatura. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade** – psicanálise mítica no destino português. 4 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

LOURENÇO, Eduardo. **O lugar do anjo** – ensaios pessoanos. Lisboa: Gradiva, 1994.

MACEDO, Helder. **Nós - uma leitura de Cesário Verde**. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 2º ed. São Paulo: Edições Graal, 2002.

MALPIQUE, Celeste. **Fernando em Pessoa ensaios de reflexão psicanalítica**. Lisboa: Fenda, 2007.

MARQUES, António. **Sujeito e perspectivismo**. Tradução de Rafael Gomes Filipe. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

MARTINHO, José. **Pessoa e a Psicanálise**. Lisboa: Almedina, 2001.

MARTINHO, José. “**Sobre a recepção de Freud em Portugal**”. Meta Crítica. Revista de Filosofia da Unidade de Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Lusófona. Número 3. Outubro de 2003. ISSN (suporte eletrônico): 1646-3846.

MARTINS, Fernando Cabral (coordenação). **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

MOURÃO-FERREIRA, David. **Nos passos de Pessoa** – ensaios. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

MONTEIRO, Thaís Campos. **Mais além do drama poético de Fernando Pessoa** – uma abordagem psicanalítica da criação heterónima. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

MARTINES, Enrico. **Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

NABAIS, Nuno. **Metafísica do trágico – estudos sobre Nietzsche**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

NEMÉSIO, Jorge. **Os inéditos de Fernando Pessoa e os critérios do Dr. Gaspar Simões** com seis poemas inéditos de Fernando Pessoa e seus heterônimos: Ricardo Reis e Vicente Guedes. Lisboa: Edições Eros, 1957.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de Paulo de César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo de César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NORDAU, Max. **Degénérescence**. Traduit de L'Allemand par Auguste Dietrich. Paris: Félix Alcan, Éditeur, 1894.

NORDAU, Max. **As mentiras convencionais da nossa civilização**. Tradução de Agostinho Fortes. Lisboa: Empresa do Almanach Eneyelopedio Ilustrado, 1908.

PAZ, Octávio. **A dupla chama amor e erotismo**. Tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

PAZ, Octávio. **Fernando Pessoa o desconhecido de si mesmo**. 2 ed. Tradução de Luis Alves da Costa. Lisboa: Vega, 1985.

PÊGO, Marisa Isabel Mateus. “**A unidade múltipla de Bernardo Soares no Livro do Desassossego**”. Dissertação de mestrado em literatura portuguesa, especialidade em literatura portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Professor Doutor Carlos Reis. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, 2006.

PEREIRA, José Carlos Seabra. **Decadentismo e Simbolismo na poesia portuguesa**. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975.

PEREIRA, José Carlos Seabra. **O fim-de-século ao tempo de Orfeu**. Coimbra: Almedina, 1979.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa aquém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “**Notas para uma leitura lacaniana do vácuo-Pessoa**.” Actas do 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos. Brasília Editora – Centro de Estudos Pessoaanos. Porto, 1978. p. 459-469.

PESSOA, Fernando. (Álvaro de Campos). **Notas para a Recordação do meu Mestre Caetano**. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

PESSOA, Fernando. **Espólio**. Biblioteca Nacional de Portugal.

PESSOA, Fernando. **A Educação do Estóico**. Edição de Richard Zenith. Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. **A educação do stoico**. Volume IX. Edição de J.P. Jaramilho. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

PESSOA, Fernando. **A Língua Portuguesa**. Edição de Luísa Medeiros, Assírio & Alvim, 1997.

PESSOA, Fernando. **Cadernos**. Tomo I. Edição de J.P Jaramilho, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor a Ophélia Queiroz**. Organização, posfácio e notas David Mourão-Ferreira. Lisboa: Ática, 2009.

PESSOA, Fernando. **Crítica** – Ensaios, Artigos, Entrevistas. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. **Correspondência** (1912-1923). Organização Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. **Correspondência** (1923-1935). Organização Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. **Das Buch der Unruhe des Hilfsbuchhales Bernardo Soares**. Aus dem portugiesischen übersetzt und mit einem Nachwort versehen von Georg Rudolf Lind. Zürich: Ammann Verlag, 1985.

PESSOA, Fernando, **Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal**. Edição Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio** - 1914-1935. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

PESSOA, Fernando. **Escritos sobre Génio e Loucura**. Edição de J.P. Jaramilho. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a Busca da Imortalidade**. Edição de Richard Zenith. Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desasocego**. Edição de J. P. Jaramilho. Volume XII. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desasocego**. Edição de J. P. Jaramilho Volume XII. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Editora Ática, 1982.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego por Vicente Guedes e Bernardo Soares**. Volume I e II. Organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

PESSOA, Fernando. **Obra poética e em prosa**. Organização António Quadros. Volumes I, II e III. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1986.

PESSOA, Fernando. **Obras de Jean Seul de Méluret**. Volume VIII. Edição de Rita Patrício e J.P.Jaraminho. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

PESSOA, Fernando. **O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro**. Edição facsimilada. Apresentação e texto crítico de Ivo Castro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1996.

PESSOA, Fernando. **O Marinheiro**. Edição, notas e prefácio de Cláudia Souza. Lisboa. Ática, 2010.

PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1994.

PESSOA, Fernando. **Poesia (1902-1917)**. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Diniz. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

PESSOA, Fernando. **Poesia dos Outros Eus**. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

PESSOA, Fernando. **Prosa Íntima e de Autoconhecimento**. Edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007.

PESSOA, Fernando. **Prosa Publicada em Vida**. Edição de Richard Zenith. Lisboa, Assírio e Alvim, 2007.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Fernando Pessoa Rubaiyat**. Edição de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

PESSOA, Fernando. **Poemas Ingleses** Antinous, Incriptions, Epithalaminum, 35 Sonnets. Tomo I. Volume V. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PESSOA, Fernando. **Poemas Ingleses** Poemas de Alexander Search. Tomo II. Volume V. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

PESSOA, Fernando. **Sensacionismo e outros ismos**. Edição de J. P. Jaramilho. Volume X. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, Fernando, “**Tábua Bibliográfica**”, *Presença*, nº 17, 1928, p. 10.

PESSOA, Fernando. **Textos filosóficos**. Edição de António Pina Coelho. Volume I e II. Lisboa: Edições Ática, 1994.

REIS, Ricardo. **Poesia**. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 200.

REIS, Ricardo. **Prosa**. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 200.

PESSOA, Fernando (sob o pseudónimo de Alexander Search). **Um jantar muito original seguido; de A Porta**. Tradução, recolha de textos e posfácio de Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

QUEIRÓS, Alírio José de Matos. “**A recepção de Freud em Portugal (1900-1956)**”. Dissertação de mestrado de história das ideologias e das utopias contemporâneas. Área de especialização em História da Ciência. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Orientação: Professora Doutora Ana Leonor Pereira e Professor Doutor João Rui Pita, 2007.

RIBEIRO, Nuno. **Fernando Pessoa e Nietzsche: o pensamento da pluralidade**. Lisboa: Editora Verbo, 2011.

RIBEIRO, Nuno, “**Tive em mim milhares de filosofias - questões para a edição dos escritos filosóficos inéditos de Pessoa**”, in *Cultura ENTRE Culturas*, nº3, Lisboa, Âncora Editora, 2010, p. 192-200.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Essai sur le libre arbitre**. Paris, Félix Alcan, 1903.

SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960.

SEABRA, José Augusto. **O coração do texto – le coeur du texte – novos ensaios pessoanos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

SEABRA, José Augusto. **Stéphane Mallarmé – poemas lidos por Fernando Pessoa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

SEARCH, Alexander. *Poesia*. Edição e tradução de Luísa Freire. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

SEIXO, Maria Alzira, BLANCO, José. **Livro do Desassossego de Bernardo Soares**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1986.

SENA, Jorge de. **Fernando Pessoa & C^a Heteronímia**. 2^o ed. Lisboa: Edições 70, 1994.

SÉRGIO, António. **Notas sobre os sonetos e as tendências geraes da philosophia de Anthero de Quental**. Lisboa: Livraria Ferreira, 1909.

SERRÃO, Joel. **O essencial sobre Cesário Verde**. Lisboa: Casa de Moeda, 1986.

SILVA, Manuela Parreira. **Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa**. Lisboa: assírio & Alvim, 2001.

SIMÕES, José Gaspar. **Fernando Pessoa: breve história de sua vida e da sua obra**. Lisboa: Difusão Editorial, s/d.

SOUSA, João Rui de. **Fernando Pessoa – Empregado de escritório**. Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. **Fernando Pessoa e a literatura de ficção**. Lisboa: NOVAERA, 1978.

SOUZA, Cláudia. “**Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud**”. In: *A Cultura Portuguesa no Divã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. p.113-123.

SOUZA, Cláudia. “**Vicente Guedes e Bernardo Soares: para além do Desasocego**”. In *Cultura ENTRE Culturas*, nº3, Lisboa, Âncora Editora, 2010, p. 186-191.

VECCHIOTTI, Icílio. **Schopenhauer**. Tradução de Dr. João Gama. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 1970.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado Lógico-Filosófico Investigações Filosóficas**. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ZWEIG, Stefan. **O combate com o demônio: Hordelin, Kleist, Nietzsche**. Tradução de Alice Ogando. 4 ed. Porto: Editora Civilização, 1955.

APÊNDICE

Documento 1 - A revista portugueza “Orpheu” - [BNP/E3, 87-43^r e 44^r]

A revista portugueza “Orpheu”, cujo primeiro numero apareceu agora, traz consigo o extraordinario interesse de fixar definitivamente uma corrente literaria de ha pouco se vem esboçando em Portugal, mas cujos elementos não tinham ainda, que nos conste, conjugado os seus esforços de modo a pôr em violenta evidencia o commun sentido da vida que atravessa aquellas tão divergentes e originaes individualidades.

Este movimento que, agora aparece á superficie da mentalidade portugueza, com a revista de que fallamos, tem, além da belleza do trabalho literario que apresenta, uma significação superior em que queremos insistir.

Nunca em Portugal tinha aparecido uma corrente literaria que mostrasse originalidade, não relativa, senão absoluta; isto é, que excedesse as correntes literarias contemporaneas dos outros paizes. Tem havido, é certo, grandes figuras na literatura de Portugal mas o mais que ellas teem feito é realisar, com maior ou menos intensidade ou originalidade, arte integrada nas correntes europêas da sua epoca. Camões, por exemplo, que é um grande poeta, e, é claro, um poeta original, não trouxe nada de fundamentalmente novo para a literatura da Renascença, onde o seu génio estava integrado; apenas com originalidade e intensidade fez uma epopeia nacional em que nenhum elemento ultrapassa os elementos da esthetica do tempo. Anthero de Quental – para citar outro poeta maximo portuguez - mais não fez, do que tratar com personalidade e dolorosa profundez elementos de inspiração que pertenciam á esthetica do periodo em que viveu.

No caso dos collaboradores do “Orpheu” não é assim. Não queremos dizer que elles são comparaveis a Camões ou a Anthero de Quental, embora a prudencia dicte que nada de absoluto se diga de quem apenas começa a revelar-se. Mas o certo é que, d’esta vez, aparecem em Portugal uma corrente literaria que não só engloba todas as correntes do tempo – o que já seria uma cousa grande, e em Portugal uma cousa nova -, mas excede e se apresenta com caracter absolutamente novo, em relação a qualquer outra corrente ou obra, mas dentro ou fóra do seu paiz de origem. Ha aqui, n’este primeiro numero do “Orpheu”, já bastantes elementos para se poder affirmar isto com segurança. Ha aqui, sem duvida, uma nova forma litteraria, uma nova visão da Realidade e da Vida, uma nova forma de dar expressão ás sensações e aos pensamentos.

Se exceptuarmos a terrivel “Ode Triunfal” de Al-varo de Campos (que é propriamente apenas futurista, [44^r] se bem que seja futurismo equilibrado, como nunca se vira), todos os outros autores, que se mostram ao publico em “Orpheu”, entram na nossa definição.

O mais extraordinario é a grande divergencia de individualidades que uma corrente tão nova já comporta. Ha os poemas de Sá-Carneiro, perturbadores e geniaes, os poemas suaves e doentios de

Ronald de Carvalho (brasileiro, segundo nos parece), os heraldicos e brilhantes sonetos de Alfredo Guisado, as lyricas solemnes e liturgicas de Côrtes-Rodrigues, os deliciosos “Frisos”, infantis e exóticos (são prosa não desenho), do desenhador José de Almada-Negreiros e, finalmente, esse nocturno “drama estático” de Fernando Pessoa, revelação de uma vida interior espantosamente rica, e onde o fogo central de uma tragedia que se passa apenas nos sonhos de trez figuras (ellas proprias talvez tambem sonhos) é contido dentro de uma sobriedade externa difficil de encontrar fóra da Grecia antiga.

É com curioso interesse que aguardamos a continuação d’esta revista. Quais serão os destinos de tão original corrente literaria? Decerto que, sejam quais forem, hão de ser qualquer cousa que se não espera e que não poderá deixar de causar surpresa.

Documento 2 – theatro estatico - [BNP/E3, 18-115^r]

Chamo theatro estatico áquelle cujo enredo dramatico não constitue acção - isto é, onde as figuras † não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer tem sentidos capazes de produzir uma acção; onde não ha conflito nem perfeito enredo. Dir-se-ha que isto não é theatro. Creio que o é porque creio que o theatro tende a theatro meramente lirico e que o enredo do theatro é não a acção nem a progressão e consequencia da acção - mas, mais abrangentemente, a revelação das almas atravez das palavras trocadas e a criação de situações □ Pode haver revelação de almas sem acção, e pode haver criação de situações de inercia, momentos de alma sem janellas ou portas para a realidade.

Documento 3 – Na floresta do alheamento [BNP/E3-48I-5^r]

Na Floresta do Alheamento - intersecção da Realidade e do Sonho.

A Confissão de Lucio - intersecção da Realidade e da Loucura (realizou M de Sá-C genialmente a tarefa difficilissima de dar a Realidade de um desenrolar de acontecimentos conforme a vê um louco - intersecção manifesta da Realidade e da Loucura)

O Marinheiro - intersecção da Duvida e do Sonho.

Eu-proprio o outro - intersecção de duas almas.

Além Deus - intersecção do Mysterio com a sensação.

Gustave Kahn - intersecção de sensações da realidade (ver theoria de G. Kahn)

St Mallarmé - intersecção da imagem musical com a imagem visual.

Poesias de A.P.G. e C.R. - intersecção da idéa das imagens visuais com a idéa das imagens auditivas.

O Fixador de Instantes - int

Mysterio - intersecção do Amor-Sonho com o Amor-Realidade.

Documento 4 – Bibliotheca da Europa [BNP/E3-68A-3^v]

Bibliotheca da *Europa*:

Mario de Sá-Carneiro. Céu em Fôgo.

Antonio Ponce de Leão: A Venda.

Fernando Pessoa: Livro do Desasocego.

Fernando Pessoa: Theatro estatico

St. Jérôme regard comme synonymes creare, <fundare>, condere, formare.

Corporibus caecis igitur natura gerit res

(C'est à l'aide de corps imperceptibles que la nature opère) -

Lucr[èce] I. 329

Read:

June <4>/3\; Maeterlink: L'Intruse + scraps.

- <5>/4\; M[aeterlink]: Les Aveugles; XX. trad + scraps.

- XX

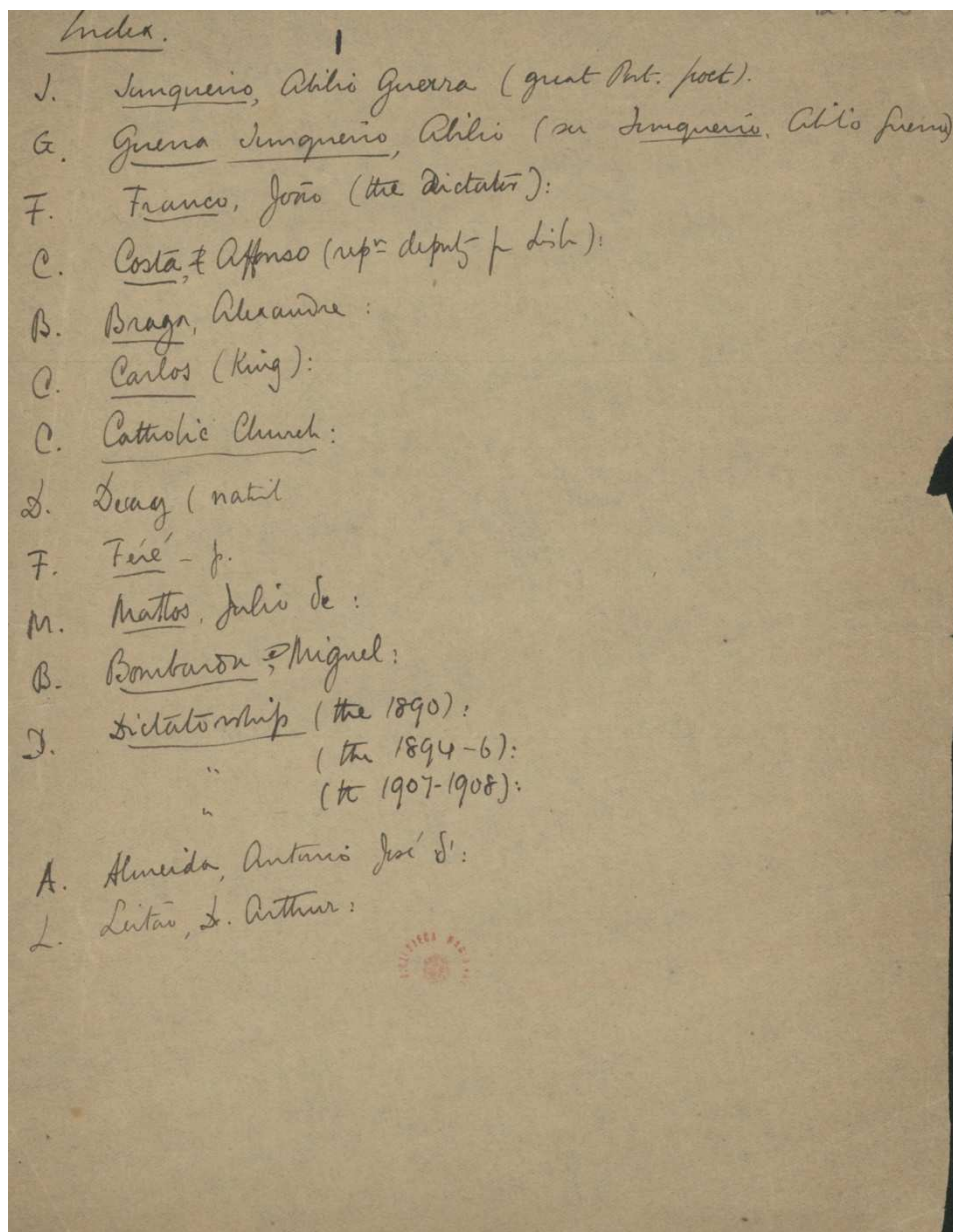
- <6>/5\; Benareut: X de X. Oscar Wilde + scraps.

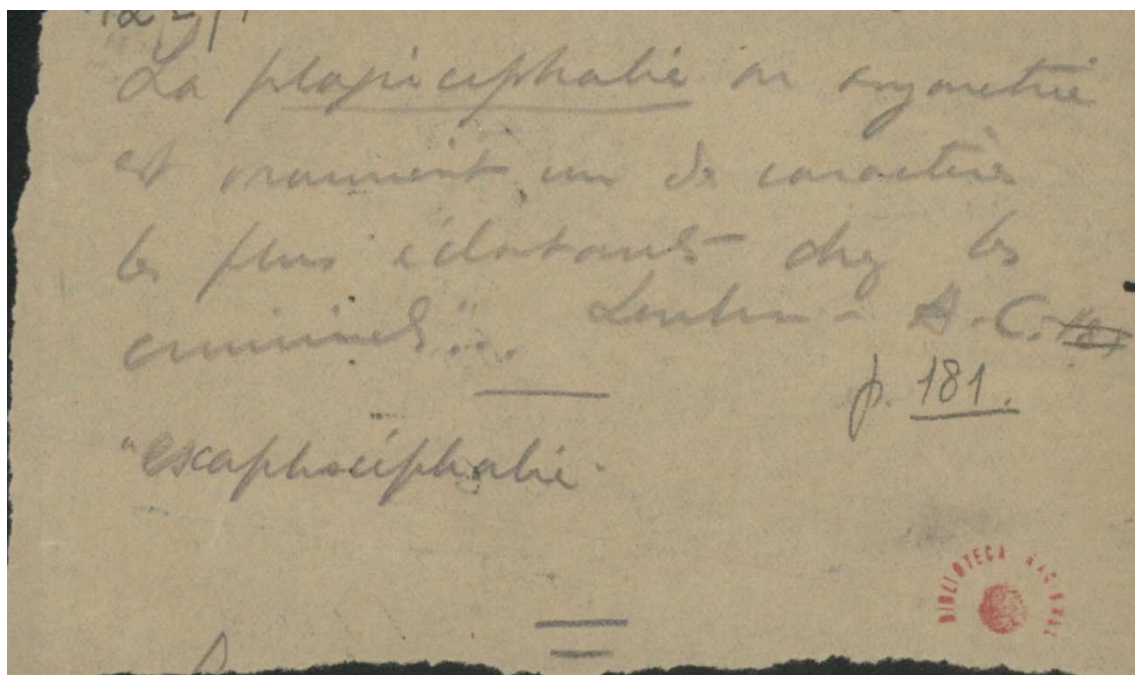
- 6: <X> H. Leriana: art XXX

Read Letter of Fr[ank] Palmer. - XXX

ANEXOS

ANEXO A - Anexos ao Capítulo 2

Index [BNP/E3-A¹]

Lombroso [BNP/E3-A²]

Salazar [BNP/E3-A³]

Na baixa politica está bem, Para ser baixamente politico basta saber intrujar os outros, e a sciencia é completa quando o individuo sabe começar por intrujar-se a si mesmo. Para isso basta uma mentalidade confusa, ~~xxxxxx~~ ~~xxxx~~ uma vaidade accentuada, a capacidade de fallar muito sem dizer nada. Basta não raciocinar, porque o raciocinio dissolve as qualidades de affirmação dogmatica que são necessarias para dominar o espirito confuso e mystico do povo.

(Hystero-epilepsia de C.L.)

Ainda um individuo tam intensamente bem-dotado como o Sr. Oliveira Salazar, é estreitamente bem-dotado, e não passa de um especialista - apto, posso admittir, para governar nos limites da sua especialidade, que é a sciencia financeira, mas não na falta de limites da generalidade do governo. E o mal, aqui, não é que o Sr. Oliveira Salazar seja ministro das finanças, para o que concedo que esteja certo, mas ministro de tudo, o que é mais duvidoso.

Accresce que o especialista, se não tem idéas geraes a corrigir não só as idéas particulares - forçosamente inapplicaveis fóra do proprio campo - da sua especialidade, mas a propria estreiteza mental que procede da especialização, levará para qualquer problema geral em que se deixe cair, não só a incompetencia da especialização, mas a inaptidão da immalleabilidade.

O Sr. Oliveira Salazar é, sem duvida, mais alguma coisa que um financeiro. Infelizmente o que elle é mais é catholico, e, de todas as coisas extranhas a uma especialidade, uma religião fechada, dogmatica e intolerante é a peor para corrigir os defeitos da especialização, pela simples razão que os ~~xxxxxxx~~ não corrige. Antes os reforça e alarga, dando-lhes uma base espiritual que os radica.

-Seara Nova. E que fizeram? D. dos S., o mais triste exemplo do acephalo com cabeça que existe na já accentuada acephalia mental dos nossos politicos.


Para elles a democracia Não é uma doutrina a analysar, a condicionar para que se applique: é um dogma a repisar para si mesmos, um yo-yo mental.



Iconoclasta ou H. of a D. [BNP/E3-A⁴]

510/17
Iconoclasta ou H. of a D.

A república deu nome natural
 mente. e foi veí ao mundo por
 abito, e foi antes ^{de hoje} ~~que~~ ~~foi~~ ~~o~~
 rancia a furos, perseguições e
 que se deram o no em cidades
 e apontamentos contantes a
 uma precipitação; e porque o modo
 de nos unirmos ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~
 ha estes vícios de confusão
 que precisamos de cursos de
 cidades para
 mais natural e mais simples
 preparar os cursos para que
 não tenham de se remediar,
 e não de para que a obra de
 não precisa de um



Notas [BNP/E3-A⁵]Notas.Notes begin here.Lista de la obra:-June 1907:-

- 1^o. a) Transl. E. "Nap. never existed"
b) Tale: "A Mijudor man."
- 2^o. Transl. Port. "Nap. never existed" + essay
in "Replamations."
- 3^o. History of a Dictatorship.
- 4^o (entire): a) Psychom. A. de Montatun.
b) A. de Montatun. A. de Montatun.
c) Scams d'una rotativa.
d) Fantomas d'una rotação.



Ph or H. of a D. [BNP/E3-A⁶]

(Ph or H. of a D.)

Assim, por ex., a similitude existe que a
 natureza de uma sentença tem a sua
 origem da natureza que se lhe segue. Portanto, o
 primeiro cuidado do juiz ao interpretar deve ser
 o de limitar quanto possível a extensão
 de uma sentença, restringindo-a, se possível
 for, ao mais pacífico do pronunciamento.

Em seguida, diz-se a respeito da similitude
 que na preparação em que um movi-
 mento constitucional é larg.

Problemas imediatos :-

- (1) A natureza.
- (2) O princípio da construção.
- (3) Base da constituição republicana.

Problemas imediatos :-

- (1) O problema moral.
- (2) O problema político.
- (3) Os problemas práticos.



Loucura [BNP/E3-A⁷]

Stigmata mentis de degeneração

e.g. brontophobia é ^{quom} geral nos
 cretinos; - tal-a em bem
 ? # é pois uma reprimi no
 sentido infantilismo.

Ha

- (1) phenomenum de degeneração
- (2) ——— de loucura

(em que se distinguem?)

e.g. o glauco é

- (1) degeneratio pro re reprimi
 (uq theory)
- (2) lucium pro re creator, i.e.
 original nos associativis.

Assim um grande genio da cor (como
 Turner) é um reprimis [? color-vision?] na
 acuidade da visão (já perdeu os
 nomes de rojo) e um lucis nas



Psychismo morbido [BNP/E3-A⁸]

O Psychismo morbido - suas leis.
 (em outras leis do psychismo hy-
 gienico - e sobre o
 ps. morbido).

1. Lei do ps. hygienico :- Uma sensaçã
 [ou sentimento -?], com a repeti-
 çã, esmorece, ou tende a esmo-
 recer. - No ps. morb.: o contrario
 (phobias) - Sexual²

2. ↘

Onde começa a morbidez.
 Elementos no conceito do "morbido":
 (1) O organismo.
 (2) O meio (ou meio) ^(inteligência) (mas de momento)
 (3) As relações entre eles

Literature [BNP/E3-A⁹]

^{2/307}
Literature General l. 93-1
Morel: Traité des Dégénérescences Humaines.
 Paris, 1857.
Moreau (de Tours): "Psychologie Nébrosé".
 Paris, 1859.
Nodding: "Dégénérescence" 2 vols: trad:
 Paris.
Lombroso: "L'Homme de Génie" trad:
Cullerre: "Traité des Maladies Mentales"
 Paris,



Alexander Search [BNP/E3-A¹⁰]

Alexander Search.

Born June 13th. 1888, at Lisbon.

Task: all not the province of the
other three.

1. "The Portuguese Regicide and the
Political Situation in Portugal."
2. "The Philosophy of Rationalism."
3. "The Mental Disorders of Senes."
4. "Delirium."
5. "Agony."



ANEXO B - Anexo ao Capítulo 3

Diário [BNP/E3-A¹¹]

Doddin's "Life of Shelley": "Dow" finished; needs only retouching. I need money to be able to give away the copies of "Pela República", or rather, to get the book printed.

May 11th 1906

Began reading seriously all the books I had read in childhood and boyhood uselessly enough. Read Byron "Childe Harold" - Canto I + II, "Hebrew Melodies", Keats' "St. Agnes' Eve", the first chapters of Lombroso's "Homme Criminel" and 1 small poem of Schiller's (translated with difficulty, for I am but-beginning to learn German). Preparing my philosophical ~~or~~ fallacy - "On the Phenomenology of the Lexicon", for the Philology Class; the ~~essay~~ ^{subject} given was: "A Orientação do Lexicon." Must obtain money from England by sending my compositions. It is unfortunate that

ANEXO C - Anexos ao Capítulo 4

Cosmopolis [BNP/E3-A¹²]

Edições da COSMOPOLIS:

Athena - Cadernos de Reconstrucção Pagã - dirigidos por Antonio Móra.

Athena - Cahiers de Reconstruction païenne. Directeur: Antonio Móra. Édition française, traduite par Claude Pasteur.

Athena - A Contribution to Pagan Reconstruction - Edited by Antonio Móra. English Edition, translated from the Portuguese by James L. Mason.

Arco de Triunpho - Poemas, com um Prefacio-Manifesto - Alvaro de Campos.

Livro do Desassocego - Escripito por Vicente Guedes, e publicado por Fernando Pessôa.

Theatro Estatico - Fernando Pessôa.

Episodios - Versos - Fernando Pessôa.

Talvez edições de livros de:

Mario de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Gulsado, Manuel Antonio de Almeida, João Corrêa d'Oliveira, etc.



Interseccionismo [BNP/E3-A¹³]

Interseccionismo de 1º grau - ou interseccionismo material. - Interseccionismo das realizações artísticas. O dos futuristas e dos cubistas, que interseccionam pintura, literatura, escultura e literatura.

Interseccionismo de 2º grau - o dos gêneros artísticos.

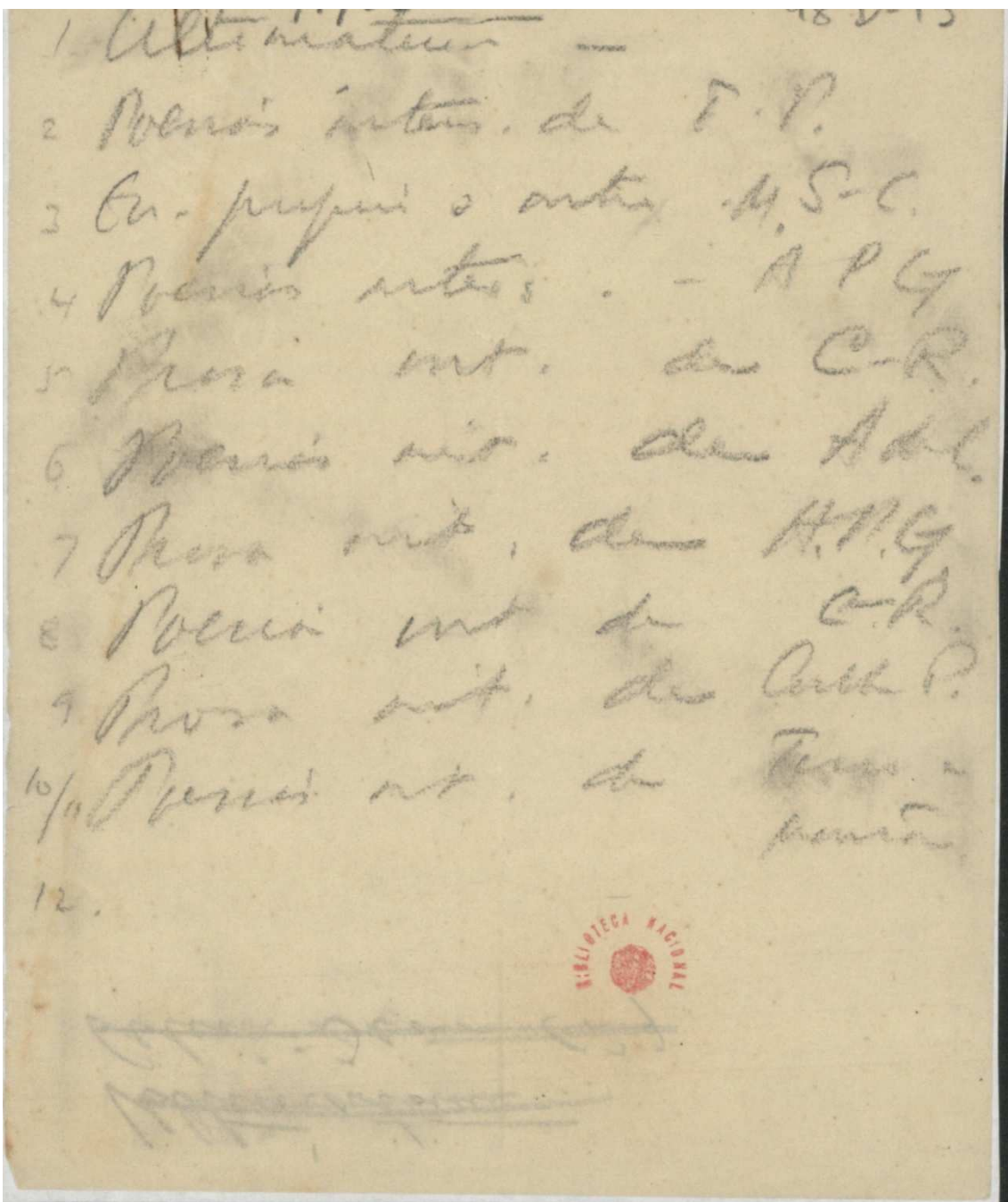
recom?

Interseccionismo de 3º grau: o dos gêneros de aspiração.

Interseccionismo de 4º grau: o dos ajustes de aspiração.

A quem antes tentaram unir. O interseccionista queriam unir. Wagner queria música + pintura + poesia. Unir os gêneros música x pintura x poesia.



Ultimatum [BNP/E3-A¹⁴]

Europa [BNP/E3-A¹⁵]Bibliotheca da Europa :Mario de Sá-Carneiro: Céu em fogo.Antonio Ponce de León: A Venda.Fernando Pessoa: Livro do Desassougo.

" : Theatro estatico.

St. Jérôme regardi curam exonymus creare,
~~formare~~ condere, formare.Corporibus caecis igitur natura gerit res
(C'est dans à l'aide de corps imperceptibles que la
nature opère) - Lucr. I. 329.Read :

- June 3: Maeterlinck: L'Intime. 4 Shaps.
 — 4: M: Les Aveugles; A Death ^{Time} + Shaps.
 — 5: Bernhardt: Noth. de S. ^{A. G. W. G.} ^{Over wild} + Shaps.
 — 6: ~~4~~ ⁴ Jeriana: aut a Lucr. Lucr.
 Ad. letter f FR Palms. - next letter
 Antoni.

Interseccionismo [BNP/E3-A¹⁶]

17/88 136-32

EUROPA.

Revista órgão do Interseccionismo.

No. 1.

| | |
|--|----------------------|
| O Interseccionismo - Ultimatum da escola literaria definitiva..... | - F. Pessoa. |
| Além-Deus (Poemas interseccionistas)..... | - F. Pessoa. |
| Ressurreição (novela interseccionista)..... | - M. de Sá-Carneiro. |
| Paysagem de alma (Poema interseccionista)..... | -A.P.Guisado. |
| Loucura da Floresta (Pagina interseccionista)..... | - Côrtes Rodrigues. |

Supplemento ao N° 1.

| | |
|------------------------------------|--------------------|
| L'Intersectionisme - | F. Pessoa. |
| Poèmes intersectionnistes - | F. Pessoa, |
| | M. de Sá-Carneiro, |
| | Alex. Search. |
| Comme le ferait... | - F. Pessoa. |
| Intersectionism. | - F. Pessoa. |
| Intersectionist Poems | - F. Pessoa, |
| | Alex. Search. |
| As it would have been done by..... | - F. Pessoa. |

No. 2.

| | |
|---|----------------------|
| Sobre o Interseccionismo (A sua historia, os seus criticos) | - F. Pessoa. |
| Eu sem Mim (poema interseccionista) | -Coelho Pacheco. |
| EU-proprio o Outro | - M. de Sá-Carneiro. |
| | -Carvalho Mourão. |
| | - Antonio Ferrão. |

Empresa Íbis [BNP/E3-A¹⁷]Empresa Íbis

48B-130

Biblioteca Científica [e Histórica].

Obras nacionais e estrangeiras.

A- ~~Associação~~ Obras nacionais (baratas).as in-
identificadas
copiadas
na Ed.
Luzitana.1. Pedro S' Amorim Vianna: "O Raci-
onalismo."2. Henrique Bogreia: "Os Municípios."

Preferível: Bibl. Científica :-

Vários preços :-

A 200 reis (ou 300).A 400 reis (ou 500).A 600 reis (ou 700).(grandes
obras) A 800 reis (ou 900 a 1000).

Alberto Caeiro [BNP/E3-A¹⁸]

Alberto Caeiro:

1. tu nunca guardei relanhus...
2. O meu olhar é nitido como um girasol...
3. Ao entardecer, debruçado pela janela...
4. Ota tarde a trovada cabru...
5. Hã metaphysica voltante em não pensar em nada...
6. Pensar em Deus é' duvidar a Deus...
- 7 a 33 (several).
34. Se a' vez de' que os plus surtem...
35. Si quizem que em terra um vegeta'ção, tem o...
36. Si hoje das poeiras...
37. N'um dia excecionalmente nitido...
38. Os 4 canções que separam...
39. ~~Os 4 canções surtem - a' do doente~~. (in his poetry)
40. Si' vez, em dia de luz peffiz e exacta.
41. Si a natureza é' divina, e de n' si surti...
42. Os folos de salm' que esta creança...
43. O que v'z' vem de' como se a' com...
- 44.
- 45.

(perhaps there are more than these).

(Try to reach 50, or, at the very least, 45)

a 49 (44, 45, 46, 47, 48, 49)

Abb. C.

1. O Guardador de Relanhus. 1911-1912
2. Cinco Odes Futuristas. (1913)-1914
3. Chuva Oblíqua (1914)



Interseccionismo [BNP/E3-A¹⁹]

Interseccionismo:

1º grau: Interseccão da pintura e da literatura - quadros futuristas.

2º grau: e.g. interseccão da

Nenhuma arte ha: (1) a apercepção típica d'uma arte.
(2) a ideação típica d'uma arte.
(3) a realização típica d'uma arte.

Temos interseccionismos pois:

(1) de um tipo de arte com outro.

(1) de apercepção:

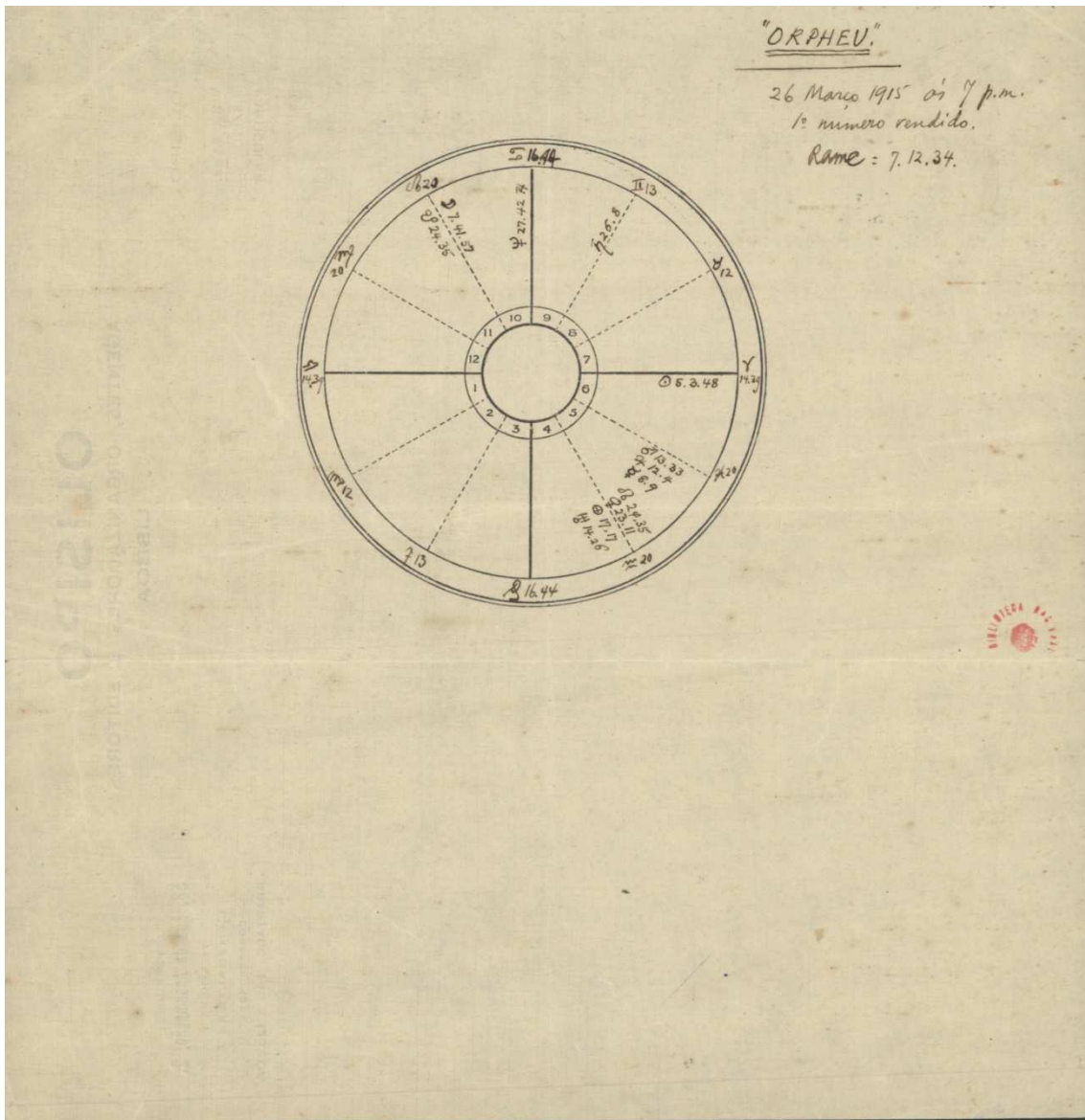
(2) de ideação: Gustav Kuhn, Mallarmé.
sobre uma apercepção literaria uma
ideação musical.

(3) de realização -

A Opéra Minque intersecciona a

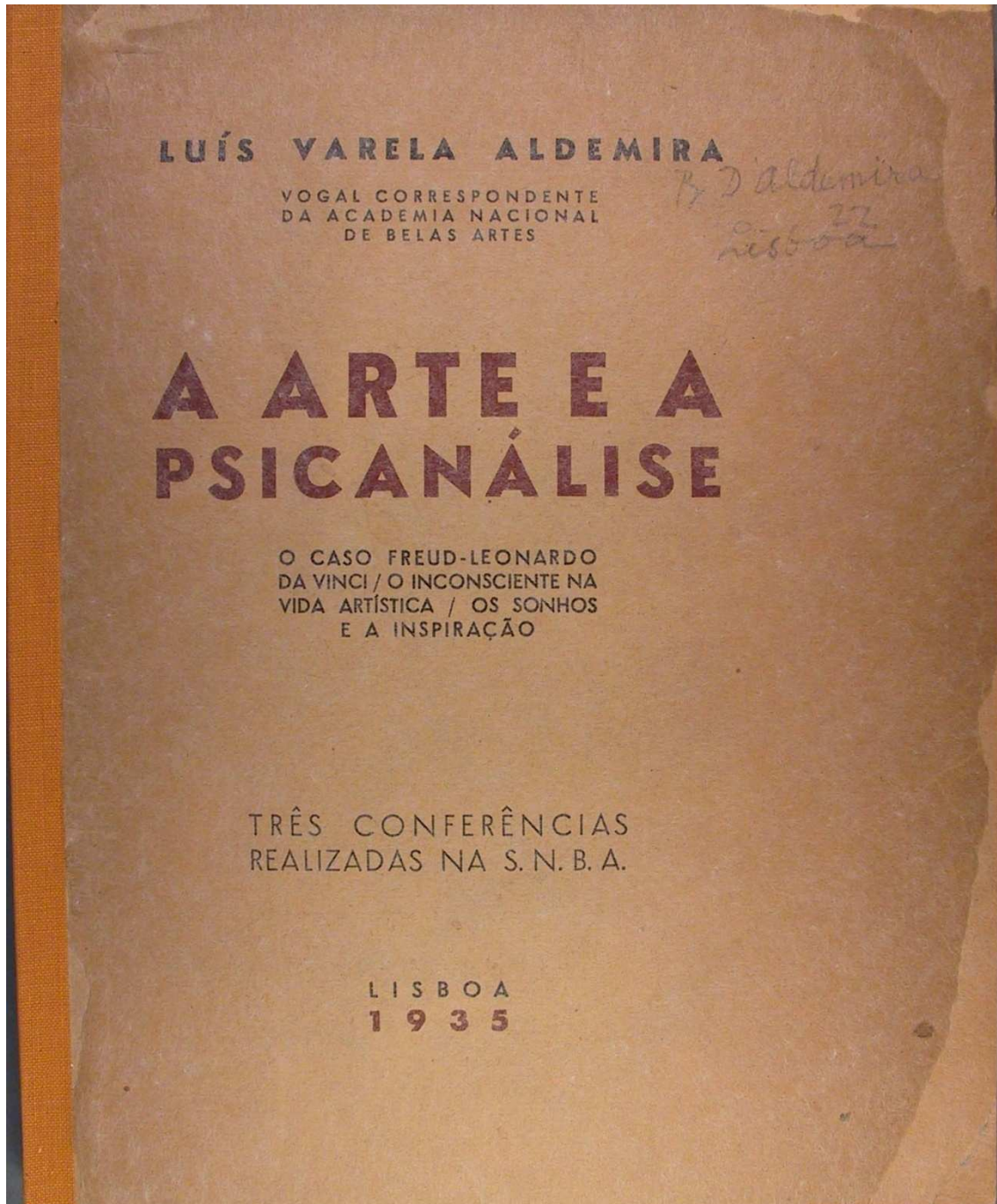
Artes visuaes - o simultaneo no espaço, no tempo e
musica - _____ no tempo, ^{na idea} na idea.
Literatura - _____ na idea.



Orpheu [BNP/E3-A²⁰]

ANEXO D - Anexos ao Capítulo 5

Biblioteca Freud



Barão de Teive

Quarta-feira, 28 de Julho de 1999

JL
TEMA

PESSOA
E OS OUTROS

BARÃO DE TEIVE/BERNARDO SOARES

ARISTOCRATA E PEQUENO-BURGUÊS

MARIA ALIETE GALHOZ

«Dissecta membra», disse Carlyle, «é o que fica de qualquer poeta, ou de qualquer homem».
(Teive, pág. 51)



MARIA ALIETE GALHOZ é a decana dos estudos pessoanos em Portugal. De facto, tinha 23 anos de idade quando, em 1953 tornou pública a sua obra, em dois volumes, *O Movimento Poético do Orpheu*, tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, de que foram arguentes, entre outros, Jacinto do Prado Coelho e Hernâni Cidade. Dessa tese, conhece-se hoje apenas um exemplar (fotocópia de uma fotocópia), depositado nos reservados da Biblioteca daquela Faculdade, já que

até o da própria autora... foi roubado. Um dos capítulos da dissertação seria, no entanto, publicado na reedição do nº 1 de *Orpheu*, mas com título diverso (*O Momento Poético do Orpheu*). Quanto ao Barão de Teive, assinala-se que foi Maria Aliete Galhoz quem revelou os primeiros inéditos deste heterónimo de Fernando Pessoa, na edição (de 1965) da *Obra Poética* do autor, editada pela Aguilar (Brasil). Nesta edição Maria Aliete Galhoz revelou também alguns inéditos do *Livro do Desassossego*, cuja primeira edição (Ática) só surgiria em 1982, numa organização dela própria e de Teresa Sobral Cunha e Jacinto do Prado Coelho. Aos 69 anos, Maria Aliete Galhoz — recentemente condecorada, pelo Presidente da República, com a Ordem do Infante D. Henrique —, continua os seus estudos pessoanos, colaborando com Ivo de Castro na edição crítica da obra poética de Fernando Pessoa. No entanto, segundo salientou ao JL, não integra nenhuma equipa, colabora apenas pontualmente. Isto porque, sobre si, diz, textualmente: «Não sou pardal de nenhuma gaiola».

sentificação ilegível. Como, aliás, já fizera para o itinerário do *Livro do Desassossego* de que foi o editor literário para esta mesma colecção [Assírio & Alvim].

Em Apêndice é dada a identificação das fontes: respectivas notas no espólio de Fernando Pessoa presente na Biblioteca Nacional de Lisboa, bem como as referências descritivas mais necessárias. Cortesia fundamen-

tamental no protocolo de publicação (ainda que, aqui, o editor não a faça crítica como sua preocupação) de uma obra, mais que a maioria, de controversas e, por vezes, impossíveis soluções consensuais e que, portanto, pede a todos nós a reavaliação e o diálogo sobre soluções óptimas.

Há, ainda, um posfácio, *Post-Mortem*, de Richard Zenith, que é um ensaio aclarador de possíveis leituras e pontos de escora de leituras, sobretudo no iniludível de plataformas aproximáveis (discurso e palavra) e descoincidentes em que Fernando Pessoa fez «ser» Bernardo Soares e «desdobrou» o Barão de Teive. Este ensaio, dirigido a um público leitor mais vasto, é de exegese e não, já, de preocupação hermenéutica.

do organizador Jacinto do Prado Coelho e da primeira obra dura de Maria Aliete Galhoz e, numa segunda fase, de Teresa Sobral Cunha. Depois, esta melhorou sensivelmente essas leituras, nas suas edições. E julgo que a minha também corrigiu alguns erros e preencheu lacunas. Mas claro que já descobri defeitos. Aliás, já corrigi algumas coisas na segunda edição.

JL — Como vê o facto da Assírio & Alvim deter o monopólio da publicação de Pessoa, até 2005, inviabilizando, por exemplo, a publicação do segundo volume da edição de Teresa Sobral Cunha do *Livro do Desassossego*?

R.Z. — Em princípio, sou liberal nessas questões. A directiva europeia parece-me um pouco contra o espírito da nossa época, a época da Internet e da informação mais disponível. Por isso, questiono a sabedoria dessa lei. Claro que houve muitos problemas quando o monopólio caiu na Ática, que tinha um baú cheio de jóias muito mal aproveitadas... Depois de Pessoa entrar no domínio público houve boas edições, mas também Pessoa para todos os usos e sabores... A própria ideia de monopólio não me agrada, mas acho que a Assírio & Alvim — evidentemente, sou suspeito ao dizê-lo — tem uma preocupação de publicar Pessoa em condições. As edições não podem ser definitivas, mas pode ambicionar-se que sejam finais.

PESSOA ELECTRÓNICA

JL — Está a preparar outras edições de Pessoa?

R.Z. — Há o projecto de publicar *Heróstratos* que Pessoa escreveu em inglês. É um longo texto sobre as razões da a celebridade de certos escritores e as suas obras. A maior parte dos textos foram já publicados, num volume da Ática, *Páginas de Estética e de Teoria e Críticas Literárias*, mas estou a trabalhar em alguns inéditos e na correcção de algumas leituras. E também num outro ensaio *Impermanência*, igualmente já publicado em parte, nessa edição organizada por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. A ideia é juntar esses dois ensaios, num só volume. Por outro lado, Pessoa escreveu muitos textos para um ensaio sobre o génio. Quase todos esses textos são inéditos, muitos dos quais escritos em inglês. É uma outra hipótese de trabalho.

JL — Acha que algum dia se vai chegar ao fundo da arca de Pessoa?

R.Z. — Esse dia certamente ainda vem longe. Há textos que resistem muito à decifração. E há toda uma parte política que continua inédita.

JL — E acha que haverá inéditos que poderão mudar o conceito que temos de Pessoa?

R.Z. — Isso talvez não. Mas, por exemplo, o Barão de Teive julgo que é uma peça importante. E há muitos poemas ortonímicos ainda por revelar. Claro que tudo tem interesse só por ser do Pessoa. Por isso é que fazer uma edição é tão difícil. Por um lado, o organizador quer ser completo, mas isso por vezes a publicação de textos que acha menos interessantes. E depois, o que faz? Confia na sua intuição? Nisso tudo, há muita subjectividade. Acho que a missão do futuro é publicar todo o Pessoa em suporte electrónico. Isso tem muitas vantagens, até porque, dessa maneira, todas as variantes estariam disponíveis e o leitor poderia construir a sua própria edição.

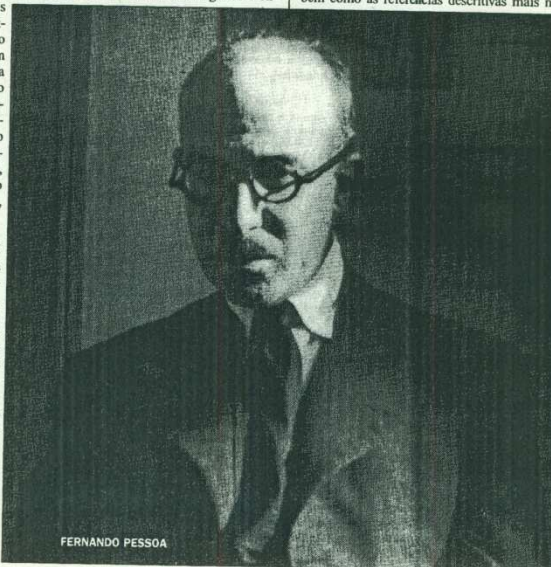
A repetida citação, por editores e hermenutas da obra de Fernando Pessoa, da consciente citação que o próprio Fernando Pessoa fez, para si próprio, desta concisa afirmação de Carlyle, é o justificativo aviso prévio aos percursos hermenéuticos com que se lêem, configurados em livro publicado, «espécies» próximas, ou aproximáveis, ou definitivamente conjuntas, depositas, nem sempre «geograficamente» juntas, no longo acervo pessoano presente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Para o *Livro do Desassossego* é recorrentemente visível a viabilização de «itinerários», variando-se, nas leituras apanhadas pela sequenciação, ou arrumação, dos fragmentos, e muitíssimos são, em que nenhum sinal temos, atribuível ao próprio autor, que afirma um tempo (não datados) ou um «lugar», digamos, (soltos e dispersos) que os localize numa proposta, em livro publicado, o ser partilhado com um público leitor, sobretudo um público leitor interessado mas não especializado em práticas ecclésiásticas.

BARÃO DE TEIVE, AGORA APRESENTADO, na reunião dos seus «fragmentos», em edição completa, com um dos títulos possíveis indicados pelo próprio Pessoa, *A Educação do Estóico*, em edição, *levantada de raiz*, desde a frequência dos originais, de éditos e de inéditos aqui dados a lume, por Richard Zenith, Barão de Teive, dizia, significou, em espaço tempo muito mais reduzido e com um volume de criação (dada a opção editorial de Fernando Pessoa a partir da ficcionalidade da «obra queimada» pelo próprio Barão de Teive e de que os apontamentos que deixa são só o testamento escrito post sacrificio, pelo fogo, de seus manuscritos), um volume de criação, assim necessariamente escasso, significou a mesma presença disjunta e solta que o *Livro do Desassossego*. O problema editorial era de um acervo mínimo, face ao ponderoso e reiterativo *Livro do Desassossego* mas de paralela fixação reiterativa de fragmentos de discurso analógico, quando não por vezes quase alegórico da «cen» existencial disforicamente fixada através de uma mente especulando até à subversão, aniquilando-os, de todos os possíveis vãos catastróficos. O que difere nos discursos de Bernardo Soares e do Barão de Teive são os registos e cir-

cunstâncias pontuais diferenciadas — distribuídas por Fernando Pessoa ele próprio, com voluntarismo, para diferenciá-los, segundo convenção social e artificio (por serem exemplos de) idiossincrático respectivos de personalidades: aristocrata, Barão de Teive, e o pequeno-burguês, Bernardo Soares.

A PRESENÇA QUE NOS É DADA, pela edição de Richard Zenith, do Barão de Teive, com o percurso de *A Educação do Estóico*, é clara, inteligentemente usando as dificuldades dos materiais fragmentados ou até, suspensos fragmentos indiciais frásicos, que de Teive são único testemunho, não esquivando incompletude e disjunção como o estádio em que nos ficou a produção referida de Teive, mas obviando, sinalizando-o, a uma caótica pre-



FERNANDO PESSOA

L. do D. (ou Teive?) [BNP/E3-A²¹]

L. do D. (ou Teive?)

Quantas coisas, que temos por certas ou justas, não são mais que os vestígios dos nossos sonhos, o somambulismo da nossa incompreensão! Sabe acaso alguém o que é certo ou justo? ~~Sabe~~
~~alguma coisa que não é certo ou justo?~~ Quantas coisas, que temos por bellas, não são mais que o uso da epocha, a ficção do logar e da hora! Quantas coisas, que temos por nossas, não são mais que aquillo de que somos perfeitos espelhos, ou envolucros transparentes, alheios no sangue á raça da sua natureza!

Quanto mais medito na capacidade, que temos, de nos enganar, mais se me esvahe entre os dedos lassos a areia fina das certezas desfeitas. E todo o mundo me surge, em momentos em que a meditação se me torna um sentimento, e com isso a mente se me obnubila, como uma nevoa feita de sombra, um crepusculo dos angulos e das arestas, uma ficção do interludio, uma demora da antemanhã. Tudo se me transforma em um absoluto morto de elle mesmo, numa estagnação de pormenores. E os mesmos sentidos, com que transfiro a meditação para esquecê-la, são uma especie de somno, qualquer coisa de remoto e de sequaz, intersticio, differença, acaso das sombras e da confusão.

Nesses momentos, em que comprehenderia os ascetas e os retirados, se houvesse em mim poder de comprehender os que se empenham em qualquer esforço com fins absolutos, ou em qualquer crença capaz de produzir um esforço, eu crearia, se pudesse, toda uma esthetica da desconsolação, uma rhythmica intima de ballada de berço, ~~parecida~~ coada pelas ternuras da noite em grandes afastamentos de outros lares.




L. do D. [BNP/E3-A²²]

A. de C. (?)

ou L. do D. (ou outra cousa qualquer)

A arte é um esquivar-se a agir, ou a viver. A arte é a expressão intellectual da emoção, distincta da vida, que é a expressão volitiva da emoção. O que não temos, ou não cusamos, ou não conseguimos, podemos possuil-o em sonho, e é com esse sonho que fazemos arte. Outras vezes a emoção é a tal ponto forte que, embora reduzida a acção, a acção, a que se reduziu, não a satisfaz; com a emoção que sobra, que ficou inexpressa na vida, se fórma a obra de arte. Assim, ha dois typos de artista: o que exprime o que não tem, e o que exprime o que sobrou do que teve.

L. do D. [BNP/E3-A²³]


 L. do Sen. in Philalethea
 Mas não podemos amar, pois.
 O amor é a mais canal de
 ilusões. Amar é pensar, e
 certo. E o que pensa quem
 ama? O corpo? Para o
 pensar não pensa temo
 não a sua matéria, comel-o,
 incluí-lo em si... E essa im-
 possibilidade seria temporária,
 porque o verso próprio corpo
 pode e se transforma, porque
 não não pensamos o verso corpo,
 pensamos apenas a verso sua-
 cas d'ella, e porque, como
 vez pensos era corpo amor
 temo. — Ami verso, duca.
 de de outro, e o amor, pensa,
 como reparimento do auto-
 ent, de reparo...
 Pensas a obra? — Ami — Ami

Campos [BNP/E3-A²⁴]

AVISO

POR CAUSA DA MORAL

QUANDO o publico soube que os estudantes de Lisboa, nos intervallos de dizer obscenidades ás senhoras que passam, estavam empenhados em moralizar toda a gente, teve uma exclamação de impaciencia. Sim—exactamente a exclamação que acaba de escapar ao leitor...

Ser novo é não ser velho. Ser velho é ter opiniões. Ser novo é não querer saber de opiniões para nada. Ser novo é deixar os outros ir em paz para o Diabo com as opiniões que teem, boas ou más — boas ou más, que a gente nunca sabe com quaes é que vae para o Diabo.

Os moços da vida das escolas intromettem-se com os escriptores que não passam pela mesma razão porque se intromettem com as senhoras que passam. Se não sabem a razão antes de eu lh'a dizer, tambem a não saberiam depois. Se a pudessem saber, não se intrometteriam nem com as senhoras nem com os escriptores.

Bolas para a gente ter que aturar isto! Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem sciencias, se estudam sciencias; estudem artes, se estudam artes; estudem lettras, se estudam lettras. Divirtam-se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte.

Mas quanto ao resto, calem-se. Calem-se o mais silenciosamente possivel.

Porque ha só duas maneiras de se ter razão. Uma é calar-se, e é a que convém aos novos. A outra é contradizer-se, mas só alguém de mais idade a pode commetter.

Tudo mais é uma grande maçada para quem está presente por acaso. E a sociedade em que nascemos é o logar onde mais por acaso estamos presentes.

Europa, 1923.

ALVARO DE CAMPOS.